

Jorge Rizzini

**J. Herculano Pires
o Apóstolo de Kardec**

o Homem, a Vida, a Obra



*Eugene Bodin
A Pesca*

Conteúdo resumido

J. Herculano Pires, considerado o maior intelectual espírita brasileiro do século XX, tem aqui magistralmente descrita a sua vida de missionário espírita, por Jorge Rizzini, seu companheiro de trabalho e de luta por quase trinta anos.

O autor revela nesta obra importantes detalhes da vida e da missão daquele que com justiça denomina o Apóstolo de Kardec, citando informações obtidas na imprensa escrita e, em especial, nos próprios diários pessoais de Herculano. Este livro é de grande importância para os estudiosos do Espiritismo, pois esclarece fatos históricos significativos do movimento espírita brasileiro, ocorridos nos anos de 1939 a 1979.

A obra nos revela que a vida de Herculano Pires se funde com a própria história do Espiritismo no Brasil, devido à sua grande dedicação, competência e determinação em defesa da pureza doutrinária das obras da Codificação Espírita.

Finalmente, torna-se importante salientar aqui o magnífico trabalho elaborado por Jorge Rizzini, que reuniu neste volume, de forma compacta e ao mesmo tempo esclarecedora, diversas situações delicadas – e às vezes angustiantes – ocorridas em uma fase importante da expansão do Espiritismo no Brasil.

“Herculano Pires continua presente pela sua obra, pelo vigor de seu espírito, pela nobreza moral de sua vida e pela defesa da Doutrina Espírita em todos os momentos. Fosse quem fosse que tocasse na Codificação ou tentasse minimizar direta ou indiretamente o papel inconfundível de Allan Kardec, encontrava Herculano em posição com a sua cultura intensa e sempre atualizada, sua argumentação convincente, seu desassombro tantas e tantas vezes demonstrado. Temos nele, sem exagero, um dos mais positivos padrões morais e intelectuais do movimento espírita brasileiro. (...)

Quando assumia posições polêmicas ou defendia suas opiniões, assinava logo J. Herculano Pires, pois as suas atitudes eram sempre claras em tudo por tudo. Deixou, portanto, um exemplo que deve ser recordado, ainda que seja por sentimento de justiça ao idealista e lutador, que muito fez pela Causa Espírita, especialmente nos momentos de definição e afirmação. (...)

Entre os escritores que projetaram e interpretaram a literatura espírita com enriquecimento e abriram largo horizonte ao estudo e à crítica esclarecedora, o nome de J. Herculano Pires terá de reluzir sempre.”

Texto de Deolindo Amorim
Jornal *Correio Fraterno do ABC*
Janeiro de 1984.

“O nome de Herculano Pires já está incorporado ao patrimônio do Espiritismo, entre os maiores defensores da integridade e da pureza da Codificação de Allan Kardec.”

Deolindo Amorim

“... porque tú, Herculano, has nascido marcado para impulsar la grandeza de la Codificación Kardeciana.”

Humberto Mariotti

“Admiro cada vez mais a sua capacidade de penetração na obra de Allan Kardec para definir-lhe a grandeza e situar-lhe a colocação em nosso tempo.”

Chico Xavier

“Mas o que, sobretudo, me comove é verificar que as mãos de Jesus como que estiveram abertas sobre mim, livrando-me sempre de cair nos abismos marginais do caminho.”

Do “Diário íntimo” de Herculano Pires

Ao meu querido
Espírito Guia Manuel de Abreu,
pelo amparo que me tem dado na tarefa de
divulgar e preservar o trabalho de Allan Kardec,

E à esposa dedicada Iracema Sapucaia,
a quem tanto devo nesta encarnação.

Apresentação

Laureado pela Academia Brasileira de Letras e pela Câmara Brasileira do Livro, Caio Porfírio Carneiro (escritor sem vínculo com o Espiritismo) publicou no jornal “Linguagem Viva”, edição de outubro de 2000, uma crônica sobre Herculano Pires, da qual extraio os seguintes tópicos que retratam o mestre:

“Parece que estou vendo Herculano Pires sentado no bar, em frente ao prédio dos Diários Associados, na Rua 7 de Abril, aqui em São Paulo, onde trabalhava, naquela tarde ensolarada, cercado de amigos, bebendo qualquer coisa, creio que nada alcoólico, e respondendo nossas perguntas curiosas sobre Espiritismo. Era ele um estudioso e devoto da doutrina, kardecista famoso, convidado anualmente pela direção do Bradesco para a festa na Cidade de Deus, criação do presidente do Banco, Amador Aguiar, para os funcionários. Era e sempre foi uma festa belíssima do dia de ação de Graças. Compareciam representantes de destaque das mais diversas religiões cristãs. O único que representava uma corrente espiritual não religiosa era Herculano Pires. Quando chegava sua vez de falar e abria o verbo, encantava a todos. (...) Tipo mais ou menos gordo, estatura mediana, óculos, andar meio bamboleante, rosto cheio, corado, irradiava uma simpatia pessoal muito grande. (...) Não externava sua cultura, sua vasta leitura em praticamente todos os campos do conhecimento. Criatura modesta, cavalheiro de primeira linha, simples por natureza. Apenas quando soltava o verbo, como nas festas da Cidade de Deus, o vulcão vinha ao vivo, mostrava-se fulgurante, brilhante, dono de uma inteligência privilegiada.”

Observações precisas, as de Caio Porfírio Carneiro.

José Herculano Pires foi o que podemos chamar homem múltiplo. Em todas as áreas do conhecimento em que desenvolveu atividades – dentro e fora do movimento doutrinário – sua inteligência superior iluminada pela Doutrina Espírita e pela cultura humanística brilhava com grande magnitude, fazendo o povo crescer espiritualmente.

Herculano Pires foi mestre em Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia de Araraquara e membro da Sociedade Brasileira de Filosofia. Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e fundador do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, que presidiu por longos anos. Diretor da União Brasileira de Escritores e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. Presidente do Instituto Paulista de Parapsicologia. Romancista, recebeu em São Paulo o “Prêmio Municipal de Cultura” e foi reconhecido pela crítica como um dos renovadores do romance brasileiro.

E, o que é mais importante: espírita desde os vinte e dois anos de idade, ninguém no Brasil e no estrangeiro mergulhou tão fundo nas águas cristalinas da Codificação Kardeciana e ninguém defendeu mais – e com mais competência do que ele – a pureza doutrinária, que colocava acima das instituições e dos homens, de que é exemplo a batalha dantesca que travou quando uma edição adulterada de trinta mil exemplares de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* fora publicada por uma das maiores federações espíritas do Brasil.

“Todo espírita consciente de suas responsabilidades humanas e doutrinárias está no dever intransferível de lutar contra essas ondas de poluição espiritual que pesam na atmosfera terrena. Ninguém tem o direito de cruzar os braços em nome de uma falsa tolerância que os levará à cumplicidade”, declarou o mestre.¹

Para comer o pão da verdade só necessitamos dos dentes do bom-senso, dizia ele.

Herculano Pires, desde o ano da conversão ao Espiritismo ao de sua desencarnação, ou seja, durante quarenta e três anos ininterruptos, ampliou superlativamente a cultura espírita, propagou e defendeu os princípios doutrinários no Rádio, na TV, nos jornais, no livro e na tribuna. Ele foi o fermento de que nos fala o Evangelho. E, notemos, foi imbatível esse apóstolo de Allan Kardec! Suas principais batalhas doutrinárias estão relatadas nesta biografia com absoluta fidelidade, pois além de testemunhá-las, participei de algumas e seu vasto acervo doutrinário, incluindo o diário íntimo,² me fora cedido pela esposa.

Reencontrei Herculano Pires nesta existência no ano de 1952 na cidade de São Paulo, na tradicional Livraria Teixeira – ponto de encontro de escritores e poetas. Tinha eu vinte e oito anos de idade e ele trinta e oito. É curioso: reencarnamos no dia 25 de setembro. Ele em 1914, durante a primeira grande guerra, e eu dez anos depois, durante a revolução de 1924. Mas nossa amizade tem raízes em vidas anteriores – desde o tempo de Roma Imperial. Quando nossas vozes eram ouvidas no senado romano trabalhamos secretamente em favor do triunfo das ideias revolucionárias de Cristo. E, como toquei agora em assunto tão delicado que, certamente, despertará a curiosidade dos leitores, convidando-os a ler o trecho de uma conversa de Herculano Pires comigo e por mim gravada em 1972, trecho que somente hoje dou à publicidade, no qual relata ele uma encarnação sua no século XIX (ao tempo de Allan Kardec), quando foi eminente historiador, romancista e poeta português.

O referido trecho do saudoso companheiro de batalhas espirituais encontra-se no fim deste volume.

São Paulo, 1º de dezembro de 2000.

Jorge Rizzini

1

O menino poeta

O ano de 1914 é um marco doloroso na história da humanidade. No dia 1º de agosto daquele ano a Alemanha declarou guerra à Rússia e dois dias depois à França. No dia seguinte invadiu a Bélgica. Vinte e quatro horas depois, exatamente à meia noite, a Inglaterra atacou a Alemanha. O rastilho de pólvora alastrou-se e antes de findar agosto o Japão investiu contra a China, tomando-lhe várias ilhas. A ânsia do poder enlouquecera a humanidade. A guerra espalhava-se rapidamente em todos os continentes, envolvendo também o Brasil.

A Primeira Guerra Mundial foi uma das provas mais estarrecedoras do atraso espiritual da humanidade. Durou exatamente quatro anos e três meses. Desencarnou e aleijou milhões de pessoas. Mas a Espiritualidade jamais deixara de enviar missionários à Terra e, na madrugada do dia 25 de setembro de 1914 (cerca de dois meses após eclodir a Primeira Grande Guerra) um Espírito Superior reencarnou na antiga Província do Rio Novo – hoje a bela cidade de Avaré no interior do Estado de São Paulo. Sua missão: defender a pureza doutrinária e consolidar a Doutrina Espírita em terras brasileiras.

José Herculano Pires, filósofo, parapsicólogo, educador, romancista, poeta, jornalista, tradutor – esse legítimo apóstolo de Allan Kardec –, era filho primogênito de José Pires Correa (um farmacêutico que abandonaria a profissão para tornar-se um dos mais vibrantes jornalistas do interior paulista) e de Bonina Amaral Simonetti Pires, descendente de antiga família de Avaré e distinta pianista. O casal teve sete filhos: Herculano, Geraldo, Renê, Lourdes, Marília, Diógenes e Nancy, os dois últimos desencarnados com tenra idade.

O nascimento de Herculano Pires se deu na residência de seus pais, uma ampla casa pintada de verde no meio do quarteirão da Rua Rio Grande do Sul, no Largo São João, onde José Pires Correa instalara também sua farmácia. O parto não foi tranquilo...

Em um diário íntimo escreveu Herculano Pires que ao nascer viu-se em apuros:

“Eram cinco horas de uma fria madrugada de setembro – fim de inverno e início de primavera –, quando abri os olhos para a visão caótica do mundo. Estávamos em 1914, ano da primeira guerra mundial. Nasci ameaçado pelo cordão umbilical que me apertava o pescoço. Mundo ingrato. Mal nascia e as próprias cordas da vida me agrediam em forma de tenazes da morte.”

Nesse diário, em cujas páginas foram, infelizmente, registradas poucas reminiscências, ainda nos dá Herculano Pires informações sobre seu nome e sua infância:

“Mamãe me contou que eu já trazia um nome. Não o trazia escrito na testa, mas na folhinha, pois o 25 de setembro é o dia de São Herculano. Tio Franco sugeriu que para reforçar a minha proteção – pois esse São Herculano não era muito conhecido – me dessem também o nome popular de São José. Assim, ao nome que eu trouxera, a família juntava outro.”

E o menino, então reencarnado em família católica, ganhou o nome completo de José Herculano Pires. Não foi garoto robusto.

“Tive uma infância com problemas de saúde que me acompanhariam por toda a vida. Mas a terra de Avaré e as águas do Rio Novo me fortaleceram. Na gripe de 1918, que completou no Brasil a matança da guerra na Europa, flutuei sobre as águas e continuei. O tifo era endêmico na região e depois da gripe fez grandes devastações, mas dele também me livre.”

Os problemas de saúde não impediram, no entanto, que sua infância fosse feliz. Era Avaré uma cidade jovem por demais agradável. A paisagem era bucólica: ruas de areia, a matriz, o Jardim São Paulo com sua banda aos domingos e o coaxar dos sapos... O Rio Novo de águas cristalinas, onde homens e crianças pescavam, os carros de boi com as rodas rangendo alto no Largo da Estação e, naturalmente, o famoso trenzinho da Sorocabana

soltando muita fumaça quando atingia 40 quilômetros por hora, a velocidade máxima...



O menino Herculano Pires (à direita),
com 4 anos de idade

Avaré, embora pacata, vez por outra era sacudida por acontecimentos dramáticos. Quis a Espiritualidade que Herculano Pires presenciasse alguns, certamente para fazê-lo compreender, embora ainda criança, que a terra era um planeta de angústias e que muito havia por se fazer em prol da espiritualização do povo.

Em seu diário escreveu ele:

“Ainda criança, vi muita maldade fervendo em Avaré. Vi, à distância de um quarteirão, o velho João do Prado, grandalhão, sair de um cartório da Rua São Paulo, dar alguns passos e cair fulminado pelos tiros de revólver que um advogado lhe desfechava nas costas. Vi, no Largo do Mercado, um homem tombar esfaqueado por outro, esvaindo-se em sangue. Vi Rosinha casar-se por amor e por amor suicidar-se tomando fornicida. Vi um homem com a cabeça arrebetada pela própria esposa. E vi crianças chorando na orfandade súbita, porque o pai e a mãe haviam sido mortos pela ferocidade de alguns parentes. E vi ainda – meu Deus, que horror! – um homem carregar pelas ruas da cidade, obrigado pela Polícia, o tronco carbonizado da vítima que tentara destruir pelo fogo.”

Esses bárbaros crimes de morte, evidentemente, levaram Herculano Pires, menino ainda de cinco ou seis anos de idade, mas dotado de aguda inteligência, a pensar em Deus com frequência. A verdade é que já estava sendo preparado pelos Espíritos, a fim de, quando adulto, bem cumprir sua missão.

Notemos agora que desde menino tinha visões espirituais. Esse fato, que teria importância fundamental no decorrer de toda sua vida, Herculano Pires revelou a Rizzini em uma entrevista gravada. Ouçamos suas palavras:

“Não eram visões místicas. Eram visões reais. Eu via Espíritos andando pela casa, à noite. Ainda me lembro muito bem, eu era pequenino, me levantava, me firmava na guarda do berço e ficava olhando os Espíritos vagarem pela casa. Não eram apenas Espíritos de mortos. Eu via o Espírito de minha mãe, que estava viva, andar pela casa. Minha mãe dormia e seu Espírito se desprendia. E isto eu via com bastante frequência. Esses fatos provocaram alarme em casa porque, às vezes, via certos Espíritos que me assustavam e então eu gritava e acordava todo o mundo. Vinham saber de mim o que acontecera e meu pai dizia: “Ele está delirando, é preciso saber o que tem esse menino.” Mas, eu explicava o que tinha visto. Certa vez me aconteceu também um fato muito curioso. Eu já tinha uns sete ou oito anos e na casa do meu avô materno, em Avaré, havia um quintal muito grande (meu avô materno era italiano e minha avó materna brasileira). E eu, brincando com as crianças no fundo do quintal cheio de grandes mangueiras, de repente ouvi um estalo esquisito, estranho. Olhei para o lado. Vinha vindo uma velhinha, mais ou menos apressada, com um vestido que parecia estrangeiro e com meias listadas de vermelho e azul; listas circulares em torno da perna. E ainda me lembro também dos sapatões, para mim esquisitos... Ela não me deu satisfação, passou perto de mim e se dirigiu para uma espécie de depósito que havia no quintal, abriu a porta e entrou. A porta bateu e, com o estalo, voltei a mim. Quer dizer, saí daquele encantamento. Fui correndo desesperado para casa, gritando. Meu avô foi o primeiro a sair ao meu encontro: “O que há?”. Eu contei. “Repita isso!”

Eu repeti. “Como era ela?” Eu contei. E dei dois detalhes de que hoje não me lembro. Então ele virou-se para minha avó e disse: “É minha mãe! É minha mãe!” Foi um fenômeno que ficou gravado na minha memória.”

A família de Herculano Pires, já o dissemos, era, então, católica. É inegável que essas visões na infância tinham o objetivo maior de levá-lo, posteriormente, ao encontro do Espiritismo.

Herculano Pires, quando criança, foi uma prova vigorosa da reencarnação. Ele trazia da Espiritualidade um lastro cultural vastíssimo adquirido em vidas anteriores e uma vocação perfeitamente definida. Menino notável, com nove anos de idade, calças curtas, ainda nos bancos de uma escola primária na cidade de Itaí, para onde sua família se transferira em 1920, ele se revelou poeta. Já conhecedor das leis rígidas da arte poética (que prodígio!), o menino redigiu em versos decassílabos um soneto que é, ao contrário do que o vulgo pensa, a forma poética mais difícil de ser dominada. O tema escolhido pelo garoto foi o Largo São João, de Avaré; tema adulto e árido.

Viveu Herculano Pires em Itaí dos seis aos dez anos de idade. No dia 7 de setembro de 1922 (relembriaria ele cinquenta anos depois em uma crônica), “era então um menino de oito anos e formava numa tropa de escoteiros, orgulhoso do meu uniforme cáqui e do meu lenço vermelho tatalando ao pescoço. Meu comandante era o professor Victorino, gordinho e baixo, também vestido de uniforme. E quem proferiu o discurso mais bonito e mais retumbante, comemorando o primeiro centenário da Independência do Brasil, foi naturalmente o meu pai. Na festinha da escola, em dias feriados, éramos dois, eu e a menina Adélia, minha namorada (os primeiros das duas turmas: masculina e feminina), que ficávamos em pé ladeando o mastro, na hora do hasteamento”.

Quatro anos depois seu pai, buscando melhoria financeira, fixou residência na cidade de Cerqueira César. Mas por pouco tempo. Voltou a residir com a família em Avaré, onde matriculou o filho na Escola de Comércio, fundada e dirigida pelo Professor Jonas Alves de Almeida, de quem, ao longo da vida,

guardaria Herculano Pires a mais grata recordação. Mas não pôde concluir o curso.

A vida profissional de José Pires Correa não era fácil. E assim, buscando sempre melhores condições para o sustento da família, tornou a residir na cidade de Cerqueira César. Herculano tinha, então, doze anos de idade e... continuava a escrever poesias.

Prodígios de um adolescente

Tornou-se mais amena a vida em Cerqueira César. José Pires Correa conseguira ser nomeado coletor estadual e algum tempo depois, sem abandonar a coletoria, instalou com seu irmão Ananias, vindo da cidade de Sorocaba, pequena gráfica à qual deu o nome de “Casa Ipiranga”, no fim da Rua do Comércio. E lançou o jornal “O Porvir”, de cunho político – um semanário em forma de tabloide, com circulação aos domingos. Foi o primeiro jornal em Cerqueira César. Sua posição política era clara: defender os chamados “cartolas” do Partido Republicano Paulista (PRP) contra os ataques do partido Democrático. Washington Luís estava então na Presidência da República e Júlio Prestes no Governo de São Paulo.

É fácil imaginar o que representou a tipografia do pai para Herculano Pires, um garoto dado à leitura, ao sonho e à meditação. Tinha ele apenas treze anos de idade e já com a ponta do destino descoberta, pois com nove anos apenas, redigira um soneto. Emocionado, demitiu-se da Tipografia Central, na Rua Pernambuco, onde trabalhava como aprendiz de tipógrafo, e deixou temporariamente seus estudos em escolas oficializadas para se tornar discípulo do erudito Professor Pedro Solano de Abreu. E, de janeiro de 1927 a dezembro de 1929 trabalhou com seu pai na Casa Ipiranga na condição de tipógrafo auxiliar. Curvado sobre as caixas de tipo o menino compôs com seu tio Titi (Ananias Pires), que era o chefe da oficina, o primeiro número de “O Porvir” e viu, com grande emoção, o tabloide ser impresso na única máquina ali existente: uma pequenina e antiga, mais ainda eficaz, impressora alemã “Bünhaëdsia”.

“Eu era ainda um menino, com apenas treze anos (recordaria ele em uma crônica no outono de sua vida), mas tinha certeza absoluta de que naquele momento, em Cerqueira César, iniciava a minha carreira jornalística. Mais ainda: sabia também, com a mesma certeza inabalável, que começava ali a minha carreira literária. Com o primeiro número de “O Por-

vir” nas mãos, saí pela rua de peito enfunado e olhos enublados de sonho.”

E ainda tomado de muita emoção, entrou na loja de fazendas e miudezas de Nagib Anderaus. E mostrou-lhe o jornal. Nagib, um sírio de cabeça grande, rosto quadrado e olhos azulados, à porta da loja conversava com o padeiro Manoel Cortez e o marceneiro Chiquinho de Almeida. Os três, curiosos, quiseram ver ao mesmo tempo a primeira página, ameaçando rasgá-la.

– Calma – disse o menino –, só tenho esse exemplar!

E, rindo, pegou o jornal, atravessou a rua e gritou:

– Amanhã vocês já podem comprar “O Porvir”! Lembrem-se: “O Porvir”! É o melhor jornal do Brasil!

Vinha aproximando-se o velho Nhô Quim com sua carrocinha puxada a burros.

– O que há, Zequita? – Por que está agitado, tão nervoso?

– E isto aqui! Veja, Nhô Quim. Acabou de sair do forno...

O velho Nhô Quim pegou das mãos de Herculano o jornal, olhou demoradamente as quatro páginas, sacudiu a cabeça e disse:

– Sim, senhor. Está uma beleza. Esse jornal me dá vontade até de aprender a ler, apesar da idade...

Devolveu o jornal, riu descontraído, deu um tapa na anca dos burros e lá se foi, o bom velhinho, com sua carrocinha entregar mercadorias. Nhô Quim era vizinho dos pais de Herculano e andava muito doente. Quem tratava dele era Dona Bonina e o médico Félix Sarmiento. Um dia, já sem forças para levantar-se do leito, disse a Dona Bonina:

– Venha me ver amanhã, pela manhã, porque morrerei ao meio dia.

Dona Bonina não acreditou, mas obedeceu. Voltou no dia seguinte às 11 horas. Encontrou-o muito mal. Quando o sino da igreja, na esquina, bateu doze horas, Nhô Quim olhou-a, fez-lhe breve aceno e com um suspiro desencarnou. Mas, dias depois de enterrado, Nhô Quim foi visto sorrindo nas ruas da cidade ao lado da carroça puxada por burros. O jornalista Antônio Ferreira,

muito conhecido em Cerqueira César, e que não era espírita, testemunhou o fato e garantiu que conversou com ele.

“Sonhos Azuis” e “Coração”

Foi em 1930, antes da revolução de Getúlio Vargas, que Herculano Pires publicou seu primeiro livro. Uma coletânea de cinco pequenos contos. O título não podia ser outro: *Sonhos Azuis*. Herculano Pires tinha tão-somente dezesseis anos de idade incompletos...

Deixemos que ele próprio rememore o fato com o carinho especial que todo livro de estreia merece:

“O livrinho fora composto por mim; à noite, após o expediente da tipografia, debruçava-me nas caixas de tipos, componedor em punho, eu fazia rodar a pequena impressora Bünhaëdsia, imprimindo os meus contos. Eram composições simples, românticas, de uma ingenuidade adolescente. Jornais e revistas do Rio e São Paulo, porém, registraram benevolmente o seu aparecimento, o que me encheu de alegria. O farmacêutico Otávio Araújo Ribeiro escrevera o prefácio. De Avaré, o prof. José Leonel Ferreira me enviou o estímulo amigo dos seus parabéns.”

E Herculano Pires nos conta este detalhe curioso e até mesmo tocante:

“Poucos volumes foram vendidos. A maior parte da pequenina edição foi distribuída a amigos, parentes, jornais e revistas. Dois anos depois, antes de aparecer o meu segundo livro, numa tarde de sol, a glória me visitou na pessoa de uma professorinha rural. Queria uns livrinhos para distribuir como presente aos alunos de sua escolinha. E arrematou os trinta e poucos exemplares que estavam na prateleira. Não sou capaz de lembrar em que sítio ou fazenda funcionava a escolinha. Mais tarde, escrevi um conto a respeito, que foi publicado pela revista carioca “O Malho”. Meu livrinho servira para ale-

grar as crianças, numa festinha escolar. Que maior glória poderia desejar um escritor incipiente?”

Com a publicação de *Sonhos Azuis* Herculano Pires ficara conhecido na região Sorocabana como “o menino escritor”. E esse menino-prodígio – prova inegável da reencarnação – tinha na gaveta boa quantidade de crônicas, contos e noveletas. Parte desse material foi publicado no jornal “O Porvir” e depois na forma de opúsculo, que oferecia aos amigos e conhecidos. É o caso de *O Sonho das Vagas*, poema em prosa escrito em janeiro de 1930 (Herculano tinha quinze anos de idade), *Cidades Vivas*, *Cabo Velho e Cia.*, *Nhô Chico Bananeiro* e *O Serenista*.

O segundo livro de Herculano Pires veio à luz em 1932, quando tinha dezoito anos de idade, dois anos depois de *Sonhos Azuis*, tendo ele feito já o serviço militar obrigatório. Como o primeiro livro, o segundo fora composto na tipografia da Casa Ipiranga, impresso e encadernado pelo autor. Seu título: *Coração*. Livro de sonetos e poemas, o prefácio trazia uma dedicatória misteriosa: “A Lola de Oliveira e aos Meus.” Lola... Essa figura feminina, certamente uma espanhola, quem seria? Quarenta anos depois Herculano revelaria:

“Quem era essa figura feminina que merecera aparecer na dedicatória? Alguma namorada? Não. Era uma escritora e poetisa pobre, autora do livro *Rubis*, que passara duas vezes por Cerqueira César vendendo os seus livros de porta em porta. Já velhusca, percorria assim o interior, para ganhar a vida com a sua produção literária. Emocionara-me a sua pobreza, a sua simplicidade, a sua dedicação às letras. Guardo até hoje os seus livros, com carinho. Num deles, há uma referência ao rapazinho poeta de Cerqueira César.”

A imprensa de São Paulo, como a do Rio de Janeiro, registrara o lançamento de *Coração*. O conhecido crítico santista, Álvaro Augusto Lopes, no jornal “A Tribuna de Santos”, escreveu que o verso de Herculano Pires era “ágil e correntio”. A revista “A Cigarra”, de São Paulo, transmitiu a seus leitores que os versos de *Coração* eram bons e que o poeta “é moço e tem talento”. A redação da revista satírica “O Malho”, do Rio de Janeiro, observou que os versos de Herculano Pires “são de rara simplicidade e harmonia” e o jornal “O Estado de São Paulo” viu no livro “uma linda promessa literária, com páginas de versos, mais poesia do que versos”. O “Correio Paulistano”, por sua vez, foi peremptório: “Há uma maestria particular na feitura do verso, que o ouro da imaginação polvilha agradavelmente.”

A Espiritualidade, atenta, observava os movimentos do jovem escritor e poeta. A título de curiosidade, ofereçamos aos leitores um soneto inserido em *Sonhos Azuis*, que é a comprovação de tudo o que transcrevemos sobre os versos do então adolescente Herculano Pires:

*Eu gosto muito desses cães vadios,
Magros e tristes, de olhos embaçados,
Que vão nas ruas, pobres e erradios,
Aqui e ali, por todos açoitados.*

*Eu gosto desses cães. Aos ventos frios
Das noites de luar, uivam, coitados!
Lançando ao céu olhares luzidios
E enrodilhando os membros nus pesteados.*



Segundo livro de Herculano Pires.
Tinha ele 18 anos de idade.

*Eu gosto desses cães. Magros, famintos,
Como esqueletos de outros cães extintos,
Ironias da vida e da matéria,*

*Arrastam pela vida, humildemente,
Resignados como pouca gente,
Sua vida de fome e de miséria.*

A União Artística do Interior

Com o lançamento do jornal “O Porvir”, surgiu em Cerqueira César o primeiro grupo de literatos formado por Herculano Pires, Orichio, Luís Aguiar e o poeta Américo de Carvalho, todos jovens. O carpinteiro Elias Salomão Farah, o mais velho do grupo e que tivera um conto premiado pela “Revista da Semana”, do Rio de Janeiro, e o poeta-telegrafista Benedito Almeida Júnior, vindo de Barra Grande, agregaram-se em seguida. Duílio Gambini, Djalma Noronha, Antônio Roxo Garcia e o poeta Raul Osuna Delgado formavam o grupo da cidade de Avaré, mas já estavam vinculados ao de Cerqueira César. O jornal “O Porvir” foi o elo que uniu esses grupos ao da cidade de Sorocaba constituído por Fuad Bunazar, o poeta Hilário Correa e Alfredo Nagib, que viria a se popularizar em São Paulo como locutor da Rádio Tupi e, posteriormente, se formaria em Direito, especializando-se em Direitos Autorais. Dois intelectuais também se aproximaram do grupo de Cerqueira César, liderado por Herculano Pires: eram eles Pedro José de Camargo e Manuel Cerqueira Leite (este último se tornaria catedrático da Faculdade de Filosofia de Araraquara e livre docente de literatura da Universidade de São Paulo). A literatura acendia o fogo sagrado na imaginação desses rapazes... E eles, unidos, iriam constituir a União Artística do Interior, um empreendimento cultural arrojado para a época e que punha em evidência, mais uma vez, a força idealística de Herculano Pires, não obstante (anotemos) sua pouca idade – Herculano Pires não tinha dezoito anos completos.

Cerqueira César estava vivendo o ciclo obsessivo do algodão. Ninguém mais pensava em rebanhos de gado, criação de porcos

e aves, em policultura. O algodão prometia riqueza maior e mais rápida. José Correa Pires não teve dúvida: entregou o comando da pequena tipografia e do jornal ao seu filho e tornou-se gerente de uma máquina de beneficiar algodão, enquanto Ananias Pires e sua família retornavam a Sorocaba. Herculano Pires, então, transformou “O Porvir”, que era jornal político, em jornal literário, um sonho que vinha alimentando fazia tempo... Seus companheiros de literatura vibraram com o fato, pois traziam sonetos inéditos em todos os bolsos do paletó e da calça...

A ata de fundação da União Artística do Interior (os rapazes diziam UAI para “legitimar a natureza caipira da instituição”), foi lavrada em 5 de junho de 1932. Seus objetivos: “defesa dos interesses dos nossos escritores, difusão da cultura artística em geral, amparo e incentivo ao desenvolvimento das artes e letras, inclusive a formação de núcleos nas diversas cidades”.

É ainda Herculano Pires quem nos informa em texto publicado quinze anos depois (1947) na “Folha da Manhã”, de São Paulo:

“E não se esquecia da luta contra o analfabetismo, para o que preconizava o estabelecimento de cursos noturnos de alfabetização de adultos.”

Formavam a comissão fundadora da União Artística do Interior: Herculano Pires, Benedito Almeida Júnior, Américo de Carvalho, João Batista Prata, Duílio Gambini, Antônio Roxo Garcia e o contista Luís Aguiar, que residira nas cidades de Cerqueira César, Avaré e Capivari. Deixou-se na ata de fundação uma linha em branco destinada à assinatura de Raul Osuna Delgado. Ele se aborrecera e, poeta temperamental, abandonara a reunião... Mais tarde se uniria ao grupo de amigos.

Herculano Pires foi eleito presidente da instituição. A primeira sugestão sua: “realizar numerosos movimentos literários em várias cidades do interior”, com o fito de incentivar e despertar vocações artísticas. Esse trabalho messiânico foi feito, sistematicamente, apesar da instituição não possuir recursos.

A U.A.I. tinha um patrono que merece registro especial. Era Rodrigues de Abreu, poeta de versos fortes e sofridos, autor de

Casa Destelhada. A escolha do nome de Rodrigues de Abreu trazia um sentido simbólico, diria depois Herculano Pires, acrescentando que o poeta “era o rapaz do interior, pobre e obscuro, que apesar de esmagado pela miséria e pela doença, conseguira triunfar pela força da inteligência e a grandeza do estro”.

A gestão da primeira diretoria da U.A.I. terminou em 1933. Na eleição seguinte, Ruad Bunazar, de Sorocaba, fora eleito presidente. Mas não pode assumir o cargo devido à saúde precária e Herculano Pires continuou na presidência da instituição. Partira de Bunazar a feliz ideia de a U.A.I. patrocinar um concurso para contos, mas foi Herculano Pires quem o tornou realidade. A comissão julgadora congregava intelectuais de Sorocaba, destacando-se o professor Renato Sêneca Fleury, autor de inúmeros livros infantis que o Brasil inteiro conhecia.

O vencedor foi o sorocabano Sílvio de Almeida, humilde ferroviário, autor do conto *Dentro do Túnel*. Elias Salomão Farah, de Cerqueira César, obteve menção honrosa. A entrega dos prêmios foi feita (notemos) em sessão solene no auditório da Biblioteca Municipal de Sorocaba.

O sucesso do concurso estimula Herculano Pires a fazer com que a U.A.I., sediada em Cerqueira César, lançasse em 21 de outubro de 1934 um outro, desta vez de poesias. Suas bases foram publicadas nos grandes jornais paulistanos e em revistas de circulação nacional como o “Fon-Fon” e “O Malho”. Poetas de todo o país se inscreveram em busca de um lugar ao sol, inclusive do Território do Acre. Mais de duzentos trabalhos foram remetidos à cidadezinha de Cerqueira César, embora os quatro prêmios tivessem pouco valor material (livros e um estojo de caneta e lapiseira).

Treze anos depois Herculano Pires iria se referir ao concurso em uma matéria publicada na “Folha de São Paulo”, em 13 de julho de 1947:

“A realização do concurso acarretou um excesso de trabalho para o pessoal da Agência do Correio de Cerqueira César. A pacata repartição, acostumada a um volume mais ou menos certo de correspondência, viu-se de súbito invadida por uma

infinidade de pacotes e canudos registrados, procedentes de todo o Brasil, trazendo para o concurso a variada produção dos nossos poetas anônimos, sempre numerosos.

Um incidente curioso verificou-se, por esse motivo, e bem merece ser evocado. O Sr. João Mericofer, geralmente conhecido por Zico, era o agente postal da cidade. Temperamento retraído, secarrão, o Zico quase não falava. Desincumbia-se humildemente da sua tarefa diária, dava umas voltas rápidas pela cidadezinha e voltava para o correio. Logo, porém, que o concurso tomou vulto e a correspondência começou a abarrotar a agência, encaminhou-se ele à redação de “O Porvir”, o semanário local dirigido pelo Sr. José Pires Correia, e fez a sua reclamação:

Esse concurso prejudica o comércio da cidade! Chegam tantas cartas e tantos “registrados”, que eu não posso distribuir a correspondência na hora de costume!”

E prossegue o memorialista Herculano Pires:

“Entre os duzentos e tantos trabalhos concorrentes, impunha-se como vitoriosa a forma moderna de poesia. Havia numerosos sonetos e alguns trabalhos extensos, metrificados e rimados com todo o rigor da forma parnasiana. Mas os poemas modernos, de estro livre, eram em muito maior número. Nada, entretanto, de futurismo, simbolismo ou coisa semelhante. A liberdade métrica e a substituição dos efeitos de rima pelas do ritmo e de imagens eram os característicos da maioria dos concorrentes.

Havia versos como estes, de Pedro José de Camargo, de I-tapetininga, descrevendo uma mulata sambista, num poema que obteve “menção honrosa”:

*Quanto ela ri,
Seus dentes simétricos, leitosos,
São duas carreiras de grãos de milho verde.*

E outros de um sabor estranho, lembrando a influência do sangue árabe na nossa formação racial, como este de Pedro Chacair, de Santo Antônio da Alegria:

*Pudesse eu ser Maomé moderno,
De espada em punho e o “Crê ou morres” na alma,
E diria a teu pau:
– Crê no amor, ou morres!*

Ou ainda do mesmo poeta:

*Quero dormir, sonhar!
Que ideal, viver assim,
a vibrar, a esquecer, a enlouquecer aos poucos,
ao sabor voluptuoso de “haschich”!*

E Herculano Pires recorda curioso incidente devido à participação de seu amigo Raul Osuna Delgado, poeta irreverente:

“O Porvir, pequeno semanário de Cerqueira César, tornou-se o órgão oficial do concurso. Divulgava as bases, noticiava o recebimento de originais, informava os concorrentes sobre o andamento do certame. Por isso mesmo, recusou-se a aceitar a reclamação do Zico Mericofer. Mas quando começou a publicar os trabalhos distinguidos com “menção honrosa”, provocou certa vez um verdadeiro escândalo entre os leitores da população pacata e religiosa de Cerqueira César. Foi no domingo em que inseriu o soneto “SE...”, de Raul Osuna Delgado, um jornalista da vizinha cidade de Avaré, já falecido.

Osuna Delgado foi uma das figuras mais interessantes do jornalismo de nosso interior. Inteligente, espírito vibrante, era dotado de uma combatividade que transformou a sua existência numa luta contínua. O atual prefeito avareense, Romeu Bretas, que ainda agora esteve em foco na Assembleia Legislativa do Estado com o “caso” da agressão a um jornalista da terra, teve lutas sérias com Osuna, que naturalmente não “levou a melhor”, dado o regime discricionário que vigorava na ocasião...

Fiel à sua vocação combativa, Osuna Delgado inscrevera no concurso um soneto que mereceu a “menção honrosa” em virtude mesmo da sua audácia. Não negaremos ao leitor o prazer de saborear esse interessante soneto, que tantos abor-

recimentos causou ao pessoal de “O Porvir”, quando de sua publicação:

*Se aqui junto de Deus existe, realmente,
A desejada paz de inúmeros mortais;
Se aqui junto de Deus, sob a luz dos vitrais,
O cura tem o dom de perdoar a gente;*

*Se aqui junto de Deus este ou aquele crente
Está longe da mão dos anjos infernais;
Se aqui junto de Deus os grandes temporais
Encontram um titã de força onipotente;*

*Se aqui junto de Deus se ocultam mil cruzadas,
Capazes de abater milhões de renegados
Por esse mesmo Deus... então, da igreja eu saio*

*E olhando para a cruz, além do campanário,
Eu pergunto, de chofre: ilustre e bom vigário,
Que diabo faz, na torre, aquele para-raio?*

O padre José Julianetti, já falecido, que por mais de vinte anos foi vigário da paróquia, fez uma pregação especial contra o poeta, o concurso e o jornal...”

Aberto em 21 de outubro de 1934, o concurso encerrou-se a 21 de janeiro de 1935. A comissão julgadora era constituída por dois consagrados intelectuais de São Paulo, os poetas Ribeiro Couto e Menotti Del Picchia, mais Nair Mesquita, diretora da revista “Vanitas”, que atribuíra o primeiro prêmio ao poema “Rodrigues de Abreu”, de autoria de Jerônimo Leite, poeta do território do Acre. Houve catorze menções honrosas, entre as quais se destacava mais um poeta acreano, José Carlos da Silva Pires, residente em Saboeiro, Alto Juruá.

Entre 1934 e 1935 o Brasil viveu poderosas agitações políticas, que atingiram também elementos da U.A.I.. Aproximava-se o fim da instituição. A última ata, a de número 12, foi lavrada a 28 de maio de 1935 e mostra sua situação precária. Presentes à reunião apenas três membros: Herculano Pires, que assinou-a, o poeta Américo de Carvalho e o contista Luís Aguiar. O último aparecimento público da nobre instituição se verificou uma

semana depois, no dia 5 de junho, através de uma conferência pronunciada pelo médico baiano Adalberto de Assis Nazaré, no Cine Rio Branco, perante público reduzido.

“A U.A.I. – escreveu doze anos depois Herculano Pires – exerceu, durante os seus três anos de funcionamento, influência considerável no interior paulista, em favor da popularização da poesia e das artes modernas. Seu trabalho foi tão revolucionário e atabalhoado quanto o da “Semana de Arte Moderna”, podendo-se considerar como um reflexo caboclo desse grande movimento paulistano.”

E, em outra crônica, Herculano assumiu a mesma posição e fez uma justa reivindicação:

“Os historiadores da literatura brasileira ainda não tomaram conhecimento dessa revolução literária das províncias, que partiu de Cerqueira César e empolgou o Brasil. Não teve ela as proporções nem o brilho da famosa Revolução de 22, mas foi, de certa maneira, uma das suas conseqüências. A U.A.I. representou uma tomada de consciência dos que sofriam no interior o isolamento cultural. Os dois concursos que ela promoveu tiveram grande repercussão na imprensa nacional, e um dia, forçosamente, alguém se lembrará desse feito cerqueirense.”

3

Primeiros passos na juventude

A literatura e o jornalismo empolgavam Herculano Pires, mas desde a adolescência alimentava ele, também, o sonho de ser professor. Assim, resolvido a prosseguir os estudos, mudou-se para Botucatu, cidade em franco progresso e onde havia escola normal. Instalou-se na pensão de uma tia, mas defrontou-se com duas dificuldades: o salário como repórter do “Correio de Botucatu” era pequeno e as horas livres para o estudo não se conciliavam com o horário da Escola Normal. Conseguiu, mesmo assim, fazer o curso preparatório. Pouco tempo ficou em Botucatu. Seguiu para a cidade de Sorocaba em busca de melhores condições de vida. Lá, os mesmos problemas o aguardavam. Ouviu, então, do proprietário de uma gráfica, onde trabalhava, esta frase ferina: “Só estuda quem pode.”

A propósito das dificuldades financeiras que por toda a vida o perseguiram, diria Herculano Pires, mais tarde: “Tenho certeza de que fiz mal uso de dinheiro em outras vidas. Devo ter sido um perdulário!”

Em Sorocaba, deixou a gráfica e tornou-se repórter de dois jornais: “Correio de Sorocaba” e “Cruzeiro do Sul”, mas as dificuldades materiais eram muitas e fizeram-no, dois anos depois, regressar a Cerqueira César. Antes passou curta temporada em São Paulo, onde nada conseguiu de definitivo.

Herculano Pires tinha vinte e um anos de idade. Não conseguira fazer o curso normal, mas um dia veria seu sonho tornar-se realidade: seria professor. Voltou, pois, a dirigir a Casa Ipiranga em Cerqueira César. A pequena gráfica e o jornalzinho “O Porvir” rendiam-lhe pouco dinheiro, mas a sobrevivência estava garantida. Nessa época já tinha contos publicados em “A Cigarra”, “O Malho” e “A Revista da Semana”, revistas do Rio de Janeiro com circulação nacional. Mais tarde, em 1º de março de 1936, haveria de transformar o jornal “O Porvir” em uma revista literária, crítica e noticiosa, mas de porte humilde. Chamar-se-ia “A Semana” e teria Elias Salomão Farah como secretário.

O trabalho na gráfica era exaustivo. O pai de Herculano Pires, austero, era um tanto duro no relacionamento com o filho, mas nas horas de folga, à noite, o jovem escritor deleitava-se lendo os romances de Mário Mariani, como *A Casa do Homem* e *O Pobre Cristo*; Eric Maria Remarque; Vargas Vila, o célebre escritor colombiano, além dos clássicos da literatura internacional. Eric Maria Remarque foi um dos seus ídolos literários. Herculano Pires admirava-lhe “o estilo simples, direto, natural, sua maneira de encarar a vida, seu humanismo antibélico e antimilitar, antiviolento em todos os sentidos.” Mas, seu livro predileto foi *Um Uomo Finito*, de Papini. Leu-o várias vezes, o que põe em evidência sua maturidade intelectual, não obstante ainda jovem. Quando não lia, à noite, escrevia. Era comum o rapaz atravessar a madrugada escrevendo romances, novelas, poesias. Os originais se amontoavam nas gavetas: *O Sonho das Vagas*, *Noites de Luar*, *Papéis Velhos*, *Léo*, *Quando o Outono Chegou*, *Destino*, *Poças d’Água*, *Sub tegmini fage*, *Cabo Velho*, *Piranha & Cia.*, *Sursum Corda!*... Com o decorrer do tempo novos manuscritos surgiram: *Poesias*, *Penumbra*, *O Serenista*, *Canções de Amor e da Vida*, *Orações*, *Ritmos*, *Poemas*, *Atlântida*, *Cântico dos Cânticos*, *O Sentido da Vida*, *Sacrifício*... Quase todos esses livros inéditos e outros que viria a escrever, Herculano Pires, mais tarde, destruiu. Tinha razão, pois, ao afirmar na velhice, sorrindo, que desde jovem sofria de “grafomania”, escrevendo dia e noite... Bendita “grafomania” que enriqueceu a literatura espírita com tantas obras fundamentais e até geniais!

Cerqueira César, não obstante uma cidade pequenina e humilde, vez por outra recebia visita de personalidades famosas. O popular e querido poeta, escritor e folclorista Cornélio Pires, autor de vinte e cinco livros, entre os quais *Musa Caipira*, que mereceu elogios, inclusive de Humberto de Campos, esteve várias vezes em Cerqueira César.³ Realizava palestras no palco do cinema “Rio Branco” e em plena praça principal, onde o povo se aglomerava para aplaudi-lo. Era primo de Herculano Pires, em cuja casa se hospedava. Cornélio Pires tornou-se espírita e escreveu obras doutrinárias.

A conversão

Desde a adolescência, temas filosóficos, inclusive de caráter religioso, interessaram a Herculano Pires. Nascido em família católica, permaneceu no catolicismo até aos quinze anos de idade. Depois veio a crise. O que o levou a converter-se ao Espiritismo? Em uma entrevista gravada pelo autor destas linhas revelou Herculano Pires:

“Foi o raciocínio que me levou ao Espiritismo. O desejo de compreender aquilo que a religião a que eu pertencia, a religião católica, nunca pôde me explicar. Essa necessidade me impelia, naturalmente, a procurar, a indagar. Nessas indagações eu passei por várias fases. Não passei diretamente do catolicismo para o Espiritismo. Antes, por influência de um primo de meu pai, Francisco Correa de Melo, residente em Santos, me tornei teosofista. Li várias obras de Teosofia, procurei aprofundar-me no estudo, encontrei ali muitas respostas que em vão havia buscado na religião da família. Depois desiludi-me, também, da Teosofia, porque esta me dava certas explicações que também me pareceram absurdas. Eu queria algo que fosse mais positivo, que estivesse mais em ligação com a possibilidade de provas concretas. E foi então, numa fase de incerteza, quando eu já estava aceitando, praticamente, o materialismo, que me caiu nas mãos *O Livro dos Espíritos*. E nesse livro eu encontrei, realmente, aquilo que procurava.”

Em entrevista concedida a Everaldo Tibiriçá publicada em São Paulo no extinto “Jornal da Manhã” (edição de 17 de agosto de 1975), Herculano Pires acrescentou estes detalhes sobre sua conversão:

“Eu não queria saber do Espiritismo, que por minha formação considerava um amontoado de superstições. Um dia, meu saudoso amigo Dadício de Oliveira Baulet me desafiou a ler *O Livro do Espíritos* de Allan Kardec. A contragosto aceitei o desafio e o estou lendo e estudando até hoje. Tornei-me espí-

rita pelo raciocínio. Isso ocorreu em 1936; eu tinha, então, 22 anos.”

Foi a lógica indestrutível de *O Livro dos Espíritos* que converteu Herculano Pires, é verdade, mas por outro lado não nos esqueçamos que tivera ele na infância visões mediúnicas jamais esquecidas e que, ao reencarnar, trouxera no inconsciente grande parte do manancial de sabedoria contido na obra de Allan Kardec.

Essa primeira leitura de *O Livro dos Espíritos* teve a ação de um vendaval na alma do moço Herculano Pires. A obra lhe pareceu um marco na história da evolução da humanidade. Kardec derrubara as barreiras da morte e obtivera dos Espíritos a solução dos enigmas do destino. E, nessa noite memorável, ao constatar que o livro era constituído de mil e dezenove perguntas de Kardec, cujas respostas dos Espíritos, plenas de sabedoria, abarcavam as três grandes áreas do conhecimento – ciência, filosofia e religião – no silêncio de seu quarto Herculano Pires fez a seguinte reflexão (mais tarde ele poria estes pensamentos em letra de forma):

“Nunca houve um diálogo como este. Jamais um homem se debruçou, com toda a segurança do homem moderno, nas bordas do abismo do incognoscível, para interrogá-lo, ouvir as suas vozes misteriosas, contradizê-lo, discutir com ele, e afinal arrancar-lhe os mais íntimos segredos. E nunca, também, o abismo se mostrou tão dócil e até mesmo desejoso de se revelar ao homem em todos os seus aspectos.”⁴

E ao pensar que fora até aquele dia teosofista, Herculano Pires acariciou *O Livro dos Espíritos*... E refletiu:

“A Doutrina dos Espíritos aborda desde logo os mais altos problemas de filosofia que agitavam o século XIX e lançou em terreno firme as bases de uma nova interpretação e de uma nova concepção da vida e do mundo. Constituí mesmo, desde o início, uma poderosa reação a duas escolas que pareciam ameaçar o mundo com imediata conquista: o marxismo e o positivismo.

A teosofia apareceu dezoito anos após o Espiritismo, tentando negá-lo através de uma elaboração cultural elevada, mas muito mais ligada à tradição hinduísta do que ao espírito científico do nosso tempo. Só o Espiritismo, como queria Kardec, enquadra-se perfeitamente na orientação científica. Kardec logo nas primeiras páginas de *O Livro dos Espíritos* define os rumos seguros da Doutrina Espírita, a sua natureza e o seu papel no mundo moderno. O Espiritismo é uma doutrina que desloca o problema do espírito do terreno nebuloso do dogmatismo religioso, abrindo-lhe as perspectivas da análise e da investigação científicas e ao mesmo tempo renova a questão religiosa, oferecendo-lhe a possibilidade da fé racional.

Não dispondo de nenhum sistema litúrgico, não possuindo cerimoniais, sacramentos ou qualquer espécie de regras e simbolismos para o culto externo, o Espiritismo se firma apenas no coração e na consciência dos adeptos. Representa o Espiritismo, por isso mesmo, aquele momento anunciado por Jesus à Samaritana, quando lhe declarou: “A hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o pai em espírito e verdade”. Ser espírita, portanto, é viver o Espiritismo. É transformar os princípios doutrinários em norma viva de conduta, para todos os instantes de nossa curta existência na terra. É praticar, enfim, o Espiritismo, não apenas no recinto dos Centros ou no convívio dos confrades, mas em toda parte em que nos encontremos – na rua, no trabalho, no lar, na solidão dos próprios pensamentos.”⁵

Herculano Pires assim agiu no decorrer de sua vida. E no dia seguinte o jovem convertido adquiriu as demais obras de Allan Kardec.

Mas a assimilação total de todos os conceitos da Codificação Kardeciana só foi possível após anos de estudo sistemático.

Encontro com João Leão Pitta

A primeira palestra doutrinária que Herculano Pires assistiu foi realizada em Cerqueira César por João Leão Pitta – um português natural da Ilha da Madeira, nascido em 11 de abril de 1875, grande amigo de Cairbar Schutel e divulgador de sua obra, a quem Herculano mais tarde chamaria de “apóstolo do Espiritismo no Brasil”. Leão Pitta pronunciou entre Minas Gerais e Rio Grande do Sul quatro mil conferências, segundo informações do jornal “O Clarim”, da cidade de Matão, por ocasião de sua desencarnação meses antes do seu aniversário aos 82 anos de idade, no dia 11 de fevereiro de 1957. Era idoso quando Herculano Pires o conheceu. Forte amizade os uniria.

A figura de Leão Pitta lembrava a de um velho profeta bíblico. Herculano Pires assim o descreveu: “De longas barbas brancas, sobrancelhas bastas, olhos azuis, faces coradas, João Leão Pitta era uma figura irradiante de simpatia e de bondade.”

E sobre sua oratória: “Orador fluente, sincero, ardendo de verdadeiro amor pela doutrina, Pitta sabia falar ao povo. Servia-se, a exemplo das parábolas evangélicas, de imagens da vida prática, para transmitir os mais elevados ensinamentos doutrinários”.

E Herculano Pires, nessa mesma crônica publicada no “Diário de São Paulo” em 1958, acrescenta que era Pitta “um homem de temperamento impulsivo, que se domava a si mesmo, como costumava dizer, e não gostava de ser considerado nem queria passar como santo”. E relata a propósito o seguinte episódio pitoresco: “Em Botucatu, num dia em que pronunciava uma palestra sobre a paciência, teve ligeiro atrito com outro grande e saudoso pregador da doutrina, José Mariano de Oliveira Lobo. Como este o acusasse de ter perdido a paciência, Pitta respondeu com muita graça: “Não te esqueças, meu amigo: se tu és lobo, eu ainda sou leão!”

E Pitta riu-se, provocando uma gargalhada geral. De outra feita,⁶ um pregador espírita novato procurou o velho João Pitta para consultá-lo sobre o que devia pregar. Pitta rangeu os dentes fortes de português da Madeira, seus olhos brilharam por baixo

das pestanas brancas de Papai Noel e ele disse: “Não pregue nem faça discursos. Ensine o que souber, depois de haver lido e estudado Kardec. Fiz milhares de pregações e me arrependo de meus entusiasmos. Na verdade, conversando depois com os ouvintes que me elogiavam, tive a surpresa de verificar que de todos os meus falatórios, só uma pessoa havia aprendido alguma coisa: eu mesmo, que aprendi a conter a língua.”

E Herculano Pires, que assistira outra palestra de Leão Pitta na cidade de Marília, relata mais este apólogo real:

João Leão Pitta, falando sobre a dignidade humana, no Centro Luz e Verdade, de Marília, disse: “O homem ruim é a pior coisa que existe no mundo. É pior que o pior dos animais. Um boi ruim, arrombador de cercas, que vive chifrando os outros bois, o dono o mata e aproveita tudo o que o seu corpo oferece; o couro, a carne, os ossos, os chifres e até mesmo os cascos. Mas de um homem ruim nada se aproveita. Morto, tem que ser enterrado às pressas para não empestear a casa com o seu mau cheiro.”

Primeiras sessões mediúnicas

Ao mesmo tempo em que se aprofundava no estudo de *O Livro dos Espíritos*, passou Herculano Pires a assistir sessões mediúnicas em casa de seu amigo Dadício de Oliveira Baulet. Ciro Milton de Abreu, humilde funcionário na estação ferroviária de Cerqueira César, era o médium principal. Ciro era dotado de faculdades excepcionais no campo da ectoplasmia, dos fenômenos de transporte de objetos sem contato, de levitação e reprodução de efeitos luminosos e de fogo.

O Espírito que produzia tais prodígios se chamava Frago. Herculano Pires presenciou nessas sessões imensa quantidade de fenômenos. Deixemos que ele próprio relate:

“Logo a seguir Frago pediu que apagassem a luz da sala. Não se fez escuridão completa, porque a casa era de telha vã e a iluminação da rua e a de uma sala vizinha, da própria casa, penetravam indiretamente no ambiente. Ouviu-se um estalo no canto direito da sala e todos se voltaram para lá. Foi

uma fração de segundo. Quando todos voltaram a olhar para o médium ele havia desaparecido. Suspenderam os trabalhos e chamaram por Ciro. Ele não respondia. Deram buscas na casa e foram encontrar o médium preso num guarda-roupa do quarto de dormir do casal, estando o móvel fechado a chave por fora, com a chave na fechadura.”

E Herculano Pires nos fornece estes detalhes não menos impressionantes:

“Emanação de ectoplasma em forma fluídica, formando nevoeiro espesso na sala, com a produção de relâmpagos e luminosidades, e a produção de chamas isoladas, até mesmo na calçada da rua, pequenas chamas flutuantes e verdes como fogo-fátuo, foram verificados ali.”

Em 1936 Herculano Pires foi eleito presidente do primeiro centro espírita que dois amigos seus fundaram na cidadezinha de Cerqueira César: Ciro Milton de Abreu e Dadício de Oliveira Baullet, este último, também, médium. A vidência que Herculano Pires tivera na infância desaparecera quase definitivamente. A nova instituição ganhara o nome de Humberto de Campos porque o famoso escritor maranhense vinha manifestando-se através da mediunidade psicográfica de Chico Xavier. Um detalhe importante: Chico Xavier contava tão-somente 26 anos de idade e Herculano Pires 22 incompletos. Um dia se tornariam grandes amigos.

Primeira conferência espírita

Foi exatamente em 1936 que Herculano Pires pronunciou sua primeira conferência doutrinária.⁷ O fato se deu por ocasião de uma concentração espírita na cidade de Ipauçu, no interior do Estado de São Paulo. Assim que terminou o discurso viu aproximar-se de si, entre outras pessoas, o conhecido e estimado Pedro Ammar, defensor da pureza doutrinária. Pedro Ammar era um sírio de meia-idade, espírita desde os quinze anos. Abraçou Herculano Pires, dizendo estas palavras:

– Você é inteligente, menino! Gostei de sua palestra, mas ela teve muito de Teosofia... Você precisa aprofundar-se mais na Doutrina Espírita...

O bom Pedro Ammar, que o autor destas linhas teve a satisfação de conhecer anos depois, na residência de Herculano Pires, era uma figura popular em Ipauçu. Sua história era conhecida dos confrades mais velhos. O pai deu-lhe uma quantia em dinheiro e mandou-o viver em outro lugar, pois não desejava ter um filho espírita em casa. Pedro Ammar pegou o dinheiro e saiu. E semanas depois montou no centro da cidade um pequeno estabelecimento comercial – uma loja de miudezas, a que deu o nome de “Casa Espírita”. A loja distava dois quarteirões apenas da residência de seu pai. Ammar, atrás do balcão, vendia de tudo, inclusive livros espíritas – menos o que pudesse servir ao ritual católico: velas, fita azul (muito procurada pelas filhas de Maria) e filó, tecidos com que as senhoras cobriam a cabeça nas procissões e na igreja...

O conselho de Pedro Ammar foi providencial. Herculano Pires aprofundou-se no estudo da Doutrina Espírita. Era tal sua intimidade com os livros da Codificação que se tornou, no dizer correto de Chico Xavier, o mais profundo conhecedor da Doutrina Espírita.

Cairbar Schutel e Herculano Pires

A missão de Herculano Pires estava sendo, pouco a pouco, delineada pela Espiritualidade Superior. Moço, já era presidente de um centro espírita; participava, semanalmente, de sessões mediúnicas, cujos fenômenos não deixavam dúvida sobre sua legitimidade; ditava conferências doutrinárias em inúmeras cidades. Agora fazia-se necessário escrever também na imprensa espírita para desempenhar, mais tarde, outras tarefas que exigiriam muito mais de si, dentro e mesmo fora do movimento doutrinário – tarefas que, no entanto, teriam a Doutrina Espírita por base. Dotado de uma vocação poderosa para o jornalismo e literatura, redigiu um artigo analisando o último livro do célebre

escritor Paulo Setúbal, em cujas páginas é descrito, magistralmente, mas com humildade, seu encontro com Jesus. *Confiteor* é uma autobiografia comovente e inacabada porque sete meses após o início de sua redação Setúbal, já tuberculoso, faleceu. O artigo de Herculano Pires tinha por título “Confiteor, um livro doloroso” e foi escrito em 1938, alguns meses depois do passamento de Paulo Setúbal. Onde publicá-lo? A “Revista Internacional do Espiritismo” e o jornal “O Clarim”, ambos da cidade de Matão sob a orientação superior de Cairbar Schutel, eram nessa época os veículos principais da imprensa espírita paulista, o que vale dizer, do Brasil. E para lá remeteu Herculano Pires seu artigo. Cairbar Schutel, que pela sua enorme folha de serviços já era considerado apóstolo do Espiritismo, pegou o envelope e olhou o nome do remetente. Era-lhe totalmente desconhecido. E leu o artigo, sem dúvida, com muito interesse porque ainda ecoava entre o povo o impacto da desencarnação de Paulo Setúbal, consagrado autor de romances históricos de grande êxito como *A Marquesa de Santos*, que mereceu tradução para o russo, o inglês, francês, árabe e o dialeto croata. Schutel não teve dúvida: incluiu o artigo de Herculano Pires entre os originais a serem publicados na próxima edição da “Revista Internacional de Espiritismo”, ou seja, em fevereiro de 1938. Mas, não chegou a ver esse número da revista editado: Schutel desencarnou uma ou duas semanas antes. Fato assaz significativo: dias depois da desencarnação do insigne jornalista de Matão, sua bela revista apresentava aos leitores o jovem estreante Herculano Pires, o qual viria a ser um dos mais lídimos representantes do jornalismo profissional brasileiro e, a exemplo do próprio Schutel, um denodado e brilhante defensor dos postulados espíritas! Quase diríamos que houve nesse gesto derradeiro de Schutel uma sutil intenção premonitória que passou despercebida pelos seus biógrafos.

Novos passos na juventude

A cruzada Papai Noel

Tinha Herculano Pires nessa fase de sua vida três preocupações: o Espiritismo, a arte literária e as crianças mendigas de Cerqueira César. Se pudesse realizar algo em benefício delas!

Foi em novembro de 1936 que o escritor Elias Salomão Farah, uma alma caridosa, falou a Herculano Pires da necessidade de se fazer um Natal risonho para as pobres crianças. Herculano (tinha ainda vinte e dois anos de idade) exultou com a ideia, pois já havia publicado crônicas sobre a infância abandonada; páginas que reuniu em dois livretos intitulados *Abandono da Infância* e *Flores Murchas*, este último tratando da carência de assistência médica à criança na região Média Sorocabana. Juntaram-se depois a Herculano Pires e Salomão Farah o alfaiate José Ramos, o Chiquinho Lanças, o Moreira e, entre outros, Adalberto de Assis Nazaré, um médico baiano, mulato, de nariz afilado e traços fisionômicos de branco e que era, no dizer de Herculano Pires, homem de grande inteligência, muito competente em sua profissão e humano em todos os sentidos. O primeiro Natal das crianças pobres foi uma festa emocionante. O italiano Marcon, fantasiado de Papai Noel, entrou na cidade e foi recebido por uma banda de música que não parou de tocar. O cortejo, aumentando sempre, seguiu pela rua do Matadouro até o Largo da Igreja, onde roupas, calçados e alimentos foram distribuídos às crianças carentes.

Herculano Pires em seu livro *Os Sonhos Nascem na Areia* chamou, carinhosamente, essas crianças de “flores da miséria”, porque além da penúria em que viviam havia, ainda, as doenças...

A distribuição natalina, porém, aumentava de ano para ano. Então, Herculano Pires apresentou a ideia de se criar a “Cruzada Papai Noel”, que funcionaria o ano todo em uma pequena sala

alugada que seria, também, ambulatório médico. O Dr. Nazaré prontificou-se, imediatamente, a dar assistência gratuita às crianças. E, assim, o Natal dessas criaturinhas infelizes passou a ser permanente...

A primeira diretoria da Cruzada Papai Noel ficou, assim, constituída: presidente, José Herculano Pires; secretário, prof. Enos de Abreu Sodré; tesoureiro, Dadício de Oliveira Baulet, companheiro de Herculano Pires na direção do Centro Espírita Humberto de Campos. A Assembleia Geral da Cruzada que elegeu a primeira diretoria foi realizada em 8 de agosto de 1938 na casa do escritor Luís Aguiar. Herculano contava vinte e quatro anos de idade.

As funções da Cruzada com o decorrer do tempo foram ampliadas. Passou o ambulatório a atender doentes pobres de qualquer idade. O médico Adalberto de Assis Nazaré desdobrava-se. Mas o padre Julianetti não via com bons olhos a Cruzada Papai Noel pelo fato de que sua diretoria não levava as crianças à igreja, além de cometer a “heresia” de exaltar Papai Noel ao invés de Cristo... E passou a atacar publicamente a instituição. Como alguns associados com boas condições financeiras mudaram-se da cidade e o prof. Enos tornou-se portador de tuberculose pulmonar galopante, a Cruzada entrou em decadência. O padre continuou a atacá-la. Logo depois Elias Salomão Farah contraiu tuberculose. Herculano Pires, então, pessoalmente e através das colunas de seu jornal, pediu à Prefeitura de Cerqueira César encampasse o Ambulatório Infantil da Cruzada Papai Noel, pois a cidade não possuía Posto de Saúde... Mas as crianças paupérrimas não tiveram sorte: o capitão Moura Leite, que era o prefeito e fabricante do Requeijão Maravilha, atendeu o pedido, mas deixou que o ambulatório em pouco tempo ficasse coberto de teias de aranha...

Herculano Pires, mais tarde, rememorando o doloroso episódio, escreveu, transbordando amor:

“Eram lindas e delicadas as flores da miséria; bebês de olhinhos vivos, loiros, morenos, negros, castanhos, que refletiam em suas pupilas inocentes a esperança de viver; garoti-

nhos espertos que murcharam lentamente ao efeito das verminoses e da disenteria; moleques de faces pálidas ou amareladas, como flores de guanxuma, que lutavam contra a fome e as endemias devastadoras; anjos desprevenidos que desceram à Terra esperando melhorá-la e não encontraram a proteção dos homens; centenas de criaturinhas mimosas e tenras que precisavam de leite e carinho, mas só encontraram água com açúcar mascavo ou de rapaduras, desconforto e abandono.”

Quanto ao caridoso médico Adalberto de Assis Nazaré, conta Herculano Pires que “morreu em Assis, para onde se mudara, ao atender uma parturiente, a altas horas da noite. Estava em repouso, por causa de uma crise cardíaca, mas ao saber que a parturiente não tinha um médico que a pudesse assistir, levantou-se, fez o parto, entregou a criança à enfermeira e lhe disse: “Ela chega para ocupar o meu lugar.” E caiu morto.

O casamento

Quando fez sua primeira conferência espírita, Herculano Pires conheceu em Ipauçu a moça que viria a ser sua esposa.

Maria Virgínia de Anhaia Ferraz tinha a pele morena, os olhos grandes e negros. Era bonita, inteligente e bem falante. Filha de pais espíritas praticantes, assim que completou dez anos de idade passara a lecionar Espiritismo às crianças na Escola de Evangelização do centro espírita de Ipauçu, sua cidade natal. Apresentada após a conferência a Herculano Pires, então moço de 22 anos de idade (tinha ela dezoito), conversaram um pouco e separaram-se. Mas, fora o bastante. Guardaram ambos, carinhosamente, a doce impressão de que já se conheciam de outras vidas.

Quando voltariam a encontrar-se?



D. Virgínia

Avaré pareceu-lhe ver o belo perfil de Virgínia. Aproximou-se, rápido.

– Virgínia!

– Que surpresa! – respondeu ela, risonha, sentindo o coração bater forte.

– Espera alguém ou vai viajar?

– Vou a Ipaçu passar uns dias com a família do Dr. Raul Soares. Estou em férias. E você? Veio visitar seus parentes?

Herculano Pires ia responder, mas o trem com destino a Cerqueira César e Ipaçu apitou e os passageiros com Virgínia à frente subiram nos vagões. Herculano Pires fez o mesmo. Ela olhou-o, espantada.

– Aonde vai? Desça, que o trem vai partir.

– Preciso falar com você.

O trem partiu e Herculano Pires pediu-a em casamento durante a viagem.

– Mas não somos noivos e nem sequer namorados... – disse ela, sem poder esconder a súbita emoção.

– E para quê? – retrucou ele, sorrindo.

Abraçaram-se. Era o dia 25 de junho de 1938. E a data do casamento foi marcada: 11 de dezembro de 1938. Casar-se-iam, pois, dentro de seis meses. Combinaram que o casamento civil seria realizado na casa dela e que, sendo ambos espíritas, não se casariam na igreja.

– Alguns parentes nos criticarão. Paciência, mas não podemos ceder!

– Sim, não podemos. – respondeu ela – É absurdo um espírita conscientizado casar diante do altar e de um padre.

Mas, naqueles velhos tempos não era fácil ser espírita. O clero atacava o Espiritismo e a sociedade mostrava-se muito preconceituosa. Assim, algumas parentas de Herculano Pires, que diariamente comungavam e iam à missa, ao saber que não haveria cerimônia na igreja abandonaram a sala no momento em que o Juiz de Paz iniciava o ato solene. Essa atitude vexatória, no entanto, não impediu que após o casamento houvesse uma grande festa. Herculano e sua esposa embarcaram nesse mesmo dia para São Paulo, onde passaram parte da lua de mel. Pretendiam também passear em Santos, mas, dentro de uma semana seria celebrado o natal e resolveram regressar a Cerqueira César, não antes de comprarem com o dinheiro que sobrara presentes que distribuiriam no Natal às crianças paupérrimas.

Onze meses depois nascia o primeiro rebento de Virgínia e Herculano: uma linda menina que ganhou o nome de Helena.

– Por que Helena? – um curioso perguntou ao casal.

– É uma homenagem que presto a Helena Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica – explicou Herculano, sorridente.

Essa justa homenagem é significativa. Deixa em evidência o discernimento de Herculano Pires. Os ensinamentos teosóficos de há muito não mais o satisfaziam, é verdade, mas esse fato não impedia continuasse ele a admirar a inteligência e o idealismo de Madame Blavatsky. Sua segunda filha nasceria em Marília e ganharia o nome de Heloísa. A menina seria mais tarde oradora espírita e autora de uma obra carinhosa sobre o seu pai.

A vida jornalística em Cerqueira César continuava difícil. O pai de Herculano Pires já havia vendido a tipografia e liquidado “O Porvir”. O jornal “A Semana”, que Herculano lançara e depois transformara em modesta revista, tinha poucos anúncios e sua venda era apenas razoável. E dava muito trabalho. O próprio Herculano Pires a compunha, imprimia e revisava. E no sábado,

à noite, junto com a esposa, fazia a dobra e no domingo, pela manhã, a distribuição.

As dificuldades econômicas aumentavam. Com esposa e filha, que fazer para ganhar mais dinheiro?

Soube, então, de um concurso para escrivão de coletoria estadual. Fez o exame e ganhou o cargo. Mas, ao fim de um ou dois meses abandonou-o por detestar os números. Foi quando resolveu mudar-se para uma cidade com maiores possibilidades profissionais.

Marília foi, enfim, a cidade escolhida.

Corria o mês de dezembro de 1940.

5

A vida em Marília

Nascida em 1925, a cidade de Marília, com menos de quinze anos de vida, tornara-se grande produtora de café, a maior produtora de seda em todo o país e o mais importante município algodoeiro da América do sul. Notável centro comercial, industrial e agrícola, Marília, quando recebeu Herculano Pires, em 1940, já possuía escola normal, ginásios, escolas de comércio, dezesseis agências bancárias, além de dois importantes jornais diários de grande porte: “Correio de Marília” e o “Diário Paulista”. E um movimento espírita muito realizador.

Foi em Marília que a família de Herculano Pires, de súbito, aumentou muito. Porque com a desencarnação de sua sogra passaram a viver na casa do apóstolo os seis irmãos de Virgínia: Antônio, Francisco, Maria, Maria de Lourdes, Maria Amélia e João José,⁸ além do sogro Francisco de Paula Ferraz. Herculano Pires, espírito boníssimo, recebeu-os de braços abertos. E ajudou a educar os menores. Anotemos, ainda, que o segundo e o terceiro filhos de Herculano e Virgínia (Heloísa e Herculanhinho) nasceram em Marília, passando então a viver na mesma casa, felizes, doze pessoas. Helenilda, a caçula, nasceria em São Paulo. Felizes – não obstante as dificuldades – porque o amálgama que os unia era o amor aliado ao fato de serem espíritas; e (ressaltemos) porque tinha Herculano Pires o mais elevado sentido de família. Nos eventos doutrinários sempre se fazia acompanhar da esposa e filhos. No aniversário de casamento presenteava a esposa com um soneto de amor escrito na véspera.

Conta Heloísa Pires que aos domingos seu pai “levantava cedo e ia à feira comprar rosas e acordava mamãe com a braçada de flores. Virgínia, muito prática, dizia que era tolice, que morreriam logo. Não adiantava, Herculano estava sempre enchendo os vasos com flores. No Natal cobria a árvore com barras de chocolate e deliciava-se ao ver-nos logo cedo em cândida folia em torno daqueles galhos de chocolate. Jamais deixava de dar presentes, mesmo quando a situação financeira era difícil.”

Em um de seus diários, Herculano Pires, certamente sorrindo, escreveu: “Bem, agora Papai Noel vai trabalhar. É preciso fazer a árvore de Natal frutificar enquanto as crianças estão fora. Às 10:30 nossa árvore deu a sua primeira carga de bombons amarelos e prateados. Milagre de Papai Noel.”

Poeta, nesse mesmo diário fez a seguinte anotação:

“Fui ver as minhas roseirinhas, que estão maravilhosas. Há um botão prestes a abrir-se: rosa vermelha. Todas as manhãs visito essas meninas-vegetais, acompanhando o seu movimento. Em breve estarão na adolescência e encherão de rosas e perfumes a frente de nossa casa.”

Herculano Pires amava os animais. À guisa de ilustração, citamos um fato singelo, mas pitoresco, narrado pela filha Heloísa;⁹ caso que revela mais uma característica de sua carismática personalidade:

“O mais interessante foi o encontro de Herculano com um sapo; um bicho muito feio e maltratado, cheio de cicatrizes; devia ter servido para experiências. Herculano encontrou-o perto do Hospital São Paulo, na rua Pedro de Toledo, próximo à nossa casa. Trouxe-o embrulhado em um jornal e ficaram muito amigos. Conversava com o sapo, pingava colírio nos olhinhos inchados. Um dia, o sapo sumiu e Herculano ficou preocupado; temia que algum moleque o estivesse magoando.”

Jorge Rizzini conviveu com o apóstolo de Kardec trinta anos. Pode, pois, testemunhar que Herculano Pires tinha o riso fácil, contagiante, gostava de contar e ouvir casos, era simples, acessível a qualquer pessoa do povo. Destituído de vaidade ou orgulho, jamais impôs suas ideias e era dotado de uma virtude rara: nunca mentiu. A serenidade era seu estado normal. Só uma coisa poderia afetar-lhe a paciência ou causar-lhe até indignação: um líder espírita escrever disparates ou com o comportamento comprometer a Doutrina. Então, o mestre empunhava a pena e com vigor punha os pingos nos *is*, mas jamais ultrapassou os limites do cavalheirismo. Assim foram suas críticas e debates, quer pela

imprensa, quer através de cartas, com Artur Massena, Edgar Armond, Pereira Guedes, Carlos Imbassahy (pai), Mário Cavalcante de Melo e, entre outros, Divaldo Pereira Franco.

Jornalismo e poesia

Assim que a família acomodou-se em casa alugada, visitou Herculano Pires o “Diário Paulista”. A redação e a oficina funcionavam na rua Carlos Gomes nº 519. Esse matutino fundado em 1933 circulava em todas as cidades da vasta região conhecida por Alta Paulista e a diagramação nada ficava a dever aos melhores jornais da capital. Herculano Pires, já conhecido no meio jornalístico interiorano, foi contratado, embora o “Diário Paulista” se encontrasse, comercialmente, em situação precária. Ao final do primeiro mês de trabalho o salário foi pago com atraso; nos seguintes com atraso ainda maior. Os funcionários começavam a desesperar-se e a diretoria deixou transbordar que pretendia vender a empresa jornalística. Então, Herculano Pires, contando vinte e seis anos de idade, dotado de fé inabalável na Espiritualidade e não menor confiança em seu próprio talento, não pensou duas vezes: conseguiu um empréstimo no Banco Comércio e Indústria e comprou o “Diário Paulista” a prestação. Parecia uma aventura por demais arriscada, mas ele tinha um plano. E adquiriu em São Paulo, também a prestação, um linotipo novo. E trouxe para Marília dois experimentados jornalistas, Jairo Pinto de Araújo e Nelson Vainer, que assumiu o cargo de redator-secretário. E o jornal agora modernizado e mais dinâmico atraiu novos anunciantes. E equilibrou-se.

Era excessivo o trabalho profissional, mas a literatura continuava sendo forte paixão na vida tumultuada de Herculano Pires. E, através das páginas de seu jornal ativou movimento literário de Alta Paulista, publicando poesias, contos e artigos de vários autores, entre os quais José Geraldo Vieira, que antes de mudar-se para São Paulo adquirira fama nacional graças ao seu romance *A Quadragésima Porta*, Anathol Rosenfeld, que se projetaria depois nos meios culturais de São Paulo, e o baiano Osório Alves de Castro, o qual viveu em Marília até 1964, autor do

romance *Porto Calendário*, premiado pela Câmara Brasileira do Livro (Prêmio Jabuti). Foi nesse período que Herculano Pires lançou *Estradas e Ruas*, livro de poemas murais da Alta Paulista editado em 1943 pela Editora Civilização Brasileira e que mereceu comentários elogiosos do renomado crítico literário Sérgio Milliet e de Érico Veríssimo, então considerado uma das glórias da ficção brasileira. Érico Veríssimo escreveu que os versos de Herculano Pires “são vigorosos e me parecem muito mais cheios de substância do que muita coisa que anda por aí, editada e reeditada”.

Herculano Pires releu o parecer de Veríssimo. E certamente deixou ecoar a costumeira risada que o obrigava a fechar um pouco as pálpebras e que fazia sorrir quem estivesse perto...

Encontro com João Barbosa

O movimento espírita mariliense regozijou-se ao saber que Herculano Pires fixara residência em Marília, porque já o conhecia através de artigos e palestras.

Acompanhado da esposa, passou Herculano Pires a frequentar o Centro Espírita “Luz e Verdade”, a fim de comentar *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. E, nos demais dias, atendia ele os convites para realizar palestras ou participar de reuniões de estudo das obras de Allan Kardec. Entre as instituições de Marília, no entanto, uma havia que lhe tocava o sentimento. Não podia haver em toda a Alta Paulista, certamente, centro espírita mais humilde. Herculano Pires gostava de centros espíritas assim, pobrezinhos, porque se assemelhavam aos locais onde se reuniam os antigos cristãos para ouvir a palavra dos apóstolos de Jesus. O centro estava instalado na sala de uma casinha de madeira habitada pelo velho João Barbosa, discípulo de Cairbar Schutel. Deixemos o próprio Herculano Pires, comovido, fazer a evocação:

“A sala era pequena e os frequentadores se apertavam. Numa noite de calor, pronunciei uma palestra no tempozinho humilde. Uma lâmpada acesa sobre as nossas cabeças aumen-

tava a temperatura elevada do ambiente. No auditório exíguo, mas repleto, outra lâmpada fazia o mesmo. Ninguém se retirou, porém, até o fim da reunião. O velho Barbosa a dirigia com a humildade do verdadeiro cristão, iluminado pelos princípios do Consolador.”

Quem era João Barbosa, por quem Herculano Pires tinha a maior admiração?

“João Barbosa era trabalhador de enxada. Com mais de setenta anos, continuava na labuta. Partia de madrugada para a roça, e só voltava ao anoitecer. Mas todas as noites lá estava, no seu posto de trabalho evangélico, atendendo ao povo. Sua velha companheira (Dona Lazinha) ficara cega, mas Deus lhe abriu os olhos do espírito: era vidente. O que ambos fizeram, durante anos a fio, com sacrifícios incontáveis, só Deus pode saber. Fiel à orientação de Schutel, o velho Barbosa praticava e ensinava um Espiritismo límpido, sem misturas, feito de compreensão, amor e caridade. Muito “doutor” em Doutrina, que por ali passava, tinha o que aprender com a humildade daquele apóstolo anônimo.”

Líderes de Marília e a primeira polêmica pública

Dizia com razão Herculano Pires que “ante os desvios, as deturpações, as confusões que se verificam em outros grandes centros do país, com as traições conscientes e inconscientes à doutrina, como se vêem no Rio e São Paulo, Marília é um contraste de firmeza e dignidade espírita.”

E por quê?

O movimento espírita de Marília foi o primeiro a organizar-se, fez-se coeso, e não esqueceu o estudo metódico da Codificação kardeciana. E faça-se justiça! Porque Marília teve a felicidade de possuir alguns homens verdadeiramente notáveis na direção do movimento doutrinário; homens que vivenciavam os princípios que pregavam; homens, não duvide, leitor, que por muito amar a Doutrina Espírita não hesitariam em defendê-la

colocando em risco, se preciso fosse, a própria vida. Assim eram, incluindo o próprio Herculano Pires, Eurípedes Soares da Rocha, Higino Muzzi Filho, Paulo Correia de Lara, João Barbosa, Gabriel Ferreira, Luís Laraia, Santos Xandó de Araújo e, entre outros, o saudoso médium Urbano de Assis Xavier. Foi com eles que Herculano Pires conviveu durante seis anos consecutivos em Marília. Para que tenha o leitor ideia da fibra e idealismo desses homens, citemos, como exemplo, Eurípedes Soares da Rocha, fundador da cidade de Marília, a quem Herculano Pires chamava de “o patriarca do Espiritismo de Marília” e “exemplo de abnegação ao próximo”. Proprietário de inúmeras terras, o generoso Eurípedes Soares da Rocha, quanto mais dinheiro ganhava, mais doações fazia ao movimento espírita da cidade. Ele não somente doava terrenos, como edificava ou ajudava a edificar, centros, creches, asilos. O hospital espírita de Marília, destinado ao socorro gratuito dos doentes mentais não apenas de Marília, mas de toda a Alta Paulista e que é, no dizer de Herculano Pires, “um grande monumento da caridade cristã”, é obra de Eurípedes Soares da Rocha. Graças ao prestígio de seu nome a obra recebeu contribuições do povo, comércio, indústria e lavoura, inclusive de cidades vizinhas. Ocupava esse hospital uma área de 48.000 m² e já dispunha no ano de 1947 acomodações para duzentos internados. Depois, tornou-se uma verdadeira cidade hospitalar. Herculano Pires fazia parte da diretoria; tinha o cargo de 2º secretário e Eurípedes Soares da Rocha o de provedor.

Essa foi uma fase dura. Fase de lutas! O hospital ficou gravado para sempre na memória de Herculano Pires devido, também, a uma polêmica que sustentou com o médico Rodrigo Argolo Ferrão, médico-chefe da Casa de Saúde São Luís, o qual combatia pelas páginas do “Correio de Marília” a iniciativa dos espíritas e reprovava o tratamento espiritual dentro de um hospital psiquiátrico. Herculano Pires respondeu-lhe pelas colunas do “Diário Paulista”. A polêmica emocionou o público e durou meses. Teve um feliz final na “Basserie”, bar situado no centro da avenida Sampaio Vidal. Acompanhado de amigos, Herculano e o Dr. Ângelo abraçaram-se e beberam “o café da paz”. Mas, o hospital continuou a empregar o tratamento espiritual juntamente

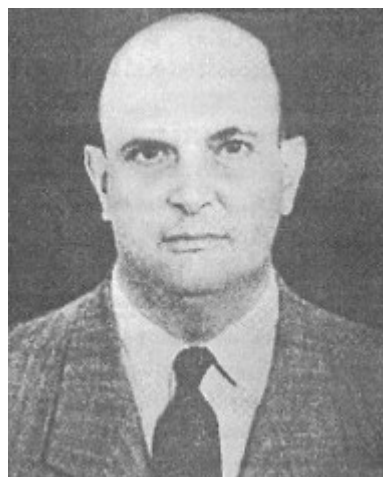
com o psiquiátrico... Porque (escreveu Herculano Pires) sabemos que “sem o tratamento adequado, que é o tratamento espírita, esses casos não se resolvem, podendo, às vezes, sofrer passageiros arrefecimentos, mas no geral agravando-se até a completa loucura.”

Essa foi a primeira defesa pública que Herculano Pires fez do inalienável direito do livre exercício da mediunidade. A segunda intervenção (agora em defesa dos postulados do Espiritismo) foi devido à publicação do livro *Temas Espirituais* do respeitado e culto pastor protestante Otoniel Mota, fundador da Associação Evangélica Brasileira, autor de sessenta livros e membro da Academia Paulista de Letras. A defesa de Herculano, sintética e primorosa, brilhante mesmo, está contida no opúsculo de vinte e uma páginas *És mestre... e ignoras estas coisas?*, que a Casa Editora “O Clarim” editou em 1946 e que Otoniel Mota recebeu, leu e achou de bom alvitre não responder...

Registremos, ainda, que em novembro de 1941 Herculano Pires fundou a “Mocidade Espírita de Marília”.

Sessões com o médium Urbano de Assis Xavier

Herculano Pires sentia-se guiado pela Espiritualidade. Em Cerqueira César assistira sessões memoráveis com o médium de efeitos físicos Ciro Milton de Abreu, e agora em Marília conhecera o cirurgião-dentista Urbano de Assis Xavier, pregador espírita e notável médium de transfiguração, voz-direta, cura e incorporação. O autor destas linhas teve a satisfação de conhecê-lo na casa de Herculano Pires, em São Paulo. Urbano de Assis Xavier, nascido na Bahia em família católica, transferiu-se para o interior paulista em 1935. Presidente de uma congregação mariana, Urbano se casara com uma filha-de-Maria. Logo depois a mediunidade revelou-se



O médium
Urbano de Assis Xavier

espontânea em seu lar. O Espírito-guia nele incorporado ensinou sua esposa a doutrinar o Espírito que perturbava o ambiente. E ainda mais: aconselhou-a a levar Urbano a visitar Cairbar Schutel, na cidade de Matão. Urbano, já senhor de si, ao saber do estranho episódio, recebeu um impacto. Mas, foi em busca de Schutel, que lhe deu preciosa orientação. Abandonou, então, a igreja e a presidência da congregação mariana e passou a frequentar as sessões dirigidas por Cairbar Schutel. Conta Herculano Pires que Urbano “transformava-se de tal maneira ao receber o Espírito comunicante, que este era facilmente reconhecido pelas pessoas amigas, sem necessidade de dizer o nome. Chegava, às vezes, à transfiguração, transformando o seu rosto com os traços do Espírito comunicante, como tivemos ocasião de observar. Nos últimos tempos, desenvolveu também a mediunidade de “voz direta”, caindo em transe enquanto os espíritos falavam diretamente com os presentes, vibrando a voz em pleno ar. Tivemos ocasião de palestrar com entes queridos através desse maravilhoso fenômeno, em sessão realizada com Urbano em Marília, e na mesma sessão outras pessoas puderam fazer o mesmo.”

Urbano de Assis Xavier não era apenas dotado de aguda sensibilidade mediúnica. Ele possuía também aprimorada cultura doutrinária, o que possibilitou a estreita amizade com Herculano Pires, amizade que evoluiria com o decorrer dos anos. Urbano de Assis Xavier desencarnou em Marília no dia 31 de outubro de 1959.

I Congresso Espírita da Alta Paulista

O mais importante acontecimento doutrinário ocorrido no interior do Estado de São Paulo certamente foi o Primeiro Congresso Espírita da Alta Paulista, que Urbano de Assis Xavier presidiu e Herculano Pires planejou e secretariou. Realizado no período de 30 de março a 4 de abril de 1946 em Marília, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, esse congresso histórico foi promovido pelos centros espíritas marilienses e repercutiu pelo Brasil afora. Conta-nos a revista “A Centelha”,

dirigida pelo confrade João Silveira, em uma bem feita reportagem,¹⁰ que a primeira prévia do congresso realizou-se na cidade de Garça, a segunda na cidade de Pompeia, a terceira em Quintana, a quarta em Tupã, a quinta em Oswaldo Cruz, no coração da chamada Zona da Mata (fora de estrada de ferro) e a sexta e última prévia em Bauru. Todas muito concorridas. A caravana da Comissão Organizadora do Congresso, formada pelos confrades Eurípedes Soares da Rocha, Higino Muzzi Filho, Marcial Veloso, Antônio Rocco Junior, Hélio Tavares, Manoel Pinto Ribeiro, Gabriel Ferreira, Paulo da Cunha Matos e Santos Xandó Araújo, partindo de Marília, visitou cada cidade e, assim, “durante quase um mês e meio a Alta Paulista foi intensamente sacudida pelas várias concentrações preparatórias do Congresso, durante as quais falavam numerosos oradores e faziam-se farta distribuição de manifestos e boletins.”

Como se nota, o plano da fase preparatória do Congresso foi elaborado com muita argúcia por Herculano Pires. Não devem ser aqui esquecidos Paulo Corrêa de Lara e Higino Muzzi Filho, cuja colaboração foi efetiva. Mas, era inegável, a Espiritualidade Superior se fazia ali presente, a todos estimulando. “Na concentração de Oswaldo Cruz, por exemplo, perante numerosa assistência e autoridades locais, quando se ia encerrar a reunião, a médium inconsciente Nair Arantes, de Tupã, foi subitamente tomada, e pronunciou uma admirável oração, que a todos empolgou. O Dr. Crescencio Miranda, ilustre médico e prefeito municipal de Oswaldo Cruz, teve os olhos cheios de lágrimas de emoção ao assistir aquela admirável preleção de uma mulher simples, da roça, semi-analfabeta e incapaz de dizer uma parte sequer do que havia falado. Assim, também, no encerramento do congresso, após a prece pronunciada pelo ilustre confrade Dr. Tomaz Novelino, do Sanatório Allan Kardec, de Franca, o Dr. Urbano de Assis Xavier, médium inconsciente, foi tomado pelo elevado espírito de Pai Jacó, e a seguir pelo do querido irmão Cairbar Schutel, que pronunciou magnífica oração de encerramento dos trabalhos. Estava presente o confrade José da Costa Filho, diretor da “Revista Internacional do Espiritismo”, de

Matão, velho companheiro de Cairbar, e que emocionado reconheceu a perfeita identidade do Espírito comunicante.”

Exaustivo, porém, foi o desenvolvimento do I Congresso Espírita da Alta Paulista. Diz a revista que “em todos os trabalhos do Congresso, desde a sua instalação até o encerramento, a Comissão Executiva não descansou um só momento. Herculano Pires e o Dr. Urbano Xavier demonstraram-se incansáveis, dia e noite em contínua atividade, coordenando as matérias e providenciando milhares de coisas necessárias ao bom termo do Congresso.”

Anos depois, já residindo em São Paulo, registrava Herculano Pires em artigo de jornal a seguinte informação preciosa para a história do movimento espírita paulista:

“Uma das teses aprovadas no Congresso de Marília recomendava a formação de Conselhos Espíritas Municipais em todas as cidades para a unificação dos movimentos locais, participando desses conselhos representantes de todos os centros existentes em cada cidade. Em consequência, antes mesmo que a USE (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo) estivesse criada em São Paulo, já eram organizados os Conselhos Municipais de Marília, de Garça, de Tupã e de outras cidades.”

Essa tese foi aprovada por unanimidade e, registremos, era de autoria de Herculano Pires.

Trabalho verdadeiramente pioneiro, o de unificar os centros espíritas da Alta Paulista. Porque a USE foi fundada oficialmente no I Congresso Espírita do Estado de São Paulo – quase um ano depois do congresso de Marília. A verdade histórica é que o I Congresso Espírita da Alta Paulista foi que deu estrutura e orientação à USE. Outro detalhe: Carlos Imbassahy, residente em Niterói, colaborou com o congresso da Alta Paulista remetendo a tese “Os Animais perante a Doutrina Espírita”, o que leva a crer que data dessa época sua correspondência com Herculano Pires e, conseqüentemente, a amizade. E ainda outro detalhe que merece relevo, mas com alguns reparos: no dia 3 de abril, quando o congresso da Alta Paulista estava no apogeu, chegou

em Marília uma delegação de São Paulo integrada por Pedro de Camargo (o inesquecível orador Vinícius), Antônio Rodrigues Montemor e a valorosa confreira Anita Brisa.¹¹ Afirma Luís Monteiro de Barros (ex-presidente da USE e da Federação Espírita do Estado de São Paulo), numa entrevista¹² que “Vinícius foi até lá interessado na questão política e pensava obter apoio do interior”. E mais: “A ideia inicial era facilitar ao espírita os meios de entrar na política”. Infelizmente, não informa Luís Monteiro de Barros que Vinícius fora, simplesmente, portador da mensagem que representava o pensamento de alguns elementos da Federação Espírita do Estado de São Paulo. A mensagem, pois, não era dele, Vinícius. E a bem da verdade, não era também de Edgard Armond, secretário-geral daquela federação. Não há documento que prove o contrário.¹³ A referida mensagem, tendo objetivos (quem agora depõe é Herculano Pires) “provocou a rejeição do plenário, com numerosas críticas e protestos”. E mais: “Vinícius foi nomeado delegado do Congresso, pelo plenário, para tentar demover a FEESP dos objetivos políticos, o que, felizmente, conseguiu.”¹⁴

Foram apresentadas no I Congresso Espírita da Alta Paulista quatorze teses. Oito mereceram aprovação, entre as quais a de Herculano Pires, que tinha por título “O Espiritismo e a Construção de um Novo Mundo – Estabelecimento do Reino de Deus na Terra”. Enfrentava esta tese um tema por demais envolvente e atual. Foi lida em plenário e só depois de caloroso debate recebeu aprovação unânime.

O que pregava Herculano Pires? – A organização de um amplo movimento social desprovido de qualquer aspecto sectarista, que integrasse pessoas espíritas ou não, com o objetivo único de implantar no mundo os princípios do Reino de Deus contidos no Evangelho. Esse movimento não teria, no entanto, parentesco ou semelhança com os partidos políticos. E como os partidos vivem de demagogia, buscando o poder a qualquer preço, o movimento do Reino não se envolveria com eles e empenhar-se-ia pelo registro de candidatos livres.

Essa arrojada tese foi editada em 1946 por Antônio Batista Lino (fundador da Editora Lake, de São Paulo), com o título de

“O Reino” no mesmo ano, portanto, em que se realizou o I Congresso Espírita da Alta Paulista.¹⁵ Mas, Herculano não estava satisfeito com o enfoque. O Reino de Deus não poderia ser estabelecido na Terra somente com a criação de um vasto movimento cristão, e sim, como ensinava a Doutrina Espírita, através do processo natural da evolução. E, em 1967 (vinte e um anos depois) retomou-a e deu-lhe o verdadeiro enfoque doutrinário, ampliando-a. “O Reino” tem hoje 168 páginas.

“O Reino de Deus – escreveu Herculano Pires, inspirado – está acima da sociedade de classes, do mundo injusto de ricos e pobres, das competições políticas e econômicas. O Reino de Deus está dentro de nós, na aspiração divina da Justiça e do Amor, que é o próprio reflexo de Deus na consciência humana.”

E, depois de afirmar que é preciso transformar o mundo pela transformação do homem (e transformar o homem pela transformação do mundo), acrescenta, agora totalmente iluminado:

“Não é através de um partido político, de um movimento ideológico-social, de uma sociedade secreta de natureza ocultista, de uma cadeira de vereador, deputado ou senador, de um cargo administrativo nas rodas governamentais ou coisa semelhante que podemos atingir o Reino. Muitos já se iludiram com isso e acabaram mais distanciados do Reino, atraídos que foram pelos reinozinhos terrenos. Afundaram-se na politicalha ou perderam-se na rotina eleitoral, na caça mundana e subserviente, hipócrita, aos votos do povo. O Reino não começa por sinais exteriores, mas por luzes internas. Só quando o coração muda de ritmo e a noite do espírito apegado ao mundanismo se acende de estrelas espirituais, é que estamos nos aproximando do Reino.”

Em defesa do “Reino”

Curioso é que a tese com o texto primitivo, vinte e cinco anos depois de sua publicação pela Editora Lake (já estando, portanto,

nas livrarias a segunda edição com o texto definitivo impresso pela Edicel), veio a causar aborrecimentos a Herculano Pires. É que os jovens que constituíam o Movimento Universitário Espírita de Campinas (movimento que mereceu no início o apoio de Herculano Pires) publicaram em seu órgão oficial “A Fagulha” artigos baseados na antiga tese, mas que traziam inegável sabor marxista. Herculano Pires advertiu-os. Os artigos, porém continuaram, citando-lhe o nome e comprometendo sua verdadeira posição doutrinária. Temos em nosso arquivo cartas de Deolindo Amorim, chamando a atenção de Herculano Pires para o fato. É de notar-se que o grupo havia publicado, um ano antes, o livro *Espiritismo e Marxismo*, de Jacob Holzmann Neto, o malgrado orador espírita que se perdeu nas teias do comunismo...

Herculano Pires só reagiu publicamente quando o grupo campineiro publicou em separata seu vasto prefácio ao livro *Dialética e Metapsíquica*, de Humberto Mariotti. Herculano Pires autorizara a publicação, é verdade, mas ao recebê-la teve uma surpresa desagradável: os rapazes, sem avisá-lo, haviam incluído na separata um prefácio assinado pelo marxista Luís de Magalhães Cavalcanti (membro do Movimento Universitário Espírita de Salvador), cujas ideias contrariavam as suas. Agora já não havia outra solução se não desmascarar publicamente o grupo de Campinas. E Herculano Pires redigiu o magistral artigo “Meu desencontro com *A Fagulha*”, publicado, simultaneamente, na “Revista Internacional de Espiritismo” e no “Mundo Espírita”, em setembro de 1971, e em “Unificação”, edição de novembro de 1971.

Em carta endereçada a Deolindo Amorim em 9 de novembro de 1971, Herculano Pires havia escrito sobre “A Fagulha”:

“Não sou dos que cruzam os braços diante das mistificações e dos abusos que se praticam no meio espírita. Você mesmo deve ter visto, pelas minhas atitudes e pelos meus artigos, que não sou homem de negaças.”

E mais:

“Parece-me que não temos o direito de calar e fugir nesses momentos. Precisamos fazer como Paulo: tomar posição definida e falar às claras.”

E, referindo-se agora, diretamente, ao grupo campineiro:

“Trata-se de um grupo de jovens universitários, alguns deles brilhantes e promissores. Vi que estavam em caminho errado e quis ajudá-los a se corrigirem. Não é esse o nosso dever? Poupei-os o mais que me foi possível. Concitei-os a estudar melhor a doutrina, a se furtarem às influências de certos elementos adultos que os orientam. Durante uns dois anos ou mais me pediram colaboração para “A Fagulha” e eu sempre os neguei. Eles passaram a reproduzir trechos de meus escritos já publicados em livros, jornais e revistas, extraindo o que lhes convinha e sonogando outros. Conversei com eles várias vezes, de maneira franca, até mesmo em assembleias espíritas. Tive debates ardorosos com eles. Mas nada adiantou. Acabaram fazendo essa ursada do “Espiritismo Dialético”. Então só me restava o que fiz: desmascará-los através de um artigo incisivo e objetivo. É pena, mas não havia outro recurso.”

Deolindo Amorim emocionara-se com o artigo de Herculano Pires, e a certa altura de sua carta de 30 de outubro, exclama:

“Agora, porém, abro a “Revista Internacional de Espiritismo” e vejo seu formidável artigo (não há outro adjetivo!) sobre seu desencontro com “A Fagulha” e não resisti à vontade de lhe escrever imediatamente, embora você ainda me deva resposta a outra carta, no mesmo sentido. Muito bem, Herculano! Aquele artigo é uma definição objetiva, lúcida, inequívoca. Eu bem gostaria que fosse divulgado em separata ou fosse reproduzido em diversos jornais, a fim de que certas inteligências vesgas, inimigas da cultura e da independência intelectual, fiquem sabendo como você pensa e como se situa perante os grupos que querem levar o Espiritismo para os despenhadeiros do marxismo. (...)”

No vibrante artigo Herculano Pires inicialmente define sua posição:

“Minha posição é uma só: o Espiritismo é uma doutrina dialética por natureza, mas na linha cristã-evangélica e na linha hegeliana espiritualista; não na linha marxista, que critiquei e critico, por considerá-la até mesmo antidialética.”

E, a seguir o apóstolo de Kardec separa o joio do trigo:

“Minha opinião é a de que o Espiritismo representa a síntese de todo o conhecimento existente. Dessa maneira, o que há de bom no Marxismo, o que provém do próprio Cristianismo, também está no Espiritismo, mas de maneira mais ampla, numa visão interexistencial do homem e do mundo, que falta inteiramente na visão materialista marxista.”

E Herculano Pires insiste com sua costumeira lucidez:

“Não será com os moldes do figurino marxista que conseguiremos dar ao Espiritismo a eficiência necessária na transformação do mundo. Essa transformação, por sua vez, não poderá ser feita, segundo penso, nos moldes de nenhuma das doutrinas sociais atualmente consideradas na Terra como decisivas. A prova aí está, no próprio choque apocalíptico que nos ameaça. Só a Doutrina Espírita aprofunda as causas espirituais das injustiças e monstruosidades da nossa estrutura social, e que por sinal estão presentes não apenas no mundo capitalista, mas também no chamado mundo socialista.”

E Herculano Pires finaliza com estas palavras plenas de bom-senso:

“... não precisamos de nenhuma complementação marxista para o Espiritismo. Pelo contrário, o Espiritismo é que tem muito a dar a todas as filosofias contemporâneas e a todas as ciências, complementando-as com a sua visão integral do homem e da vida.”

Esse artigo teve repercussão inclusive fora do Brasil. Ofélia León Bravo, notável intelectual cubana que viveu foragida em Nova Jersey, nos Estados Unidos, por questões políticas (ela

fundou e presidiu em Cuba a Associação de Médiuns Espiritistas, foi presidente da Federação Espírita de Havana e fez parte da Comissão Organizadora do III Congresso Espírita Panamericano realizado em 1957 na capital cubana), desencarnada em 24 de janeiro de 1990, enviou a Herculano Pires longa carta, da qual extraímos o seguinte trecho histórico:

“En Cuba fuimos durante muchos años activos militantes del Espiritismo, hasta dos años después de la llegada del Castro-comunismo, en que lenta, pero ininterrumpidamente, fueram desapareciendo instituciones y publicaciones. Hasta el busto en bronce erigido a la memoria de Allan Kardec por la Comision Organizadora de los Actos Pro Centenario de *El Libro de Los Espiritus* y que se encontraba emplazado en el parque comprendido em las calles Almendares, Lugareño y Luaces em la Habana – busto que fue develado, el domingo 21 de abril de 1957, el que fuera retirado por las autoridades militares que gobiernan la isla, entre los meses de marzo-abril de 1971.

Seria atrevido por nuestra parte decirle que pensamos con Ud cuando dice: “Mas entiendo y reafirmo, después de largos años de observación y de estudios, que no precisamos de ninguna complementación marxista para el Espiritismo. Por el contrario, el Espiritismo es el que tiene mucho que dar a todas las filosofías contemporaneas y a todas las Ciencias, complementándolas con su visión integral del hombre y de la vida.”

E o refinado poeta e filósofo argentino Humberto Mariotti, que tinha grande afinidade intelectual com Herculano Pires, remeteu-lhe estas linhas:

“La juventude es bella, revolucionaria, pero cuando llega a ciertos extremismos acerca de los valores eternos del Espiritu, borra con el codo todo lo que afirmativamente realiza y da argumentos a los conservadores que temem el progreso incesante de la humanidad y del conocimiento. Tenga fe, Herculano, en lo Alto. El Espiritu de Verdad apoya su obra y le dará la inspiración necesaria para que su obra

marque en la cultura espírita mundial un hito que nadie podrá desarraigar.”

Herculano Pires, então deu o episódio por encerrado.

Dois anos depois desaparecia o Movimento Universitário Espírita.

Finalizemos, esclarecendo os leitores que cerca de um ano antes da edição de “A Fagulha”, edição que comprometia Herculano Pires, esses jovens de Campinas apresentaram no III Congresso Educacional Espírita Paulista uma tese provocadora intitulada “Espiritismo e Socialização”, cujo objetivo era (são palavras de Herculano Pires) “transformar a evangelização em propaganda política disfarçada”. O apóstolo de Kardec, então, manteve debate com o marxista Adalberto Paranhos e, vitorioso, conseguiu que o plenário rejeitasse a tese, o que – curiosamente – muito aborreceu Ary Lex (este confrade foi candidato a vereador pelo partido Socialista Brasileiro várias vezes, não conseguindo, porém, que os espíritas o elegessem). Herculano Pires, em carta dirigida ao emérito educador espírita Thomaz Novelino, revela detalhes importantes sobre o incidente com Ary Lex ocorrido durante o Congresso Educacional, incidente que, certamente devido ao acúmulo de informações (nem sempre corretas) contidas em seu livro *60 anos de Espiritismo no Estado de São Paulo*, Ary Lex esqueceu de acrescentar... Vamos rememorar-lo.

A carta de Herculano Pires traz a data de 12 de agosto de 1970. Leia-se este trecho:

“Ary Lex louvou a maturidade da tese dos jovens e declarou em plenário que os Centros Espíritas são umas “porcarias, com gente que se reúne em torno da mesa para estrebuchar com os ataques de histeria dos médiuns.” Eu não quis falar mais nada e preferi calar. Mas na saída do plenário eu lhe disse: “Ouvi o padre Quevedo falando pela sua boca. As suas palavras são as mesmas que ele usa para combater e ridicularizar o Espiritismo na TV e no Rádio.” Ele riu amarelo e disse que não era bem assim, tratando de escapulir. Isso tudo mostra a falta de maturidade de confrades que deviam já ter amadurecido há muito tempo. Conhecemos as deficiências

dos Centros, mas sabemos também que isso decorre da falta de cultura do povo, de maneira que não podemos tomar atitudes dessas num plenário e em parte alguma.”

E ainda mais:

“Quanto às teses, me informaram que havia dez, sendo metade delas muito substancial, incluindo-se duas sobre Pedagogia Espírita que valiam pelo Congresso. Não pretendendo açambarcar o assunto, deixei de elaborar a minha tese. Gostaria que o problema fosse resolvido por outro confrade. Eu me reservaria apenas para as comissões e os debates. Fui obrigado a redigir a minha tese às pressas, em cima da hora, e o Ary Lex ainda teve a coragem de declarar em plenário que a minha tese não devia ser aceita por estar fora do prazo.”

Diante do que acabamos de expor, compreende o leitor por que nosso companheiro Ary Lex,¹⁶ em seu já citado livro *60 anos de Espiritismo no Estado de São Paulo* (Edições FEESP, 1996), escreveu que Herculano Pires “como ser humano tinha suas falhas”. A acusação é grave. Mas, as falhas, quais eram? Eis as que aponta Ary Lex na página 153:

Herculano Pires “não gostava de ouvir as palestras de outros oradores e participar de reuniões em que se perde tempo precioso, ouvindo coisas sem nexos”.

É o caso de perguntar-se: haverá alguém que goste de ouvir coisas sem nexos?

Quanto à afirmação de que Herculano Pires “não gostava de ouvir palestras de outros oradores”, o autor deste livro acompanhou o apóstolo de Kardec durante três décadas e pode declarar que não corresponde à realidade. Herculano Pires gostava de ouvi-las, sim, mas desde que proferidas por confrades competentes, amantes da verdade, reais discípulos de Kardec, como Leão Pitta, Anselmo Gomes, Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy, Lauro Scheleder, Humberto Mariotti e outros.

6

O apóstolo em São Paulo

Depois de viver seis anos em Marília, Herculano Pires mudou-se para São Paulo. A vida em Marília já não era a mesma: o “Diário Paulista” começava a tornar-se deficitário. O número de anunciantes diminuía e a folha de pagamentos era relativamente grande. Parecia razoável a proposta de Luís Gonzaga Schmidt e Herculano Pires vendeu-lhe o jornal, pagou as dívidas, fez as malas e no dia 31 de outubro de 1946 veio com a família para São Paulo. Fixou, inicialmente, residência na rua das Camélias nº 40, no bairro de Mirandópolis. Depois transferiu-se para a rua das Rosas e, finalmente, adquiriu casa na rua Dr. Bacellar, 505, no bairro Vila Clementino; as prestações seriam pagas durante vinte anos. Herculano Pires comprou-a através do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, ao qual pertencia desde outubro de 1947.

Foi difícil iniciar a vida profissional em São Paulo. A primeira ideia de Herculano Pires foi editar uma revista mensal, mas dirigida ao público do interior paulista. E assim, em fevereiro de 1947 nasceu “Cabocla”, uma revista em formato grande com trinta e duas páginas ilustradas. Tinha a capa em cores e as páginas em branco e preto, pois o capital era pequeno. Entre os anúncios aparecia o da Livraria Allan Kardec Editora – a editora fundada em 1936 pelo idealista Antônio Batista Lino, amigo de Herculano Pires e editor de “O Reino”. A revista, no entanto, não teve a repercussão que merecia e faliu.

A situação econômica do apóstolo mais uma vez tornara-se periclitante, dramática. Ficou nove meses desempregado. Foi nessa fase que traduziu do italiano o livro *Eu fui chefe de polícia de Mussolini*, para o Instituto Progresso Editorial.

O primeiro emprego de Herculano Pires na capital paulista foi o de colaborador efetivo da “Folha da Manhã”, um dos mais importantes jornais do país. E, meses depois, ocupou o mesmo cargo no “Jornal de São Paulo”. Na “Folha da Manhã” criou a seção “Homens, fatos e coisas do interior”. Herculano Pires tinha

agora em suas mãos dois grandes jornais diários. Aproveitou, pois, a oportunidade para redigir uma série verdadeiramente notável de artigos em defesa da então sofrida e marginalizada população rural, cujos problemas ninguém melhor do que ele conhecia. É importante ressaltar que esses artigos, além de demonstrar a firmeza e a retidão do caráter de Herculano Pires, colocam em evidência sua extraordinária coragem moral. Com esses artigos, que eram também denúncias, enfrentava ele os políticos corruptos, os impiedosos espoliadores do humilde caboclo do sertão paulista.

Pelas colunas do “Jornal de São Paulo” denunciava Herculano Pires:

“A maioria das cidades interioranas, por menores que sejam, mesmo as de mais fácil controle administrativo, e por mais ricas que sejam as suas áreas municipais, estão praticamente abandonadas em matéria de administração pública. O desleixo criminoso, o desinteresse pelos problemas locais de maior urgência, são os traços característicos da administração municipal que assola o interior.

Qual o motivo dessa quase uniformidade de indiferença administrativa, interior adentro? Por certo, aquela mesma “crise de vergonha” a que Morel Marcondes Reis se referiu, há dias, nestas colunas, em oportuno artigo. Pois não se pode aceitar outra explicação, para tão inexplicável fato.

Há cidades que têm sido verdadeiras vítimas de administradores desonestos, inteiramente desinteressados dos seus problemas. Enquanto o serviço municipal estava na dependência exclusiva dos poderes estaduais, sujeito aos caprichos da política administrativa do regime ditatorial, nada se podia fazer, e esses homens tripudiaram livremente sobre os direitos do povo. Mas agora que a democracia vai aos poucos se definindo em seus verdadeiros contornos, é preciso que eles sejam chamados a uma prestação de contas, e às explicações de que sempre se esquivaram, no tempo em que viviam como pequenos reis.

O interior é hoje uma terra-de-ninguém, em matéria administrativa. Porque, se os bons prefeitos puderam fazer alguma coisa, foi muito menos do que as necessidades exigiam, e os que os maus fizeram foi muito além do que os municípios podiam suportar. Diante de uma situação como essa, não seria demais se as câmaras municipais se transformassem em verdadeiros tribunais de julgamento público.”

Vejam agora alguns tópicos de mais dois artigos nobres de Herculano Pires, redigidos também em 1947, em defesa do nosso espoliado caboclo:

“No interior de São Paulo, que é, por certo, um dos mais assistidos do país, as populações rurais, assoladas pela opilação, pela malária, pelas verminoses, pela tuberculose e por um sem número de males derivantes da sífilis, estão praticamente abandonadas. O homem da roça vive como um animal, atirado ao trabalho e entregue a si mesmo. Mas, enquanto os dramas sombrios vão se desenrolando no fundo das sitiocas miseráveis, ou nas colônias das grandes fazendas, os médicos oficiais e os sanitaristas especializados bocejam de enfado nas salas dos centros de saúde e mandam pregar editais rigorosos nas esquinas e praças...

Não, estas coisas não podem continuar. Temos de fazer uma grande e profunda revolução nos métodos errôneos e criminosos de assistência sanitária, que até hoje viemos empregando nas desoladas regiões do interior de São Paulo. Senhores, não há verbas? Criemo-las sem demora, pois se há dinheiro para tantos esbanjamentos inúteis, com mais razão há de havê-lo para um trabalho tão necessário! Programa sanitário para o interior, com serviços permanentes nas zonas rurais, com funcionários que tenham por objetivo curar e socorrer, ensinando e alertando o povo, eis o de que realmente precisamos. E não mais esses pequenos centros de saúde com estrita função urbana, distribuindo ordenados a funcionários que vivem com as mãos pousadas nos regulamentos e os olhos nas folhas de pagamento.”

E Herculano Pires, da tribuna do jornal, volta a defender o caboclo paulista com estas palavras viris:

“Será uma nova injustiça praticada contra o caboclo – esteio carcomido, pobre esteio vacilante, devorado de misérias e de doenças, mas sempre esteio da nossa economia rural – o não se conceder a ele também o direito de adquirir com financiamento a longo prazo o trato de terra de que necessita para viver e sustentar a família. Não pratique o nosso governo mais essa clamorosa injustiça. Não permita que o nosso homem se estiole, explorado até a última gota de energia, nas fazendas feudais, gordamente financiadas pelos bancos oficiais...”

E agora, com a necessária veemência aliada ao amor ao próximo:

“O nosso caboclo não possui gado de raça, nem maquinaria agrícola ou experiência técnica... Mas possui o direito ao cultivo da terra em que nasceu, direito conquistado dolorosamente, a peso de suor, sangue e lágrimas, através de anos de martírio e de abandono. As crianças mortas aos milhões, ceifadas sem piedade pela miséria e a ignorância que lavram em nossos campos as famílias inteiras aniquiladas pelo pauperismo e pelas endemias, clamam no solo de São Paulo por um pouco de justiça e de compreensão, de parte dos nossos homens de poder e de dinheiro. Libertemos o caboclo da servidão em que vive, quando menos, no interesse da nossa própria liberdade, pois um povo que não sabe defender as suas reservas raciais é um simples rebanho a caminho da dominação alheia.”

Herculano Pires tinha trinta e três anos de idade quando publicou essa admirável série de artigos que poderia ser subscrita por Monteiro Lobato ou Rui Barbosa. Esses artigos, clamando por justiça social, demonstravam que a linhagem intelectual de Herculano Pires era, inegavelmente, a mesma daqueles dois gigantes da cultura brasileira.

Foi no decorrer do ano de 1947 que Herculano Pires conseguiu equilibrar, mais ou menos, sua vida profissional, ingressando nos “Diários Associados”, o fantástico império jornalístico criado pelo gênio de Assis Chateaubriand e que foi a maior rede de jornais, revistas, emissoras de Rádio e canais de Televisão da América do Sul. Totalizava oitenta e oito veículos: trinta e dois jornais diários, dezoito revistas, vinte e duas emissoras de Rádio e dezesseis canais de televisão espalhados em todo o país. A sede dos “Diários Associados” em São Paulo ficava no centro da cidade, na rua Sete de Abril nº 230. Herculano Pires ingressou como repórter e, meses depois, assumiu o cargo de cronista parlamentar, passando a fazer para os “Diários” a cobertura jornalística da Câmara Municipal de São Paulo, a qual ocupava, então, as dependências do velho Palácio Conde Prates, na rua Libero Badaró. A “Sala da Imprensa” ficava no andar térreo, onde Herculano Pires podia ser visto, à tarde, datilografando com dois dedos o noticiário da Câmara.

O grande jornalista (como grifou mestre Alceu Amoroso Lima) é aquele que escreve *depressa*, em face do *acontecimento do dia*, com *precisão* e no *menor número de palavras*, levando uma informação *exata* ao leitor e formando honestamente a *opinião pública*. Mais tarde, Herculano Pires seria presidente da Associação dos Cronistas Parlamentares da Câmara Municipal de São Paulo¹⁷ e ingressaria na Academia Paulista de Jornalismo, ocupando a cadeira cujo patrono – por ele mesmo escolhido – é Cornélio Pires. Não foi, pois, sem razão que Assis Chateaubriand tinha por Herculano Pires “uma admiração e uma ternura muito especial, além de profundo respeito pela integridade pessoal e intelectual.”¹⁸

Foi na Câmara Municipal, ainda em 1947, que Herculano Pires conheceu a figura carismática do professor Jânio Quadros, então jovem vereador e futuro presidente da República. Jânio Quadros era um tipo nervoso, ambicioso e sagaz, cheio de atitudes demagógicas e teatrais, mesmo quando não estava em campanha eleitoral. Era, porém, sincero em seu propósito de beneficiar a municipalidade e, por isso mesmo, Herculano Pires divulgava no “Diário de São Paulo” e no “Diário da Noite” notícias

sobre ele. Uma amizade desinteressada uniu-os. Herculano Pires encorajava-o a prosseguir na luta política, pois Jânio, pelo fato de ser querido pelo povo, era por demais combatido pelos seus pares. É o que revela a dedicatória de Jânio Quadros a Herculano Pires no opúsculo “Discurso de Paraninfo”, discurso de Jânio aos diplomandos do Colégio Dante Alighieri:

“A Herculano Pires, a quem devo encorajamento, com toda a estima de Jânio Quadros.

03-06-1948”

A figura de Jânio Quadros aparecerá, ainda, algumas vezes no desenrolar da vida de Herculano Pires. O epílogo dessa amizade foi tragicômico e será contado oportunamente.

Quando Herculano Pires desembarcou em São Paulo trazia nas malas originais datilografados de romances e poesias, entre eles *O Caminho do Meio*, um romance escrito em 1944, em Marília, que a Editora Brasiliense, então dirigida por Artur Neves, editaria. Não era uma obra-prima, mas revelava já nos primeiros contornos o forte talento criador de Herculano Pires, aguda observação psicológica, a par de um estilo depurado que dava às frases uma nova e encantadora magia. *O Caminho do Meio*, lançado por uma grande editora, não sacudiu, no entanto, os meios literários do país. Mas, os três mais famosos romancistas paulistas se ocuparam da obra. Afonso Schmidt, da Academia Paulista de Letras, escreveu no “Jornal de Notícias”:

“J. Herculano Pires foi direto à fonte da inquietação humana. Entrou pelo caminho da teologia, da metafísica, dos diferentes “ismos” em que se reparte a Humanidade. O capítulo primeiro da II Parte, em que o Mal discorre sobre o Bem, tratando-o de igual para igual, ninguém mais esquece. Um albigense de Tolosa não o teria sentido mais fundamente, um voltaireano da Grande Revolução não o teria contado com mais graça e desenvoltura.”

José Geraldo Vieira, também membro da Academia Paulista de Letras e que vivera alguns anos em Marília, observou pelas colunas do “Diário de São Paulo”:

“A sua concepção do Bem e do Mal fica equidistante da dialética e da controvérsia canônica.”

E Menotti Del Picchia, da Academia Brasileira de Letras, pela “A Gazeta”:

“É um sólido e bem construído romance.”

Herculano Pires, certamente, sorriu satisfeito ao ler essas opiniões. É de notar-se que, na verdade, *O Caminho do Meio* é um livro de ficção que pertence à literatura profana, mas desenvolvido sobre o plano da concepção espírita da vida e do mundo.

Nascimento da USE

Vimos que Herculano Pires instalara-se em São Paulo em fins de 1946. Nessa época o movimento espírita do Estado de São Paulo – o que vale dizer, de todo o país – carecia de unificação, não obstante a existência de instituições federativas, no interior paulista, de que era exemplo a Federação Espírita da Alta Sorocabana.¹⁹ Sediadas na capital haviam quatro instituições disputando o poder:

A União Federativa Espírita Paulista, que no dizer de Herculano Pires “chegou a encabeçar, de maneira jamais superada, o movimento espírita no Estado, promoveu uma vasta campanha para a fundação de uma rádio-emissora doutrinária, conseguindo levantar o capital necessário e lançar no ar a Rádio Piratininga, que marcou época em São Paulo. Pouco a pouco, porém, a emissora se desviou da sua verdadeira finalidade e caiu num verdadeiro torniquete financeiro, chegando a ter o seu prefixo cassado. Não foi mais possível a sua reabilitação. Na mesma época, a União Federativa mantinha uma das mais eficientes e bem feitas revistas doutrinárias do país, intitulada “O Revelador” e dirigida pelo jornalista e radialista Odilon Negrão”. A União Federativa Espírita Paulista, fundada em 2 de fevereiro de 1933 por Moreira Machado, era presidida em 1946 pelo confrade Caetano Mero (o autor deste livro conheceu-o bem), que por ser individualista demais e usar de uma maneira estranha de efetuar

negócios, levou a Rádio Piratininga à falência e a instituição ao total descrédito – instituição que, diga-se de passagem, teve Vinicius como presidente em 1935, além de Romeu do Amaral Camargo e Benedito Godoy Paiva como colaboradores.

Existiam, ainda, a Liga Espírita do Estado de São Paulo, de menor prestígio, fundada a 2 de janeiro de 1944 e que teve na presidência Antenor Ramos; a Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, fundada em 31 de agosto de 1916 por Antônio José Trindade, um português de grande coração, bem falante e envolvente, mas carente de conhecimentos doutrinários. Basta dizer que na fachada da sinagoga, na parte de cima, viam-se imagens exóticas, como a de um grande animal de quatro patas, lembrando um burro, mas com asas..., e no interior figuras bíblicas coloridas. Antônio José Trindade dizia-se assistido por Moisés, o libertador do povo israelita. Não obstante os graves desvios doutrinários, conseguiu ele realizar admirável trabalho de assistência social com sua famosa “Cozinha dos Pobres”, cujas portas não se fechavam nem mesmo nos feriados. E, por fim, a Federação Espírita do Estado de São Paulo, em cuja presidência, devido à renúncia de João Batista Pereira, encontrava-se Américo Montagnini, mas na condição de testa-de-ferro, porque na verdade era a instituição dirigida pelo secretário-geral, o comandante Edgard Armond, homem sincero, culto e de forte personalidade. Coronel aposentado pela Força Pública do Estado de São Paulo (atual Polícia Militar), nada se fazia na Federação sem sua autorização. O fato era público e notório. Realizou, é inegável, grandes coisas, mas, fascinado por idéias místicas do Oriente, introduziu-as em seus livros e nos cursos da Federação criados por ele mesmo. E esse foi, senão o seu único erro, no entanto o mais grave de quantos cometeu. Se não era boa a situação das quatro instituições que disputavam a liderança do Espiritismo em São Paulo, evidentemente, bem pior devia ser a dos centros espíritas. Na verdade, quando Herculano Pires chegou a São Paulo a situação dos centros era caótica – em todo o Brasil –, acrescentasse. Uma pesquisa²⁰ realizada em 1945 revelava no movimento doutrinário paulista, entre outras aberrações, as seguintes:

- a) desvirtuamento da doutrina por força de interpretações capciosas e individualistas e de práticas nocivas, visando interesses e ambições pessoais, com evidente desprezo dos seus postulados fundamentais, mormente os do campo moral;
- b) disseminação de práticas exóticas, misto de magia e de superstição, com a introdução de outros credos, e cerimônias religiosas de estranho aspecto e significação;
- c) infiltração nas fileiras espíritas de ideologias estranhas, ligadas a movimentos político-revolucionários e tentativas reiteradas de dominação político-partidária, tudo incompatível com as finalidades essenciais da doutrina.

Grande, pois, era a confusão doutrinária. E já existiam no Estado de São Paulo setecentas e trinta e três instituições “espíritas” devidamente registradas de acordo com a lei, sendo que as filiadas à Federação, Liga, União Federativa e Sinagoga eram menos que a metade... E cada qual seguia sua própria orientação... Na verdade, quantas tinham por base a Codificação kardeciana? Em 1947 funcionavam o Centro Espírita “Santíssima Trindade”; Centro Espírita “As Três Marias Virgens”; Centro Espírita “Indiano”, etc. E as instituições rotuladas de espíritas e que, na verdade, praticavam também a Umbanda?

Era premente o trabalho de unificação dos centros espíritas. Mas, como realizar a exaustiva tarefa? Forçoso é reconhecer que as quatro instituições federativas haviam fracassado. Dos setecentos e trinta e três centros espíritas existentes no Estado de São Paulo elas só haviam conseguido filiar duzentos e noventa.

Edgard Armond entendia, porém, que se a União Federativa Espírita Paulista, a Liga Espírita do Estado de São Paulo, a Sinagoga Espírita Nova Jerusalém e a própria Federação Espírita do Estado de São Paulo se comprometessem a não mais disputar o poder e, em nome da fraternidade trabalhassem unidas no sentido de se criar um novo organismo com o objetivo precípua de unir os centros espíritas e difundir a Doutrina em seu tríplice aspecto – científico, filosófico e religioso –, a crise que assolava o movimento doutrinário paulista seria debelada. Para isso,

promoveu duas reuniões com representantes daquelas instituições, tendo ficado resolvido que o movimento de unificação dos centros espíritas, primeiramente intitulado de “Movimento de Unificação Espírita”, chamar-se-ia “União Social Espírita” (USE). O plano tinha por base três itens:

- 1) arregimentação de todas as entidades estaduais em torno da legenda unificadora;
- 2) levantamento censitário de todo o movimento espírita estadual;
- 3) convocação do I Congresso Espírita Estadual, como complemento e remate do movimento, devendo desse congresso sair a entidade permanente e oficial da unificação.

O plano de Armond parecia perfeito, até porque o congresso trataria, única e exclusivamente, da unificação do movimento espírita. Então, uma “Proclamação aos Espíritas” foi amplamente divulgada em todo o Estado de São Paulo, na qual se garantia que “um empreendimento dessa natureza está completamente fora de qualquer cogitação de caráter político-partidário e só pode congrega os trabalhadores do Bem que visam exclusivamente o estudo, a prática e a difusão da doutrina” – oportuna advertência que, por certo, desagradou aos confrades políticos, que visando interesses particulares conspurcavam os centros espíritas com folhetos de propaganda, implorando voto.

O I Congresso Espírita do Estado de São Paulo realizou-se de 1 a 5 de junho de 1947 na capital paulista. Herculano Pires com seus trinta e três anos de idade não conhecia, até então, pessoalmente, Edgard Armond, muito mais velho. E nem o grupo que se reunia em torno do comandante, a não ser dois que haviam participado do I Congresso Espírita da Alta Paulista realizado em Marília. Não lhe pareceu fácil colaborar com os líderes espíritas de São Paulo. Conta Herculano:

“Procurei ligar-me ao movimento, mas encontrei muitas dificuldades. Afastei-me. Certo dia, Vinícius me procurou e me disse: “Precisamos de você na USE em formação. Bezerra de Menezes me incumbiu de procurá-lo. Disse que você tem ex-

perícia e pode ajudar-nos.” Fiquei radiante e integrei-me no movimento.”

Na verdade, quando Herculano Pires ligou-se ao movimento doutrinário, já estava aprovado o projeto geral do I Congresso Espírita do Estado de São Paulo. Mas, muito colaborou com sua realização, pois havia adquirido experiência com o Congresso de Marília.²¹ Entregou-se a esse trabalho durante meses consecutivos. Mas não apresentou tese. Preferiu trabalhar no congresso como Diretor de Propaganda e na “Comissão de Teses”, juntamente com Vinícius e outros confrades. Examinou 34 teses, separando o joio do trigo. A tese vencedora foi a de Edgard Armond. Nesse congresso foi a USE fundada no dia 5 de junho de 1947, tendo já 551 instituições doutrinárias adesas. Edgard Armond, inegavelmente, o “pai” da USE, foi seu primeiro presidente. Vinícius, Júlio Abreu Filho e Herculano Pires, entre outros confrades ilustres, fizeram parte do Conselho Deliberativo da USE, a qual, a partir de 1952, passou a denominar-se “União das Sociedades Espíritas”, conservando, assim, a mesma sigla. Em 1952 Herculano Pires elegeu-se vice-presidente da USE, mas em meados de 1955, escreveu ele, “diante dos rumos que o movimento começou a tomar (políticos), renunciei ao cargo e passei a figurar apenas no Conselho Deliberativo, representando o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo.”

Anos depois, referindo-se à USE, escreveria Herculano Pires com o infalível bom senso:

“Nenhum Centro e nenhum Grupo Espírita gozam de liberdade se estão sob a autoridade de uma instituição de cúpula. Não há responsabilidade onde prevalece a padronização. O Espiritismo não é fábrica de robôs, de autômatos, mas doutrina de criaturas livres e conscientes.”

E arrematou:

“Para evitar o autoritarismo, a USE ficou proibida nos estatutos de possuir qualquer espécie de propriedade. Devia funcionar em sedes de entidades já constituídas, evitando sempre a aquisição de bens materiais. Assim, não teria a possibilida-

de de converter-se numa instituição vaticânica. Sua finalidade não era mandar, padronizar, ditar normas, mas apenas estabelecer o relacionamento fraterno das entidades doutrinárias, para trabalhos em comum.”

Mas, volúvel é o ser humano e por isso, às vezes, absurdos são cometidos. Encabeçando as 551 instituições adesas à USE estavam a Federação Espírita do Estado de São Paulo, União Federativa Espírita Paulista, Liga Espírita do Estado de São Paulo e Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, as quais – é importante lembrar – tinham-se comprometido, publicamente, a não mais filiar centros espíritas. Pois bem: tempos depois, voltou a Federação Espírita do Estado de São Paulo a federar, rompendo o compromisso com a USE – com a autorização, portanto, do próprio “pai” da USE, o secretário-geral da FEESP, Edgard Armond.²² O fato não aconteceria se a Federação Espírita do Estado de São Paulo tivesse trocado de nome... A Liga Espírita do Estado de São Paulo e a União Federativa Espírita Paulista, por sua vez, deixaram de federar, passando a atuar como centros espíritas, mas... a exemplo da FEESP, também não trocaram de nome. E isso, evidentemente, serviu apenas para confundir o público.

A verdade sobre o pseudônimo “Irmão Saulo”

A missão de Herculano Pires começava a exigir muito mais e o mestre passou a atender os pedidos de instituições sediadas fora de São Paulo para realizar palestras e cursos de Espiritismo. No mês de agosto de 1948 esteve em Matão. Hospedou-se na residência de seu amigo e médium Urbano de Assis Xavier e proferiu no Centro Espírita “Amantes da Pobreza”, fundado pelo notável apóstolo Cairbar Schutel, três conferências: “O Espiritismo e o Cristianismo”, “O Espiritismo e os Problemas Humanos” e “O Espiritismo em face da Educação da Mocidade”. A reportagem do tradicional jornal de Matão “A Comarca” esteve presente e em crônica na primeira página assim se referiu a Herculano Pires:

“Ouvimos as primeiras conferências do jovem espírita e brilhante jornalista, de quem podemos dizer que é um orador completo, pela maneira simples de explicar os assuntos de suas teses, pela simpatia com que se apresenta na tribuna e pela sinceridade que imprime às suas palavras.”

Um pormenor que não pode passar despercebido: Herculano Pires, para bem realizar sua missão espírita, se viu obrigado em 1948 a reduzir a atividade profissional. Deixou a “folha da Manhã” e o “Jornal de São Paulo”, ficando apenas nos “Diários Associados”, embora o salário fosse pequeno. É quando passou a fazer uso do pseudônimo “Irmão Saulo”, cuja história com lances dramáticos merece registro especial.

Em 1948 publicava o “Diário de São Paulo” uma coluna espírita diária sob a responsabilidade da Federação Espírita do Estado de São Paulo. O precioso espaço era mal aproveitado porque a FEESP divulgava apenas mensagens psicografadas já conhecidas do público e trechos da obra *A Grande Síntese*, de Pietro Ubaldi. Foi por essas razões que a coluna saiu das mãos do redator da FEESP para as de “Irmão Saulo”, que a tornou famosa. O fato serviu para que Adenolf Póvoas, que se dizia espírita, mas era autor de *Lama no Espiritismo* (tenebroso livro que caluniava companheiros nossos) acusasse “Irmão Saulo” de haver roubado da FEESP a coluna. Herculano Pires achou melhor calar-se, já que Adenolf era escritor desacreditado; mas a pulga ficara atrás da orelha de alguns confrades invejosos... O tempo, no entanto, tudo esclarece. Vamos, pois, agora narrar com detalhes a verdade.

Em seu diário íntimo, escreveu Herculano Pires estas palavras:

“Acusava-me de haver roubado a coluna Espírita, que durante vinte e tantos anos publiquei no “Diário de São Paulo”, das mãos dos dirigentes da Federação Espírita do Estado de São Paulo. E citava, como sua fonte de informações, Benedito Godoy Paiva, autor de *Quando o Evangelho diz não*. Nunca me interessei por apurar a verdade. Tratava-se de uma tolice. Passei a fazer a crônica quando Hermínio Sacchetta, as-

sumindo a direção do “Diário”, considerou inútil a coluna que a Federação mantinha e resolveu suprimi-la.²³ Chamou então Wandick de Freitas e eu, que éramos redatores, e propôs-nos que assumíssemos a seção e lhe déssemos um caráter jornalístico mais dinâmico e atualizado.”

E Herculano Pires prossegue:

“Eu e o Wandick nos prontificamos a atender, evitando a perda da coluna, e convidamos Odilon Negrão para nos ajudar. Foi então que inventei o pseudônimo coletivo de Irmão Saulo, em homenagem a Saulo de Tarso, o apóstolo espírita da 1ª Epístola aos Coríntios, onde expõe vários princípios espíritas e relata como se faziam sessões mediúnicas no seu tempo. Wandick e Odilon me deixaram só e o pseudônimo coletivo se tornou individual. Póvoas não sabia nada disso.”

Adenolf Póvoas padecia de forte obsessão espiritual. Desencarnou em São Paulo quando intervinha em um assalto a mão armada no armazém que ele frequentava. Recebeu três tiros no peito por haver aconselhado os delinquentes a desistirem do assalto. O infeliz Adenolf contava mais de setenta anos de idade.

A seção espírita do “Diário de São Paulo” tinha, aproximadamente, quinze centímetros de altura e era diária. Manteve-se assim por quinze anos, mas depois tornou-se dominical e em compensação passou a ocupar duas colunas de vinte centímetros de altura, ganhando destaque. Além de uma crônica ou artigo, divulgava nela Herculano Pires os principais acontecimentos, mas se necessário defenderia a integridade da Doutrina, mesmo se atacada dentro do movimento doutrinário, porque entendia o apóstolo que “aqueles que desejam oferecer ao público uma imagem artificial do movimento espírita enganam-se a si mesmos, antes de enganar os outros”. E mais: O Espiritismo, por oferecer a Verdade, “não pode conciliar-se com as simulações e fantasias das convenções humanas”.

A Coluna Espírita marcou época. Boa parte do público interessado nos problemas espirituais adquiria o jornal devido às crônicas. O pseudônimo tornara-se respeitado porque “Irmão Saulo” discutia os temas com profundidade jamais igualada,

encantando os leitores; inclusive, porque era seu estilo literário incisivo e elegante, mas sóbrio, pleno de musicalidade e magia. Estilo olímpico. Redigidas com o bom senso kardeciano, ou seja, com muita sabedoria, mas sem paixão, as crônicas do apóstolo movimentavam a opinião pública. Uma delas, por exemplo, transcrita em setembro de 1960 pelo jornal “O Imparcial”, de Araraquara, e intitulada “Praticar a caridade é cumprir o mandamento do amor ao próximo”, repercutiu na Câmara Municipal daquela cidade. Os vereadores Célio Biller Teixeira e Flávio Thomaz de Aquino fizeram constar em ata um voto de louvor a Irmão Saulo por haver “defendido de maneira impecável sua fé espírita com profundo respeito à opinião de outros religiosos”.

Herculano Pires, agradecendo o voto de louvor, declarou: “O gesto de Vossas Excelências é tanto mais significativo por ter partido de quem não segue os meus ideais religiosos. Essa compreensão humana, que supera os sectarismos exclusivistas do passado, é característica da civilização. Defendendo-a, defendemos o próprio homem, cuja essência e cujo destino devem estar sempre acima dos sistemas de ideias ou de crenças.”

O célebre médium Chico Xavier, em carta datada de 31 de outubro de 1971 endereçada a Herculano Pires, assim se referiu às crônicas:

“As suas crônicas aos domingos, no “Diário” estão admiráveis. A Doutrina Espírita sempre brilhando em seus conceitos e esclarecimentos com o equilíbrio, elegância, elevação e bom senso que lhe caracterizam os recursos de Missionário da Nova Revelação.”

É evidente que as crônicas do apóstolo de Kardec não poderiam permanecer soterradas no arquivo dos jornais. E, por sugestão de Jorge Rizzini, o editor Frederico Giannini lançou em 1962, com o selo da Editora Edicel, uma coletânea que recebeu de Herculano Pires o título *Os Três Caminhos de Hécate*. Vinte anos depois a Editora Correio Fraterno do ABC lançaria mais quatro coletâneas: *O Homem Novo*, *O Infinito e o Finito*, *Visão Espírita da Bíblia* e *O Mistério do Bem e do Mal*. É de esperar-se que outras surjam...

A extinção da coluna espírita no “Diário de São Paulo” foi um momento amargo na vida de Herculano Pires. Ele a redigiu por mais de vinte anos, ininterruptamente – e sem aceitar um centavo a mais do jornal.²⁴

Herculano Pires e a imprensa espírita

O leitor, certamente, há de querer saber o que pensava o apóstolo de Kardec sobre a imprensa espírita brasileira – ele que era mestre maior em jornalismo. Antes de satisfazermos essa curiosidade, informemos que o professor Herculano Pires nutria por duas razões profunda admiração pelo jornalista baiano Luiz Olímpio Teles de Menezes: primeiro, por ser este o pai da imprensa espírita em língua portuguesa; depois, por haver ele fundado em Salvador (Bahia) o “Grupo Familiar do Espiritismo”, instituição que é – como bem acentuou Herculano Pires – a legítima *casa máter* do Espiritismo no Brasil, pois sua fundação deu-se em 1865, ou seja, vinte anos antes da Federação Espírita Brasileira.

Teles de Menezes visto por Herculano Pires

Por ocasião das comemorações do Primeiro Centenário da Imprensa Espírita Brasileira (o célebre jornal pioneiro “O Eco do Além Túmulo” veio à luz em 1869), Herculano Pires, sob o pseudônimo de Irmão Saulo, publicou no “Diário de São Paulo” um belo artigo enaltecendo Luiz Olímpio Teles de Menezes. Ressuscitemos essa página:

“Teles de Menezes, o bravo jornalista, escritor e professor baiano que desfraldou a bandeira do Espiritismo em nossa imprensa, era abolicionista, lutava pela libertação dos escravos com o mais puro idealismo. Teve a feliz lembrança de ligar o seu jornal “O Eco de Além Túmulo”, primeiro número, à Campanha Abolicionista, destinando um mil réis de cada assinatura para a alforria de crianças negras de sexo feminino entre 4 e 7 anos.

Assim, a imprensa espírita no Brasil nasceu perfeitamente integrada em sua dupla função libertária. Lutando pela libertação espiritual do homem, empenhava-se também na sua li-

bertação material. É fácil compreendermos as dificuldades enfrentadas por esse jornal, lançado em julho de 1869, em pleno Império, que tinha o Catolicismo como religião oficial. A coragem de Teles de Menezes foi louvada pela *Revista Espírita*, de Allan Kardec. Além do problema religioso, “O Eco de Além Túmulo” enfrentava também o problema político, alistando-se ao lado dos que trabalhavam pela abolição da escravidão.

Esse ilustre e grande espírita baiano que foi Teles de Menezes deixou-nos um exemplo de firmeza doutrinária. Levantou contra ele o mundo católico da época, dominado por um fanatismo violento, e não se atemorizou de levantar também os senhores de escravos, feridos em seus interesses econômicos e financeiros pela luta abolicionista. Foi um nobre e belo gesto que devemos ter sempre em mente, quando o demônio das conveniências e do comodismo quiser afastar-nos do cumprimento de nossos deveres mais duros. Teles de Menezes compreendeu que não podia sustentar os princípios espíritas de fraternidade e caridade se não desse seu testemunho contra o desumano sistema de escravidão negra no Brasil.

O Espiritismo, como os Espíritos do Senhor, ensinaram e Kardec repetiu incessantemente, é uma doutrina que se destina a elevar a Terra na escala dos mundos. Não é apenas uma consolação pessoal, um lenitivo para as nossas dores e angústias individuais. É um verdadeiro impulso de transformação coletiva da Humanidade. Teles de Menezes deixou isso bem marcado no lançamento do primeiro jornal espírita no Brasil. Há cem anos ele soube fazer do Espiritismo uma bandeira de luta pela transformação do homem e da sociedade, através do ensino e da prática do bem.

Elevemos a ele – conclui Herculano – o nosso pensamento de gratidão neste centésimo ano do seu gesto pioneiro. Luiz Olímpio Teles de Menezes não foi apenas o primeiro jornalista espírita do Brasil, mas também o exemplo e o modelo do verdadeiro jornalista espírita para todo o mundo.”

Uma visão realista da imprensa espírita

Herculano Pires desde sua conversão preocupou-se com os rumos da imprensa espírita. Em uma entrevista estampada em 1975 no “Anuário Allan Kardec”, da editora Lake, o mestre fez uma análise do jornalismo doutrinário, profunda e perspicaz. Pincemos alguns trechos básicos.

“Encaro a imprensa espírita como uma necessidade natural da divulgação doutrinária, da interligação dos grupos, centros e demais instituições, da movimentação de opiniões e discussão de temas para a boa orientação do movimento doutrinário. É a isso que ela se propõe, desde o lançamento da *Revista Espírita*, de Allan Kardec, primeiro órgão da imprensa espírita no mundo, e em nosso país desde o aparecimento de “O Eco de Além Túmulo”, o admirável jornal de Luiz Olímpio Teles de Menezes, que circulou em Salvador, na Bahia, a partir de julho de 1869.

A imprensa espírita se dirige, portanto, a dois públicos: o espírita e o não espírita. No tocante a este último, sua função é não somente de divulgação e esclarecimento da doutrina, mas também de participação dos problemas que se relacionam com os ideais espíritas. A *Revista Espírita*, por exemplo, noticiava e comentava acontecimentos extradoutrinários que de alguma forma interessavam à doutrina. “O Eco de Além Túmulo” fazia o mesmo, interessando-se por questões que se relacionavam com os princípios doutrinários, como no caso da Abolição da Escravatura. O “Eco” chegou a destinar uma parcela de suas rendas a uma caixa destinada a libertar escravos. Participou ativa e corajosamente da campanha abolicionista.

Sendo o Espiritismo uma doutrina de vivência social, destinada a influir na transformação do mundo, não se pode conceber uma imprensa espírita alheia ao mundo, engolfada em si mesma. Jornais e revistas espíritas não podem ser apenas boletins doutrinários afastados da realidade social, mas também não devem ultrapassar os limites dos interesses doutrinários e imiscuir-se em debates políticos ou disputas de grupos.

Sua função principal é esclarecer e orientar os rumos da doutrina.

Não há dúvida que temos uma imprensa espírita atuante, com numerosos órgãos, alguns de longa tradição. Apesar disso, falta-lhe maturidade. Muitos desses órgãos são puramente locais, restritos a um bairro ou a uma cidade, e outros se colocam a serviço executivo da instituição mantenedora, como se fossem boletins particulares. Outros se desgastam chovendo no molhado, só publicando mensagens mediúnicas e pequenos artigos sobre questões pacíficas. Temem a discussão, o debate, a agitação de ideias. Com o movimento de unificação estabeleceu-se um clima de autocensura que vai reduzindo nossa imprensa espírita a uma apatia medrosa, como se estivesse submetida a uma orientação eclesiástica. As mensagens de Emmanuel contra a crítica maledicente foram interpretadas como condenação da crítica em geral. A palavra *crítica* virou sinônimo de pecado. São poucos os órgãos abertos, arejados, como o jornal “Mundo Espírita”, do Paraná, que se pode ler sem a sensação desagradável de asfixia, de sujeição servil a grupos autoritários. (Ao tempo em que Herculano deu esta entrevista quem dirigia “Mundo Espírita” era Lauro Scheleder.)

Por outro lado, há casos curiosos de órgãos sem nenhum critério doutrinário, divulgadores de matérias que contrariam princípios fundamentais do Espiritismo, revelando ignorância ou displicência de seus diretores e redatores. Os congressos de jornalistas espíritas têm por finalidade modificar esse panorama tristonho, dar maior consciência jornalística aos que militam em nossa imprensa espírita, mas seus resultados têm sido limitados pela falta de apresentação de teses que coloquem esses problemas em debate.

Não é fácil conseguir-se correções imediatas dessa situação. Ela resulta, em primeiro lugar, da falta generalizada de cultura em que vivemos e especialmente da falta de cultura espírita. Somente nos últimos trinta anos o nosso país começou a sair de um longo sono de ignorância generalizada, em que vegetava a maioria da população. À tona dessa indolên-

cia mental flutuava, como estranha floração, uma elite cultural bacharelesca, dominada por influências europeias e norte-americanas. Essa elite recebeu o Espiritismo como uma novidade que chegava da França, mas logo o desprezou, em face das campanhas desencadeadas por padres e médicos, que confundiam o Espiritismo com macumba e feitiçaria. O povo então o acolheu, pois a intuição popular reagiu contra o pedantismo das elites. Mas o nível baixo da cultura popular não permitiu o desenvolvimento da doutrina entre nós.

Os resíduos desse populismo espírita continuam dominando a nossa gente. E na proporção em que o número de adeptos crescia, surgiam os chamados líderes espíritas, que podemos classificar, a grosso modo, em dois tipos dominantes: os místicos ignorantes, gente de boa fé, mas incapazes de compreender a doutrina, e os pastores, de nível cultural mediano, que apascentavam os rebanhos com suas cantilenas românticas. Desses dois tipos nasceram os criadores da imprensa espírita, cujos rebentos são hoje os amadores e as vedetes. Os primeiros, os amadores, são criaturas boas e bem intencionadas, que sustentam jornais e revistas com dedicação, mas sem espírito jornalístico. Os segundos, as vedetes, são criaturas ativas e inquietas que pretendem brilhar nas folhas espíritas, tratando a doutrina com superficialidade e exibindo uma cultura de empréstimo. De um lado e de outro desfiguram o Espiritismo acreditando que o servem.

Os mais perigosos são as vedetes, que não perdem a menor oportunidade de exhibir-se nas folhas modestas ou nas pretensas tribunas dos centros, com arroubos oratórios que arrançam chuvas de palmas da assistência.

Isso, naturalmente, num sentido geral, porque felizmente há criaturas sinceras que lêem e estudam, escrevendo com bom senso e procurando ensinar ao povo a verdadeira doutrina. São os jornalistas e oradores que nos salvam o sal (embora apenas uma pitada) que dá sabor à imprensa espírita. Não fossem esses elementos responsáveis e não teríamos imprensa. São eles os descendentes espirituais de Luiz Olímpio, de

Bezerra, de Batuira, de Cairbar Schutel, de Petitinga e outros
nomes apostolares do passado.”

8

Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo (a menina dos olhos de Herculano Pires)

Este é um capítulo muito especial. Longo, mas temos certeza de que o leitor saberá apreciá-lo porque registra momentos históricos de grande beleza espiritual, embora, paralelamente, apareçam fatos lamentáveis envolvendo a doutrina, fatos que não ocultamos por uma questão de fidelidade à História do Espiritismo. Agora que o leitor está de posse do pensamento de Herculano Pires sobre a imprensa espírita em nosso país, certamente deduziu os motivos que o levaram a criar o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo.



Flagrante da fundação do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo

A história desse clube *sui-generis* emociona, mas comecemos do começo.

Fundação do Clube

Herculano Pires, numa clara manhã de janeiro de 1948, despertara e, como de costume, concentrara o pensamento em Maria, mãe de Jesus, e orou, rogando proteção, pois iria reunir-se com alguns confrades com o objetivo de fundar a primeira

instituição em todo o mundo a congregar jornalistas e escritores espíritas – o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo.

Curioso o fato de Herculano Pires todas as manhãs orar a Maria. Ele próprio, porém, explica-nos:

“Espírito elevadíssimo, a quem coube a missão indiscutivelmente superior de conceber o corpo que devia servir a Jesus de Nazaré na sua missão divina, Maria ocupa lugar de relevância no pensamento espírita. O Espiritismo a reverencia, portanto, como expressão de pureza espiritual, de elevação moral, de abnegação e de obediência às determinações do Alto. Uma prece a Maria, portanto, terá tanto valor como a prece dirigida a um espírito da mais elevada hierarquia espiritual.”²⁵

E sobre o ato de orar:

“A prece verdadeira, brotada do íntimo, como a fonte límpida brota das entranhas da terra, é de um poder não calculado pelo homem. O espírita deve utilizar-se constantemente da prece. Ela lhe acalmará o coração inquieto e aclarará os caminhos do mundo.”²⁶

A reunião deu-se na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Data histórica: 23 de janeiro de 1948. Presentes quinze confrades da imprensa escrita e falada, inclusive profissionais: Odilon Negrão, da Rádio e Jornal “A Gazeta”, cuja esposa, Hilda Negrão, era notável médium de efeitos físicos; Domingos Antônio d’Angelo Neto, de “A Noite”; Wandick de Freitas, do “Jornal de Notícias” e presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo; Demetre Abraão Nami, do “Diário do Comércio”; Jorge Mussa, da “Folha da Manhã”; José Herculano Pires, dos “Diários Associados” e idealizador do Clube, que, por sua indicação, teve o Espírito Batuira por patrono; e, entre outros, Paulo Alves Godoy, da revista “O Revelador”, da União Federativa Paulista. A valorosa companheira Anita Brisa, que presidia o Centro Espírita Três de Outubro, participou da solenidade.

Herculano Pires, por unanimidade eleito presidente do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, fora empossado pelo presidente provisório d'Angelo Neto. O apóstolo de Kardec elegeu-se por dois motivos básicos: conhecimento profundo dos três aspectos do Espiritismo aliado à sua moral inatacável, dentro e fora do movimento doutrinário (lembramos que a Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas – ABRAJEE, que teve Deolindo Amorim como primeiro presidente, foi fundada no Rio de Janeiro em 1976, ou seja, vinte e oito anos depois do Clube).

A sede social do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo (escritores podiam fazer parte do quadro social) funcionava, inicialmente, no escritório de advocacia de Domingos Antônio d'Angelo Neto, na Praça da Sé nº 297, 4º andar, sala 418 (Palacete Santa Helena). As reuniões eram realizadas no segundo sábado de cada mês, às dezoito horas, e ao lado de Herculano viam-se outros confrades também inesquecíveis: Pedro Granja, autor de *Afinal, quem somos?*, que Monteiro Lobato prefaciou, Júlio Abreu Filho (tradutor da *Revista Espírita*, de Kardec), Luísa Peçanha Camargo Branco, etc.. Dois ou três anos depois foi a sede transferida para a rua de São Bento nº 21, sobreloja, cujo prédio – também no coração da cidade – era propriedade do confrade Heitor Giuliani. Foi quando se associaram Jorge Rizzini, Américo Della Monica, Hugo de Freitas Cunha, Vicente S. Neto, Jorge Reina Filho, os irmãos Vicente e Alfredo Cruso, Fernando Campos Ferreira da Cunha (português, representante da Federação Espírita Portuguesa), Manoel Tavares, Renato Wash Rodrigues, Aristides Lobo e outros.

O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo não era formado apenas de elementos da imprensa falada e escrita. Escritores faziam parte do quadro associativo. Essa notável instituição democrática funcionava pelo sistema de “mesa-redonda”, ou seja, do livre debate, em pé de igualdade, de todos os assuntos, por todos os associados, reunidos livremente, sem submissão a nenhum presidente, diretor ou diretoria. A diretoria do Clube era organismo executivo e as deliberações sempre eram tomadas pela “mesa redonda”.

Eis o artigo onze dos Estatutos:

“A mesa-redonda do Clube é o poder máximo da entidade, incumbindo-lhe referendar ou não os atos da diretoria executiva, assim como determinar àquela as providências que julgar oportunas no cumprimento do programa social.”

Três eram os objetivos do Clube: apoio aos empreendimentos em prol da fraternidade universal, difusão da Doutrina Espírita e preservação da pureza doutrinária.

Nesse esforço de preservação estava incluída a defesa da liberdade do movimento espírita, pois o Clube só admitia a unificação do movimento no plano da colaboração permanente entre as entidades, sem autoritarismo, conforme escrevera o próprio Herculano Pires.

Duas ações além-fronteiras

A ação do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo não se limitaria, porém, ao movimento doutrinário paulista. Foi além. Quando a prática do Espiritismo sofreu duras restrições na Argentina durante o governo do general Peron (os médiuns eram obrigados a se registrarem no Departamento de Psicopatologia, com fichário de exames psiquiátricos, como se fossem doentes mentais), o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo enviou um telegrama de protesto ao ditador argentino, fato amplamente noticiado pela imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro. Significativa, também, foi a campanha popular promovida pelo Clube em favor de Caryl Chessman, condenado à morte na cadeira elétrica. Os diretores do Clube espalharam-se pela cidade, recolheram milhares de assinaturas que foram enviadas ao presidente dos Estados Unidos juntamente com o pedido de clemência. Outros países fizeram o mesmo. Foi nobre e bela a ação do Clube, mas a justiça norte-americana jogou no cesto o pedido e as assinaturas e eletrocutou o infeliz Chessman, apesar de não haver prova definitiva de que fosse ele o “bandido da luz vermelha” – e, acrescente-se, apesar de Chessman no cárcere tornar-se

um talentoso escritor. Escreveu sobre seu caso livros que abalaram o mundo, como *A Face Cruel da Justiça* e *A Cela da Morte*.

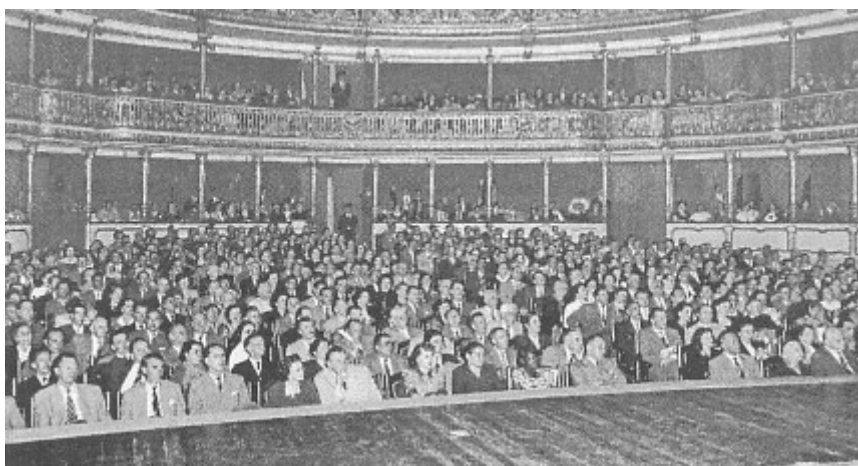
O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo era tão respeitado pelo povo e instituições culturais, que em 1950 recebeu da Fundação e Escola de Jornalismo Casper Libero (a primeira escola de jornalismo fundada no Brasil e subordinada à Universidade Católica de São Paulo) convite para a solenidade de colação de grau da primeira turma que concluiu o curso. A solenidade realizou-se no Teatro Municipal e o paraninfo foi o cardeal-arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. Herculano Pires não teve dúvida: compareceu, representando o Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas de São Paulo.

Campanha do Livro Espírita no Teatro Municipal

Herculano Pires gostava de realizar, através do Clube, grandes campanhas populares, de que é exemplo a memorável “Campanha do Livro Espírita”. Ela foi iniciada, solenemente, no Teatro Municipal de São Paulo na noite de 18 de abril de 1950. O jornal “O Kardecista” (órgão oficial do Clube, vindo à luz em 31 de março de 1950 sob a direção de Herculano e cujo conselho de redação era formado por Domingos d’Angelo Neto, Pedro Granja e Wandick de Freitas) comenta que “não foi simplesmente uma festa espírita de grande repercussão, a que se realizou dia 18 de abril último, no Teatro Municipal de São Paulo. A solenidade que conseguiu levar para o maior teatro da capital cerca de dois mil espíritas, quinhentos dos quais tiveram de voltar da porta por absoluta falta de lugares, foi, acima de tudo, um marco histórico do movimento espírita em nosso Estado e no Brasil”.

O evento, inegavelmente, foi um marco. Participaram da mesa representantes do Governador do Estado, prefeito municipal, presidente da Câmara Municipal e comandantes da Força Policial e da Guarda Civil. O presidente da edilidade paulistana, Marrey Júnior, enviou um ofício congratulando-se com o Clube pelo transcurso da data. A solenidade teve início com a execução

do Hino Nacional pela Banda da Guarda Civil de São Paulo. Em seguida, Herculano Pires, que presidia a mesa, após discursar sobre a importância da data 18 de abril de 1957 – data em que Allan Kardec lançara ao mundo *O Livro dos Espíritos* – deu posse à primeira diretoria da Caixa do Livro Espírita (novo departamento do Clube com o objetivo de editar e vender as obras da Codificação a preço abaixo do custo), assumindo Domingos Antônio d'Angelo Neto a presidência e Pedro Granja o cargo de diretor técnico. Terminada a parte artística com a mezzo-soprano Diva Alves, da Rádio Gazeta, e números de piano com a concertista Elza de Oliveira Dertonio, ouviram-se três oradores: Pedro Granja fez uma apreciação sobre Kardec e o Espiritismo; D'Angelo Neto abordou com muita verve o tema “Chico Xavier, elo de luz entre o Céu e a Terra”; e o deputado Campos Vergal, notável orador espiritualista, finalizou com o tema “A guerra fora da lei e fora da humanidade”.



Campanha do livro espírita – Teatro Municipal

Para assinalar de maneira concreta o lançamento da “Campanha do Livro Espírita”, o Clube, que havia adquirido da Livraria Allan Kardec Editora – LAKE mil exemplares encadernados de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, colocou-os à venda em frente ao Teatro Municipal (foram todos vendidos) ao preço de 10 cruzeiros, abaixo do custo. Esses volumes eram vendidos nas livrarias a 24 cruzeiros.

É oportuno acrescentar ainda que o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, com Herculano Pires na presidência, lançou a preço de custo, além de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O*

Livro dos Espíritos e Espiritismo, sua Antiguidade, Evolução e Propagação, este último formado de textos de Kardec extraídos da *Revue Spirite*, que Júlio Abreu Filho vinha traduzindo e que era novidade no meio doutrinário. O livro, editado em 1951, traz o selo da “Édipo” (editora de Júlio Abreu Filho), mas foi organizado e vendido pelo Clube em comemoração ao 94º aniversário da Doutrina Espírita. Herculano Pires enriqueceu-o com um prefácio notável.

O Clube e a menina-prodígio

Outro evento de grandes proporções realizado pelo Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo e que repercutiu fundo na população aconteceu dias depois da solenidade no Teatro Municipal de São Paulo. O amplo local, desta vez, foi o Ginásio do Pacaembu; dia histórico – sete de maio de 1950. “O Kardecista” relata o acontecimento numa reportagem vibrante intitulada “Gianella de Marco, a menina-prodígio, interpretada à luz da Doutrina Espírita”. A reportagem não traz a assinatura do autor, mas o estilo é de Herculano Pires. Leiamos:

“Coube, felizmente, ao Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo a missão de interpretar, à luz do Espiritismo, num grande espetáculo público realizado a 7 de maio findo no Ginásio do Pacaembu, o extraordinário caso da menina-prodígio, a maestrina Gianella de Marco. Só quem não tenha acompanhado a gloriosa *tournée* da maestrina de seis anos, pelo mundo, e assistido os êxitos por ela obtidos em nossa capital, através de várias exhibições no Teatro Municipal, poderia subestimar a grande oportunidade que se apresentou aos espíritas com aquele festival.

Depois de haver despertado ao mais alto grau a curiosidade pública, entusiasmado e confundido os músicos e os críticos de toda a nossa imprensa, empolgado o mundo científico e provocado a manifestação de sacerdotes, pastores, filósofos, médicos, escritores e jornalistas em torno da sua maravilhosa precocidade musical, Gianella de Marco, submetida por certo

aos divinos compromissos da sua presente missão terrena, reservou para chave de ouro da sua passagem por São Paulo a explicação espírita do seu próprio mistério num concerto de despedida em benefício da “Caixa do Livro Espírita”.”



Gianella de Marco

Vibração de milhares de cérebros

“A tarde de 7 de maio de 1950 assinalou um dos mais altos acontecimentos da vida espírita paulistana. No imenso anfiteatro do Ginásio do Pacaembu, cerca de cinco mil pessoas assistiram, empolgadas, ao espetáculo do mais belo fenômeno espírita que se poderia desejar: a demonstração inequívoca da lei da reencarnação naquele pequenino corpo de uma criança de seis anos a reger a Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal. Mais de oito dezenas de maestros, alguns já envelhecidos no trato da divina arte, aglomeravam-se no estrado, de olhos atentos na maestrina, cujas mãozinhas angelicais movimentavam a batuta qual se fosse a varinha de condão das fadas antigas, para arrancar dos instrumentos a beleza musical que do alto se derramava sobre ele, em ondas de inspiração.

Compreendia-se facilmente naquele momento a expressão do crítico de música do “Diário de São Paulo”, Antônio Rangel Bandeira, ao afirmar que não podia criticar um concerto de Gianella, por não ser “crítico de milagres”. Milhares de cérebros ali se encontravam no Ginásio do Pacaembu, nessa mesma situação, naquela tarde de domingo. Vibrando ansiosos, excitados pela presença do milagre, pela revelação mágica do poder do espírito sobre o corpo, na apresentação da maestrina-prodígio.”

A interpretação de Batista Pereira

“O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo convidou para essa incumbência, que lhe pareceu da mais profunda significação – a interpretação espírita do caso Gianella num grande espetáculo público –, dois velhos batalhadores da difusão doutrinária em São Paulo, os confrades Pedro de Camargo (Vinícius) e João Batista Pereira. O primeiro, depois de se haver comprometido com os organizadores do festival, e de ter o seu nome divulgado no noticiário e nos cartazes de propaganda, resolveu, impressionado com aspectos passageiros do atual movimento espírita nacional, não participar do festival. Coube então ao confrade João Batista Pereira a tarefa de interpretar sozinho o ponto de vista espírita, o que fez com precisão e brilhantismo, de maneira sóbria, à altura do momento. Afirmando que Gianella de Marco é “impressionante prova a favor da teoria da reencarnação”, evocou a opinião de Léon Denis a respeito das crianças-prodígio, citou Fredrich Myers como autoridade metapsiquista, lembrou trechos de Kardec e deixou bem clara a definição espírita do caso.”

Momentos de encanto musical

“Gianella de Marco, na sua vivacidade infantil, subindo e descendo rapidamente o estrado, especialmente armado em

frente à orquestra, dirigiu peças após peças, de Schubert, Wagner, Bizet, Bellini, e encerrou o esplêndido concerto com a Sinfonia de Guarani, de Carlos Gomes. Nesse momento culminante do festival a maestrina-criança parecia prestes a voar, impulsionada pela vibração das ondas musicais, que ela mesma arrancava, em gestos de verdadeiro arrebatamento, da orquestra à sua frente. Os que viram de perto sabem como ela se transfigurou ao dirigir *O Guarani*. Aliás, antes de dar início ao último número, ela já se mostrava excitada, fazendo questão de anunciar, ela mesma, ao microfone, que “ia reger *O Guarani* com uma batuta de ouro”. A batuta lhe fora oferecida nesta capital.”

Mensagens de Emmanuel e Bezerra de Menezes

“Num dos intervalos do concerto, d’Angelo Neto leu ao microfone duas mensagens mediúnicas sobre a maestrina, a primeira de Emmanuel, o guia espiritual de Chico Xavier, e recebida por aquele médium, e a segunda de Bezerra de Menezes, recebida por um médium desta capital que, apesar de conhecido pela sua mediunidade, fez questão de se conservar incógnito.

O escultor José Jerez ofereceu à maestrina, em outro intervalo, uma estatueta, representando-a numa das suas mais expressivas atitudes.”

Centenas de crianças

“Caracterizou-se o festival, distinguindo-o de todas as demais apresentações de Gianella de Marco, o número de crianças presentes, de todas as idades, ansiosas por conhecerem a sua prodigiosa companheirinha de idade. O Clube promoveu o festival à tarde, tendo início às 16 horas, justamente com esse objetivo – permitir às crianças de São Paulo a participação num grande concerto da maestrina.”

Chave de ouro para o festival

“Mas não só o concerto de Gianella constituiu uma chave de ouro da sua apresentação ao público paulistano. Esse próprio concerto terminou com uma legítima chave de ouro, do mais puro ouro da caridade cristã, quando o presidente do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo dirigiu um apelo à numerosa assistência, em favor do Asilo Anjo Gabriel, do bairro de Santana, onde numerosos orfãozinhos necessitavam de amparo. O resultado foi o mais tocante.

Na saída do Pacaembu, não obstante a deficiência dos meios improvisados de recepção de donativos, mais de 4.000 cruzeiros foram canalizados ao asilo.”

Um dia antes de Gianella de Marco deixar São Paulo o Clube ofereceu-lhe um chá de despedidas no então tradicional salão de chá da Casa Anglo-Brasileira (mais tarde loja Mappin). A menina-prodígio, na Inglaterra, posteriormente conduziu a Orquestra Filarmônica de Londres, deixando críticos e jornalistas perplexos (vide o jornal “Times”, de 13 de março de 1953).

O Clube e os livros de Ramátis

O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo foi, por assim dizer, a menina dos olhos de Herculano Pires. Uma fortaleza espiritual, essa instituição cumpriu durante vinte e dois anos com absoluta fidelidade a Allan Kardec a missão de divulgar e defender a Doutrina através inclusive de jornais profanos, emissoras de rádio e televisão. E éramos tão poucos! E, note-se, a partir de 1950 vários fundadores desvincularam-se do Clube: Pedro Granja, Júlio Abreu Filho, Odilon Negrão, Paulo Alves Godoy, d’Angelo Neto, Wandick de Freitas, dentre outros.

O Clube, porém, tinha raízes na Espiritualidade Superior, e outros companheiros, cujos nomes citamos páginas atrás, juntaram-se a Herculano Pires, todos valorosos como os irmãos Vicente e Alfredo Cruso, os quais colocaram à disposição da nossa instituição a gráfica Politipo, da qual eram proprietários, e

a revista “Ilustração Espírita” (chamava-se antes “Cena”), que editavam e tão relevante serviço prestou ao movimento doutrinário.

O slogan do Clube bem que poderia ser “a Doutrina Espírita acima de tudo!”, acima dos homens e das instituições porque em nosso planeta nada é mais importante do que o Espiritismo. Essa postura doutrinária Herculano Pires manteria até o momento de sua desencarnação. Com que ênfase e sabedoria o missionário defendia a Doutrina e Allan Kardec – sem medir esforços e de peito aberto –, diante das câmeras de TV ou em artigos de jornal. Razão de sobra, pois, tinha Deolindo Amorim ao afirmar que “ninguém o excedeu no zelo e na franqueza de atitudes em defesa dos princípios espíritas.”²⁷

O trabalho do Clube representou um momento decisivo na divulgação do Espiritismo e correção de muitos erros na prática doutrinária – diria ele mais tarde.

Os erros eram, realmente, muitos – erros e traições à Doutrina. Citemos alguns. Quando surgiram os primeiros livros confusos e dogmáticos de Ramátis, mesclando verdades com fantasias que fascinavam de norte a sul grande parte de leitores e até mesmo líderes espíritas – inclusive Edgard Armond, que fez colocar na livraria da Federação Espírita de São Paulo o “retrato” daquele Espírito, que considerava “competente e renomado instrutor espiritual”, conforme asseverou no jornal “O Semeador”, edição de agosto de 1964 –, Herculano Pires imediatamente organizou um plano em defesa da pureza doutrinária. E, a pedido seu, cada diretor do Clube escreveu um artigo ou deu entrevista sobre Ramátis. Pouco tempo depois o suposto retrato do Espírito, que Herculano Pires classificara de pseudo-sábio, foi retirado da FEESP, e graças à ação do Clube o movimento espírita despertou de mais uma hipnose...

A propósito do livro *O Sublime Peregrino*, de Ramátis, psicografado pelo médium Hercílio Maes, escreveu Herculano Pires:

“Ramátis é um espírito pseudo-sábio, a serviço da confusão nos meios doutrinários. Este livro é o mais grave da sua pro-

dução, porque atenta diretamente contra o próprio Cristo, oferecendo a espíritas e não-espíritas uma visão deformada da vida do Senhor e dos seus ensinamentos, acusando os espíritas kardecistas de intransigentes e sustentando o dogma da Santíssima Trindade. (...) Entre as suas novidades figuram estas: Jesus não carregou a cruz; nada disse aos seus companheiros de suplício; não foi o Cristo, mas o médium do Cristo (tese teosofista); durante a gravidez de Maria, procurou impregnar o seu novo corpo com o gosto dos alimentos de sua predileção em encarnação anterior (!); sua entrada em Jerusalém foi uma baderna que ele não pôde controlar, e assim por diante. Jesus não tinha consciência de sua missão e Maria Madalena era um espírito elevado, que combinou com Jesus, no espaço, o encontro na Terra.

Nossa responsabilidade é grande, ao aceitarmos e ajudarmos a semeadura desses absurdos, que ridicularizam o Espiritismo.” – concluiu o mestre.²⁸

Em outra crônica estampada também no “Diário de São Paulo” sob o pseudônimo de “Irmão Saulo”, Herculano Pires advertia que o Espiritismo não era doutrina utópica, que sua natureza é científica e o lugar que lhe compete não é na região dos sonhos, mas no plano do conhecimento positivo.

O Clube e os erros da FEB

Os erros e mistificações no movimento espírita, porém, se sucediam, inclusive nas entidades mais conhecidas dentro e fora do país – a Federação Espírita Brasileira e Federação Espírita do Estado de São Paulo, esta sob o comando de Edgard Armond, autor de livros que conflitavam com a Doutrina Espírita.

O Clube, já o dissemos, era uma fortaleza kardecista e diante das graves atitudes antidoutrinárias da diretoria da Federação Espírita Brasileira (presidida durante vinte e sete anos por Wautuil de Freitas), nossa instituição viu-se obrigada a intervir pelas colunas de “O Kardecista”. Herculano Pires, com a franqueza que o caracterizava aliada à autoridade moral e profundo amor à

Doutrina Espírita, redigiu a denúncia, que ocupou uma página inteira.

À guisa de ilustração, pincemos alguns trechos, advertindo o leitor que o libelo não tinha o intuito de destruir, e sim de corrigir, e que não fora dirigido à Federação, cujo passado Herculano Pires admirava, mas à diretoria febianana.

“As atitudes da atual direção da Casa de Ismael, a Federação Espírita Brasileira, célula-máter do Espiritismo no Brasil, herdeira das tradições de abnegação e de trabalho de Bezerra de Menezes, são de molde a causar espanto aos mais tolerantes confrades. Nada se poderia esperar de mais antiespírita, de mais condenável do ponto de vista evangélico, do que a maneira pela qual vêm procedendo os responsáveis pela entidade que devia ser a orientadora suprema do movimento espírita brasileiro. E não pensem os leitores que somos contra a Federação. Muito pelo contrário, somos velhos admiradores da casa que simboliza o primeiro marco da doutrina em nossa pátria, e justamente por isso não podemos calar a nossa crítica a todos aqueles que procuram desviá-la do verdadeiro rumo.

Bastou o editor Batista Lino tirar uma edição de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – livro que há muito não se encontrava em parte alguma – para que a FEB, ou melhor, os seus atuais dirigentes, mostrassem de novo a cor da lã. Não somente lançaram às pressas uma nova edição do livro esgotado, como procuraram baixar o seu preço, à guisa de sanção econômica ao novo editor, como ainda fez mais, muito mais: distribuiu circulares aos livreiros, dizendo que uma livraria de São Paulo, “ligada aos meios católicos”, tirara uma edição do Evangelho. A última arma que se podia usar no terreno puramente comercial, e assim mesmo com deslealdade, foi usada no campo da divulgação doutrinária, sem o menor acanhamento.

Os dirigentes atuais da Federação podem entender de tudo, menos daquilo que chamamos Espiritismo aplicado à vida prática. O confrade Júlio Abreu Filho acaba de lançar a público a edição em português, rigorosamente conforme o ori-

ginal, da *Revue Spirite*, de Allan Kardec, a revista que foi a primeira e ardente bandeira do Espiritismo desfraldada no mundo, anunciando aos quatro cantos a aurora da Terceira Revelação.²⁹ Uma iniciativa maravilhosa, necessária, indispensável mesmo, pois não se poderia entender um movimento espírita do desenvolvimento do nosso sem o interesse pelos assuntos culturais da doutrina, principalmente pelos elementos ligados à sua fonte, como é o caso da *Revue*. Qual o estudioso de Espiritismo que não gostaria de ter na sua estante, para folhear à vontade, ler e estudar com carinho, os números da revista de Kardec? Pois os atuais dirigentes da Federação não pensam dessa maneira, e no número 3 deste ano, correspondente a março último, da revista “Reformador”, órgão oficial da FEB, inseriram, à página 50, com artiguete de má fé, intitulado “Ensaio”, no qual afirmavam: “... as velhas coleções da *Revue Spirite* só têm valor como curiosidade histórica, não para estudo da doutrina...”.

Decididamente, na direção da FEB estão faltando elementos espíritas. Os homens que lá estão imperando podem ser comerciantes sagazes e até mesmo capazes de aniquilar com dois trancos qualquer concorrente do mercado livreiro ou editorial, mas não são espíritas. Porque espíritas não negariam jamais o seu apoio a iniciativas de caráter coletivo e justo como o Congresso de Marília ou da USE em São Paulo, não procurariam intrigar um novo editor das obras de Kardec com os livreiros, não procurariam combatê-los por meio de reduções artificiais de preço, nem teriam a coragem, nunca jamais suspeitada, de negar valor à gloriosa iniciativa da edição em português da *Revue Spirite*, de Kardec. Abram os olhos, pois, os associados da FEB, no Rio. Abram os olhos, porque a cada um cabe uma parcela de responsabilidade nessas atitudes desastrosas que os atuais dirigentes da Casa Mãe vêm tomando e que só servem para desprestigiar a entidade que mais necessita de prestígio e orientação espírita.”

E Herculano Pires, que contava, então, trinta e seis anos de idade, conclui com estas palavras lamentavelmente atuais no início do terceiro milênio:

“Tudo isso acontece por haveremos criado no movimento espírita nacional uma mentalidade de falso evangelismo, onde as palavras TOLERÂNCIA, FRATERNIDADE, PACIÊNCIA passaram da sua verdadeira significação ao papel de capas de todas as mazelas imagináveis e inimagináveis. Esquecemos o valor da energia e da franqueza, o dever de colocar a verdade acima das aparências fraternas, deixamos de lado o exemplo edificante de Paulo e do próprio Cristo, para seguir a senda fácil do farisaísmo. Com isso, os lobos vestidos de ovelha invadiram a seara, em todos os sentidos, as deturpações doutrinárias floresceram sob as vistas complacentes dos pseudo “espíritas evangélicos”, o roustainguismo abafou, como o espinheiro da parábola, a boa semente lançada por Kardec, e os resultados aí estão, nessa tremenda série de absurdos que acabamos de relacionar e que são apenas uma parcela mínima de tudo o que os atuais dirigentes da FEB vêm há muito fazendo no meio espírita brasileiro. O que se faz necessário, de agora em diante, é uma luta pelo bom-senso nas fileiras espíritas. Vale dizer: é a evocação do exemplo de Kardec, que jamais se revestiu de falsas aparências para se mostrar bonzinho ou se fingir de santo. Precisamos levantar um amplo movimento de autocrítica do movimento espírita, dizendo a verdade pela verdade, expondo as coisas como elas são, sem o véu diáfano da fantasia, como diria Eça. Demonstremos aos atuais diretores da FEB, através de cartas, de telegramas, de artigos nas publicações espíritas, a nossa desaprovação a essas atitudes antiespíritas e forcemo-los, assim, a tomar a verdadeira senda, a bem do futuro.”

A revista da FEB “O Reformador”, como era de se esperar, silenciou, a fim de que aquelas verdades proclamadas pelo apóstolo de Kardec não se espalhassem ainda mais... Mas, Wautuil de Freitas, homem impetuoso, arbitrário e não raras vezes insensato com a doutrina, teve a infelicidade de cometer outra aberração doutrinária durante a entrevista concedida em 1953 ao confrade Geraldo de Aquino no programa radiofônico “Hora Espiritualista João Pinto de Souza”, da Rádio Clube do Brasil. Essa malfadada entrevista foi nesse mesmo ano distribuída em

forma de folheto aos espíritas do Rio de Janeiro. Eis como o presidente da FEB, após narrar fenômenos que testemunhou em terreiros de Umbanda, finaliza a entrevista:

“E assim terminou a minha experiência, ou melhor, o meu estudo inesperado do chamado Espiritismo de Umbanda.”

Chocante expressão, a de um presidente da FEB: “Espiritismo de Umbanda”! Mas, Wantuil de Freitas e quase todos os seus companheiros estavam realmente convencidos de que havia “Espiritismo de Umbanda”, pois oito anos antes da entrevista radiofônica – exatamente em maio de 1945 – ele organizou o que chamou de Plano das Sociedades Coligadas, “convidando ao seio da Federação todas as organizações existentes, desde a Liga Espírita do Brasil, que é 100% kardecista, até as tendas “afrocatólicas” mais esdrúxulas, com as suas excêntricas batucadas”.³⁰ O plano das Coligadas só não vingou porque o inesquecível jornalista e orador do Rio de Janeiro, Pereira Guedes – polemista imbatível – combateu-o imediatamente pelas colunas do popular jornal “A Vanguarda”. Não é de admirar-se, portanto, que anos depois da entrevista na Rádio Clube do Brasil Wantuil de Freitas, novamente hipnotizado pelo fascínio umbandístico, fizesse com que a Federação Espírita Brasileira, através do Conselho Federativo Nacional (também presidido e pressionado por ele) divulgasse nos centros espíritas de norte a sul do país que “fenômeno mediúnico com ou sem doutrina é Espiritismo”. E mais: “doutrinariamente, toda prática mediúnica é espírita”, embora nem sempre kardeciana. E ainda mais: “Umbanda é Espiritismo, mas não é Doutrina Espírita”.

A declaração absurda publicada em “O Reformador” (maio de 1966) tivera efeito de uma bomba no meio doutrinário. O Clube dos Jornalistas Espíritas, através do apóstolo de Kardec, veio mais uma vez em socorro da Doutrina Espírita. Herculano Pires tomou da pena e escreveu:³¹

“Uma estranha preocupação com definições doutrinárias manifesta-se nos organismos diretores do movimento de unificação. Quem lê os pronunciamentos de suas comissões de doutrina chega à conclusão de que, na verdade, não possui-

mos uma doutrina codificada, definida e clara. Já é tempo de lembrarmos a esses irmãos, bem intencionados mas, evidentemente, equivocados, que a Doutrina Espírita é clara e precisa em todos os seus pontos. Por acaso não foi ela ditada pelo Espírito de Verdade e organizada na codificação pelo bom-senso inigualável de Allan Kardec?

Ainda agora o Conselho Federativo Nacional constituiu uma comissão de doutrina para opinar sobre as conclusões dos Simpósios de Curitiba, Salvador, Pará e Goiânia. O resultado foi o lançamento de uma nova “bula papalina” do CFN com alarmantes e absurdas conclusões.

Afirmar que fenômeno é doutrina é simplesmente ignorar o sentido desses dois termos. E mais: é ignorar a afirmação de Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, de que os fenômenos pertencem à parte experimental do Espiritismo, e de que: “a verdadeira Doutrina Espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos”. Se os conselheiros federais, em vez de decidirem pela própria cabeça, lessem a “Introdução à Doutrina Espírita”, encontrariam todas as graves questões que os preocuparam já suficientemente esclarecidas pelo Codificador. E não cometeriam os erros palmares que cometeram.

Outra afirmação do Conselho é a que “todo umbandista é espírita, mas nem todo espírita é umbandista”. Como se vê, uma confusão primária, que nenhum estudante de Kardec pode aceitar.”

Oportuna a intervenção de Herculano Pires, mas inútil, porque os antigos diretores da FEB, ao invés de ler as obras de Allan Kardec liam Roustaing... O apóstolo, no entanto, voltou ao assunto agora pelo “Diário de São Paulo”, a fim de esclarecer o público em geral:³²

“Quanto ao fato de haver médiuns em Umbanda, é preciso compreender que a mediunidade não é uma invenção espírita. Médiuns sempre os houve, em todos os povos e em todas as épocas. Eram médiuns os sacerdotes dos oráculos, as pitonissas, os profetas, como o são os xamãs e os pajés dos povos

selvagens ou semi-selvagens atuais. Espiritismo não é mediunismo.

Que nos perdoem as pessoas ilustres, algumas de projeção no meio espírita, levadas na onda de confusões. O simples fato de se terem deixado envolver demonstra que, indiscutivelmente, não estavam seguras no terreno doutrinário. Um sólido conhecimento espírita não permite a mais leve discrepância nesse sentido. Porque o Espiritismo é uma doutrina espiritual de bases científicas, de estrutura filosófica bem definida e de consequências morais ou religiosas enquadradas nas exigências da razão. Uma doutrina, portanto, que não comporta superstições, resíduos do irracionalismo primitivo ou apegos místicos a fórmulas rituais e sacramentais.

Do ponto de vista doutrinário, é simples absurdo, verdadeira aberração dizer que Umbanda é Espiritismo. Se, por outro lado encararmos o problema do ponto de vista histórico, a confusão se torna impossível, pois os dados históricos nos mostram que o Espiritismo é uma doutrina recente, formulada na França em meados do século passado (1857), que só se transplantou para o Brasil nos fins daquele século, enquanto a Umbanda é uma forma de religião primitiva dos negros africanos, que veio ao Brasil com o tráfico negreiro.”

O saudoso escritor e jornalista Deolindo Amorim, que tanto colaborou com o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, por sua vez escreveu:³³

“Não é cabível qualquer tentativa de fazer equiparação entre Umbanda e o Espiritismo, porque as origens, as organizações e as práticas são diferentes.”

E Carlos Imbassahy – como Deolindo Amorim, mestre em Espiritismo – veio também, através do jornal “Mundo Espírita” e na sua seção “Na Hora da Consulta”, reafirmar que fenômeno não é doutrina espírita, que “o Espiritismo é encaminhamento e aperfeiçoamento da Humanidade”.

E acrescentou:

“Suponhamos uma sessão com elementos atrasados, quer os do “Espaço”, quer os da Terra, onde se fuma, se bebe, se dizem palavrões, se ofendem a presentes e ausentes, se fazem despachos e se pratica o mal. Há fenômenos; mas chamar isto de Espiritismo é confirmar o que dizem de nós os nossos adversários, que também chamam de Espiritismo toda a bacafusada que há aí, onde existem manifestações de Espíritos ou supostos Espíritos.”

Devemos registrar ainda que a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, não obstante filiada à Federação Espírita Brasileira, enviou a Wantuil de Freitas um documento com dezesseis páginas refutando, uma por uma, as absurdas declarações do Conselho Federativo Nacional. E que a revista “O Reformador”, como era, aliás, de prever-se, ocultou dos leitores a reação que o escândalo febiano provocara na seara espírita.

Demorou, é verdade, mas Wantuil de Freitas achou por bem pôr de lado tamanha heresia – menos o roustainguismo, que a FEB pregava acintosamente e que o apóstolo de Kardec, mais tarde, haveria de combater.

Wantuil de Freitas (presidente da FEB, de 1943 a 1970) claudicou com a doutrina no decorrer de seus anos febianos porque ninguém é perfeito, mas não esqueça o leitor que é a ele que o movimento espírita brasileiro deve – como bem lembrou Geraldo de Aquino – a idealização e criação da mais gigantesca obra de propaganda espírita do mundo, o Departamento Editorial da FEB.

Wantuil de Freitas visitou São Paulo pela primeira vez em março de 1959. A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo convidou diretorias de importantes instituições para recepcioná-lo. O Clube dos Jornalistas Espíritas, então adeso à USE, atendeu ao convite por uma questão de fraternidade e ética. Coube ao autor deste livro representar a instituição na sessão solene na FEESP, porque nesse ano de 1959, indicado por Herculano Pires, assumira a presidência do Clube.

O comando jornalístico e a epidemia de fraudes

Havia no movimento doutrinário nacional, além de conceitos adulterados, deformações na prática mediúnica, de que é exemplo o chamado “passe padronizado” que Edgard Armond inventara e a maioria dos centros espíritas adotara. A situação era caótica quando o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo tomou posição em defesa da Codificação, mas a ação agora teria de ser mais enérgica porque nos centros espíritas que realizavam sessões de efeitos físicos – especialmente sessões de materialização – as fraudes se multiplicavam, pondo em ridículo a mediunidade e a Doutrina Espírita. Para pôr fim a tão grave problema só havia uma solução, drástica mas definitiva. E Herculano Pires criou em abril de 1949 o que ficou popularmente conhecido como Comando Jornalístico do “Diário da Noite”, formado por ele, Wandick de Freitas, Hermínio Saccheta, Hugo de Freitas Cunha, Estêvão Mattei, Castro Neves, Pedro Granja e o médico José Ribeiro de Carvalho, a fim de visitar os centros e revelar ao público a fraude ou a realidade do fenômeno. Atitude corajosa que, fatalmente, a falange do Espírito de Verdade aplaudira, pois a *Revista Espírita*, de Allan Kardec, edição de agosto de 1861 transcreve a propósito de médiuns fraudulentos a carta do leitor Mathieu endereçada a Allan Kardec, que por concordar com seus termos inseriu-a em *O Livro dos Médiuns* (item 317):

“Todo médium que fosse surpreendido em manobras fraudulentas, que fosse apanhado, para me servir de uma expressão um pouco trivial, com a mão na botija, mereceria ser posto de lado por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais constitui um dever rigoroso desmascará-lo e execrá-lo.”

A primeira de uma série de reportagens foi publicada no dia dezanove de abril de 1949. Na primeira página do “Diário da Noite” lia-se a seguinte manchete em letras garrafais: “Há ou não há fenômenos espíritas em São Paulo?”. O texto introdutório e hoje histórico é o seguinte:

“Os fenômenos espíritas ultimamente se vêm difundindo de maneira assustadora. Os jornais estão cheios de reportagens sobre casos de materialização, de transportes de objetos por meios invisíveis, de milagres de cura e semelhantes. Do Rio nos chegam agora as notícias espetaculares sobre as sessões de materialização do médium João Cosme. São Paulo, por sua vez, está infestada de uma verdadeira epidemia de sessões de fenômenos físicos que se realizam aos quatro cantos, com numerosa e não raro seleta assistência.

Dia a dia nos chega ao conhecimento a existência de novos trabalhos de experimentação, realizados com médiuns que, a princípio desconhecidos, vão depois tornando-se famosos. Altas personalidades no seio da política, da indústria, do comércio, dos meios sociais, participam dessas reuniões de fatos miraculosos, em que os espíritos se apresentam visíveis e tangíveis, falando com os circunstantes como se fossem pessoas vivas.

O povo acredita, levado por essa intuição secreta que todos trazemos conosco, de que existe além da matéria tangível um outro plano de vida. O povo confia nas manifestações, nos fenômenos que se repetem por toda parte, ocorrendo a eles com verdadeira ansiedade. E, com isso, o que vem acontecendo, em grande escala, em proporções incalculáveis, é o que o próprio Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, já apontava nas suas obras como o grande perigo da prática da Doutrina sem o necessário conhecimento teórico: a fraude! E, o que é pior: a fraude com finalidades escusas. A exploração pura e simples da credulidade pública.

O Diário da Noite” tem divulgado, como outros jornais, o noticiário dos fenômenos espíritas. Pautando a nossa conduta pelo estrito critério jornalístico, não nos move outra intenção senão a de informar os leitores a respeito de fatos que dia a dia se tornam de maior interesse público. Não obstante, no ponto a que as coisas chegaram, já não é possível uma simples atitude contemplativa. Resolvemos, assim, iniciar uma série de reportagens especiais, visando, ao mesmo tempo, ao

esclarecimento da opinião pública e ao que poderíamos chamar “a separação do joio do trigo”.”

Nessa primeira reportagem, Herculano Pires adverte o público sobre as concorridas materializações de Padre Zabeu:

“Não há mais, dada a aceitação dos fenômenos pelo público, o menor escrúpulo na prática dos truques que são os mais grosseiros, os mais rudimentares. Numa sessão de materialização, o médium cai em transe, algemado, rodeado por outros médiuns, todos ou quase todos amarrados, espetacularmente, e logo aparece um fantasma na escuridão. Acende-se de leve uma pequena lâmpada vermelha, para que os contornos do fantasma se tornem visíveis; pedem-se preces à assistência; estimula-se o fanatismo dos presentes, negando-se, ao mesmo tempo, toda e qualquer possibilidade de dúvida, e quando alguma objeção se faz sentir, os dirigentes do trabalho anunciam que a sessão não é científica, é religiosa.

Por outro lado, intensifica-se a exploração financeira. Há sessões em que os espíritos materializados pedem dinheiro, sem a menor cerimônia. Entretanto, os verdadeiros estudiosos do assunto se vêem tolhidos diante da avalanche de fraudes e de fanatismo, que dia a dia se agiganta. Os supostos médiuns e seus diretores não recuam nem mesmo diante do perigo. E temos, então, provas evidentes da fraude, embustes grosseiros que a fotografia revela sem a menor possibilidade de dúvida.

É o caso de uma foto que ilustra este trabalho, tirada de um dos médiuns, que se vem tornando famoso, de nome Zezinho. A materialização é do Padre Zabeu. Vêm-se as vestes amarrotadas, conduzidas para a sessão, de maneira furtiva, um lenço amarrado no rosto do fantasma, para disfarçar os seus traços fisionômicos, a cabeça abaixada, com o mesmo fim. Nada que possa dar a mais leve impressão de um fenômeno real. Truque grosseiro, preparado a sangue-frio.”

Em outra reportagem Herculano Pires informa que a maioria dos espíritos “materializados” eram sacerdotes – padre Zabeu, papa Leão XIII, padre Menezes, frei Mário de Sá, etc. A ousadia era tanta, que os mistificadores, para melhor convencer os assis-

tentes, apareciam de batina. E faziam batizados, realizavam casamentos, queriam que os fiéis se submetessem aos sacramentos da igreja...

As reportagens de Herculano Pires e depois na sequência as de Wandick de Freitas causaram no público grande impacto e admiração, porque eram os próprios espíritas que denunciavam as fraudes. A título de ilustração, vejamos como se desenrolou a sessão com o “médium” Waldemar Lino.

“Distribuídos os membros do “Comando” entre os assistentes habituais da sessão, para melhor controle, iniciaram-se os trabalhos. As primeiras manifestações foram as pancadas leves na mesa, logo seguidas de assovio e vozes. Percebia-se muito nitidamente, de maneira a não deixar a menor dúvida no espírito de pessoas experientes, que os assovios e a voz provinham do próprio médium e que as pancadas eram dadas por ele mesmo. A vitrola, que estava sem corda, foi manejada com dificuldade, mas afinal posta em movimento. Tiveram início, então, os fenômenos de levitação. Mas também estes eram visivelmente produzidos pelo médium, dentro do raio de ação do seu corpo físico, sem nenhuma distensão maior. Inutilmente os membros do “comando” solicitaram à suposta entidade manifestante que produzisse algum fenômeno real. Nada foi feito além daquilo que o médium mesmo produzia, no seu cantinho, por trás da cortina. Não obstante, os assistentes habituais mostravam-se convencidos da autenticidade dos fenômenos. Dialogavam com os “espíritos” e irritavam-se com a insistência dos membros do “Comando” em negar a autenticidade dos fenômenos e pedir maiores demonstrações. Em meio dos trabalhos, o jornalista Wandick de Freitas, redator da seção “Seara Espírita” do “Jornal de Notícias” e membro do “Comando”, saiu do seu lugar, sendo denunciado mais tarde pelas pessoas que o ladeavam. Durante meia hora permaneceu no escuro, junto à cabine improvisada do médium, e conseguiu tocar o braço e a mão do mesmo durante os supostos fenômenos de levitação, comprovando assim a falsidade daqueles. Os “espíritos” denunciaram o fato, enquanto o mé-

dium se mostrava bastante assustado de lhe haverem tocado durante os trabalhos.”

E mais adiante acrescenta Herculano Pires:

“Ao terminar os trabalhos, estava ele (Waldemar Lino) com a algema rompida e as mãos soltas, como acontecera com o médium Lúcio Cosme na sessão do Centro Padre Zabeu. Da mesma maneira que nesse centro, a desculpa foi a de que o “flash” do fotógrafo determinara o rompimento da algema. Desculpa diga-se de passagem, inteiramente inaceitável do ponto de vista das experiências espíritas até hoje conhecidas.”

E a seguir é explicado aos leitores do “diário da noite” como se dera o rompimento das algemas:

“Agarrado bruscamente pelas mãos, quando simulava uma levitação da buzina luminosa, o médium foi tomado de súbito pavor e rompeu as algemas, num gesto instintivo de abrir os braços. Refeito do susto, fez funcionar a vitrola, o que não conseguira, algemado, nos dez minutos precedentes, em virtude de ter o jornalista Wandick de Freitas afastado o “pick-up” do aparelho a uma distância que o médium só poderia alcançar com as mãos livres. Ignorando esse controle, exercido no escuro, o médium, ao tocar a vitrola, denunciou com esse ato estar desembaraçado das algemas, o que se positivou ao terminar a sessão.”

A série de reportagens no “Diário da Noite” devolveu ao movimento espírita a dignidade que gozava junto ao grande público do Estado de São Paulo. O Comando Jornalístico, idealizado por Herculano Pires, foi um golpe de morte na avalanche de fraudes. Mas, nessa dura empreitada fenômenos verdadeiros foram também revelados ao público – fenômenos diversificados que provavam além da imortalidade da alma humana a sua comunicabilidade com os que ainda se encontram encarcerados no corpo de carne e ossos.

O Clube e a política

Uma das maiores preocupações de Herculano Pires era o engajamento de confrades na política. Essa preocupação teve início em 1947, ano em que foi realizado o I Congresso Espírita do Estado de São Paulo, durante o qual Luís Monteiro de Barros – que mais tarde presidiria a USE e a FEESP – apresentou uma tese que propunha (é de pasmar) a fundação de um “partido político espírita-cristão”. Nesse mesmo ano (meses antes da proposta absurda de Luís Monteiro de Barros) o confrade Pedro Batista Pereira (não confundir com João Batista Pereira, advogado e ex-presidente da FEESP) cometera também um despautério ao forjar uma mensagem “mediúnica” com a assinatura de Bezerra de Menezes, apoiando sua candidatura a deputado. Nesse documento fraudulento, que mandara imprimir e distribuir nos centros espíritas, Pedro Batista Pereira fez constar o nome de líderes do movimento espírita interiorano (sem a devida autorização), afirmando que também o apoiavam... O resultado foi desastroso. Eis o que conta Herculano Pires ao confrade Ladeia Neto em carta datada de 10 de janeiro de 1947:

“A respeito do caso Batista Pereira, acredito que o confrade já tenha conhecimento do protesto público que lavrei pelo “Diário de São Paulo” do dia 19 de janeiro e pelo “Jornal Falado Tupi”, na noite de 18.” E mais: “Ao ter conhecimento da absurda publicação, de verdadeiro desrespeito à Doutrina e à memória de Bezerra de Menezes, e recebendo uma carta dos confrades Paulo Lara e Higino Muzzi Filho, que me diziam não haver assinado a tal “mensagem”, imediatamente providenciei um desmentido e um protesto, que graças a Deus consegui ver publicados.”

Inúmeros líderes espíritas ao tempo do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo deixaram-se fascinar pelo poder político, sendo que alguns se apresentavam ao eleitorado com o rótulo de “Candidato espírita”. Razão tinha Herculano Pires, pois, de preocupar-se com o envolvimento de espíritas com a política. Seu primeiro artigo sobre o assunto, separando o joio do trigo, não traz assinatura porque é, na verdade, um manifesto do Clube

dos Jornalistas Espíritas de São Paulo. Foi publicado em “O Kardecista” (edição de 18 de abril de 1950). Leiamos alguns trechos:

“O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo não é contrário à participação dos espíritas em movimentos políticos. Entende até que essa participação pode ser útil, quando orientada pelos princípios doutrinários, ou seja, impulsionada pelo mais puro e desinteressado idealismo. Por isso mesmo, é inteiramente contrário às chamadas “candidaturas espíritas”, que, como é fácil de se constatar, não passam de exploração política do movimento espírita. O espírita sincero pode ser candidato a qualquer cargo eletivo, mas nunca deverá apresentar-se como “candidato espírita”, pois que o Espiritismo não é movimento político, não se constitui em nenhuma espécie de partido político e, portanto, não pode ter candidatos.

Por isso mesmo, na “mesa redonda” do dia 8, o Clube aprovou a seguinte resolução: “O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo condena todas as explorações do movimento espírita para fins de candidaturas políticas, nega o direito a quem quer que seja de se apresentar ao eleitorado como “candidato espírita”, mas não proíbe aos seus membros a participação em movimentos políticos ou a própria candidatura a qualquer cargo eletivo, desde que tais atitudes não impliquem o envolvimento do Espiritismo em disputas político-partidárias.”

Perfeita a posição doutrinária do Clube. Herculano Pires, anos depois, daria um impressionante testemunho sobre a queda moral de líderes espíritas na política.³⁴ Leiamos:

“Lutamos duramente contra políticos espíritas que tentavam a criação do Partido Político Espírita que desencadearia a luta religiosa no meio político-eleitoral. Participamos de assembleias de grandes instituições doutrinárias que enfrentavam a tese de uma organização geral dos espíritas com objetivos eleitorais rigidamente programados e executados pelas Federações. Vimos publicações oficiais de instituições espíritas entregues à propaganda política no meio doutrinário e

Centros Espíritas honestos e ativos transformados em comitês permanentes de candidaturas políticas também permanentes. (...)

No exercício de funções jornalísticas (Herculano Pires era, então, redator dos “Diários Associados”, credenciado na Câmara dos Vereadores de São Paulo), vimos diversos espíritas de nome cercados de esperanças falirem na luta política, deservindo às ideias que desejavam servir. Perderam a parada para si mesmos e saíram da luta mutilados.

A ilusão política desvairou muitas figuras do meio espírita. (...) Lemos livros de conhecidos espíritas estudiosos e cultos defendendo ideologias de direita e de esquerda em nome da Doutrina. E ainda assistimos ao esfacelamento de Mocidades Espíritas, dotadas de toda a agressividade da juventude, promovendo movimentos políticos e sustentando teses violentas em favor de um Espiritismo mais integrado na realidade social. Felizmente, essa sarabanda de loucuras passou sem empolgar a maioria absoluta dos espíritas. Mas a ameaça pairou sobre o movimento doutrinário e sobre a doutrina, mostrando-nos ao vivo a lamentável falta de conhecimento da Doutrina e as consequências a que essa ignorância (mesmo da parte de criaturas ilustradas e estudiosas) pode levar o movimento doutrinário. Em todos esses casos, a fascinação política se conjugava com interpretações sofisticadas de princípios doutrinários, que justificavam (não intencionalmente) os perigosos desvios do pensamento espírita.

Os espíritas são cidadãos como os demais e têm direitos e deveres no plano político, mas não têm o direito de envolver uma instituição doutrinária nas disputas eleitorais.”

E para encerrar o assunto, leia-se este trecho de ouro:

“Cristo nunca exerceu nenhuma função política, nunca pretendeu assumir posições políticas, recusou-se a envolver-se até mesmo nas lutas pela libertação de Israel dominada pelos romanos (questão que os judeus consideravam como sagrada, pois misturavam as coisas do Céu com as da Terra), mas apesar de sua total abstinência política, conseguiu injetar nas es-

truturas políticas do mundo a seiva divina da orientação evangélica. O mesmo aconteceu com Kardec, que passou incólume pelas agitações políticas da França, numa fase tumultuosa, sem tentar aproveitar-se de aproximações políticas para dar ao Espiritismo o lugar que lhe cabia no desenvolvimento espiritual da Terra.”

Ao exemplo de Cristo e Kardec pode-se acrescentar o do próprio Herculano Pires, que, convocado a candidatar-se a vice-governador de São Paulo, preferiu cumprir fielmente seu mandato espiritual. Em seu “diário íntimo” o apóstolo de Allan Kardec escreveu: “Brasil, Brasil! Quanto sonhei fazer por ti na minha infância, na minha adolescência, na minha mocidade! Tenho a consciência pura e serena. Tudo quanto fiz e faço foi e é a favor de minha terra e meu povo. Mas não creio na luta política, mesquinha e rasteira. Meu campo de lutas foi o das ideias. Meu objetivo principal o homem.”

O Clube em defesa da escola pública

Uma das mais brilhantes e árduas campanhas lideradas por Herculano Pires através do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo foi em defesa da escola pública, então ameaçada pelo Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional devido ao substitutivo elaborado em 1958 pelo deputado Carlos Lacerda. Esse projeto, aprovado pela Câmara Federal sem discussão e em quatro minutos (tinha o apoio do clero católico, pois lhe entregava de mão beijada a orientação da educação em nosso país), encontrava-se em tramitação no Senado quando Herculano Pires examinou, um por um, seus cento e vinte artigos. E, indignado, redigiu em nome do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo um memorial, que enviou ao Senado, memorial que deixava evidente a repulsa da intelectualidade espírita ao famigerado projeto de lei. O presidente do Senado, João Goulart, através de telegrama acusou o recebimento do memorial.

Eis alguns tópicos, para que possa o leitor avaliar – além do idealismo e da grandeza do nosso biografado – sua capacidade e coragem moral de autêntico líder espiritual:

“Não entendem os intelectuais espíritas paulistas, que integram esta Entidade, segundo manifestação unânime da reunião em que o assunto foi debatido, a razão de terem os Srs. Deputados Federais aprovado uma peça tão contrária aos interesses do povo e à vitalidade do nosso sistema democrático.

Não temos dúvidas em afirmar a V.Excia. e aos Exmos. Srs. Senadores que, se por uma infelicidade o atual projeto fosse mantido por essa Casa, a educação brasileira, em pleno século vinte, regrediria para a Idade Média. Os princípios confusionistas do projeto aprovado, que mistificam o problema do ensino, misturando deveres do Estado com interesses particulares, em evidente benefício de interesses confessionais – ainda mais nocivos do que aqueles, por implicarem coação da consciência –, são simples resíduos do obscurantismo medieval.

Os defensores do projeto aprovado pela Câmara Federal chegam a proclamar que a escola livre é a particular, porque não dirigida pelo Estado. O sofismar, típico da retórica medieval, pode impressionar aos que nada entendem do problema. Basta atentar-se para a confissão religiosa a que pertencem esses defensores do projeto, para se compreender a espécie de liberdade que eles defendem: a de ouvir e calar. ...”

Esse memorial do Clube recebeu apoio imediato e entusiástico do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e da Federação Espírita de São Paulo e outras instituições doutrinárias.

“Todas as instituições espíritas – alertou Herculano Pires através de sua coluna no “Diário de São Paulo” – estão, portanto, no dever de manifestarem sua repulsa ao Senado da República, que deverá dar, dentro de poucos dias, a última palavra, no plano legislativo, a respeito do assunto. A pressão dos interessados está sendo enorme sobre os senadores. Ao mesmo tempo, a campanha através de jornais religiosos, do

rádio e por meio de reuniões, de conferências e outras modalidades, para convencer o público de que o projeto medieval é excelente, desenvolve-se de maneira intensiva. Ou opomos a essa onda confusionista os nossos esforços, a nossa decisão, ou não teremos, amanhã, o direito de clamar contra as inevitáveis injustiças que iremos sofrer.

O projeto medieval – acrescentou o apóstolo – representa a negação de todas as conquistas da educação democrática. Para começar, determina a criação do Conselho Federal de Educação, órgão que regerá a distribuição de verbas, com elementos oficiais e particulares. Quer dizer que representantes das escolas particulares, na sua maioria de ordens religiosas, passarão a reger os fundos educacionais do país. O mesmo acontece com os Conselhos Estaduais. As escolas particulares passarão a dividir com a escola pública os recursos oficiais destinados a esta, e que já são insuficientes. Isso acarretará o aniquilamento progressivo da escola pública, livre, democrática, em benefício da escola particular, e principalmente da confessional, dirigida com fins religiosos-sectários.

O projeto medieval se refere, em seu artigo 20, alínea “b”, à atenção que terá de ser dada, no processo educacional, “às peculiaridades dos grupos sociais”. Isso quer dizer que os privilégios de classe e de seita voltarão a ter força de lei. O projeto sustenta a absoluta prioridade da família na educação, devolvendo o nosso sistema educacional às normas vigentes na Idade Média, sem levar em conta a aspiração democrática de uma sociedade igualitária. Esse teor sectarista e divisionista adquire plena intensidade no artigo 30, quando se nega a obrigatoriedade do ensino, permitindo aos pais pobres que não mandem seus filhos à escola. A pobreza deve continuar pobre e ignorante, para que as classes privilegiadas não sejam ameaçadas em seus direitos.”

E enquanto no Rio de Janeiro criava-se a Comissão Nacional em Defesa da Escola Pública (organismo desvinculado do Espiritismo e integrado, inclusive, por mestres da pedagogia, como Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira), o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, sob a orientação de Herculano Pires, convocou

a 1ª Convenção Espírita em Defesa da Escola Pública, a ser realizada de 11 a 16 de julho de 1960 no auditório da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Após a recepção das delegações da capital e do interior, eleição e posse da mesa e das comissões, Herculano Pires leu o memorial enviado ao Senado e expôs os motivos da convenção, cujos trabalhos (divulgados com destaque, inclusive pelo jornal “O Estado de São Paulo”) tiveram a duração de uma semana na sede do Clube dos Jornalistas Espíritas. À noite, conferência dos professores Luíza Peçanha Camargo Branco, do Educandário Amèlie Boudet; Tomaz Novelino, do Educandário Pestalozzi, de Franca; Apolo Oliva Filho, da Faculdade de Ciências Econômicas da Fundação Álvares Penteado; Dante Moreira Leite, da Faculdade de Filosofia de Araraquara, e Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

A 1ª Convenção Espírita de Defesa da Escola Pública, apoiada pela grande imprensa, teve funda repercussão. Centenas de milhares de folhetos, mostrando as manobras obscurantistas do Projeto de Diretrizes e Bases, foram distribuídos ao povo. Partidos políticos apoiaram-na, inclusive o Partido Socialista Brasileiro e a Frente Nacionalista de São Paulo.

A Convenção deu belos frutos. Dela nasceram a amplamente divulgada Declaração Espírita de Princípios Educacionais (enviada ao Senado da República) e a Associação Espírita de Defesa da Escola Pública. Herculano Pires, em carta ao seu amigo Deolindo Amorim, desabafou:

“Estamos grandemente confiantes no êxito da Associação, e simplesmente empolgados pelos resultados brilhantes da Convenção. O próprio Wantuil – Herculano refere-se ao presidente da Federação Espírita Brasileira, Wantuil de Freitas – já nos comunicou a remessa de telegrama da Federação ao Senado e mandou cópias de telegramas e ofícios enviados às Federações filiadas de todo o país, solicitando providências no mesmo sentido. A Convenção, portanto, embora partindo do Clube, transformou-se numa tomada de posição do movimento espírita. Foi a nossa mais bela vitória, graças a Deus.”

O projeto umbralino com o substitutivo de Carlos Lacerda, não obstante apoiado pelo arcebispo Dom Helder Câmara, ficou na gaveta... A luz venceu as trevas!

O Clube e a cultura espírita

O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo não era apenas uma fortaleza em defesa da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec sob a égide do Espírito de Verdade. Era também uma Universidade do Espírito, graças aos cursos idealizados e estruturados por Herculano Pires. O mestre criou esses cursos para que o público não se deixasse fascinar por interpretações pessoais erigidas por toda parte em novas formas de doutrina. “Livros, folhetos, artigos, discursos às mancheias andam por aí – dizia ele –, atulhando as estantes e as prateleiras das livrarias, derramando-se nas tribunas e ao microfone das emissoras, para lançar no terreno fértil do movimento espírita a sementeira do joio individualista.”



Herculano Pires (à direita) com Deolindo Amorim no Instituto de Cultura Espírita do Brasil. Herculano proferiu a aula inaugural.

Além dos cursos sobre as obras fundamentais de Allan Kardec, cujas aulas eram dadas por Herculano Pires, que tinha irresistível vocação de educador e foi quem mais se aprofundou no estudo do tríplice aspecto do Espiritismo, o Clube promovia cursos paralelos de interesse doutrinário, de que é exemplo “Vida e Pensamento de Gandhi”, curso dado pelo poeta e ilustre

deputado Cid Franco, defensor intemorato da filosofia cristã da não-violência. Sua polêmica eletrizante na tribuna da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo com os deputados padre Calazans e Abreu Sodré sobre a violência foi transcrita *ipsis-verbis* no livro *Não Matarás*, que Herculano Pires prefaciou e Batista Lino editou em 1953. Outro evento que emocionou quantos tiveram a oportunidade de assisti-lo foi o curso de introdução ao Existencialismo Espírita. Ministrou-o Herculano Pires. O Existencialismo ateu de Jean-Paul Sartre estava, então, no apogeu. Aliás, é oportuno deixar já registrado o que pensava Herculano Pires sobre o filósofo francês:

“A posição de Sartre denuncia a sua formação francesa, com indisfarçáveis raízes em Augusto Comte e Voltaire. Detesta e ironiza a tradição mística alemã, não podendo entender senão como queda na fragilidade humana a sua aceitação do transcendente. Quando Sartre propõe evidentes absurdos como estes: o homem é uma paixão inútil, a essência do homem é um suspenso na existência, a morte é a nadificação do ser, e assim por diante, as marcas de Comte e Voltaire aparecem, nítidas e indisfarçáveis, em seus flancos de potro sem freios. Ele rompe com toda a sistemática do pensamento e toda a tradição metafísica, fazendo tilintar os guizos da ironia volteriana. Se Voltaire tinha um pé na cova, como ele mesmo dizia, Sartre já nasceu na cova e nela pretende dissolver-se e dissolver o homem como chama de fogo-fátuo. (...) As incongruências sartreanas denunciam buracos e abismos de leviandade em seu pensamento. E foi precisamente isso o que fez o seu sucesso, tão contrário à seriedade profunda dos bardos celtas que figuram na sua genealogia gaulesa.”³⁵

Quanto ao curso de Existencialismo Espírita, esclarecera Herculano Pires, não representava nenhuma novidade doutrinária no sentido de reformulação da doutrina ou de alguns dos seus aspectos. O curso era um exame dos conceitos fundamentais das chamadas Filosofias da Existência, à luz dos princípios espíritas. O interesse desse exame era demonstrar que os conceitos existenciais em grande parte correspondem a conceitos fundamentais do Espiritismo e tanto podem contribuir para a melhor compre-

ensão dos problemas espíritas, quanto podem ser esclarecidos pelos princípios espíritas.

“Sendo as Filosofias da Existência o mais rico filão do pensamento filosófico contemporâneo, mas ao mesmo tempo o mais cheio de pontos obscuros, havia um duplo interesse neste confronto: o Espiritismo revela a sua autenticidade como concepção filosófica atualizada e revela também sua posição avançada no tocante à problemática filosófica atual, uma vez que pode oferecer esclarecimentos aos pontos obscuros do existencialismo. Existe, portanto, o Existencialismo Espírita, que difere do Existencialismo Protestante e do Católico, bem como do Existencialismo ateu, de Sartre e seus companheiros, primeiramente por sua concepção ontológica mais profunda e depois por sua concepção existencial muito mais ampla. Mas a principal contribuição do Existencialismo Espírita é oferecer a solução integral do problema da angústia existencial e inverter o conceito de Heidegger, ao mostrar que a morte não é a finalidade do homem, mais apenas um meio de realização da sua transcendência.”

Abordaremos, novamente este fascinante tema no capítulo “O filósofo e seu destino”.

Outro fato histórico que os leitores do futuro não devem esquecer: quando a Parapsicologia começou a ser discutida no Brasil, graças, principalmente, aos livros magistrais do casal Joseph B. Rhine e Louise Rhine, pesquisadores da Universidade de Duke, na Carolina do Norte, Herculano Pires, vendo que padres e frades usavam a nova disciplina científica para negar a participação dos Espíritos nos fenômenos, imediatamente fez o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo instituir o primeiro curso regular de Parapsicologia no país, dado pelo médico espiritualista Alberto Lira.

Outras atividades culturais tinha o Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas. Herculano Pires com seu prestígio pessoal conseguiu que a Biblioteca Municipal de São Paulo (Biblioteca Mário de Andrade, situada no centro da cidade) cedesse o auditório para que o Clube ali realizasse, mensalmente, conferências.

Com esse fato cresceu ainda mais o prestígio do Clube junto à sociedade paulistana porque as conferências eram divulgadas pelos jornais “Diário de São Paulo”, “Diário da Noite”, “Jornal de Notícias” e pelo “Grande Jornal Falado da Rádio Tupi”, emissora que cobria a maior parte do país.

Foi no moderno auditório da Biblioteca Municipal de São Paulo que o Clube dos Jornalistas Espíritas realizou uma solenidade histórica que teve enorme repercussão. Participaram personalidades da coletividade portuguesa. A solenidade teve por objetivo acentuar a passagem do décimo aniversário do fechamento da Federação Espírita Portuguesa, em Lisboa, e da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, no Porto, por determinação do ditador Salazar.

Uma das conferências na Biblioteca Municipal agitou os profissionais da imprensa e da política. Teve este título provocador: “Por que deixei de ser materialista”. Foi pronunciada pelo ex-comunista Aristides da Silveira Lobo, um dos mais conhecidos e respeitados jornalistas do país, na época redator das “Folhas”. Fundador da Juventude Comunista, da Liga Comunista Internacionalista, da Associação dos Amigos da Rússia, companheiro de Luís Carlos Prestes na Argentina, o legendário e boníssimo confrade Aristides Lobo foi preso vinte e cinco vezes. É o que registra a “Folha de São Paulo”, edição de 10 de novembro de 1968, um dia após a desencarnação de Aristides. O jornal dedicou-lhe uma página inteira, com pareceres de vinte e oito jornalistas sobre sua fascinante personalidade, mas a conversão ao Espiritismo foi ocultada. Nem uma linha sobre sua famosa conferência na Biblioteca Municipal, quando narrou que abandonara o materialismo porque os Espíritos, a partir de certa data, o avisavam através de batidas em seu corpo, nos móveis e nas paredes, que a polícia estava a caminho para prendê-lo. Aristides Lobo, então, escapava!

Quando ficou pronto o pequeno auditório do Clube dos Jornalistas Espíritas (janeiro de 1957), Herculano Pires comemorou o acontecimento com uma semana de conferências – uma por dia. “Problemas da Reencarnação” foi o tema de Aristides Lobo. Duzentas pessoas presentes, inclusive o escritor Paulo Dantas, o

pintor Rafael Falco e Corina Novelino, autora de uma biografia de Eurípedes Barsanulfo. Na sequência falaram José Freitas Nobre, Romeu Campos Vergal, Carlos Imbassahy, Jorge Rizzini, Luís Monteiro de Barros e Herculano Pires (Deolindo Amorim não pôde comparecer).

E mais realizava o Clube: a partir de 1956, aos sábados, havia um trabalho que se tornou famoso: os “Serões Espíritas”, trabalho que consistia em debater-se com o público temas doutrinários em clima democrático. Antes dava Herculano Pires uma aula magistral sobre um capítulo de *O Livro dos Espíritos*. A mesa era por ele presidida, tendo ao lado os companheiros de ideal Fernando Campos Ferreira da Cunha e Jorge Rizzini.

Inesquecíveis personalidades exponenciais do movimento espírita nacional e estrangeiro ocuparam a tribuna do Clube: mestre Carlos Imbassahy (pai); Deolindo Amorim (fundador do Instituto de Cultura Espírita do Brasil); Antônio Pereira Guedes (diretor do jornal “Almenara”, do Rio de Janeiro); Ítalo Ferreira (diretor da “Revista Internacional de Espiritismo”); Lauro Scheleder (diretor do jornal “Mundo Espírita”, do Paraná); Isidoro Duarte dos Santos (diretor da revista “Estudos Psíquicos” e presidente da Federação Espírita Portuguesa); Humberto Mariotti (presidente da Federação Espírita da Argentina); Luiz C. Postiglioni (presidente da Federação Espírita Internacional), etc.

II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas

Por determinação do I Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas,³⁶ realizado no Rio de Janeiro em 1939, duas comissões foram criadas – uma formada por confrades do Rio e outra de São Paulo – com o objetivo de organizarem o II Congresso programado para o ano seguinte, na capital paulista. Dezenove anos, porém, se passaram e os confrades, quer os do Rio como os de São Paulo, jamais se reuniram. Então, em 1958 o Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas de São Paulo, com Herculano Pires na presidência, chamou a si a responsabilidade

de realizar o evento. Definiu-se, inicialmente, que teria por patronos Allan Kardec e José Gonçalves da Silva Batuira, primeiro jornalista espírita do Estado de São Paulo e patrono do Clube. E que o Congresso seria em comemoração a dois importantes centenários que ocorreriam em 1958: o de publicação da *Revue Spirite*, de Allan Kardec – que assinala o advento da imprensa espírita –, e o de fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, primeira instituição doutrinária em todo o mundo.



Freitas Nobre, Herculano Pires e Tulman Netto

Pode imaginar-se os enormes obstáculos a serem vencidos, pois em 1958 havia em São Paulo poucos jornalistas espíritas – e raros dispostos a arregaçar as mangas da camisa... O Clube, que em termos de finanças sofria de uma pobreza franciscana, no entanto, sob o amparo da Espiritualidade Superior conseguiu do prefeito Ademar de Barros a sanção ao projeto de lei do vereador Mário Câmara que concedia a subvenção de duzentos mil cruzeiros para as despesas da realização do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas. Dias depois dessa notícia auspiciosa o Clube enviou à imprensa doutrinária e profana e a emissoras de Rádio o seguinte edital:

“O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo dirige-se aos jornalistas e escritores espíritas de todo o Brasil, convocando-os para o II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, a realizar-se em São Paulo, de 18 a 23 de abril próximo, em comemoração ao 1º Centenário da *Revue*

Spirite, de Allan Kardec, e da fundação da Sociedade Espírita de Paris, que transcorrem neste ano.

Além dessa finalidade comemorativa, que por si só justificaria a iniciativa, o Clube de Jornalistas Espíritas objetiva dar prosseguimento ao trabalho dos congressos de intelectuais espíritas iniciado no Rio com a convocação e realização do primeiro e posteriormente interrompido, a fim de se conseguir o seguinte:

- a) maior aproximação entre os jornalistas e intelectuais espíritas brasileiros em geral, com oportunidades para contatos em âmbito internacional;
- b) maior unidade de vistas entre os intelectuais espíritas, a respeito dos problemas doutrinários;
- c) melhores condições para o aperfeiçoamento da imprensa espírita e o maior desenvolvimento da literatura espírita no país.

Tendo em vista o fato de nos encontrarmos no limiar do segundo século da Era Espírita, os jornalistas e escritores espíritas de São Paulo entendem que é necessário maior união de todos os que trabalham na construção da cultura espírita, para que esta possa consolidar-se no correr do novo século e cumprir a sua missão de base da nova civilização terrena. Reunidos, portanto, em sua entidade representativa, conclamam os seus colegas de todo o Brasil para esse encontro intelectual, que consideram de urgente necessidade e de mais alta importância e significação.

Hoje, mais do que nunca, ante o progresso assombroso da técnica no domínio material, o avanço da ciência em todos os campos e a conseqüente desagregação das concepções espiritualistas desprovidas de bases e orientação científicas, o Espiritismo se impõe ao mundo como a única solução para o problema de reorientação espiritual da inteligência moderna. Diante disso, cabe aos intelectuais espíritas esmagadora responsabilidade no trato e na divulgação dos princípios doutrinários do Espiritismo, bem como na colocação dos problemas

do movimento espírita, em relação a todos os ramos das atividades humanas.

O II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas marcará o início de uma nova fase na luta dos intelectuais espíritas do Brasil contra as incompreensões e as deformações da doutrina por parte dos seus adversários e no esforço constante que desenvolvem, nos meios doutrinários, pela integração dos espíritas brasileiros nos verdadeiros princípios do Espiritismo, contidos na codificação kardeciana. Os jornalistas e escritores espíritas de São Paulo esperam que a sua convocação seja ouvida em todos os quadrantes do território nacional, neste momento decisivo da grande batalha doutrinária pela reconstrução da unidade espiritual da cultura moderna.

Confiantes na compreensão dos seus colegas de todo o país, estendem jubilosamente a sua convocação aos intelectuais estrangeiros, que poderão participar do certame como delegados fraternais, e a todas as associações, sindicatos, escolas, cursos e demais entidades de jornalistas e escritores não-espíritas, do país e do exterior, que desejarem participar, em caráter fraterno, desse encontro intelectual espírita – pela renovação das bases culturais da vida moderna; pela reconstrução da unidade espiritual do homem, num plano racional; pelo entendimento e a união de todos os que lutam em favor da elevação da inteligência; pela construção da verdadeira civilização cristã na Terra!”

O temário arrojado e admiravelmente elaborado pelo apóstolo de Kardec era abrangente e ainda hoje quase em sua totalidade serve de modelo para futuros congressos. Era formado por dez itens, que se subdividiam em numerosos temas. Ei-los:

1. Da liberdade de culto:
 - a) Defesa dos dispositivos constitucionais;
 - b) Luta contra os atentados à liberdade de pensamento e em favor do livre exercício da mediunidade.
2. Da expansão e defesa da imprensa espírita:

- a) Fortalecimento da imprensa espírita;
 - b) Organização de serviços de imprensa para jornais espíritas;
 - c) Cursos de jornalismo espírita;
 - d) Constituição de associações de jornalismo espírita.
3. Da história e das funções da imprensa espírita:
- a) História do jornalismo espírita nacional;
 - b) Atividades culturais relacionadas com o jornalismo espírita;
 - c) Função da imprensa espírita na vida nacional, na aproximação dos povos, na formação de uma consciência espírita no lar e na sociedade.
4. Do Espiritismo como ciência, filosofia e religião:
- a) Reconhecimento do Espiritismo como religião;
 - b) Formação de escolas e cursos;
 - c) Cátedras universitárias de Espiritismo;
 - d) Organização de grupos de pesquisa científica.
5. Missão social do Espiritismo:
- a) Sociologia espírita;
 - b) Trabalhos de assistência social no país;
 - c) O Espiritismo no lar;
 - d) Influência do Espiritismo nas leis;
 - e) O problema político e o Espiritismo.
6. Missão do jornalista espírita:
- a) No movimento das mocidades espíritas;
 - b) Na unificação dos espíritas;
 - c) Na orientação das sociedades;
 - d) No combate às deturpações doutrinárias;
 - e) Na crítica literária e doutrinária;
 - f) Na imprensa profana.
7. Missão do escritor e do intelectual espírita em geral:

- a) Literatura espírita de ficção;
- b) Literatura mediúnica;
- c) Literatura infantil;
- d) Poesia espírita;
- e) Obras de doutrina;
- f) Literatura científica e filosófica;
- g) Oratória espírita.

8. Espiritismo no rádio e na televisão:

- a) História e crítica das primeiras iniciativas de organização de radiodifusão espírita;
- b) Programas doutrinários radiofônicos;
- c) Organização de programas de televisão.

9. Do livro e das editoras espíritas:

- a) Barateamento do livro espírita;
- b) Da criação de um fundo nacional do livro espírita;
- c) Da fundação de bibliotecas: nas sociedades, circulantes e públicas.

10. Espiritismo e Espiritualismo:

- a) O Espiritismo em face das religiões;
- b) O Espiritismo e as demais correntes espiritualistas;
- c) A mediunidade através dos séculos.

Ao examinar o temário acima o leitor certamente notou que Herculano Pires tinha, no que se refere à Doutrina Espírita, o voo e a visão aguda de um condor. A solenidade da abertura do Congresso deu-se no Círculo de Comunhão do Pensamento porque possuía um grande auditório, que lotou na noite gloriosa de 18 de abril de 1958. Vieram do Rio de Janeiro (às expensas do Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo) o escritor Carlos Imbassahy (pai) – era considerado o Bozzano brasileiro – e o vibrante jornalista e orador Antônio Pereira Guedes, diretor do jornal “Almenara”. Deolindo Amorim não pôde comparecer, mas o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, por ele presidido e representado no Congresso por mestre Imbas-

sahy, apresentou “uma indicação no sentido de se reafirmar a *atualidade* da Codificação de Allan Kardec como base de estudo e orientação do movimento espírita, *a fim de que não tome corpo, entre nós e nos países irmãos, a errônea suposição de que a Codificação da Doutrina Espírita estava ultrapassada* – conforme a redação do próprio Deolindo Amorim em “Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, ano I. Participaram também do histórico evento Lauro Scheleder, diretor de “Mundo Espírita”; Francisco Raitani, presidente da Federação Espírita do Paraná; Ítalo Ferreira, diretor da Revista Internacional de Espiritismo; Canuto de Abreu; Clóvis Ramos; e entre outros renomados confrades a delegação de Buenos Aires chefiada por Luiz Cristóforo Di Postiglioni, uma das mais altas expressões da intelectualidade espírita argentina, representando a revista “Constancia”, o órgão doutrinário mais antigo da imprensa espírita de todo o continente. A Federação Espírita Portuguesa foi representada pelo saudoso jornalista português Fernando Campos Ferreira da Cunha. O trabalho da Comissão de Teses e os debates desenvolveram-se no auditório do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo. A sessão solene de encerramento deu-se no Círculo da Comunhão do Pensamento com a presença de grande público que vibrou quando Herculano Pires assumiu a tribuna e teceu considerações sobre as conclusões do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas. Ei-las:

“A primeira conclusão é a de que o Espiritismo tem como base e estrutura doutrinária a chamada Codificação kardeciana, constituída por *O Livro dos Espíritos* e demais obras de Allan Kardec, não podendo a palavra *Espiritismo* ser usada por outros movimentos ou aplicada a qualquer outra corrente espiritualista.

Declararam os congressistas que existe injustificável confusão em obras sociológicas brasileiras, entre Espiritismo e formas de animismo primitivo, acentuando a necessidade de discernimento, do ponto de vista cultural, porquanto o Espiritismo é uma doutrina moderna, fundada por Allan Kardec em meados do século passado e esposada por grandes figuras do pensamento científico e filosófico da Europa e das Américas,

como Oliver Lodge, Conan Doyle, Victor Hugo, Camille Flammarion, Ernesto Bozzano e tantos outros. Nossos sociólogos, em geral – reafirmou Herculano Pires –, desde Nina Rodrigues a Gilberto Freyre, costumam referir-se ao fetichismo africano ou caboclo atribuindo-lhe a designação imprópria de Espiritismo, revelando, assim, absoluto desconhecimento do processo histórico do aparecimento do Espiritismo, da existência da Doutrina Espírita.

Quando a confusão é feita por pessoas incultas ou de cultura mediana, ainda é perdoável. Quando provém de representantes de religiões ou correntes intelectuais contrárias à doutrina, reveste-se em geral de segunda intenção e de agressividade. Mas quando é feita nos próprios meios espíritas, por pessoas que aceitam os princípios da doutrina mas não procuram estudá-los, torna-se motivo de desorientação geral. E quando, além disso, é feita por elementos que se colocam à frente de instituições espíritas, revela descaso pela doutrina, falta de respeito aos seus princípios ou de compreensão das suas finalidades.”³⁷

Concluíram ainda os congressistas que a Codificação kardeciana não foi superada em seus fundamentos básicos pela evolução filosófica e científica dos últimos tempos, tendendo esta evolução, pelo contrário, a confirmar aqueles fundamentos.

Quanto às recomendações do Congresso, figura a de organização nacional de defesa do exercício da mediunidade e da liberdade de culto, conclamando-se os advogados e juristas espíritas de todo o país para uma luta em favor da reforma do Código Penal, no tocante aos dispositivos que ferem aqueles princípios. Há também uma recomendação às instituições federativas no sentido de organizarem um movimento destinado a criar a Fundação Nacional do Livro Espírita.”³⁸

Finalizando este capítulo sobre o Congresso realizado pelo Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas de São Paulo, registremos, ainda, que a Rádio Progresso irradiou todas as sessões do conclave, e a Rádio Guanabara, do Rio de Janeiro, efetuou transmissões especiais da capital paulista, através do seu enviado

ao congresso, o jornalista e radialista profissional Olívio Novais, espírita militante. A revista “Ilustração Espírita”, dos irmãos Cruso, no encerramento do memorável evento, distribuiu aos congressistas um *diploma* com o “Credo do Jornalista”. Foram também distribuídas pela Comissão Organizadora flâmulas do Congresso.³⁹

A extinção do Clube

Vinte e dois anos de atividade ininterrupta teve o Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas de São Paulo. Vinte e dois anos de vitórias espirituais! Em planetas como a Terra, onde o tempo determina a duração de tudo (só o Espírito é indestrutível!), a gloriosa instituição, evidentemente, não poderia ser exceção... Sua extinção em 1970, porém, não foi devido ao tempo nem a uma resolução da Espiritualidade Superior, mas ao espírito humano, cujas atitudes nem sempre são previsíveis...

O autor preferia não prosseguir com estas linhas, mas é impossível silenciar diante de fatos que destruíram tão notável instituição. Vamos nos deter em apenas dois.

Sabe o leitor que o prédio onde estava instalada a sede era propriedade do joalheiro Heitor Giuliani, um dos fundadores do Clube – fundador e em várias gestões vice-presidente. Um dia, os jornais divulgaram com destaque a notícia que a polícia invadira o prédio e encontrara no teto da sede do Clube enorme quantidade de jóias e pedras preciosas contrabandeadas. A denúncia fora feita por um antigo empregado do joalheiro.

Pode o leitor imaginar o impacto que o escândalo causou em Herculano Pires. A sede do Clube – uma instituição filantrópica de caráter religioso – servia para camuflar negócios escusos. O nome do Clube, felizmente, não fora citado nas reportagens, mas era impossível manter a sede naquele prédio. Mas, mudá-la para onde? Os serões espíritas Herculano Pires passou a realizá-los na Sociedade de Estudos Espíritas Três de Outubro em um velho sobrado na rua Florêncio de Abreu nº 337, graças à inesquecível e valorosa Anita Brisa. Mas só por alguns meses, porque os

móveis, a biblioteca e documentos do Clube continuavam na rua de São Bento. A diretoria voltou, pois, a reunir-se na antiga sede, mesmo porque Heitor Giuliani, que sempre fora espírita exemplar, continuava na vice-presidência. O ambiente, porém, não era o de outrora. Heitor Giuliani não comparecia às reuniões, na verdade não queria mais a sede do Clube em sua propriedade. Não o disse, porém. Preferiu agir através de seu mal-encarado e truculento porteiro de nome João. E dias depois Herculano Pires foi ameaçado por ele na presença de Heitor Giuliani, dentro da joalheria.

Os frequentadores dos serões nos sábados à noite ficavam longos minutos na rua à espera de que o porteiro surgisse e abrisse o portão. Herculano Pires refletiu, demoradamente, sobre o caso. E, com grande pesar no coração enviou o seguinte documento ao confrade Heitor Giuliani:

“São Paulo, 20 de janeiro de 1970.

Exmo. Sr. Heitor Giuliani

Vice-presidente do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo.

Prezado confrade:

Impossibilitado de continuar no exercício da presidência, por motivos imperiosos e alheios à minha vontade, venho depositar em suas mãos essa responsabilidade, de acordo com as disposições estatutárias.

Na próxima sexta-feira, dia 23, devíamos comemorar o 22º aniversário do Clube. Não podendo estar presente à reunião, a que comparecerão os frequentadores habituais, o prezado confrade deverá dirigi-la, mesmo porque qualquer outro membro da diretoria não poderá entrar no prédio.

Neste mês devemos proceder à eleição e posse da nova diretoria. O confrade deverá providenciá-la. Não poderei aceitar nenhum cargo.

Dentro de um mês devemos mudar a sede. Não sei como nem para onde. Não disponho de tempo nem de recursos para

as providências e muito menos de companheiros que me ajudem.

Na sexta-feira passada iniciamos o serão com atraso, pois o porteiro que me desacatou e ameaçou na sua presença, em sua loja, só apareceu para abrir a porta exatamente às 20:30 horas, quando a reunião devia estar sendo aberta. Às 22:15 encerramos os trabalhos, mas ficamos presos no prédio. O porteiro havia fechado a porta e desaparecido.

Os frequentadores do serão haviam permanecido na chuva desde às 20 horas na frente do prédio. Participei dessa espera e não tive coragem de explicar-lhes que o presidente do Clube não podia ter chave do prédio, pois eles viram outros usuários entrarem e saírem à vontade. Para sairmos do prédio tive de recorrer a esses usuários, mais dignos de confiança do que os diretores do Clube, que felizmente nos socorreram e abriram a porta. Durante a reunião as pessoas que chegaram atrasadas encontraram a porta fechada.

Como só V.S. e o porteiro podem dispor de chave, para realizar os trabalhos sem essas dificuldades, penso que a continuação dos serões só será possível sob a sua direção pessoal.

Minha responsabilidade moral e espiritual pelo Clube que fundamos há 22 anos cessou. Não posso mais prosseguir. Entrego-o nas suas mãos. Minha demissão é irrevogável.

Atenciosa e cordialmente,

Herculano Pires.”

Herculano Pires era a alma do Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas de São Paulo. Sem o apóstolo de Kardec as portas da memorável instituição fecharam-se para sempre.

Congressos e Pacto Áureo

O incansável Herculano Pires, paralelamente às atividades no Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo (e atividades profissionais), escreveu livros de poesia, romances, pronunciou conferências, participou dos eventos doutrinários, debates na Rádio, TV e jornais. E muito mais ainda viria o apóstolo a realizar em prol do Espiritismo, apesar da dificuldade financeira que jamais o abandonaria. Se o leitor estiver ansioso narraremos com detalhes os principais fatos.

I Congresso Brasileiro de Unificação Espírita

Promovido pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, então sob a presidência de Edgard Armond, o I Congresso Brasileiro de Unificação Espírita realizou-se na capital paulista de 31 de outubro a 5 de novembro de 1948, ou seja, um ano e quatro meses após a fundação da USE, porque continuava caótica a situação do movimento espírita no país, apesar da presença da Liga Espírita do Brasil e da Federação Espírita Brasileira – e, particularmente, no Estado de São Paulo, não obstante a ação unificadora da própria promotora do congresso... Havia divergências quanto aos conceitos doutrinários e grande era a mixórdia na prática mediúnica em centros espíritas com o nome de santos, anjos e arcanjos. E havia, ainda, instituições com dupla face – nos dias pares espíritas e nos dias ímpares umbandistas. No Rio de Janeiro funcionava a União Espiritista de Umbanda e no Rio Grande do Sul a Federação Espírita de Umbanda... Um caos.

Por uma questão de fidalguia a USE ofereceu a direção do congresso à Federação Espírita Brasileira, que recusou, alegando que “não é chegada, para nós, a hora desse grande empreendimento” (...) “porque o julgamos, para nós, inoportuno”, etc. A recusa da FEB, por incrível que pareça, levou o confrade Caeta-

no Mero, presidente da União Federativa Paulista, a desvincular “sua” instituição da USE. Herculano Pires fez parte da comissão conciliatória organizada pela USE. Eis os principais tópicos de sua entrevista (hoje histórica e rara) publicada na coluna “Seara Espírita”, do extinto “Jornal de Notícias”, edição de 30 de junho de 1948:

“Durante cerca de três horas ali estivemos, e tenho a declarar, de minha parte, que não ouvi uma única razão capaz de justificar o afastamento da União. Classifico simplesmente de lamentável o gesto desagregador daquela entidade. Aliás, tive ocasião de declará-lo ao Sr. Caetano Mero, ao mesmo tempo em que expressava a minha esperança de ver a velha União – que apesar dos anos ainda não tomou juízo – a voltar para o bom caminho. “O mais forte argumento” de que se serve o Sr. Mero é o de que a USE pretende sobrepor-se à Federação Espírita Brasileira. Não sei porque estranhas artes de raciocínio consegue o Sr. Mero chegar à conclusão de que o organismo estadual, nascido de um congresso a que ele mesmo assistiu e do qual a União participou como organizadora, poderia ter a intenção de desalojar a FEB da sua posição natural, firmada através de anos de trabalho, e decorrente de um imperativo histórico e geográfico. A FEB, como a mais velha entidade espírita do país, situada na Capital Federal, dispõe de tudo quanto falta à USE para centralizar o movimento espírita nacional. Infelizmente, porém, a Federação parece não ter ainda se apercebido desse fato. E a sua ex-aliada, que acaba de voltar ao seio da “entidade-máter”, parece haver regressado tão cheia de amor, que não pode tolerar a existência, em São Paulo, de um organismo como a USE, destinada, não a chefiar, a liderar, a mandar, ou coisa semelhante, mas a coordenar, numa base de colaboração fraterna, que é o de que precisamos, o movimento espírita estadual.”

E mais acrescentou Herculano Pires, agora com o bom humor aliado ao bom-senso:

“Alega o incrível comunicado da União que um dos “motivos robustos” do afastamento é a realização do próximo con-

gresso centro-sulino. Muito ao contrário de robusto, acho anêmico esse motivozinho de comadre. Então por que a USE, em combinação com várias Federações estaduais, resolve promover um conclave com o qual não concorda a FEB, já o seu filho pródigo, a União Federativa, precisa se desligar do movimento unificador? Aliás, se o pensamento do Sr. Mero é o de que os espíritas devem estar jungidos a uma entidade que faz e desfaz, soberana e única, dentro do país, poderemos dizer que isso não passa de um “mero” equívoco. Dentro do Espiritismo só se pode pensar em organismos de colaboração, como a USE, com inteiro respeito pela autonomia de todas as entidades menores. Fora disso haverá sempre “espertismo”, nunca Espiritismo.”

O Pacto Áureo (por dentro)

Outro fato que causou espécie foi a pena imposta por Wantuil de Freitas à Federação Espírita do Rio Grande do Sul, a qual teve sustada sua adesão à FEB por aderir ao congresso e apresentar uma tese propondo a criação de um organismo federativo nacional capaz de ordenar e coordenar com eficiência os trabalhos de unificação do movimento doutrinário – a nova instituição chamar-se-ia Confederação Espírita Brasileira e seu primeiro presidente poderia ser o próprio Wantuil de Freitas... Quanto à FEB, restringiria sua ação apenas ao Rio de Janeiro... A ideia, inegavelmente, “estava no ar”, porque nesse mesmo congresso a União Espírita Mineira propusera a criação de uma Confederação Nacional do Espiritismo e a tese da USE com a assinatura dos valorosos confrades Edgard Armond (seu relator), Luísa Peçanha Camargo Branco, J. Herculano Pires, Manoel Paula Cerdeira e Júlio Abreu Filho apoiava a proposta da Federação Espírita do Rio Grande do Sul – proposta que não saiu do papel, morreu com o congresso, mas como a mitológica Fênix poderia ressuscitar de suas próprias cinzas...⁴⁰

Para finalizar, citemos mais um fato inusitado. Serve para mostrar a fragilidade doutrinária de alguns líderes nos quais depositava o público absoluta confiança. Em 1949 realizou-se no

Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, o II Congresso Espírita Pan-americano – à revelia, mais uma vez, da Federação Espírita Brasileira. Participavam desse conclave vários confrades que no congresso da USE defenderam a proposta de fundar-se a Confederação Espírita Brasileira, porque o perfil da FEB lhes parecia “mais de um Centro-Modelo do que de uma Federação propriamente dita” e... porque era “obsoleto seu atual sistema federativo”, o qual, sendo “platônico e inoperante, acarretou atrofia do setor propriamente federativo” (conforme escreveram e afirmaram de viva voz no plenário do congresso paulista). Pois esses mesmos confrades, após uma reunião no Hotel Serrador com Carlos Jordão da Silva, dirigiram-se à Federação Espírita Brasileira – sem nada revelar aos demais companheiros que se encontravam no Congresso Pan-americano – com o objetivo de terem uma conversa sigilosa com Wantuil de Freitas. Lins de Vasconcelos fora incumbido de promover o encontro. Leopoldo Machado, que estava, casualmente, na porta da livraria da FEB, acompanhou-os. Eram três horas da tarde do dia 5 de outubro de 1949.

Wantuil de Freitas sentia-se, evidentemente, ferido com as recentes críticas feitas à FEB no congresso paulista. Ele ouvira a gravação dos principais discursos. A reunião foi constrangedora, vexatória. Wantuil de Freitas ouviu os confrades, um por um. Depois foi incisivo ao apresentar seu plano para um novo Conselho Federativo:

- 1) A verificação das federativas estaduais e, conseqüentemente, dos centros espíritas do país, seria de um eficiente Conselho Federativo Nacional.
- 2) Novo CFN, além de umbelicalmente vinculado à Federação Espírita Brasileira, seria presidido pelo presidente da FEB, ou seja, por ele, Wantuil de Freitas.
- 3) Cada federação estadual deveria apresentar uma lista com o nome de três confrades. Wantuil de Freitas escolheria um para representá-la no CFN.
- 4) A Liga Espírita do Brasil deixaria de ser federativa nacional. Sua ação não ultrapassaria os limites do Estado do Rio de Janeiro e o nome deveria sofrer alteração.

Nenhum dos itens expostos por Wantuil de Freitas foi contestado. E eram dezoito! Cada confrade, então, tirou do bolso a caneta-tinteiro, curvou-se e assinou o documento, que alguns, depois, chamariam de “acordo de cavalheiros” e que Artur Lins de Vasconcelos Lopes (vice-presidente da Liga) pela imprensa batizou com o pomposo título de “Pacto Áureo”.

O leitor, certamente, há de perguntar quais os confrades que subscreveram a histórica ata. Eis os nomes:

Wantuil de Freitas (FEB); Lins de Vasconcelos (Liga); Vinícius e Carlos Jordão da Silva (USE); Bady Cury e Noraldino de Melo Castro (União Espírita Mineira); João Ghignone e Francisco Raitani (Federação Espírita do Paraná); Oswaldo Melo (Federação Espírita Catarinense); e os confrades da Federação Espírita do Rio Grande do Sul: Felisberto Peixoto, Jardelino Ramos e os autores da tese propondo a fundação da confederação: Roberto Pedro Michelena, Marcílio Cardoso de Oliveira e Francisco Spinelli.

Difícil buscar a razão de tão desconcertante atitude desses confrades. Porque até aquele instante haviam trabalhado muito, e com profundo amor, pela difusão da Doutrina Espírita. O que, então, os levou a assinar sem discussão o pacto que Herculano Pires com propriedade chamou de “bula papalina”? O excesso de misticismo criara sentimento de culpa e o grupo passara a admitir infalibilidade no presidente da FEB? Sua presença dominadora teria obnubilado a consciência dos confrades? Ou careciam todos, na verdade, de conscientização doutrinária?

Os leitores que decidam, mas sem esquecer que todos nós temos acertos e desacertos. Uma coisa porém é certa: se J. Herculano Pires, Deolindo Amorim, Júlio Abreu Filho tivessem participado da reunião febianiana outro teria sido o rumo das definições doutrinárias.

A propósito, qual era a opinião de Deolindo Amorim e de Herculano Pires sobre o famoso pacto? Abremos o livro *Ideias e Reminiscências Espíritas* (edição do Instituto Maria, sem data) de Deolindo Amorim. Eis o que se lê na página 144:

“Em 1949, por exemplo, quando a Liga Espírita do Brasil aceitou o acordo de 5 de outubro (...), acordo que se denominou, posteriormente, “Pacto Áureo”, tomei posição contrária à de Aurino, votei (na assembleia da Liga) contra a resolução, porque não concordei com o modo pelo qual se firmara esse documento. E o fiz em voz alta, de pé, na Assembleia, com mais doze companheiros que pensavam da mesma maneira (...) Votei contra para ser fiel a uma convicção.”

E em carta de 30 de setembro de 1983, endereçada ao confrade Mauro Quintella, reafirma Deolindo Amorim sua posição doutrinária acrescida de detalhes reveladores:

“Fui contra o acordo de 49, depois chamado de Pacto Áureo, porque não concordei com a forma, o modo político (o grifo é do Deolindo) pelo qual se realizou o plano, trabalhando em segredo. Não houve assembleia antes. Tudo já veio preparado.”

Essa carta de Deolindo Amorim foi publicada no jornal san-tista “Abertura”, edição de setembro de 1988, página 5.

Herculano Pires, por sua vez, com visão crítica, fidelidade à Doutrina e coragem moral que o iluminavam, analisou em vários artigos o Pacto Áureo. Os trechos a seguir sintetizam seu pensamento:

“Vinícius, que era uma alma pura, sonhava com a ligação da FEB ao movimento de unificação. Arquitetou e conseguiu realizar essa ligação, mas teve de pagar o preço do pacto áureo. Instalou-se no Rio o Conselho Federativo Nacional (órgão da FEB) e tivemos a primeira eclosão dos instintos vaticânicos. O Conselho começou a baixar bulas papalinas sobre questões doutrinárias, a conceder licenças para realização de concentrações e congressos, a negar aos jovens o direito de deliberar em seus movimentos, etc.

Espiritismo e liberdade são sinônimos, pois a Doutrina considera que sem liberdade não há responsabilidade. Queríamos provar, e provamos, que a violação da liberdade espírita, da autonomia das instituições, ameaçava os próprios fun-

damentos da Doutrina. Precisávamos de fraternidade, solidariedade, trabalho e tolerância, mas não de sujeição passiva a pretensas autoridades doutrinárias que se arrogavam o direito de dirigir o movimento. A USE correspondia às exigências de organização do movimento sem o risco do autoritarismo. Mas o chamado Pacto Áureo matou essa possibilidade. Firmado o pacto com a FEB, a USE submeteu-se ao Conselho Federativo Nacional, órgão da FEB, que através dele começou a baixar bulas papalinas sobre a Doutrina e decretos cardinalícios sobre a organização. Houve atritos sérios da FEB com Federações estaduais, mas o pacto continuou em vigor. Uma contradição flagrante. O movimento livre da USE entregava-se à FEB, voltava ao jugo da carne, segundo expressão do apóstolo Paulo aos hebreus, cristãos judaizantes. A reforma estrutural da USE suicidava-se num pacto de ouro, entregando-se aos rabinos do Templo.”⁴¹

I Congresso Educacional Espírita Paulista

A USE, dois meses depois do I Congresso Brasileiro de Unificação Espírita – que teve como consequência o polêmico Pacto Áureo – realizou o I Congresso Educacional Espírita Paulista. Ano: 1949.

Herculano Pires participou ativamente do evento, pois já lhe parecia fundamental em 1949 “restaurar a verdadeira educação, cujas diretrizes perfeitas se encontram na escola revelada pelos Evangelhos estudados à luz da Codificação kardeciana”.

Herculano Pires fazia parte do recém-criado Departamento de Educação da USE, juntamente com a incansável professora Luiza Peçanha Camargo Branco, Sebastião Gonçalves e José Paneta. Foram os quatro que projetaram e convocaram o I Congresso Educacional Espírita Paulista – congresso pioneiro no Brasil –, realizado de 16 a 18 de janeiro de 1949 na cidade de São Paulo e que fora presidido por Luiza Peçanha Camargo Branco. Herculano Pires foi o primeiro secretário, além de

participar da “Comissão de Teses” ao lado de Vinícius e outros companheiros.

O I Congresso Educacional Espírita Paulista resultou na concretização de um antigo sonho de Vinícius, Júlio Abreu Filho, Emílio Manso Vieira, Fausto Lex e o apóstolo de Kardec: a criação do Instituto Espírita de Educação, em cuja primeira Diretoria Executiva Vinícius assumira a presidência e Luiza Peçanha Camargo Branco a vice-presidência. Herculano Pires foi eleito primeiro secretário (o mestre presidia na época o Clube dos Jornalistas Espíritas). Thomaz Novelino, emérito educador na cidade de Franca e que fora discípulo de Eurípedes Barsanulfo, fez a palestra na festiva noite de encerramento do congresso.

O Instituto Espírita de Educação (na verdade, nasceu durante uma reunião da Comissão de Educação da USE, na casa de Herculano Pires, à rua das Camélias nº 40) não tinha, porém, local para instalar-se com dignidade. Começou, pois, a funcionar numa sala sombria e pequena, sem iluminação e mal arejada, nos fundos da antiga sede da Federação Espírita do Estado de São Paulo, na rua Maria Paula. No entanto, progrediu no decorrer de longos anos em outros locais e somente após fundir-se em outubro de 1973 com o Centro Espírita do Itaim veio a ter sede própria. Herculano Pires por algum tempo lecionou nessa nobre instituição e em 1953 reeleito Vinícius presidente, participou do Conselho de Administração ao lado de Edgard Armond, Carlos Jordão da Silva, J. Gonçalves Pereira e outros.

II Congresso Estadual Espírita (Kardec e a bússola)

Convocado pela USE e realizado de 2 a 4 de junho de 1950, o II Congresso Estadual Espírita, presidido por Edgard Armond, teve dois objetivos: a reforma dos estatutos da USE e a extremamente difícil e polêmica unificação das instituições espíritas paulistas e, conseqüentemente, da prática mediúnica. Esse magno problema, não obstante a confraternização entre as federati-

vas, persistiria insolúvel, ainda por décadas, pois que a evolução não dá saltos.

Herculano Pires viu logo que a barreira da desunião criada pelo espírito de grupo tinha uma só causa que precisava, urgentemente, ser eliminada. Óbvia hoje, mas que ninguém percebera antes de 1950. Leia-se a propósito o lúcido artigo de Herculano Pires “Kardec, a bússola” (em “O Kardecista”, nº 3, maio de 1950). Ei-lo:

“Para o verdadeiro trabalho de unificação espírita é indispensável a luta constante em favor do esclarecimento doutrinário dos próprios espíritas. Não alimentemos ilusões a respeito. Se cuidarmos apenas do aspecto externo da unificação, da reunião pura e simples de organismos menores em torno dos maiores, estaremos sujeitos a cair na arapuca do formalismo e do autoritarismo. Não é finalidade do Espiritismo criar na Terra uma nova igreja ou uma nova “ordem oculta”, com sacerdotes ou graus-de-iniciação. A tarefa do Espírito de Verdade é semear nos corações a semente do Reino de Deus e emancipar espiritualmente os homens de todas as sujeições inferiores, pois somente num clima de liberdade aquela semente conseguirá germinar, crescer, florescer e dar frutos.

O maior empecilho para uma verdadeira unificação do movimento espírita é a existência de uma série de numerosas interpretações pessoais da doutrina, formando pequenos quistos que prenunciam futuros cismas. A vaidade humana e a generalizada ignorância da verdadeira estrutura filosófica da doutrina alimentam sem cessar essas dissidências em gestação. Precisamos, por isso mesmo, estabelecer as linhas do pensamento doutrinário sempre de maneira bem clara, alertando os que realmente desejam ser espíritas, contra os atalhos do caminho.

As obras de Allan Kardec são o alicerce irremovível da III Revelação. O codificador desempenhou a sua missão terrena da maneira mais completa possível. O verdadeiro espírita deve ter, ou esforçar-se continuamente para ter, o conhecimento completo da codificação kardeciana, orientando-se por ela, no movimento espírita, como o marinheiro se orienta pela bússola.

la em alto mar. Toda a estrutura da Doutrina dos Espíritos encontra-se nas obras de Kardec. Elas podem ser desenvolvidas, como o próprio codificador o disse. Denis, Delanne, Bozzano, Flammarion e outros fizeram em suas obras esse desenvolvimento. Outras verdades também podem ser reveladas, e Kardec foi o primeiro a nos advertir disso. Mas o ponteiro da bússola está nas suas obras. E assim como as velhas escrituras eram a única pauta para se verificar a legitimidade do Novo Testamento, assim como os Evangelhos são o único crivo pelo qual podemos legitimar a III Revelação, assim também a Codificação kardeciana é o único instrumento de que dispomos para nos orientar no desenvolvimento do Espiritismo.”

Esse artigo, que é, inclusive, um brado de alerta, foi publicado às vésperas do II Congresso Espírita Estadual. Herculano Pires tinha razão. O conhecimento, então, periférico da Codificação kardeciana por parte da maioria dos dirigentes das federativas e dos centros espíritas era o verdadeiro empecilho à unificação do movimento doutrinário.



Herculano Pires ao tempo do II Congresso Espírita Estadual

Herculano Pires analisou, no sossego do lar, a atuação de Edgard Armond em sua primeira gestão no comando da USE. Reconhecia nesse velho confrade um homem de fibra, grande idealista, mas que, por outro lado, dificultava a unificação porque introduzira na Federação Espírita do Estado de São Paulo e, como consequência, em grande parte do movimento doutrinário paulista, ideias e práticas mediúnicas conflitantes com a codificação de Allan Kardec. Acresce, ainda, que com Armond a USE estava por demais dependente da FEESP.

Herculano Pires refletiu. O plenário do II Congresso Espírita Estadual elegeria a nova Diretoria Executiva da USE após três anos sob a presidência de Edgard Armond. Excelente oportunidade para dar novo impulso à instituição, renová-la, agora no rumo absolutamente certo. Kardec seria a bússola.

Herculano Pires, então, pensou em trazer para a USE o seu amigo Francisco Carlos de Castro Neves – um jornalista ainda moço, advogado, deputado e que, mais tarde, tornar-se-ia Ministro do Trabalho e representaria o Brasil na Conferência Internacional do Trabalho realizada em 1952 em Genebra, na Suíça. Homem de caráter, muito culto, Castro Neves era, no entanto, quase desconhecido no movimento doutrinário, embora houvesse presidido o Centro Espírita Emmanuel e frequentasse com assiduidade sessões de materialização e efeitos físicos. Mas, apoiado por Herculano Pires, que já nesse tempo era a mais proeminente figura do movimento espírita paulista, Castro Neves elegeu-se presidente da USE (sua chapa era formada por Luiz Monteiro de Barros, vice-presidente; Carlos Jordão da Silva, secretário geral; Emílio Manso Vieira e Abrão Sarraf, primeiro e segundo secretários; Waldomiro Santos Silva, primeiro tesoureiro; Domingos R. Azaredo, segundo tesoureiro; Jonny Doin, procurador). Então, algo surpreendente aconteceu. Conta-nos Herculano Pires em uma reportagem que publicou em “O Kardecista”, nº 4, julho de 1950, que “proclamados os resultados, declarou, por vários motivos, que renunciavam aos cargos os seguintes confrades: Monteiro de Barros, Jordão da Silva, Manso Vieira, Abrão Sarraf e Jonny Doin. Vários oradores fizeram sentir a necessidade dos confrades eleitos aceitarem os cargos. Por fim, o presidente Castro Neves pronunciou tocante oração, declarando que não renunciaria, apesar de todas as renúncias ali verificadas. (...) Não obstante, considerando a necessidade de todo o esforço pela unificação geral, não se oporia à realização de novo pleito, que solucionasse a situação inesperadamente criada por tantas renúncias. Diante das palavras e dos apelos dos oradores precedentes e das declarações do presidente eleito, os confrades Luiz Monteiro de Barros, Carlos Jordão da Silva e Jonny Doin resolveram retirar o seu pedido de renúncia. Restavam, entretanto, a preencher os cargos de primeiro e segundo secretários, em vista da atitude de irrevogável renúncia assumida pelos confrades Emílio Manso Vieira e Abrão Sarraf. (...) O confrade Joaquim dos Santos Júnior passou, assim, a substituir o primeiro secretário Manso Vieira. Quanto ao segundo, houve nova renúncia, pois o

mais votado era o Sr. Hermínio da Silva Vicente, que também renunciou”, etc.

Herculano Pires, repetimos, tinha razão. Kardec era a bússola; mas, daqueles confrades, quantos tinham olhos de ver para onde apontava a bússola?

Para finalizar, devem dois fatos com grandeza espiritual ser registrados. Castro Neves, assim que assumiu a presidência, doou à USE a elevada quantia de quatrocentos mil réis, o que possibilitou por mais de ano o equilíbrio financeiro da instituição. O segundo episódio envolve nosso biografado. Rocha Garcia, vice-presidente da Federação Espírita Brasileira viera a São Paulo assistir as eleições da USE. Herculano Pires fora incumbido de saudá-lo. O momento parecia embaraçoso para ambos, mas Herculano Pires, com sua habitual franqueza, foi à tribuna. “O Kardecista”, órgão oficial do Clube dos Jornalistas Espíritas registra o fato:

“J. Herculano Pires exaltou a significação da sua presença (de Rocha Garcia) na solenidade, acentuou a importância da FEB como célula-máter do Espiritismo no Brasil, disse da satisfação dos espíritas paulistas por verem a FEB integrada no movimento de unificação. Lembrou, como presidente do Clube dos Jornalistas Espíritas, as críticas formuladas nesse jornal à atual diretoria da FEB, acentuando a finalidade construtiva de tais críticas, que traduzem o desejo dos jornalistas de verem a casa-máter integrada no cumprimento de sua missão. Respondendo, o confrade Rocha Garcia declarou que viera a São Paulo incumbido de conquistar o coração dos paulistas e que bem compreendia o sentido das críticas leais formuladas aos seus companheiros de diretoria.”

Belo exemplo de confraternização, mas o abraço não impediria que o apóstolo de Kardec advertisse a FEB caso voltasse ela a claudicar.

Romance e poesia em tempos difíceis

Grande era a família de Herculano Pires e pequeno o salário nos “Diários Associados”. As dificuldades financeiras não lhe davam trégua, mas a falange do Espírito de Verdade o amparava. Houve mês em que a situação tornava-se dramática. Encontramos em uma das páginas de seu diário íntimo esta confissão:

“Ontem passei um aperto: a falta de dinheiro em fim de mês. Não há meio de acertar essa situação. O dinheiro não chega. A inflação continua devorante. Imagino o que vai pelo povo. E o governo a trombetear por todos os meios que tudo vai bem e que ninguém segura o Brasil.

Aldo Libonatti socorreu-me da maneira mais inesperada. Eu ia retirar os últimos tostões da Agência do Banco do Estado, na esquina da rua 7 de Abril. Uma conta minguada que nasceu dos pagamentos atrasados dos “Diários” por meio de bancos. Expediente de que ainda hoje se servem os ineptos e analfabetos diretores dos “Associados” para cobrirem o pagamento do pessoal pior remunerado, mais vergonhosamente pago da imprensa mundial. Na esquina alguém me pegou pelo braço. Era o Libonatti, que saía da Agência do Banco Irmãos Guimarães. Conversamos sobre a situação e como ele perguntasse aonde ia, contei-lhe o meu aperto. Na mesma hora, num gesto rápido, ele sacou do bolso três pacotes de cem cruzeiros cada, em notas de dez, e passou-me às mãos. Recusei-os, mas ele se ofendeu e obrigou-me a aceitá-los. Era a salvação, pois não tinha mais para quem apelar. Aceitei com a condição de pagar-lhe no próximo dia 4 de novembro, ao receber meus vencimentos...”

E Herculano Pires faz o seguinte comentário, que não deixa de ser tragicômico:

“Quer dizer que vou entrar em novembro já com o déficit inicial de 300 cruzeiros. Mas que fazer? Se ao invés de escrever estivesse vendendo batatinhas no mercado (ou laranjas...)”

estaria com contas bancárias estourando os bancos e obrigando os banqueiros a salamaleques ao meu redor. Paciência. Continuarei assim. É preferível sofrer com o meu povo espoliado a enfileirar-me com os espoliadores. Toda a minha vida tem sido assim e prefiro mil vezes a dificuldade honesta às facilidades canalhas, larápias e ignorantes dos insensíveis que nadam em cifrões.”

No dia 4 do mês seguinte Herculano Pires foi ao banco receber o salário. E, ato contínuo, procurou Aldo Libonatti. Não o encontrou. Então o apóstolo de Kardec depositou no Banco Irmãos Guimarães, na conta de Aldo, os 300 cruzeiros que lhe devia.

Convidado mais tarde a assumir a secretaria do “Diário de São Paulo” e do “Diário da Noite”, Herculano Pires aceitou, pensando na possibilidade de melhor salário. Mas, o regime era por demais duro. Entrava na redação à tarde e saía de madrugada, diariamente, e com acúmulo de serviço aos sábados. Impossível aguentar. Deixou, pois, a secretaria para exercer o cargo de redator. Aliviado, passou a fazer, inclusive, crítica literária no “Diário da Noite”, criando a coluna “Sabatina Literária”, que sustentou durante oito anos. Herculano Pires, sem abandonar os “Diários Associados” foi (mas também por pouco tempo) secretário do jornal “Última Hora” e do “Jornal de Notícias”, este sob a direção do romancista Galeão Coutinho.

Notemos que Herculano Pires não tinha apenas deficiente o salário. Sua saúde também o era. O mestre ao longo da vida sofreu do fígado, teve problemas com o pâncreas, catarata (que lhe dificultava bastante a leitura), ciática, que periodicamente o aborrecia, além da rinite que o obrigava a pingar no nariz gotas de um remédio em curtos intervalos. Sempre que podia viajava no fim de semana ao litoral paulista, em companhia da família, a fim de recuperar as energias, pois sua cunhada caçula possuía apartamento na Praia Grande. Herculano Pires dizia-se apaixonado pelo mar e fetichista da água, mas não sabia nadar. Lamentava-se de não saber dominar as ondas, mas ao mesmo tempo pensava que, se o soubesse, não sentiria todo o mistério do mar, não conseguiria sentir a pulsação oculta do seu fluxo e refluxo.

Como nota o leitor, a poesia e a imaginação criadora, amalgamadas à rara capacidade de raciocinar filosoficamente com o bom senso kardeciano, tornavam-lhe ímpar a personalidade. Quanto aos problemas financeiros e de saúde – e sempre havia uma moléstia aperreando-o – não impediam que o apóstolo conservasse o bom humor e aproveitasse o tempo livre para produzir com profundidade páginas com superior qualidade literária. E, apesar de os originais se acumularem no seu escritório (o quarto de dormir...), Herculano Pires escreveria em breve a novela *Barrabás*, que surpreenderia os críticos literários.

O triunfo de “Barrabás”

Em 1953 Herculano Pires falou ao seu amigo Paulo Dantas – romancista laureado pela Academia Brasileira de Letras – sobre as pesquisas que andara a fazer sobre a estranha figura bíblica de Barrabás nas obras históricas de Pierre Van Paasen, Ernest Renan, Charles Guignert e Albert Edward Bailey, salientando que o tema o empolgava. Paulo Dantas, então, sugeriu-lhe escrevesse um romance tendo Barrabás como personagem central. Herculano Pires não pensou duas vezes: iniciou a obra no dia 10 de março de 1953. O livro teria vinte capítulos e faria parte de uma série de três romances intitulada “Caminhos do Espírito”. O mestre pretendia desenvolver temas fundamentais do Cristianismo através de três grandes figuras do Novo Testamento, da tradição cristã-judaica: Barrabás, Lázaro e Madalena.

A técnica empregada por Herculano Pires seria ousada. Uma novidade no meio literário. Barrabás desencarnado há dois milênios se manifestaria através de um médium psicofônico e narraria sua “verdadeira” história, tragicamente vinculada ao Cristo sem nenhuma semelhança com a de Barrabás descrita magistralmente pelo sueco Lagerkvist, detentor do Prêmio Nobel, ou com as personagens bíblicas de Sholem Asch e de outros autores mundialmente famosos.

Se a técnica literária era ousada, a trama prometia densidade e diálogos abismais. Iniciada em 10 de março, a obra foi concluída

em maio de 1953 – portanto, em menos de dois meses! Herculano Pires intitulou-a *Barrabás, o Enjeitado*. Publicou-a no ano seguinte a Editora Lake, do confrade Batista Lino. Edição pobre, popular, em papel de segunda categoria e, no entanto, o conteúdo revelava tratar-se de uma autêntica obra-prima que nada ficava a dever ao “Barrabás” de Lagerkvist. Chegou às livrarias dias antes da Semana Santa (coincidentemente) e logo tornou-se “best-seller” – 1.400 exemplares foram vendidos na primeira semana.



Capa da primeira edição de *Barrabás*

O crítico literário Homero Silveira, da Academia Paulista de Letras e autor de *A Tuberculose na Vida e na Obra de Dostoyevsky*, observou pelas colunas do “Diário de São Paulo” que o livro de Herculano Pires era “profundamente poético (...). Às vezes apresenta-se com a força de exaltação mística que recorda os grandes tempos em que o próprio Deus se dignava falar aos homens, na sua linguagem tonitruante e arrasadora”.

E o poeta Judas Isgorogota, que dirigia a página literária de “A Gazeta”, viu em *Barrabás* “um poema de grande beleza lírica”.

Carlos Burlamáqui Kopke, conhecido crítico literário, publicou no “Diário de São Paulo” um artigo que inseriu na obra *Alguns Ensaios sobre Literatura*, do qual destacamos este trecho:

“Herculano Pires, sem nenhum pontilhismo impressionista, antes marcando o livro de unidade conceptiva, e caldeando a personagem histórica numa retorta excepcionalmente humana, esmerilha páginas em que o drama intrínseco do livro, em suas rajadas de desespero, nos mostra Barrabás em função da consciência que o persegue.”

E Mário Graciotti, da Academia Paulista de Letras, fundador do “Clube do Livro” que editaria em 1964 a segunda edição de *Barrabás*, adicionando-lhe um prefácio, escreve, perplexo:

“De que distância, de que regiões, de que épocas virá esse espírito que se instalou na engrenagem somática de um dos mais curiosos fenômenos intelectuais do Brasil nascente, o poeta, o jornalista, o escritor, o filósofo Herculano Pires?”

Renomados poetas, ficcionistas e críticos escreveram sobre *Barrabás*, mas qual seria o parecer de Wilson Martins, autor de *A Crítica Literária no Brasil*? Profundo conhecedor de literatura, austero e inflexível, era, talvez, o crítico literário mais respeitado e temido, porque tinha a rara virtude de não se subordinar a qualquer tipo de injunção. Wilson Martins publicava, semanalmente, trabalhos literários que ocupavam quase meia página do jornal “O Estado de São Paulo” e que eram reproduzidos em outros Estados. Herculano Pires enviou-lhe um exemplar. E o famoso crítico, pelas colunas do “Estadão”, saudou-o com um longo artigo, do qual extraímos alguns tópicos.

“J. Herculano Pires se situa desde logo num inegável primeiro plano, com um livro bem construído, bem escrito e refletindo a “vis dramática” que nenhum romance ou novela pode deixar de ter. É um livro “diferente” numa literatura que nos acostumamos a ver absorvida pelos problemas imediatos; e é um livro “diferente” numa literatura que nos acostumamos a louvar... por não ser literatura. No livro do Sr. J. Herculano Pires sente-se, ao contrário, o escritor que domina o seu instrumento e o romancista que domina o seu gênero. A linguagem desta novela, sem ser arcaica nem excessivamente rebuscada, é colorida de tons poéticos que nos emergem, por

assim dizer, na sua atmosfera e nos ambientam nesse clima de tragédia que é a história da Paixão.”

E mais:

“O Sr. J. Herculano Pires singulariza-se por aderir, igualmente, a um movimento de renovação do romance brasileiro, que já não vem sem tempo. A preocupação com o universal e a perfeição técnica são os sinais mais importantes desse escritor. Deixo propositalmente de lado as suas possíveis intenções simbólicas ou religiosas, para nele saudar, apenas, um grande escritor, um romancista em quem se pode esperar.”

O artigo de Wilson Martins coroou a merecida consagração literária de Herculano Pires. Mas, havia mais. E no dia 31 de outubro de 1955 o apóstolo de Kardec recebeu um ofício assinado pelo Secretário de Educação e Cultura – o poeta João Accioli – comunicando-lhe que a obra *Barrabás* fora laureada com o Prêmio do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo.

O editor Batista Lino teve, então, a feliz ideia de homenagear Herculano Pires promovendo um saboroso almoço (e não jantar, conforme consta na 3ª edição) na famosa Cantina 1.060. Compareceram cerca de trinta escritores e poetas, entre os quais José Geraldo Vieira, Maria de Lourdes Teixeira, Homero Silveira (os três da Academia Paulista de Letras), Paulo Dantas, A. R. Paula Leite, Mary e seu irmão Ruy Apocalipse e, entre outros, o autor deste livro. Os discursos se sucederam...

Barrabás, no entanto, continuaria sua jornada gloriosa fora do movimento doutrinário. A obra foi apresentada pela TV Paulista, canal 5, em forma de tele-teatro na noite de 17 de outubro de 1954 dentro do programa “O Brasil Escreveu”, produzido pela romancista Maria de Lourdes Lebert. Todo o drama oculto por trás do Drama da Paixão, com figuras de Barrabás, Dimas, Pilatos, os apóstolos, Maria Madalena, Joana de Cusa e a figura central de Jesus foi magistralmente vivido numa hora e meia de apresentação inesquecível – registra uma crônica da época.

O ator Luís Guimarães interpretou Barrabás; Caetano Gherardi, Judas; Serafim Gonzales, Jesus; Sales de Alencar, o apóstolo Pedro. A direção geral do espetáculo coube a Roberto Corte Real, famoso homem de televisão. Quatro anos depois o vigoroso romance de Herculano Pires foi adaptado para o teatro pelos atores Memo e Martini. O elenco formado por inúmeros artistas estreou no dia 11 de outubro de 1958 no Teatro João Caetano. Alexandre Memo interpretou Barrabás.

Relato de Judas contém apenas vinte e sete páginas e foi incorporado ao livro *Barrabás* a partir da segunda edição. Mas a leitura, também emocionante, não está necessariamente vinculada ao texto de *Barrabás*.

“Daga Moriga”

Após *O Caminho do Meio* e *Barrabás*, lançou Herculano Pires seu terceiro romance vitorioso: *Daga Moriga*, concluído em 8 de julho de 1952 e publicado em 1954 pela Editora e Livraria Allan Kardec, do saudoso Batista Lino. Oposto a *Barrabás*, que é obra eminentemente subjetiva, em *Daga Moriga* Herculano Pires retrata em um vasto painel com cores fortes e realismo a vida aparentemente pacata da cidadezinha de Itaí, onde passou grande parte da infância, no vale do Paranapanema, fazendo com que pelas suas 250 páginas se entrecruzem, inquietos e com características psicológicas próprias, personagens em grande quantidade.

Observa com argúcia o crítico e ficcionista Rolmes Barbosa no “Suplemento Literário” do jornal “O Estado de São Paulo” que o estilo utilizado por Herculano Pires em *Daga Moriga* alcança exata correspondência entre forma e conteúdo. Eis um exemplo que mostra, inclusive, sua capacidade em criar tipos com algumas pinceladas de mestre.

É dia e a chuva não para em Itaí.

“O professor Altino também não quis esperar. E lá se foi com seus passos de canguru, de guarda-chuva escorrendo sobre as filhas que se penduravam de um lado e de outro. Nair,

magrinha, olhos vivos, de azougue, rindo sempre de tudo e de todos, o rosto miúdo e sardento. Cidinha era mais alta, muito mais sardenta e mais feia, com seu nariz fino e torto, como vagem de feijão que dá fora das águas. O sargento Frederico, na sua farda de gala, toda branca e bem passada, a dobra da calça tão fina, o andar tão justo, que as pernas pareciam tesoura, abrindo e fechando para cortar os fios da chuva. Seu guarda-chuva de pano esticado soava como um tambor, mas, quando pisou no chão, descendo a escada, borrifos de lama desacataram a sua autoridade, sujando-lhe as barras da calça e “os pés da lei”. São Gavião, o coletor federal – a mais alta autoridade da terra, o único representante do Presidente da República, dizia ele –, empertigado no seu fraque imperial, fora de tempo e de jeito, os bigodes engomados, de pontas compridas e duras, a mulher pelo braço e os quatro filhos na frente. Dona Clarinda, a mulher, sempre mal vestida, desleixada, diferente do marido, mancava de uma perna. O guarda-chuva do coletor ia e vinha, derramando água, ora nele, ora nela; na frente, dois guarda-chuvas menores, e os quatro garotos em dois lotes, tão quietinhos e medrosos, como se estivesse chovendo canivetes.”

O romancista Paulo Dantas, em artigo perspicaz em “A Gazeta” (edição de junho de 1955), reconhece que a obra herculeana é, antes de tudo, uma rapsódia:

“Rapsódia de algumas vidas e da vida inteira de uma cidade típica do interior paulista.” E mais: o romancista “foi buscar no sincretismo religioso local uma pitoresca e inesgotável fonte de efeitos plásticos, geográficos e morais. No romance de J. Herculano Pires entra de tudo: umbanda, espiritismo, catolicismo, protestantismo, macumba e outras expressões do folclore mágico da região explorada pelo talentoso romancista.”

E Paulo Dantas conclui com visão crítica que Herculano Pires, com *Daga Moriga*, deverá “ocupar lugar de destaque na estante do moderno romance regional paulista”.

“Um Deus Vigia o Planalto”

Ao contrário do que era justo esperar-se, Herculano Pires não se deteve no romance regional. E escreveu *Um Deus Vigia o Planalto*, uma bela e curiosa alegoria sobre a fundação e o desenvolvimento de São Paulo até o século vinte com personagens-símbolo. Alaor, por exemplo, simboliza a inquietação, o inconformismo do paulistano diante da situação do país e do mundo e a procura da solução para os problemas do século XX através de fórmulas e signos puramente intelectuais. Os fatos principais da história paulistana são apresentados no livro em flashes literários que Herculano Pires publicou primeiramente como folhetim no “Diário da Noite” em 1954. A Editora Francisco Alves em 1968 incluiu *Um Deus Vigia o Planalto* na coleção “Terra Forte”. O lançamento da obra deu-se na livraria dessa editora, no centro da cidade, numa concorrida “Tarde de Autógrafos”. Herculano Pires era avesso a publicidade, mas teve de sujeitar-se...

Razão assistia a consagrada romancista, ensaísta e acadêmica paulista Maria de Lourdes Teixeira ao afirmar em seu livro *Esfinges de Papel* que “J. Herculano Pires, que tem versado desde a poesia até a crítica, apresentou-se em 1927 com o volume *Contos Azuis* e duas décadas depois se firmaria no romance com obras sucessivas que o situam em posição de destaque não só pelo conteúdo, como pelo esmero formal.

“Argila”

Herculano Pires, menino ainda, aprendeu as regras da versificação e escreveu poemas e sonetos com estrutura clássica que publicou na adolescência. Inerente à sua alma, a poesia está presente mesmo em seus livros de ficção.

Em *Barrabás*, por exemplo, inúmeros são os trechos poemáticos de grande beleza. Pincemos dois. Barrabás, espírito, encontra Jesus no Além e pergunta-lhe como pôde andar sobre as águas.

“Em verdade, em verdade te digo, Joshua bar Abba, que mais fácil é andar sobre as águas do que andar entre os homens!

E o rabi desapareceu como a chama de uma vela que se apagasse no escuro. E o meu coração recolheu as suas palavras. E de novo eu me vi sozinho em meio da noite, com os astros brilhando por cima e por baixo de mim, por todos os lados. E não havia mais terra, nem céu, nem mar, nem homens, nem Israel, nem recordações dolorosas ou coração pesado e cabeça ardendo. Era tudo silêncio, luminoso silêncio de astros.”

E mais este exemplo de versos livres em *Barrabás*:

“E depois que disse essas palavras, o Rabi apontou-me na distância a Noiva do Cordeiro, a Santa Cidade de Jerusalém, não a terrestre, onde a impiedade domina, mas a celeste, cujo brilho é semelhante ao de uma pedra de jaspero cristalina. E estendi para ela as minhas mãos e toquei os seus zimbórios e as suas torres e chorei sobre ela. Mas as minhas lágrimas eram como pérolas divinas que caíam no abismo da noite e o meu coração se abriu no seio das águas semelhante a uma flor vermelha embalada pelo fluxo das ondas.”

A produção poética de Herculano Pires foi intensa. Os originais se acumulavam, mas nem todos se transformariam em livro, embora anunciados. Em 1953, porém, entregou ao editor Batista Lino os originais de *Argila*, o primeiro livro de poesia moderna (sem métrica nem rima), tipicamente espírita, a aparecer no país.

Eis o poema reencarnacionista que empresta o título do livro:

Argila

*Quantas vezes me ergueste da lama da terra
modelando os meus corpos
como um oleiro paciente.*

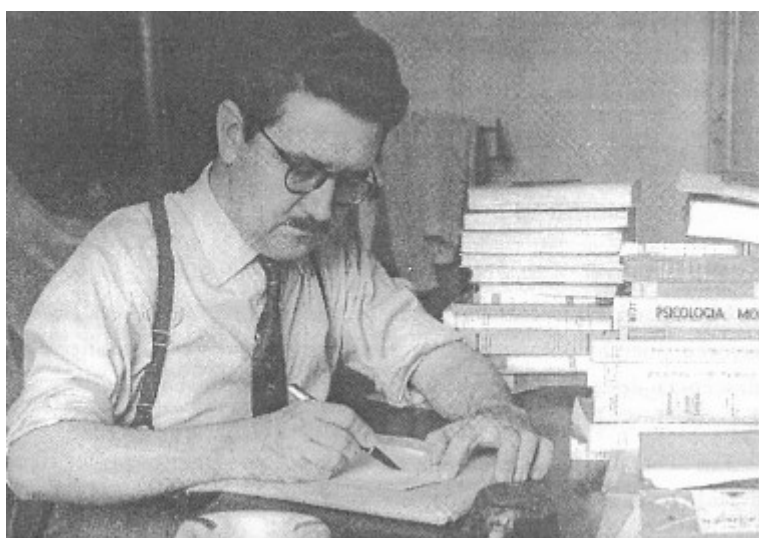
*Quantas vezes me atiraste à poeira dos séculos
fazendo-me girar de mão em mão
no banquete dos povos.*

*Quantas vezes de novo me arrancaste
dos anéis de estrelas do destino
à cinza do Tempo.*

*Mas, através das formas e das eras
o teu sopro me impele.
E a indelével marca dos teus dedos
assinala a argila.*

Obra de vanguarda, contribuição de inegável importância à poética espírita luso-brasileira, *Argila*, no entanto, passou despercebida do movimento doutrinário da época, certamente por não ser... mediúnica. Apenas o então jovem poeta Clóvis Ramos exaltou-a em um artigo cinco anos depois do lançamento. E fez mais: no ano seguinte incluiu em sua *Antologia de Poemas Espíritas* duas poesias colhidas de *Argila*. E a cortina do silêncio desceu de novo sobre a obra pioneira, apesar do saudoso Humberto Mariotti (poeta e pensador espírita argentino) proclamar que Herculano Pires era grande poeta e Clóvis Ramos publicar em 1984 o ensaio intitulado *Barro Insubmisso ou J. Herculano Pires de "Argila"*.⁴²

Dir-se-ia, inclusive, que a intelectualidade espírita não estava, então, preparada para assimilar obra poética no molde modernista, apesar da famosa Semana de Arte Moderna em 1922...



Herculano Pires em seu gabinete de trabalho

Por outro lado, não obstante a pobreza da capa, diagramação antiestética e a coloração doutrinária dos poemas, os quais

desenvolvem de maneira sutil e encantadora os mais profundos temas da filosofia espírita, mas sem intenção sectária (conforme acentuou Batista Lino), *Argila* teve suficiente força poética para chamar a atenção de críticos e cronistas da imprensa profana. Correa Júnior, por exemplo, poeta desvinculado do Espiritismo, escreveu em “A Gazeta”:

“Quando se tem diante dos olhos um punhado de versos como os que J. Herculano Pires reuniu nestas páginas do seu livro *Argila*, não há como silenciar o entusiasmo que nos deixa a leitura de tais estrofes. Herculano Pires oferece-nos aqui delicadeza de concepção e forma como esta:

*Na grande noite
caminhas para mim com passos de sombra
levantando no silêncio
uma poeira de estrelas.*

Estamos evidentemente diante de um poeta. De um poeta que se realiza através de ritmos e imagens que nada ficam a dever às imagens e aos ritmos da mais bela poesia clássica. (...) Gostei, e o confesso em alta voz, gostei muito dos versos de Herculano Pires, e o considero um dos nossos admiráveis poetas da atualidade.” – concluiu Correa Júnior.

Deve agora o leitor lembrar-se que em 1950 era ainda forte o preconceito da sociedade contra a Doutrina Espírita e a prática mediúnica...

A cronista Gracita Miranda, a romancista e ensaísta Maria de Lourdes Teixeira e Homero Silveira, entre outros, teceram comentários sobre *Argila*.

Escreveu Homero Silveira no “Diário de São Paulo”, edição de 07-01-1954:

“Lendo-se os poemas que aqui denominamos de bíblicos para comodidade didática, fica-se na dúvida se não se trata de um puro cristão em atitude de humildade perante o Cristo ou de um místico por vezes cheio de exaltação. (...) O poeta lembra, por vezes, Habaduc. E tem inspirações salomônicas, em certas passagens. Mas nos poemas de *Galileia* é o humil-

de que todo se prosterna ente a majestade do Galileu. Leia-se, por exemplo, *Cirineu*, um pequeno poema profundamente humano. (...)”

“África” e “Murais”

Em 1955 as Edições “O Minuto” lançaram a primeira edição de *África*, um opúsculo contendo um poema que foi distribuído ao público no dia 13 de maio no auditório do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo durante a sessão comemorativa da libertação dos escravos. Herculano Pires, um dos oradores, era o autor do poema cujos versos, não obstante encerrados em pequeno folheto, tiveram grande repercussão dentro e fora da comunidade negra.

Maria de Lourdes Teixeira, redatora do suplemento literário da “Folha da Manhã” e “Folha de São Paulo”, teceu estas observações críticas:

“Este folheto de proporções quase microscópicas tem o dom gráfico de encerrar, como um disco, um ritmo exótico, muita poesia africana e certa atmosfera lúgubre. Lendo-o, a gente se lembra de Whitman, Castro Alves, Raul Bopp e Jorge de Lima. Não por semelhanças de conteúdo e forma, porém devido àquela consanguinidade da poesia social e racial. Discordamos apenas do título, pois não é a África propriamente dita, como continente, como selvas, como rios, como religiões e problemas humanos que aí interessa, mas sim o negro no Brasil. Dir-se-á no máximo que se trata do êxodo do negro para estes trópicos, porém em condições diversas, e sua aclimação aqui, com toda a sua carga humana, bíblica, racial e linguística.

Não resta dúvida que o poema, dividido em partes, como cantos, e estes subdivididos em versículos, cria logo um clima exótico, sempre humano. Recursos de cadência, de versos com metros diferentes, longos e curtos, de linguagem negra misturada ao vernáculo, de sortilégios de lendas, tornam *África*, de Herculano Pires, uma obra de interesse verbal, como

trabalho literário; de interesse poético como trabalho de ritmos; de interesse plástico pela abundância das imagens; e de interesse coletivo, pela dialética aí exposta em forma de tarefa social de solidariedade humana. Explora, além disso, um setor que já se ia tornando abandonado na nossa poesia desde o êxito de *Urucungo*, de Raul Bopp.”

África foi apresentado no Teatro João Caetano com atores do Teatro Experimental do Negro. E, posteriormente, declamado em sucessivas solenidades comemorativas da extinção da escravatura do Brasil. Treze anos depois foi reeditado pela Editora Ítalo-Latino-Americana Palma, que veio operar no Brasil, acrescido de estudos poéticos sobre os continentes africano e americano e uma poesia alusiva ao Brasil, subdividida em quatro partes: origem, história, geografia e civilização. O belo volume com setenta e oito páginas ganhou o título de *Murais*. Trechos dessa edição produzida pelo editor italiano Renzo Mazzone foram por ele mesmo publicados na Itália numa antologia da poesia brasileira moderna.

O lançamento oficial de *Murais* aconteceu às dezenove horas na noite de 25 de outubro de 1968 no saguão nobre da antiga Estação da Luz sob o patrocínio da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí e da Editora Ítalo-Latino-Americana Palma. Compareceram ao evento Pedro Oliveira Ribeiro Neto, presidente da Academia Paulista de Letras, Orlando Lambert, diretor do Departamento Jurídico da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, o editor Renzo Mazzone e convidados. Após os discursos e a leitura dramatizada feita por um ator do belo poema *Canção dos Pombo da Estação da Luz*, incluso em *Murais*, Herculano Pires autografou exemplares de sua obra.

“A Cor de Deus”

Quando o historiador Clóvis Moura, presidente do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas lançou um manifesto em São Paulo criticando o símbolo da “Mãe Preta”, que, a seu ver, não representava as virtudes dos africanos escravizados no Brasil,

pois não se sujeitavam passivamente à escravidão, Herculano Pires contestou-o. Escreveu ele:

“A figura da Mãe Preta não simboliza a passividade do negro ante a escravidão. Pelo contrário, foi sempre tomada entre nós como um símbolo, ao mesmo tempo do sofrimento do negro escravizado e do seu profundo e inato sentimento de humanidade. As virtudes do negro não são apenas a coragem, a bravura, o amor à liberdade, a capacidade de lutar contra a escravidão, mas também o amor, a bondade, a ternura, a capacidade de superar as condições adversas sem cair na revolta insensata e no ódio. A Mãe Preta é sobretudo uma lição viva de Cristianismo do negro africano ao cristão branco e herético da Europa e da América que espezinhava a sua condição humana.”

Herculano Pires – podemos agora afirmar – sempre teve carinho especial pelos espíritos que se apresentavam com o pseudônimo de “preto-velho” em sessões mediúnicas realizadas em seu lar. Considerava absurdo dirigente de centro impedir nas sessões públicas a manifestação desses Espíritos,⁴³ pois – assim entendia o mestre – muitos brancos orgulhosos do passado se manifestam hoje na mediunidade como negros e índios, porque tiveram, em encarnações dessa natureza, a possibilidade de aprender as lições necessárias de humildade, corrigindo seus desmandos e sua arrogância de outros tempos.

Por várias vezes o apóstolo de Kardec exaltou a *negritude*. Além do poema *África*, há em seu livro *Argila* uma bela poesia intitulada *Pai Jacó*, em que o Espírito dizendo-se “preto-velho” revela com humildade sua sabedoria espiritual a um consulente branco. Foi devido exatamente ao carinho de Herculano Pires pela raça negra que mais um livro de poesia fez parte de sua vasta bibliografia – livro cuja história até o momento em que redigimos estas linhas é um mistério, mas que vamos agora desvendar.

Foi por volta de 1970 que surgiram em São Paulo os primeiros livros do poeta negro Neimar de Barros, os quais, tendo menor expressão literária, foram, no entanto, consumidos pela

camada humilde da população graças à divulgação feita pelo clero católico. Entre seus livros um teve maior ressonância devido a dois fatores: o título *Deus Negro*, que põe em evidência o preconceito do poeta, e a agressão gratuita ao Espiritismo. Leia-se o aviso que ele colocou no póstico da obra à guisa de prefácio:

“Este livro não é psicografado. Quando eu quis publicar *Sorrindo*, recebi propostas verdadeiramente indecorosas. Uma das que mais me fez ferver o sangue foi aquela em que o cidadão solicitou que eu mudasse de religião e permitisse que ele colocasse na capa que o livro havia sido psicografado. Pedi-me para dizer aos leitores que eu era médium e recebia Castro Alves, Olavo Bilac, Rabindranath Tagore, etc..

Eu disse ao *calouro de demônio* que não usaria esse artifício e ficaria contente apenas se duas pessoas lessem meu livro: minha mãe e minha mulher. Felizmente segui meu ideal, fui coerente com minha crença e milhares e milhares de pessoas puderam ler minha mensagem sem deturpação.

Por isso aviso: Este livro não é psicografado; outros fingem ser, a bem do comércio, valendo-se da ignorância popular.”

Felizmente, em boa hora o confrade Rudmar Augusto assumiu a defesa do Espiritismo. Em réplica ao *Deus Negro*, de Neimar, Rudmar publicou *A Cor de Deus* (Editora Lake). Na nota introdutória nosso confrade diagnostica: a obra de Neimar é filha de um completo pecaminoso. E mostra os elementos desse complexo:

- “1) Farisaísmo: Neimar se apresenta como puro e lança sobre os outros a suspeita da impureza;
- 2) Vaidade: Neimar admite que os seus poemas poderiam ser atribuídos aos poetas mencionados, quando nenhum desses poemas tem qualidades para isso, nem mesmo características;
- 3) Insinuação: faz entender que os espíritas são calouros de demônio, que estão ligados ao Diabo e não têm escrúpulos morais;

4) Calúnia: afirma que os livros psicografados são fingidos, feitos tão somente para fins comerciais, com a exploração da ignorância popular.

A essas posições pecaminosas é que nos opomos. E queremos lembrar que a psicografia não é privilégio dos espíritas. Há também psicografia católica. Por exemplo, o livro de Madre Sórora Maria Agreda, intitulado *Mística Cidade de Deus*, ditado mediunicamente à venerável freira pela própria Mãe de Jesus (Edição Vozes), o livro *Manuscrito do Purgatório*, ditado pelo espírito de uma freira morta a uma colega médium em convento da Espanha (Edições Paulinas, tradução do Padre Júlio Maria). Outros livros de psicografia católica foram anunciados por Edições Paulinas, mas não cheguei a vê-los publicados.

Isso mostra que Neimar não precisaria mudar de religião para publicar uma obra psicografada. É bom lembrar também que Moisés psicografou as Tábuas da Lei no Sinai. Todas essas criaturas tão elevadas estariam trabalhando *a bem do comércio?*”

Neimar de Barros achou por bem silenciar. E com a ruptura sua com o clero seus livros e ele mesmo caíram no ostracismo.

A Cor de Deus, de Rudmar Augusto, contém vinte e sete poesias que dignificam a poética espiritualista. Foram redigidas em três dimensões que ao poeta pareceram mais ao alcance de todos: o verso livre, a quadra e o soneto.

Finalmente, podemos revelar ao leitor que Rudmar Augusto outro não era senão o próprio J. Herculano Pires.

Primeiro centenário da Doutrina Espírita

O ano de 1957 é um marco na história do movimento espírita mundial. Porque no dia 18 de abril daquele ano completara um século *O Livro dos Espíritos*, esse bálsamo para os sofrimentos do ser humano e fulgurante luz a mostrar uma nova era à humanidade. A Federação Espírita Brasileira elaborou vasto programa para a celebração do primeiro centenário da Doutrina Espírita. Seria a histórica data comemorada no decorrer de todo o mês de abril e em todas as cidades de todos os Estados brasileiros. E Wantuil de Freitas no comando da FEB fez mais: além de homenagear a esposa de Allan Kardec com belo trabalho biográfico estampado no mês de abril em “O Reformador”, requereu e conseguiu que o governo de Juscelino Kubitschec emitisse selos comemorativos do primeiro centenário do Espiritismo. Foram confeccionados pelo Departamento dos Correios e Telégrafos cinco milhões de selos com o retrato de Allan Kardec e *O Livro dos Espíritos* sobre um globo com a seguinte inscrição: “1957 – Primeiro Centenário da Codificação do Espiritismo”.

O lançamento do primeiro selo espírita no mundo provocou forte reação por parte do clero católico, que em vão tentou impedir fosse posto à venda. O clero atacou, inclusive, o governo. Eis o que o cônego Walter de Almeida, vigário da catedral de Diamantina (terra natal de Juscelino) escreveu no jornal “A Voz de Diamantina”:

“Deixem que venha o selo espírita e que ele seja, não duvidamos disso, um incentivo para que os discípulos de Allan Kardec se entusiasmem e colaborem com o atual governo, nas próximas eleições, ou em algum novembro que venha por aí. Aparecerão novos selos, disso temos certeza. Poderão ser católicos, como comunistas, ou talvez em memória de algum pai-de-terreiro, de algum negro velho da Tijuca ou do sertão. Talvez uma estampilha em homenagem a Romãozinho ou ao Saci. Tudo é possível neste Brasil de pelegos, de espadas de ouro, de cadilacs e marmeladas.”

Geraldo Maria Penido, bispo de Belo Horizonte, também investiu contra o selo e o governo:

“É uma incúria, dos responsáveis pela coisa pública, permitir que se lance o desrespeito, de maneira tão vil, às convicções católicas do povo brasileiro, que é visceralmente católico.”

E enquanto o selo espírita era discutido com veemência despertando o interesse do público pelo Espiritismo, nos jornais e emissoras de rádio (excelente propaganda gratuita) as comemorações do primeiro centenário de *O Livro dos Espíritos* prosseguiram com grande brilho em todo o território nacional.

No Estado de São Paulo coube à USE a organização do evento. Três meses antes divulgara importante documento intitulado “Proclamação dos Espíritas ao Povo – Mensagem do I Centenário do Espiritismo”. Assinado pela USE, foi, no entanto, redigido por Herculano Pires. Documento histórico – hoje raríssimo – não furtaremos ao leitor estudioso o prazer de conhecê-lo na íntegra. Ei-lo:

“Ao iniciar-se o ano de 1957, que assinala o fim do primeiro século da era espírita e o início do segundo, os espíritas de São Paulo dirigem ao povo em geral, a todos os seus irmãos de outras religiões, de outras correntes filosóficas e formas diversas de pensar, aos que crêem e aos que não crêem, aos materialistas, aos ateus, aos indiferentes, a sua mensagem de fraternidade e de confiança no futuro melhor que aguarda a humanidade.

Essa mensagem é de fraternidade universal, porque os espíritas aceitam o princípio da irmandade de todas as criaturas, sob a paternidade suprema de Deus, seja este entendido como o Ser Absoluto ou como o Centro de Forças que dirige o Universo. Todos os homens são iguais perante o amor de Deus, e as diferenças sectárias, de atitudes mentais, de preconceitos raciais, não são mais do que transitórias, destinadas a serem infalivelmente superadas pela evolução. Essa mensagem é de confiança, porque os espíritas sabem que a Terra e a humanidade que a habita estão evoluindo para uma fase melhor.

O Espiritismo, como doutrina, tem uma data de nascimento: apareceu exatamente a 18 de abril de 1857, com o lançamento, em Paris, de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Neste ano que se inicia comemora-se o primeiro centenário desse acontecimento. Ao ser lançado esse livro – obra básica da doutrina –, Kardec transmitiu ao mundo a advertência dos Espíritos, de que a Terra se encontrava na fase de transição, de “mundo de provas e expiações” para “mundo de regeneração”. Todas as agitações e inquietações que temos vivido não são mais do que confirmações desse fato. A Terra vive um momento de crise, como um organismo em fase de transição no seu desenvolvimento. O futuro do mundo não é sombrio, mas luminoso, pois as forças da evolução dirigem o presente, que aparentemente caótico, encerra em si a alvorada de uma nova civilização.

A função do Espiritismo é ajudar o mundo a se reformar. Assim como o Cristianismo nos primeiros séculos do seu desenvolvimento preparou a Terra para o advento de uma civilização nova, o Espiritismo a prepara, atualmente, no mesmo sentido. Anunciado pelo próprio Cristo, como se vê no trecho do Evangelho de João que reproduz a promessa do Consolador, do Espírito de Verdade, o Espiritismo é o cumprimento dessa promessa. Para isso, reúne em si todas as forças que a evolução humana desenvolveu até hoje na Terra, consubstanciando-as na sua síntese doutrinária de *ciência, filosofia e religião*.

No Espiritismo, o antagonismo ciência-religião desaparece, porque o mundo futuro terá de ser cientificamente religioso. Em *A Gênese*, Kardec explica:

“O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências. Só podia, portanto, aparecer depois da elaboração delas, e nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com o auxílio único das leis da matéria.”

O aparecimento do Espiritismo assinalou, portanto, um momento histórico da evolução humana, e a importância des-

se fato não foi reconhecida, como a importância do aparecimento do Cristianismo não chegou a ser reconhecida senão depois de vários séculos.

Os espíritas de São Paulo, representados pela *Comissão Central de Comemorações do I Centenário do Espiritismo*, que resulta do esforço comum de todas as organizações doutrinárias da capital e do interior, não podem, pois, deixar passar este momento sem enviar a sua palavra de fraternidade e de confiança no futuro, a toda a população do Estado. E apelam aos homens de boa-vontade, no sentido de compreenderem as elevadas intenções do movimento espírita, não criando obstáculos, mormente por motivos sectários ou de simples idiosincrasia, à realização de suas obras e à propagação dos seus princípios. Os espíritas não combatem ninguém, pois consideram a todos como irmãos e desejam o bem de todos. Respeitam todas as crenças e convicções, pedindo apenas que lhes dêem o mesmo respeito.

Nesta oportunidade, desejam os espíritas de São Paulo chamar a atenção dos homens de responsabilidade política e administrativa, dos líderes políticos e dos dirigentes religiosos, de todos os que exerçam uma parcela de poder, na direção da vida pública ou na orientação desta ou daquela coletividade, para o fato inegável de que estamos no limiar de uma nova era. Em momentos como este – a própria História o ensina – as forças evolutivas exigem de todos os líderes o máximo de serenidade e de elevada compreensão dos mais altos ideais humanos, sob pena de sofrerem a ação de energias descontroladas. O Espiritismo revela a existência de poderosas energias conscientes, fora do âmbito estreito do mundo físico, que agem sobre este mundo e particularmente sobre os homens, e indica a serenidade e a elevação de pensamento como o único meio de evitar-se o predomínio das energias descontroladas e garantir-se o das equilibradas.

Aos descrentes, aos aflitos, aos desesperados, os espíritas enviam a sua mensagem de fé: *tudo passa e tudo se renova*. Aos que temem o futuro, a sua afirmação: *tudo evolui*. Aos que se apegam a princípios sectários e estreitos, a sua adver-

tência: “*Fora da caridade não há salvação*”. Aos que semeiam a discórdia e aos que desejam impor-se pela violência e a força, o grande lema escolhido por Kardec para o movimento espírita: “*Trabalho, solidariedade, tolerância*”. E assim, confiantes nos seus princípios doutrinários, que se assentam no Evangelho de Jesus, os espíritas de São Paulo saúdam a todos e a todos conclamam para o segundo século da grande batalha de transformação moral, espiritual e intelectual da humanidade.”

A USE divulgara intensamente o I Centenário de *O Livro dos Espíritos*, inclusive em emissoras de Rádio e jornais profanos; colocou faixas coloridas nas ruas principais do centro da cidade e dos bairros e distribuiu folhetos. Três grandes emissoras (uma com alcance nacional) divulgaram o evento: Rádio Tupi, no programa “Hora Espiritual” da Liga Espírita do Estado; Rádio América, no programa “Rumo às Estrelas”, da Sociedade Espírita “Paz e Amor”; e Rádio Difusora, no programa “Entre Dois Mundos”, da Sociedade de Estudos Espíritas Três de Outubro, presidida pela valorosa companheira de ideal Anita Briza de Oliveira. A resposta do público foi imediata. Cerca de dez mil espíritas compareceram na noite de 18 de abril ao Ginásio do Pacaembu para assistir a abertura solene das comemorações. A Rádio América, em rede com a Rádio Progresso, transmitiu o evento. Vários oradores assumiram a tribuna, entre eles o erudito Canuto de Abreu, que falou sobre o movimento espírita no século XIX e Herculano Pires sobre a imprensa espírita. Arrebataram o grande público. E desta vez o clero reagiu com panfletos e boletins violentos, ofensas no púlpito, na imprensa, no rádio... O furor clerical, certamente, cresceu devido à estranha coincidência da data do Centenário do Espiritismo com a Semana Santa... Herculano Pires, então, publicou três crônicas no “Diário de São Paulo”, visando alertar e aquietar o movimento espírita. Escreveu ele:

“O Espiritismo é considerado nos meios cristãos com o máximo de desconsideração, com absoluta falta de respeito pelos seus princípios e pelos seus elevados objetivos. (...) O Espiritismo é atacado da maneira mais violenta. Não há

mesmo uma crítica da doutrina, uma análise dos seus princípios. O que há é simplesmente o ataque, e o ataque anticristão, antievangélico, eivado de falsas acusações e de conceitos depreciativos. Doutrina e adeptos são envolvidos na mesma fogueira de acusações inverídicas. Não se respeita, nestes últimos, nem mesmo a sua condição humana.”

Em outra crônica acrescentou:

“Adversários do Espiritismo estão contribuindo eficientemente para que o centenário alcance maior repercussão, através de campanhas intensivas contra a doutrina. Mais uma vez, segundo o ditado popular, Deus escreve certo por linhas tortas, não se limitando a exprimir a Sua Vontade pelas linhas retas.”

E, finalmente, como que se dirigindo ao clero:

“A atitude espírita em face das críticas, acusações e ataques à doutrina e ao nosso movimento não deve ser, segundo pensamos, nem de indiferença, nem de irritação. Porque tudo quanto tem sido feito no combate ao Espiritismo, em todo mundo, desde que *O Livro dos Espíritos* foi publicado, serviu apenas para maior divulgação doutrinária. Não seria justo, portanto, que deixássemos de aproveitar o momento de agitação, provocado pelos adversários, para levar o esclarecimento doutrinário às pessoas que vêm a sua atenção despertada para o problema. Mas, por outro lado, não seria justo que revidássemos com violência aos ataques que nos dirigem.

O Espiritismo tem a seu favor a força insuperável da verdade. Aquilo que é, não pode ser negado. Por mais que queiramos, não podemos tapar o sol com a peneira das nossas convicções pessoais. O sol brilhará sempre, apesar de toda a nossa oposição ao seu resplendor. Assim é o Espiritismo, que brilha sobre o mundo como o sol de uma nova era. Estamos ainda na alvorada dessa nova era, e o sol do Espiritismo ainda luta contra as névoas do velho mundo, que vão se diluindo ao calor dos seus raios. Mas ninguém, força nenhuma, poder algum conseguiria deter a ascensão natural desse sol, que tem por fim acender na Terra um novo dia.”

A FEB, a Lake e a Editora Ismael lançaram edições comemorativas de *O Livro dos Espíritos*. A que trouxe o selo da FEB era improvisada e inexpressiva, como bem acentuou Herculano Pires, pois na verdade tratava-se de uma edição como as anteriores, trazendo apenas a indicação de que fora publicada no ano do centenário... A da editora Ismael era luxuosa. Tinha o formato grande, capa em cores, papel de primeira qualidade, mas o título era estranho: *O Primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec*. Herculano Pires registrou o lançamento em sua coluna no “Diário de São Paulo”:

“Trata-se de uma contribuição particular do Sr. Canuto de Abreu, que reeditou em fac-símile *O Livro dos Espíritos* em sua primeira edição, exatamente a que foi lançada pela Livraria de E. Dentu, em Paris, a 18 de abril de 1857. Uma edição bilingue, trazendo numa face o fac-símile do original francês, e na outra face de cada página a tradução portuguesa do Sr. Canuto de Abreu. Essa edição vem suprir, e de certa maneira até com vantagem, a falha da programação oficial. A reedição da primeira edição francesa, em fac-símile, é do mais alto valor, tanto do ponto de vista histórico, quanto do bibliográfico e mesmo doutrinário. Embora o Sr. Canuto de Abreu defenda uma tese que nos parece falsa, apresentando a primeira edição de *O Livro dos Espíritos* como um livro à parte, o seu trabalho é dos mais significativos. A opinião do tradutor não implica qualquer desmerecimento da edição, que, segundo nos parece, é única no mundo.”

Posteriormente, Herculano Pires examinou melhor as explicações de Canuto de Abreu contidas no prefácio. Era impossível aceitá-las. Antes de Herculano, porém, ninguém ousara refutá-las, tal o prestígio de Canuto de Abreu. O mestre então redigiu um artigo no qual extraímos estes tópicos para a avaliação do leitor:

“Não há dúvida que o autor – referindo-se a Canuto de Abreu – é hoje um dos maiores conhecedores da vida e da obra de Kardec, não somente no Brasil, mas em todo mundo. Não obstante, os seus trabalhos são sempre prejudicados por um

desejo incontido de interpretação original dos fatos. Esse anseio de originalidade leva-o a fazer como aquele famoso rabino Akiba, de Jerusalém, que de uma vírgula do texto sagrado conseguia tirar muitas sentenças novas. Do fato simples, comum, corriqueiro, editorialmente universal, de haver Kardec ampliado a segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, o Sr. Canuto de Abreu pretende tirar conclusões transcendentais, a ponto de dividir a doutrina espírita em duas: uma que seria dos espíritos, outra que seria de Kardec. Isso em contraposição ao próprio Kardec, que sempre se recusou a ser considerado criador de doutrina.”

E mais:

“Não houve um primeiro e um segundo *O Livro dos Espíritos*, mas tão somente uma primeira e uma segunda edições do mesmo livro, ambas orientadas pelos Espíritos. Nem há uma doutrina dos Espíritos e outra de Kardec, mas tão somente a Doutrina dos Espíritos, codificada por Kardec. A tese do Sr. Canuto de Abreu não tem nenhuma consistência, não passando de interpretação personalíssima, que os próprios fatos e as declarações de Kardec – por ele mesmo citadas – desmentem da maneira mais clara. E é pena que o autor tenha mesclado assim, a uma obra do mais alto valor para o movimento espírita, pontos de vista tão pessoais quanto inaceitáveis pelos que estudam a III Revelação.”

Inesquecíveis foram no Estado de São Paulo as comemorações do primeiro centenário do Espiritismo. Iniciadas na capital em 18 de abril no Ginásio do Pacaembu, terminaram dia 3 de outubro no Ginásio da Educação Física do Estado com a presença de mais de sete mil pessoas. Duas mil por falta de cadeiras ficaram de pé...

Assumiram na capital a tribuna das instituições para exaltar o evento, além do nosso biografado, o confrade Castro Neves, os irmãos Jaime e Luiz Monteiro de Barros, Wandick de Freitas, Apolo Oliva Filho, Romeu de Campos Vergal, Sérgio Vale, Ari Lex, Eliseu Rigonatti, Luiza Peçanha Camargo Branco e, entre outros, Júlio Abreu Filho.

A contribuição mais significativa para o brilho do magno evento foi, certamente, a do polígrafo Herculano Pires. A contribuição chegou com atraso devido às dificuldades financeiras da editora Lake, de Batista Lino. Referimo-nos à famosa tradução que o apóstolo de Kardec fez de *O Livro dos Espíritos*, adicionando-lhe um longo e erudito prefácio, verdadeiramente notável (forma e conteúdo), além de sessenta notas esclarecedoras ao pé das páginas, de modo a facilitar o estudo e a compreensão de numerosas passagens, inclusive relacionando-as com recentes conquistas das ciências e do pensamento filosófico.

O mestre foi – inegavelmente – o primeiro a mergulhar nas águas kardecianas mais profundas, a fim de compreender a estrutura, não apenas de *O Livro dos Espíritos*, mas de toda a Codificação. Em seu estudo revolucionário, pioneiro – e que ainda hoje causa admiração – mostra Herculano Pires que as demais obras da Codificação são poderosos galhos nascidos de uma só árvore: *O Livro dos Espíritos*.

É dele esta frase luminosa:

“Examinando-o, em relação às demais obras de Kardec, que completam a Codificação, verificamos que todas essas obras partem do seu conteúdo. Podemos definir as várias zonas do texto correspondentes a cada uma delas.”

E dá-nos o mestre as seguintes coordenadas (nem sempre, aliás, repetidas com fidelidade nas apostilas de expositores que surgiram depois de 1957):

“Assim como, na Bíblia, há o núcleo central do Pentateuco, e no Evangelho o do ensino moral do Cristo, em *O Livro dos Espíritos* podemos encontrar uma parte que se refere a ele mesmo, ao seu próprio conteúdo: é o constante dos Livros I e II, até o capítulo quinto. Esse núcleo representa, dentro da esquematização geral da codificação, que encontramos no livro, a parte que a ele corresponde. Quanto aos demais, verificamos o seguinte:

- 1) *O Livro dos Médiuns*, sequência natural desse livro, que trata especialmente da parte experimental da doutrina,

tem a sua fonte no Livro II (de *O Livro dos Espíritos*), a partir do capítulo sexto até o final. Toda a matéria contida nessa parte é reorganizada e ampliada naquele livro, principalmente a referente ao capítulo nono: “Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo”.

- 2) *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é uma decorrência natural do Livro III (de *O Livro dos Espíritos*), em que são estudadas as leis morais, tratando-se especialmente da aplicação dos princípios da moral evangélica, bem como dos problemas religiosos da adoração, da prece e da prática da caridade. Nessa parte o leitor encontrará, inclusive, as primeiras formas de “Instruções dos Espíritos”, comuns àquele livro, com a transcrição de comunicações por extenso e assinadas, sobre questões evangélicas.
- 3) *O Céu e o Inferno* decorre do Livro IV (de *O Livro dos Espíritos*), “Esperanças e Consolações”, no qual são estudados os problemas referentes às penas e aos gozos terrenos e futuros, inclusive com a discussão do dogma das penas eternas e a análise de outros dogmas, como o da ressurreição da carne, e os do paraíso, inferno e purgatório.
- 4) *A Gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo* relaciona-se aos capítulos II, III e IV do Livro I, e capítulos IX, X e XI do Livro II (de *O Livro dos Espíritos*), assim como as partes dos capítulos do Livro III que tratam dos problemas genésicos e da evolução física da terra. Por seu sentido amplo, que abrange ao mesmo tempo as questões da formação e do desenvolvimento do globo terreno, e as referentes a passagens evangélicas e escriturísticas, esse livro da codificação se ramifica de maneira mais difusa que os outros, na estrutura da obra-máter.

Com respeito aos pequenos livros introdutórios ao estudo da doutrina (...), que não se incluem propriamente na codificação – adverte Herculano Pires –, também eles estão direta-

mente relacionados com *O Livro dos Espíritos*, decorrendo da “Introdução” e dos “Prolegômenos”.

A codificação se apresenta, pois, como um todo homogêneo e conseqüente. À luz desse estudo, caem por terra as tentativas de separar um ou outro livro do bloco da codificação, como possível expressão de uma forma diferente de pensamento.”

Oportuna esta afirmação de Herculano Pires, orientando os leitores, porque havia autores e até instituições que se diziam “eminentemente kardecistas”, mas que eram laicas: consideravam *O Evangelho Segundo o Espiritismo* sem vínculos com a Codificação.

É bastante abrangente o prefácio de Herculano Pires para a edição da Lake em comemoração ao primeiro centenário de *O Livro dos Espíritos*. Com rara mestria o apóstolo de Kardec aborda a codificação kardeciana, a filosofia espírita, a dialética espírita, a legitimidade de *O Livro dos Espíritos*, o problema científico e o religioso. Sua tradução e o prefácio ficaram gravados com letras de ouro nos registros do movimento espírita luso-brasileiro e argentino. Mas Herculano Pires não deu por definitivo esse trabalho. Ele o aperfeiçoou anos depois... Os detalhes serão fornecidos ao leitor mais adiante nesta obra, no capítulo 16, intitulado “O fiel tradutor de Kardec”.

Herculano Pires na presidência do Sindicato dos Jornalistas Profissionais

Em 1957, aos quarenta e três anos de idade, Herculano Pires elegeu-se presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, não obstante saber a classe jornalística que o mestre divulgava e defendia a Doutrina Espírita, então vista com desconfiança pela sociedade e combatida pelo clero. Elegeram-no presidente porque lhe reconheciam, a par das qualidades profissionais, o caráter ímpoluto, sua posição de legítimo democrata.



Herculano Pires eleito presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo

Faziam parte da Diretoria Executiva Hélio Damante, redator de “O Estado de São Paulo” e professor da Universidade Católica, Victório Martorelli, Gracita de Miranda e, entre outros, o vibrante e destemido Vicente Leporace, que era o tesoureiro e que mais tarde tornar-se-ia popular em todo o Estado de São Paulo graças ao seu valente programa radiofônico “O Trabuço”, em defesa do povo.

Eleita a diretoria, Herculano Pires recebeu de Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, uma carta cujo teor revela, mais uma vez, o prestígio que desfrutava o apóstolo de Allan Kardec no meio jornalístico. Eis os dizeres:

“Rio, março, 15, 1957.

Prezado confrade J. Herculano Pires,

A Associação Brasileira de Imprensa e o seu presidente congratulam-se com o prezado confrade pela sua eleição à presidência do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, em cujo exercício certamente dará novas demonstrações de sua inteligência e capacidade, que sempre estiveram a serviço dos ideais da nossa classe.

Reafirmando nosso propósito de continuar colaborando com essa entidade sindical para o engrandecimento da nossa classe, formulo os melhores votos para o completo êxito de sua gestão.

Herbert Moses, presidente.”

Naqueles áureos tempos era a gestão da Diretoria Executiva, apenas, de dois anos. Curto era o tempo, mas suficiente para Herculano Pires marcar de maneira indelével sua presença na presidência do sindicato. “Com seu bom humor, conhecimento da vida e lealdade à categoria, Herculano deu boa conta do recado. Nesse tempo, pode-se dizer, lançaram-se as sementes do Sindicato de hoje, pois essa foi, por todos os títulos, uma diretoria de transição, em tempo também de transição na vida sindical, social e política do país” – escrevia mais tarde o vice-presidente Hélio Damante.⁴⁴

Uma das primeiras providências tomadas por Herculano Pires foi elevar o nível cultural dos profissionais de imprensa em São Paulo. E o Sindicato instituiu um Curso de Jornalismo. Entre os professores, além de Herculano Pires, que lecionou Sociologia, destacavam-se Silveira Peixoto, J. Pontes de Moraes e Victor de Azevedo Pinheiro.

Herculano Pires, ainda em 1957, liderou a Delegação Paulista ao VII Congresso Nacional de Jornalistas Profissionais realizado no Rio de Janeiro. Jornalista-padrão, foi agraciado sete anos depois, em 14 de maio de 1964, com a Medalha do Mérito Jornalístico da Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo pelos “grandes e relevantes serviços prestados à causa da Imprensa Livre e Democrática no Brasil”. Membro da Academia

Paulista de Jornalismo, Herculano Pires ocupava a cadeira cujo patrono é Cornélio Pires. Registremos, ainda, que a Câmara Brasileira do Livro em 1962 homenageou-o com um diploma “como reconhecimento de sua atuação em favor da difusão do livro e da cultura no Brasil”.

O sucesso literário ou jornalístico nada vale, se não for determinado pelo esforço legítimo de servir, enriquecendo o patrimônio da Humanidade – costumava o mestre dizer, e, como sempre, com inteira razão.⁴⁵

O filósofo e seu destino

Fizemos o leitor notar que desde adolescente Herculano Pires sentia atração pelos estudos filosóficos. O desejo de aprofundá-los, porém, tornara-se tão irresistível, que, não obstante à beira dos quarenta anos de idade, casado e pai de quatro filhos, matriculou-se na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Os exames finais e a formatura na USP

Anotou ele em 1957, em um de seus “diários”:

“Estou às portas dos exames finais. Espero vencê-los, apesar do tumulto de provas e de confusão de matérias. Nunca vi maior imbecilidade e maior desorganização no ensino! Uma pena! É por isso que vamos tão mal! Pobre país! Mas tenho pelo menos uma grande satisfação: chego ao final do curso de cabeça erguida. Consegui fazê-lo sem recorrer a protecionismos de espécie alguma, sem receber prebendas, sem pedir bolsas de estudos ou coisas semelhantes. Lutei por minha conta, com auxílio do Alto. Enfrentei todos os exames sem meios escusos de espécie alguma, apesar do absurdo de certas exigências, que os alunos em geral – mesmo os melhores e mais conscientes – são obrigados a resolver pela “cola”. Mais uma batalha que, graças a Deus, ganhei com dignidade. Que Deus me ampare no arremate dos exames finais.”

As anotações acima foram feitas em 30 de outubro de 1957. Um mês depois Herculano Pires registraria em seu “diário”:

“Nos exames finais da Faculdade fui bem, mas sofri bastante com a cadeira de Psicologia Educacional. O catedrático, Arrigo, e o assistente, Romeu, que imbecis! Não aguentei suas exigências e me saí mal! Tive de me submeter a exame oral. Em Didática Geral fui também prejudicado pelos traba-

lhos de aproveitamento – demasiado cretinos –, mas assim mesmo tirei boa nota. Enquanto tive média 9 em Filosofia Geral; 8,25 em História da Filosofia; e 8 tanto em Didática Geral como em Especial, recebi a bofetada de 5,98 em Psicologia Educacional. Que Deus os abençoe!”⁴⁶

Herculano Pires graduou-se em Filosofia em fins de 1957, especializando-se em História e Filosofia da Educação. Sua formatura deu-se na noite de 14 de janeiro de 1958 no grande auditório do Teatro de Cultura Artística. O mestre envergonhou a beca (são palavras suas) “que me parecia proibida nesta encarnação. Vesti-a em casa e fui para o teatro de automóvel.”

A família acompanhou-o. “A Loló (a filha ainda menina) mostrava-se tão entusiasmada com a minha formatura, que só falava nela. As crianças estavam todas contentes. A Bigi (sua esposa Virgínia) apertava-me a mão, com os olhos lacrimejantes. Ao passar pelo Ibirapuera, no meio da emoção de todos, fiz uma prece de agradecimento a Jesus.”

Herculano Pires, ao receber em 1958 seu diploma, já ocupava o cargo de presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo.

A razão do curso de Filosofia

Humberto Mariotti, o renomado filósofo e poeta argentino, líder do movimento espírita em países de língua castelhana (que notável orador foi ele!), assim escreveu a propósito da formatura de Herculano Pires:

“O destacado pensador brasileiro fez-se filósofo universitário com o único objetivo de possuir a autoridade necessária a fim de penetrar nas essências filosóficas do Espiritismo. Mas podemos dizer que o seu ser já era um filósofo de nascimento. Certamente em outras existências sua brilhante inteligência havia estado em contato com os grandes pais da Filosofia. Talvez a Grécia de Sócrates e Platão o conhecesse entre os peripatéticos meditando sobre o Ser, seu conteúdo existencial e

suas projeções teleológicas. Por isso, mesmo sem obter a graduação universitária como filósofo, sua brilhante inteligência poderia igualmente dialogar com Heidegger, Jaspers, Sartre, Maritain, etc., pois havia em seu espírito uma raiz profundamente metafísica que lhe permitia relacionar-se e de imediato com os grandes problemas da filosofia moderna.”⁴⁷

Humberto Mariotti tem plena razão. Mas é inegável que o estudo sistemático da filosofia não somente aprofundou como alargou ainda mais o horizonte cultural de Herculano Pires e, por isso mesmo, a partir de 1957 nenhum evento importante seria realizado no movimento espírita paulista sem as lideranças ouvirem antes sua opinião, a qual unia sempre o bom-senso à sabedoria.

Na verdade, a partir daquela data o mestre se tornaria magistral no aprofundamento da interpretação dos textos da Codificação kardeciana. Dissera Chico Xavier, inspirado por Emmanuel, que Herculano Pires fora o metro que melhor mediu Allan Kardec. E Chico Xavier bem o dissera, porque Herculano Pires mostrara, inclusive, que são indestrutíveis os postulados da Doutrina Espírita quando em confronto com a moderna cultura científica.

O movimento espírita, portanto, tinha a obrigação espiritual de ser fiel à Codificação. Leia-se a propósito este trecho de Herculano Pires extraído do editorial publicado no número um de “Unificação”, órgão oficial da USE:

“A obra de Kardec não é apenas a obra de um espírito missionário, mas a de toda a Falange do Espírito de Verdade enviada à Terra pelo Cristo para relembrar os seus ensinamentos “em espírito e verdade” e completá-la de acordo com os novos tempos. Bastaria isso para nos mostrar o dever de fidelidade que temos para com *O Livro dos Espíritos* e toda a Codificação. Não se trata mais de um apego emotivo aos livros de



Herculano Pires no dia em que graduou-se em Filosofia

Kardec e aos seus princípios. A nossa fidelidade é dever espiritual, baseada na razão, na verdadeira compreensão do problema histórico do desenvolvimento do Cristianismo.”

Herculano Pires em seus livros e artigos voltaria a fazer essa advertência por demais oportuna, ainda hoje.

Humberto Mariotti, por enquanto, foi quem mais se aprofundou no exame da extraordinária obra filosófica de Herculano Pires e, por isso mesmo, dele nos servimos. Em seu já citado ensaio considerou-a “a mais importante da América Latina” e Herculano “o mais destacado filósofo espírita dos tempos atuais”.

E mais, ainda: reconheceu o filósofo argentino que Herculano Pires foi quem “colocou na América o Espiritismo na *via filosófica*”.

Observações agudas, estas de Mariotti, principalmente a última, porque nossos escritores da América Latina apenas arranharam a superfície da Filosofia Espírita, enquanto Herculano Pires com seus livros fizera com que o Espiritismo entrasse firme pela via filosófica, realizando, assim o desejo expresso por Allan Kardec na *Revue Spirite*. Afirmo Mariotti:

“O Espiritismo, entrando na *via filosófica* como anunciara Kardec, converte-se na luz que se projeta sobre o conhecimento de todas as idades. O filósofo brasileiro compreendeu com Léon Denis e Gustave Geley que a dialética é o melhor método ético para valorizar e compreender o intrínseco e o extrínseco da lei de causas e efeitos no processo evolutivo e moral dos Espíritos. Herculano Pires possuía uma cosmovisão espírita emanada da imponente codificação kardeciana. Em tudo percebeu uma divina teleologia que superará os delineamentos materialistas do homem e do universo. (...) Um filósofo como J. Herculano Pires é capaz de compreender a parte débil e falível do conhecimento; por isso seu espírito adentrou nos sistemas mais intrincados da filosofia moderna e contemporânea com o fim de constatar as lacunas que apresentam no que diz respeito à verdadeira espiritualidade do homem e da natureza.”

O filósofo e as pedras do caminho

Paralelamente à atividade nos “Diários Associados” e no movimento espírita, desejava Herculano Pires iniciar a vida de professor. E ingressou no corpo de professores do Colégio Maria José, situado na Alameda Gleite, onde lecionou, de 1º de março de 1958 a 30 de abril de 1959, Filosofia no 2º e 3º anos “clássico” e no 3º científico. Mas desgostara-se porque constatara que os alunos “não estudam e não se interessam por nada”. Tentou, então, lecionar em uma Faculdade de Filosofia, ainda que como professor-assistente, o que lhe permitiria “mais tempo para estudo e melhor situação de vida”, conforme o registro em seu diário íntimo. O professor Jânio Quadros, na época governador do Estado de São Paulo, prometera interferir em seu favor, mas não se empenhou. Foi grande, na verdade, a luta do apóstolo para atingir o nobre objetivo, porque era publicamente conhecido como espírita. É o que revela-nos seu “diário”.

“Através de Cassiano Nunes conversei com o prof. Soares Amora sobre a possibilidade de um contrato para a Faculdade de Filosofia de Marília. Logo percebi, porém, que tinha o bispo de lá pela frente. O diretor da Faculdade, prof. Michel Sawaia, é carola. Fez tudo o que pôde para me negar um lugar.”

E mais:

“Contrataram juvenzinhos imberbes com a maior facilidade, mas me dificultam tudo. Porque sou o que sou, não o nego, não me retrato e me disponho a continuar lutando pelos meus ideais.”

E meses depois, já um tanto enojado, fez o seguinte registro que deve aqui ser transcrito:

“Engraçada a nossa burocracia! Bacharelado e licenciado por uma Faculdade oficial, preciso ainda de dois anos de prática para ser diretor de um ginásio particular... Mas não preciso de nada senão de empenho político, para ser contratado para a cátedra de uma Faculdade de Filosofia! Lembro-me da

expressão de Olênine, em *Os Cossacos*, de Tolstoi: “Que homens! Que vida!”

E como persistissem as dificuldades, desistiu de lecionar, embora várias faculdades particulares estivessem em fase de organização no interior paulista – em Araraquara, Casa Branca, Presidente Prudente...

“Quando as coisas encrencam assim, parece que é bom a gente não insistir.” – anotou ele no “diário”.

Abandonou, pois, o projeto de lecionar, mas dois meses depois veio a notícia auspiciosa: por indicação de Cassiano Nunes⁴⁸ e Antônio Soares Amora,⁴⁹ fora convidado a ocupar a cátedra de História da Educação e Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia de Araraquara, cujo diretor era Paulo Guimarães da Fonseca, catedrático de química da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Herculano Pires seguiu com a família para Araraquara, sem, no entanto, desligar-se dos “Diários Associados”, mas as aulas na Faculdade obrigaram-no a renunciar (por falta de tempo) ao cargo de Delegado do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo junto à Federação Nacional dos Jornalistas. E mais: vivendo tão distante da capital, era-lhe impossível continuar na presidência do Clube dos Jornalistas Espíritas e, na eleição verificada semanas antes de sua saída de São Paulo, indicou para substituí-lo Jorge Rizzini.⁵⁰

Paulo Guimarães da Fonseca e Herculano Pires tornaram-se amigos. Juntos organizaram os currículos dos cursos de Pedagogia e Letras. Herculano, inclusive, indicou-lhe professores a serem contratados, entre os quais o competente Cerqueira Leite, seu antigo companheiro de U.A.I. (União Artística do Interior). Tudo corria às mil maravilhas, mas o mestre sentia-se infeliz. Eis o que escreveu seis meses depois em seu “diário”:

“Sinto-me deslocado, e às vezes asfixiado. A cidade parece que me repele, não obstante a boa acolhida que tenho em toda parte. Há momentos em que, se pudesse, voltaria na mesma hora para São Paulo, para a minha casa. (...) Deixamos a casa

montada, meu quarto com meus livros, à minha espera. Voltarei, se Deus quiser. Isto é um estágio. Eu precisava fazê-lo. E devo suportá-lo. (...) Mas a minha situação em São Paulo era insustentável: ganhava pouco e trabalhava cada vez mais. Um torniquete, um desespero! Quem sabe, com este estágio, conseguirei melhorar as coisas. O pior é que o que eu mais queria, e agora tenho – o tempo – não me serve de nada. Ainda não consegui começar a cuidar dos meus livros!”

E o mestre, recordando-se que há vinte anos atrás disciplinava seus dias com a elaboração de programas diários, acrescentou:

“É o que vou fazer. Quem sabe se assim conseguirei vencer o ambiente, a pasmaceira, o desânimo, o desajuste ou a saudade, sei lá o que! Vou programar-me.”

E, com novo ânimo, Herculano Pires entrosou-se no movimento espírita de Araraquara. Achou-o frio e amorfo, mas o apóstolo de Kardec estava decidido a impulsioná-lo. Anotou no “diário”:

“Não sei se tocado pelos Espíritos, inventei de movimentar elementos para a fundação de um hospital. No começo, reação mínima, pasmaceira. Mas, depois, Pedro Celli e sua mulher, Sra. Ada, puseram fogo na coisa. São gente de outra massa. E a coisa esquentou. Tive de assumir a direção do movimento, mas parece que vai sair um plano gigantesco: aquisição de uma fazenda para construção do hospital, educandário, orfanato, asilo e uma colônia de férias espírita. Se sair tudo isso, dou-me por pago do sacrifício araraquarense.”

O desejo de voltar a viver na capital, porém, tornara-se em 1960 ainda mais intenso ao saber que fora honrado com a indicação para ser membro titular do Instituto Brasileiro de Filosofia, fundado e presidido pelo eminente Miguel Reale, catedrático de Filosofia do Direito, reitor da Universidade de São Paulo e Doutor *honoris causa*, da Universidade de Gênova. Um ano depois, ainda vivendo em Araraquara, Herculano Pires lecionaria Psicologia no Instituto Brasileiro de Filosofia nos cursos patro-

cinados pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Mas algo inusitado iria acontecer.

O filósofo e o presidente Jânio Quadros

A história incrível que se vai agora ler é tragicômica – e vergonhosa.

Em março de 1961 encontrava-se o nosso filósofo descansando no quarto de um hotel em Araraquara quando foi chamado pelo telefone. Era um dos assessores do governo, que o convocava com urgência em nome do governador do Estado de São Paulo. O resto da história é o próprio Herculano Pires quem conta:



Jânio Quadros

“O governador Carvalho Pinto me convidava, em nome do presidente Jânio Quadros, para assumir a chefia do Sub-gabinete Civil da Presidência da República em São Paulo.⁵¹ Pedi tempo para pensar. Expliquei que não era político e estava iniciando carreira universitária. Voltando para casa, conversei com Bi (a esposa) e a turma toda. Decidimos que eu não aceitaria. À meia-noite, Pedro d’Ângelo telefonou-me dos “Diários”: chegara telegrama de Brasília, noticiando minha nomeação. Susto. No dia seguinte, de manhã, telefonei ao governador Carvalho Pinto. Não sabia de nada. Assustou-se também, mas esclareceu: “Jânio precipitou a solução. Ele costuma fazer assim. Agora, você precisa aceitar”.

Os Espíritos manifestaram-se a favor. Era um trabalho a realizar. Aceitei-o, mas um tanto angustiado. Fui a Brasília e declarei ao Jânio que me considerava mal indicado. Ele me assegurou que não queria de mim nada em política partidária, apenas ajuda administrativa. Concordei, desde que tivesse liberdade para organizar o Sub-gabinete, sem injunções políticas. “Repila-as, Herculano, até mesmo as minhas, se as houver!” – foi a resposta. Assinei termo de posse, fiz declaração de bens, recebi um talão de memorando, envelopes de carta e

papéis timbrados, e voltei. Com requisições de tudo: um andar da Delegacia Regional do Trabalho, na rua Martins Fontes; móveis, máquinas, telefones e material e pessoal, nas repartições federais e autarquias; montei o Sub-gabinete e o pus a funcionar. Tudo difícil. Não consegui automóvel e fazia meus trajetos de ônibus e a pé.

O Sub-gabinete foi um temporal. Organizei-o bem, graças a Deus. Mas quantos problemas, quanta luta! Fiz tudo com alegria, entretanto, o mais difícil era atingir soluções satisfatórias. Voltei a Brasília e o Jânio não me recebeu: deixou-me entregue ao Quintanilha, na sala anexa. Regressei decepcionado. Várias vezes ele veio a São Paulo e não visitou o Sub-gabinete, nem me deu atenção. Todos os casos sem solução. Um dia, respondendo a uma carta que eu lhe enviara, reclamando atenção, telefonou-me de Brasília. Disse que estaria em breve no Horto Florestal, ao meu dispor. Três vezes o procurei, três vezes ele me fugiu. Pedi demissão pelo telefone, ao Quintanilha, no dia em que o Jânio voltou para Brasília. Não me deram. Quintanilha prometeu visitar-me, explicar-me as coisas, e de fato fez.

Resolvi “agir por conta própria”. Fiz o meu “governinho” em São Paulo. Intervenção na Agência do Departamento Federal de Compras; sindicância no Serviço Social Rural; exigências de relatórios completos e imediatos das Autarquias Federais; levantamento da situação das Repartições; investigação nos Correios e Telégrafos e levantamento para melhoria dos serviços; organização da Comissão de Reerguimento de Populações Rurais e Urbanas e início de seus trabalhos no Embu-Guaçu; primeira reunião geral de chefes de repartições e autarquias federais em São Paulo, para discussão de problemas; instalação de uma comissão permanente (Grupo de Trabalho) para apuração de irregularidades em repartições e autarquias; formação e instalação de Grupos de Trabalho vários.

Não voltei a Brasília nem procurei mais qualquer contato com Jânio. Toquei o meu “governinho” e consegui fazer alguma coisa. Dia 25 de agosto segui de manhã com Oswaldo

Alves Brandão e José Spessoto Júnior para Itapecerica da Serra, para verificar uma denúncia de “grilagem legal” de terras, feita por Renato Azzi, presidente da Associação Rural local. Lá passamos o dia vendo casos, ouvindo interessados, e chegamos a surpreender os grileiros num bar. Caso vergonhoso, com despejo de quatrocentas famílias das terras, a peso de polícia armada. Um Secretário de Governo Estado envolvido no caso. Voltamos à tarde, chegando no Anhangabaú às 17 horas. Já havíamos traçado o nosso plano de ação.”

Mas... uma bomba explodiria e repercutiria, inclusive no estrangeiro.

Ouçamos Herculano Pires:

“Fui cortar o cabelo no meu barbeiro, próximo à Câmara, e lá, na cadeira, ouvi falar da renúncia do Presidente. Parecia mentira, mas era verdade.”

Herculano Pires fez o que fora possível em favor das causas justas.⁵² E o fez por conta própria e destemidamente, pois Jânio Quadros não se interessava pelos problemas do sofrido povo que o elegera presidente. Demagogo, por várias vezes em campanhas eleitorais apresentara-se no palanque erguido nas praças públicas barbado e mal vestido, trazendo na mão um sanduíche...

Jânio quadros tomou posse em 31 de janeiro de 1961 e renunciou à presidência em 25 de agosto do mesmo ano. Não ficou sete meses no poder!

A volta a São Paulo e o Espírito Cairbar Schutel

Nove meses após transferir-se com a família para Araraquara, Herculano Pires finalmente voltara a residir em São Paulo. Continuou, porém, a lecionar na Faculdade de Filosofia daquela cidade, indo e vindo de trem com caderneta quilométrica. Sua esposa muito se aborreceu com o regresso, pois grande era a família e ela previa novas dificuldades financeiras, talvez insuperáveis... Mas o regresso do apóstolo tivera aprovação do notável

jornalista desencarnado Cairbar Schutel, fundador de “O Clarim” e da “Revista Internacional de Espiritismo” e um de seus Guias.

A primeira mensagem de Schutel veio através da mediunidade psicofônica da Sra. Beni – esposa do confrade Eugênio Gertel e filha do prof. Eloy Lacerda – no Centro Espírita Pedro e Anita, presidido por Rui Piedade. Note o leitor que nenhum dos frequentadores conhecia o conflito familiar de Herculano Pires. A segunda mensagem, desta vez psicografada por Chico Xavier, fora transmitida na noite de 8 de setembro de 1962. Herculano Pires encontrava-se em Uberaba na companhia do nosso saudoso amigo Fernando Campos Ferreira da Cunha. Eis o teor da importante mensagem de Schutel:

“Herculano amigo: paz e bom ânimo. Confirmo, sim, meu amigo, a solicitação por nossa Beni. Compreendo. Você está renunciando expressivamente, mas Jesus proverá. Trabalhe-mos. São Paulo é a nossa oficina. O Espiritismo, com a bênção do Cristo, é construção que não podemos abandonar. Cogitamos do seu mais amplo rendimento espiritual, em nossa Doutrina. A nossa edificação precisa de apoio, sustento, harmonia e orientação. Reconforte a esposa, a quem rogamos confiança e otimismo. Os problemas serão ajustados. Atendamos aos deveres que nos são próprios e o Senhor fará o resto. Estaremos juntos, no serviço e na oração. Sempre seu: Cairbar.”

Herculano Pires exultou. Cairbar Schutel confirmara a mensagem recebida pela Sra. Beni. E o apóstolo, sob o poder da emoção, registrou em seu “diário”:

“Fortemente amparado por essa confirmação e esse grande incentivo, regressei a São Paulo, disposto a tudo fazer para tornar-me capaz de servir à Causa do Senhor. Comecei por tratar de minha própria “revisão”, nos serviços de Nossa Oficina. Que Deus me ajude e que a assistência de Schutel não me falte.”

E o mestre, com humildade, acrescentou:

“Agora compreendo melhor a razão das dificuldades anteriores, no tocante a um lugar em Faculdade do interior. Lembro-me da frase que sublinhei nas anotações dos dias 1º a 13 de agosto de 1958, à página 74 deste diário: *Quando as coisas encrencam assim, parece que é bom a gente não insistir*. Sinto-me como alguém que tivesse cometido uma imprudência, comprometido com planos ou pelo menos perturbado a sua marcha, por interferência da própria incompreensão. Parece que o passado fez uma erupção no presente. Peço perdão ao Alto e agradeço o me haver permitido a volta, a reintegração no meu destino, nas minhas atividades e funções próprias. Hei de prosseguir, com firmeza e confiança.”

E como a esposa lamentasse o regresso à capital paulista, Herculano Pires, com bom humor, pregou no lado de dentro da porta do quarto a mensagem psicografada, a fim de que Virgínia a visse, várias vezes... Anos depois, numa entrevista, ela explicou:

“Acontece que ele era um poeta, um sonhador, e eu era mais prática do que romântica. Ele sempre foi muito atencioso, me trazia flores aos domingos e eu agradecia, mas por dentro me preocupava: “Ai, meu Deus, a gente nesse aperto e ele gastando tanto comigo.” (...) Se ambos fôssemos românticos, eu não sei como iríamos sobreviver.”⁵³

Delicada era a saúde de Herculano Pires. Até quando, pois, continuaria a viajar de trem, semanalmente, a Araraquara para lecionar? O mestre refletiu. E, decidido, remeteu ao professor Paulo Guimarães da Fonseca a seguinte carta:

“Araraquara, 3 de agosto de 1962.

Exmo. Sr. Prof. Dr. Paulo Guimarães da Fonseca

DD. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Araraquara

Prezado Senhor Diretor:

Compromissos de ordem familiar, que se tornam motivos de força maior, obrigam-me a deixar a Faculdade de Filosofia que, embora obscuramente, tive a honra de ajudar o prezado amigo a instalar. Minha obrigação de permanecer em São Paulo me impede a permanência necessária nesta cidade, para o desempenho das obrigações contratuais. Nessas condições, sou forçado a requerer rescisão de contrato, o que farei na próxima semana, de acordo com as instruções que já me foram dadas pela Secretaria.

Quero, entretanto, antecipar o meu pedido perante o prezado amigo, a quem tanto devo em atenção, gentileza e bondade. Lamento não ter podido lhe dar mais tempo para a solução do problema, mas acontece que também fui colhido em circunstâncias inesperadas, que me obrigaram a uma resolução repentina. Farei, porém, a indicação do sucessor, de maneira a não deixá-lo às voltas com dificuldades nesse terreno. Pudesse, e continuaria até o fim deste ano, o que me é humanamente impossível.

Na certeza de poder contar, mais uma vez, com a sua benevolente compreensão, quero deixar aqui a expressão da minha sincera e profunda gratidão ao prezado amigo, por todas as atenções que sempre me dispensou.

Cordialmente,

J. Herculano Pires.”

O apóstolo, pois, deixou a cátedra na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara em agosto de 1962. E retornou com alegria à literatura, à atividade nos “Diários Associados” e à presidência do Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo. No período em que vivera em Araraquara o fluxo de sua produção intelectual diminuía, mas em São Paulo tanto a criatividade como a fecundidade literárias normalizaram-se. O fogo sagrado voltara a crepitar...

Espiritismo, inclusive na Universidade Católica

A vida voltara a sorrir, é verdade, embora discretamente, pois as finanças não iam bem... Mas foi com ânimo que Herculano Pires presidiu a delegação de São Paulo no III Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas realizado em Belo Horizonte. Não pôde ficar até o fim, mas uma de suas teses – fundamental ainda hoje – acentuava a necessidade de organização de grupos de estudos doutrinários por todo o país, a fim de evitar-se a deturpação da doutrina. E mais: os grupos deveriam manter-se à margem de qualquer orientação particularista; fiéis ao livre espírito da Doutrina Espírita, não se transformariam em nenhuma nova entidade federativa, ou coisa semelhante, advertira o mestre. A tese, depois de acalorados debates, fora aprovada, apesar da oposição do presidente da União Espírita Mineira, que desejava entregar o assunto ao Conselho Federativo Nacional. Os congressistas concordaram com a alegação do mestre de que “a essência do Espiritismo é a liberdade, sem a qual não se pode chegar à responsabilidade”.

Meses depois visitou Herculano Pires o Rio de Janeiro, a convite de Deolindo Amorim, a fim de dar a aula inaugural no Instituto de Cultura Espírita do Brasil, fundado e presidido por aquele nobre e culto confrade. De novo em São Paulo, recebeu de Deolindo o seguinte bilhete:

“Herculano:

Sinceramente, pode estar certo de que deu uma aula marcante na vida do Instituto. A opinião é geral. Ainda antontem, na reunião semanal, ouvi novos comentários, e todos achando que a aula foi magnífica. De minha parte, é claro que ouço tais comentários com o maior desvanecimento.”

Foi, ainda, em 1961 que atendeu ao pedido do Movimento Universitário Espírita para dar um Curso de Introdução à Filosofia Espírita na sede da então dinâmica União da Mocidade Espírita de São Paulo. Herculano Pires iniciou a primeira aula com estas interpelações:⁵⁴

“Qual o motivo por que os próprios adeptos do Espiritismo, ainda hoje, divergem no tocante a questões doutrinárias de importância? E qual o motivo por que os não espíritas continuam a tratar o Espiritismo com a maior incompreensão? Note-se que não nos referimos a adversários, pois estes têm a sua razão, mas aos “não-espíritas”. Parece-nos que a explicação para os dois casos é a mesma. *O Espiritismo é uma doutrina do futuro*. À maneira do Cristianismo, abre caminho no mundo, enfrentando a incompreensão de adeptos e não adeptos.

Em primeiro lugar há o problema da posição da doutrina. Uns a encaram como sistematização de velhas superstições; outros, como tentativa frustrada de elaboração científica; outros, como ciência infusa, não organizada; outros, ainda, como esboço impreciso de filosofia religiosa; outros, como mais uma seita, entre as muitas seitas religiosas do mundo. Para a maioria dos adeptos e não adeptos, o Espiritismo se apresenta como simples “crença”, espécie de religião e superstição ao mesmo tempo, eivada de resíduos mágicos.

Ao contrário de tudo isso, porém, o Espiritismo constitui a última fase do processo do conhecimento. Última, não no sentido da fase final, mas da que o homem pôde atingir até agora na sua lenta evolução através do temp. (...) Basta-nos, no momento, esta colocação do problema para justificar a nossa tentativa de oferecer uma visão histórica do desenvolvimento espiritual do homem, como a forma mais apropriada de introdução ao estudo da doutrina.”

Sete anos depois, voltou o Movimento Universitário Espírita a convidar Herculano Pires a ministrar o mesmo Curso de Introdução à Filosofia Espírita, desta vez para o público em geral, no amplo auditório da “Folha de São Paulo”. O mestre atendeu ao convite, mas fez questão que o curso se realizasse num sistema de diálogo que seria acelerado à proporção que os problemas fossem desenvolvidos. O apóstolo de Kardec abordou os seguintes temas: teoria espírita do conhecimento; o problema ontológico espírita; origem psíquica paranormal das religiões; existencialismo e interexistencialismo; a cosmossociologia espírita e sua

relação com a cosmossociologia de Durkheim; e o problema do fideísmo crítico (a crítica da fé em Kardec em relação com a crítica da razão em Kant). Essas aulas foram depois enfeixadas em livro que recebeu o título de “Introdução à Filosofia Espírita”, estando Herculano Pires já desencarnado.

Dos inúmeros cursos dentro e fora do movimento doutrinário ministrados por Herculano Pires, um merece registro especial. Referimo-nos ao que ministrou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) nos dias 17 e 18 de novembro de 1971, nos períodos da manhã, da tarde e da noite. O mestre deu seis aulas – cada uma com a duração de duas horas, assistida por quinhentos alunos. O convite do catedrático Mauro Batista (um padre sem preconceito religioso!), responsável pela cadeira de Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo, fora dirigido à Federação Espírita do Estado de São Paulo, que indicou Herculano Pires. O Espiritismo naqueles dias históricos brilhou na Universidade Católica!

Livros filosóficos revolucionários

Ao tempo em que residia em Araraquara, Herculano Pires iniciara a redação de livros que concluiu em São Paulo. É o caso de *Tempo de Magnólias*, romance lançado pela editora Piratinin-ga, de propriedade da Lake, e de *Os Filósofos*, que o editor Diaulas Riedel lançou com o selo da Cultrix. A propósito de *Os Filósofos*, cuja primeira edição esgotou-se rapidamente, o “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro, publicou longo artigo assinado por Deolindo Amorim (edição de 16 de agosto de 1961), cujo final transcrevemos:

“É um trabalho difícil e de grande envergadura intelectual. Basta o simples enunciado – *Os Filósofos* – para que se pense logo no gigantesco esforço de síntese para enfeixar, em quatorze estudos biográficos, o que há de mais essencial nessas vidas ilustres, a cujas luzes, apesar de seus erros inevitáveis, muito deve a humanidade. Herculano Pires realizou, portanto, uma obra necessária à cultura brasileira, sobretudo porque

não é uma apologia incondicional, uma exaltação desmedida, mas um estudo sereno, desapasionado e profundo. Não se pense que o autor subscreve algumas das ideias encontradas nos filósofos antigos e modernos. Todavia, por mais colidentes que sejam certas concepções filosóficas, o autor expõe as teses com imparcialidade, sem abrir mão, é claro, de suas reflexões pessoais. Herculano Pires revela-se agora um homem de pensamento, com a lucidez dos espíritos afeitos ao estudo e à crítica.”

Excelente comentário, mas ao encerrá-lo Deolindo Amorim cometeu um pecadilho, porque os escritos de Herculano Pires anteriores ao livro *Os Filósofos* deixavam evidente ser o apóstolo de Allan Kardec dotado de forte talento filosófico.

Três anos depois nosso biografado lançaria mais um trabalho intelectual de inestimável valor. Uma obra-prima. Referimo-nos ao livro *O Espírito e o Tempo*, que a Editora Pensamento publicou em 1964 e em cujas páginas o erudito mestre, servindo-se da Antropologia Cultural, da História das Religiões e da Mitologia Comparada, desenvolve a tese espírita da mediunidade e suas implicações na evolução espiritual do homem. *O Espírito e o Tempo* é a resultante de um curso dado por Herculano Pires na União da Mocidade Espírita de São Paulo a pedido de sua filha Helena. Na primeira edição o livro apresenta três partes, mas na posterior, trazendo o selo da Edicel, Herculano Pires acrescentara mais uma. Com *O Espírito e o Tempo* o problema da mediunidade (forçoso é reconhecer) pela primeira vez no mundo fora colocado em termos de antropologia cultural. Escreveu ele:

“A história mediúnica da Humanidade inicia-se com o culto dos ancestrais, na era tribal, e desenvolve-se com os cultos místicos da era agrária, a fase oracular das civilizações antigas e clássicas, o profetismo bíblico e o surto da filosofia grega e do moralismo chinês, para desembocar na teologia medieval e no racionalismo renascentista, e atingir por fim a era da mediunidade positiva, no mundo moderno.”

Na segunda parte Herculano Pires trata da história do aparecimento do Espiritismo “como uma fase do processo do conhe-

cimento”. Entende ele que a Teoria do Conhecimento somente se completa admitindo a realidade mediúnica. Na terceira parte o mestre dá ao leitor uma visão geral da Doutrina Espírita “como última forma de concepção do mundo e da vida, elaborada pelo homem com o auxílio dos Espíritos e com base na milenária experiência mediúnica da espécie”. E, finalmente, Herculano Pires apresenta um estudo magistral sobre a prática e as leis da mediunidade, além de uma ampla visão da antropologia espírita.

A propósito dessa obra pioneira, Humberto Mariotti fez algumas reflexões estampadas na tradicional revista “Constancia”, de Buenos Aires. Vamos transcrevê-las, pois o leitor, certamente, gostaria de conhecê-las.

“En su hermoso libro *O Espírito e o Tempo*, Herculano Pires dijo que el fenómeno mediúnico es un hecho que se opera en el proceso de las razas como un fenómeno psíquico y que podría considerarse una antropología espírita. En ese libro Pires nos muestra los variados horizontes de la mediumnidad y como se desarrolló a través de procesos como el tribal, el agrícola, el civilizado, el profético y el espiritual. Nos muestra que el proceso histórico está, en efecto, íntimamente relacionado con las manifestaciones del mundo invisible. Este hecho mediúmnico relacionado con los diversos períodos de la evolución social nos hace ver que los “movimientos” del Cosmo no son debido a fuerzas puramente naturales sino que son originadas por el mundo invisible, tal como los describe la codificación kardeciana. Es decir que la parte visible de la humanidad es la resultante de la parte invisible de la misma en cuyo centro se encuentra la presencia activa de los espíritus desencarnados. Así es como vio Pires la historia en su relación con el devenir de los tiempos.

Su libro *O Espírito e o Tempo* es como una réplica a obras como *El Ser y el Tiempo* de Martin Heidegger y *El Ser y la Nada* de Jean-Paul Sartre, donde el concepto nihilista es único sostén del proceso existencial del hombre.”

Humberto Mariotti, em seu já citado ensaio *O Pensamento Filosófico de J. Herculano Pires*, afirmaria, mais tarde:

“*O Espírito e o Tempo* é um livro que deveria ser estudado em todas as faculdades de filosofia da América, a fim de penetrar nas variadas “imagens históricas”, através das quais passam os Espíritos. A filosofia universitária, sem a visão espírita da História, fica aprisionada nos enganos apriorísticos de Kant e para sair deles só é possível por meio de uma história palingenésica como vê J. Herculano Pires.”

Outra obra densa com grande profundidade filosófica e beleza pura tem por título *O Ser e a Serenidade*, cujo objetivo – adverte o apóstolo de Kardec – não foi colocar o problema do *existencialismo espírita*, e sim expor uma reflexão que mergulhasse no problema do Ser. É verdade; mas é inegável que ele desejou e conseguiu com essa obra pioneira rasgar (as palavras são dele) “uma nova perspectiva na Filosofia da Existência, essa moderna corrente de pensamento filosófico que se abre em várias direções: do misticismo de Kierkegaard, o protestante, e de Gabriel Marcel, o católico, vai diluir-se no transcendentalismo psicológico de Karl Jasper e fundir-se com o marxismo no ateísmo de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir”. O apóstolo com sabedoria reconduz “o Existencialismo às suas perspectivas espirituais, mas num sentido de paralelismo complementar do ontologismo de Martim Heidegger”. E mais: partindo de uma reflexão romântica sobre a serenidade, “mergulha agudamente na problemática ontológico-existencial para abrir uma nova frente na batalha do Existencialismo: e do Existencialismo Interexistencial”. E o fez de modo brilhante. Mas nega que o Existencialismo Espírita seja uma nova escola filosófica. Humilde, em uma entrevista concedida à Revista Internacional de Espiritismo (transcrita pelo jornal “Triângulo Mineiro”, edição de 18-05-1967), afirma não haver criado nada de novo. “Procuramos apenas desenvolver no plano filosófico as teses existenciais de Kardec subestimadas por simples ignorância pelo Existencialismo em desenvolvimento. Trata-se de um dos aspectos mais fecundos da Filosofia Espírita, que será desenvolvida no mundo

à proporção que a humanidade se torne capaz de compreendê-la.”

Mas, quando e como surgira em seu espírito a preocupação com a serenidade? Informa o mestre que em 26 de abril de 1935 (e não 1934, conforme se lê na página 43 de *O Ser e a Serenidade*), vira “a serenidade fluir sobre a cumeeira das casas, na cidadezinha de Cerqueira César”. E prossegue: “Parei na rua para contemplar o sereno espetáculo. Não era o tempo, nem o vento, nem as nuvens que corriam. Era a serenidade, essa inexprimível doçura das coisas, que fluía sobre as cumeeiras de telhas enegrecidas, tendo por fundo o azul do céu. Nesse dia perguntei a mim mesmo por que motivo não somos serenos, mas inquietos, e muitas vezes até mesmo tumultuosos. Lembrei-me da ataraxia de Demócrito, de Epicuro e de Zenão, e as palavras de Jesus soaram-me aos ouvidos da alma: “*A minha paz vos dou, mas não vo-la dou como a paz do mundo.*” Nesse mesmo dia resolvi que procuraria descobrir o segredo da serenidade.”

E Herculano Pires, empolgado com a romântica visão da serenidade, iniciou um romance com o título *O Serenista*, em cujas páginas pretendia lançar a doutrina da serenidade. Mas tinha apenas vinte e um anos de idade, e sem dominar totalmente a avalanche de ideias e a emoção no ato da criação, colocara na personagem uma mistura de estoicismo e racionalismo...

O tema, porém, persistia. Dez anos depois retomou-o. E, ao invés de romance, redigiu um pequeno ensaio intitulado *A Busca da Serenidade*, que fez editar em Cerqueira César. Não se deu, porém, por satisfeito. E, finalmente em 1966, já licenciado em Filosofia, entregou à cultura brasileira mais uma obra-prima produzida pelo seu talento prodigioso: *O Ser e a Serenidade*. Sobre ela escreveu o filósofo Humberto Mariotti:

“Mas fazemos notar que a busca da serenidade na obra de Herculano não apresenta uma evasão da realidade nem tampouco um escapismo ético do homem ante os grandes problemas sociais. O tema da serenidade representa, pois, uma atitude frente ao mundo, ou seja, um estado de consciência superior para resistir às forças negativas circundantes, as

quais violentam contrariamente o estar-no-mundo do Espírito encarnado. (...) Este livro, *O Ser e a Serenidade*, do conceituado pensador brasileiro, representa uma abertura para as novas especulações gnosiológicas, baseadas no Espiritismo. Mostra-nos como a Doutrina Espírita encara a criação de um novo humanismo dentro do qual se acham os autênticos valores ontológicos para superar as diversas *aporias* (caminhos metafísicos sem saída) que seguem dando origem aos chamados enigmas existenciais. J. Herculano Pires vai para o ser não só pelo existencial, como pelo interexistencial, isto é, entra no ser e na existência através dos fenômenos da Psicologia profunda e da Parapsicologia. Penetra no ser a fim de enfrentar as numerosas fases psíquicas e morais que constituem e se relacionam com todos os seres. Pode dizer-se que dentro da metapsíquica elaborada na América Latina, Herculano é o primeiro a reconhecer *dois seres dentro do ser existencial*. (...) Ademais, sua concepção religiosa do ser está exposta com clareza escatológica em seu livro *O Ser e a Serenidade*, volume que traça novas orientações à filosofia íbero-americana.”

Sabem os leitores que em 1966 o preconceito contra a Doutrina Espírita nos meios intelectuais – preconceito alimentado, aliás, pelo Existencialismo materialista de Jean-Paul Sartre, então em moda – era ainda muito forte, mas Herculano Pires, com seu livro pioneiro (no Brasil e no exterior), colocara em evidência, inclusive, a magnitude do que ele chamou com propriedade de *Existencialismo interexistencial*, baseado na Codificação kardeciana, abrindo, assim, mais uma brecha na muralha da ignorância espiritual.

A produção intelectual do mestre era contínua (livros filosóficos, romances, poesias, crônicas, artigos para jornais doutrinários e profanos, etc.), mas já com mais de cinquenta anos de idade sentia-se alquebrado. Lê-se em seu “diário”:

“Com o torniquete que tem sido a minha vida, pensei muitas vezes que não chegaria tão longe. Mas aqui estou. E apesar da estafa do momento, sinto-me quase o mesmo dos vinte

e cinco anos, com as mesmas deficiências orgânicas, a mesma falta de tempo para os estudos e trabalhos sérios (sempre planejados). O mundo não me deixa estudar, pensar, criar. Exige ainda, como há trinta anos, que eu me desgaste nas atividades cotidianas. E isso, agora, me desespera mais do que antigamente. Os dias se vão com tanta rapidez!”

Herculano Pires, então, rogava em pensamento amparo à Espiritualidade Superior. Em seu diário íntimo o mestre escreveu:

“Estou ameaçado por catarata nos dois olhos. Tornou-se o trabalho mais difícil. Além disso, sinto que perdi muito da capacidade produtiva, por desgaste e cansaço. Mas confio em Deus, espero em Jesus e nos Espíritos amigos.”

Continuava ele, porém, produzindo muito, graças ao auxílio espiritual. E mais três livros filosóficos seus enriqueceram a bibliografia espírita; dois com menos de cento e vinte páginas, mas com o selo da genialidade. Em *Agonia das Religiões*, sustenta que (as palavras são dele) “as religiões atuais estão em agonia e vão morrer como as antigas morreram. Mas a extinção das religiões não leva ao ateísmo e ao materialismo, e sim a um novo surto religioso de natureza superior, em que o problema das revelações é encarado na perspectiva da Teoria do Conhecimento”.

E mais: “as contradições entre espiritualismo e materialismo, deísmo e ateísmo, positivismo e misticismo, desaparecem na sequência deste estudo como simples ângulos visuais de uma realidade única, fundamentada na dialética natural de espírito e matéria, elementos fundamentais de toda a realidade. (...) Bastam esses traços para mostrar que a posição do autor é nova e revolucionária, abrindo novas possibilidades para a compreensão do fenômeno religioso”.⁵⁵

A segunda obra do apóstolo de Allan Kardec tem por título *Revisão do Cristianismo*. Redigida não apenas com sabedoria, mas também sob intensa emoção, é um jato de luz na mente dos leitores. A revisão do Cristianismo, escreveu ele, terá de ser feita.

“Temos de restabelecer a verdade sobre Jesus e a legitimidade do Cristianismo. Nenhum outro caminho existe para o mundo, nesta encruzilhada decisiva da História. Só dois caminhos se cruzam neste momento, na carne angustiada da Terra: o da mentira, em que estamos, e o da verdade, traçado pelo Cristo.”

E acrescenta:

“Tudo no Cristianismo Oficial está errado. E apesar disso a verdade cristã sobrevive e se confirma, tendo mesmo produzido, à revelia do oficialismo, grandes transformações no mundo. Que outras, e maiores, e mais profundas transformações poderão ocorrer, se conseguirmos retirar todo o joio da seara, para que o trigo asfixiado se desenvolva como deve?”

Revisão do Cristianismo oferece, em verdade, uma visão histórica do fenômeno cristão e das suas dimensões espirituais.

A terceira obra – como as anteriores, fundamental – intitula-se *Curso Dinâmico de Espiritismo* e é constituído de vinte substanciosos capítulos que correspondem “a exposições doutrinárias feitas pelo autor em várias ocasiões, em palestras com debates, até mesmo em numerosas Faculdades de Teologia católicas e protestantes, bem como em debates na televisão. Por isso, são capítulos escritos em linguagem livre, dando ao leitor a possibilidade de discutir os problemas consigo mesmo, tentando refutar as teses expostas”.⁵⁶

Não se pense, porém, que essa obra viril e de imenso valor possa ser comparada a um lago tranquilo... Herculano Pires, com sabedoria e estilo elegante, quase sonoro (cada frase sua contém intensa vibração), oferece ao leitor a água cristalina da fonte kardeciana, mas faz importantes advertências (inclusive às instituições doutrinárias) de que é exemplo o trecho a seguir:⁵⁷

“As mistificações mais grosseiras são aceitas pelos adeptos vaidosos, que chegam à extrema audácia de evitar os textos da Codificação kardeciana e tentar substituí-los por obras eivadas de contradições e absurdos de toda espécie. Ao invés de procurarem instruir-se, melhorar seus conhecimentos, pre-

tendem transformar-se em novos reveladores de mistérios assombrosos. Há várias correntes já formadas no meio espírita, contra as quais as pessoas sensatas precisam precaver-se. (...) Todo espírita consciente de suas responsabilidades humanas e doutrinárias está no dever intransferível de lutar contra essas ondas de poluição espiritual que pesam na atmosfera terrena. Ninguém tem o direito de cruzar os braços em nome de uma falsa tolerância que os levará à cumplicidade. (...) É legítima caridade repelir todas essas fantasias em nome da verdade, mesmo que isso magoe os companheiros iludidos.”

O trabalho exaustivo e de tão grande valor realizado por Herculano Pires no campo da Filosofia Espírita dera, no entanto, mais um belo fruto. Além de o mestre haver sido admitido como membro titular do Instituto Brasileiro de Filosofia, teve ele a satisfação de ver a Filosofia Espírita, graças aos seus livros, ser reconhecida, agora oficialmente, na área profana mais intelectualizada do país.

“No campo filosófico – escreveu ele, dirigindo-se ao confrade Tamassia – obtive também um resultado animador fora do meio espírita. Num trabalho de Luís Washington Vita (intitulado “Filosofia Contemporânea em São Paulo”), publicado pela Universidade de São Paulo e pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, a Filosofia Espírita aparece marcando o panorama filosófico brasileiro, com a transcrição de grandes trechos de minha autoria. Isso quer dizer que oficialmente se reconheceu a presença no Brasil da Filosofia Espírita.”

E em seu “diário”, um tanto desalentado, o apóstolo de Kardec acrescentou:

“Mas quantas pessoas, no meio espírita, compreenderão o que isso significa?”

Lamentavelmente (podemos concluir), poucos confrades tomaram conhecimento daquele fato histórico.

As sessões de Herculano Pires e a trilogia pioneira

A doce lembrança das cidadezinhas onde passara a infância e a adolescência enternecia o coração sensível do poeta Herculano Pires. Quando a saudade aumentava e as condições física e financeira permitiam, embarcava com a esposa em um ônibus para passar o fim de semana em Avaré. Registrara ele em seu diário:

“Viagem longa, mas boa. Cheguei a Avaré às 19:15. Fui direto ao trecho da rua Goiás, que tenho sempre no coração: aquele pequeno e obscuro quarteirão entre a rua Domiciano Santana e a rua Bahia. Ah, como gosto de andar ali, sentindo todas as emoções de um passado que jamais se perdeu. As casas do Nono, a de Vovô Ananias e o longo muro sem casas que vai até a rua Bahia... Vagueei naquele trecho como uma alma penada. Avaré! Aproveitei as duas noites que lá estive para vagar pelas ruas. Ainda na véspera de embarcar de volta, e apesar de cansado, estive na rua até às duas da madrugada. Sentei-me num banco do velho jardim e ali fiquei, solitário, ouvindo os rumores noturnos da cidade silenciosa e evocando os fantasmas queridos que lhe povoam as ruas, as praças, a própria atmosfera. Fui postar-me, depois, em frente à velha casa de tia Faustina, rua São Paulo nº 38, lembrando-me de quanto me foi possível. Enquanto olhava a velha fachada, da casa agora habitada por estranhos, uma estrela cadente riscou o céu, por trás do telhado. Pela primeira vez lembrei-me da superstição e fiz um pedido: que Deus me dê recursos para comprar a velha casa e não deixá-la entregue à sanha dos estranhos. Bem sei que é tudo tolice, pois tudo passa. Mas quem pode conter o coração, em momentos assim?”

Ninguém, certamente (dizemos nós), se o coração for o de um poeta com a sensibilidade do apóstolo de Allan Kardec. Em junho de 1964 Herculano Pires e Jorge Rizzini estiveram juntos

em Avaré por ocasião de um evento profano – a Primeira Feira do Livro, instalada e dirigida pelo jornalista e radialista Elias de Almeida Ward, diretor da rádio difusora local. Rizzini, por indicação de seu velho amigo Herculano, proferiu no principal clube da cidade uma palestra espírita e exibiu seus filmes sobre Chico Xavier e Arigó. Herculano Pires, rodeado pelas autoridades e o público que lotava a praça principal, inaugurou a Feira com uma palestra sobre a importância do livro. A emissora local irradiou-a.⁵⁸

Sessões mediúnicas com Herculano Pires

De volta a São Paulo, retomou Herculano Pires a desgastante vida profissional nos “Diários Associados”, sem, contudo, descuidar-se dos sucessivos compromissos no movimento espírita nacional. Para recuperar-se realizava, semanalmente, em seu lar sessões mediúnicas, cada vez mais concorridas. O grupo intitulava-se Grupo Espírita Cairbar Schutel. Sua filha Helena revelara-se excelente médium psicofônica e o filho Herculãozinho um doutrinador competente. As sessões iniciavam-se com uma prece dita pela cunhada Lourdes e explanação de Herculano Pires sobre um capítulo das obras de Allan Kardec. E terminavam com mensagens ditadas pelos Instrutores Espirituais, quase sempre através de Victor e Assunta, abnegados (e notáveis) médiuns. Ela, vidente, o marido médium de cura e psicofonia. Entre inúmeros casos observados por Herculano Pires, relata ele um em seu “diário”. Certo rapaz de nome Wilson gritava dia e noite com violentas dores que os médicos não conseguiam debelar com sedativos. Herculano visitou-o, acompanhado de Victor e Assunta. O rapaz e seus parentes não haviam jamais frequentado sessões mediúnicas.

“Encontramos Wilson em lastimável estado. Magro, pálido, gritando a todo instante e lançando-se ao chão em contorções. A situação era difícilíssima: não sabíamos o que fazer. Impossível concentrar e orar ou dar-lhe passes. Sentamo-nos todos na sala e procuramos orar em silêncio. (...) Súbito, Victor foi

tomado e levantou-se de um salto, falando em italiano, com voz forte e enérgica. Era um Espírito esclarecido. Pôs-se imediatamente a repreender duas entidades inferiores que atormentavam o *ragazzo*. Conseguiu expulsá-las. Wilson estirou-se no soaço, exausto. (...) Dona Assunta relatou o que viu: um dos Espíritos afastados cortava os músculos e nervos do rapaz com uma tesoura fluídica, produzindo-lhe as dores que os médicos não conseguiam explicar. Outro o chicoteava sem cessar. O Espírito bom se despediu com a prece do Pai Nosso. Wilson se levantou com a ajuda de Victor e logo se pôs a andar, tranquilo, refeito, de um lado para outro, falando em Deus. Enquanto respondíamos às perguntas de dona Luizinha (mãe do rapaz), ele se encaminhou para o quarto. Queria deitar-se. Num instante começou a dormir. Quando saímos, ressonava tranquilo. (...) Foi realmente uma prova concreta da verdade espírita que os psiquiatras insistem em negar e combater.”

Memoráveis foram os trabalhos mediúnicos na casa do apóstolo de Allan Kardec. Ao final de cada sessão Virgínia servia café e um bolo de chocolate ou fubá. E só após longa conversa sobre a doutrina (Herculano Pires sempre amável, sorridente), as pessoas se despediam. Era quase uma hora da madrugada... O número de frequentadores crescera tanto que as sessões passaram a ser realizadas na garagem (Herculano não possuía automóvel). Era frequente à noite – e em qualquer dia da semana – o autor deste livro visitar Herculano Pires e, então, ao sentir a presença de Espíritos, realizavam sessões – ali mesmo, na copa, após Virgínia servir o lanche. Em uma dessas sessões improvisadas houve um fato inusitado. O notável escritor espírita desencarnado Carlos Imbassahy desejava conversar com Herculano Pires, mas recusava incorporar-se. Herculano Pires estranhou o fato e em carta narrou-o ao filho de Imbassahy:

“Tive a ventura de receber, há cerca de vinte dias, uma comunicação de seu pai, que se apresentou inesperadamente, acompanhado de Pedro Granja. Não foi em sessão. Estávamos conversando, na copa de minha casa, eu e Rizzini (que é médium). Sentimos de repente uma presença espiritual (não

falávamos dele nem do Granja). Rizzini disse que sentia dificuldades para receber um espírito que desejava manifestar-se, mas não queria incorporar-se. Logo mais começou a receber a comunicação de Imbassahy por meio telepático; uma ligação de mente a mente. Imbassahy explicou que não queria incorporar, mas podia transmitir a mensagem da mesma maneira. Na verdade, estabeleceu conversaçoão comigo, como quando em vida. Deu-me recados do Granja, que não se comunicou. Foi realmente um momento feliz. A identificação era perfeita, na linguagem, nas ideias e na lembrança de nossa correspondência. Não lhe escrevi nada a respeito porque foi, de fato, uma visita de amigo, rápida e sem maiores conseqüências.”

Carlos de Brito Imbassahy confirmou a veracidade da comunicação, afirmando que seu pai costumava dizer que um Espírito para transmitir mensagens não tinha necessidade de chamada “incorporação”.⁵⁹ Foi por essa época que Herculano Pires, tendo acompanhado o desenvolvimento da mediunidade de Jorge Rizzini, prefaciou seu primeiro livro psicografado, *Antologia do Mais Além*, que enfeixa produções de quarenta e quatro poetas célebres, nacionais e estrangeiros e que teve repercussão inclusive fora do movimento espírita.

Grande era a experiência de Herculano Pires no trato da mediunidade, pois dirigia sessões mediúnicas desde os vinte e poucos anos de idade quando presidira o Centro Espírita Humberto de Campos, em Cerqueira César. E, por isso mesmo, a pedido de sua esposa Virgínia, escreveu um livro esclarecendo problemas relacionados à mediunidade que, até então, continuava mal compreendida em nosso país.

No primeiro capítulo de seu livro *Mediunidade* escreve o apóstolo de Kardec:

“Hoje ainda perduram as confusões a respeito. Afirma-se tudo a respeito da mediunidade: é uma manifestação dos poderes cerebrais do homem, esse computador natural que pode programar o mundo; é uma eclosão de resíduos animais de percepção sem controle de órgãos sensoriais específicos; é

uma energia ainda desconhecida do córtex cerebral, mas evidentemente física (Vassiliev); é um despertar de novas energias psicobiológicas do homem, no limiar da era cósmica; é o produto do inconsciente excitado; é uma forma ainda não estudada da sugestão hipnótica. Ninguém se lembra da explicação simples e clara de Kardec: *é uma faculdade humana*.

Procuramos demonstrar, neste livro, o que é em essência essa faculdade, como funciona em nosso corpo e em relação com o mundo, os homens e os Espíritos. (...) Apoiamo-nos nas obras de Kardec, nas conquistas atuais da Parapsicologia, da física, da biologia e da biofísica, sem outro objetivo que o de mostrar as relações dessas conquistas recentes com a estrutura geral da Doutrina Espírita. Apoiamo-nos também em nossas experiências pessoais de quase toda uma vida no trato dos problemas espíritas em geral e da mediunidade em particular, na observação e tratamento de casos de obsessão, no trato direto e vivencial de casos obsessivos na família e em nós mesmos, nas observações de tratamento em hospitais espíritas e nas instituições doutrinárias. (...) Não fazemos doutrina, procuramos apenas esclarecer, na medida do possível, as questões mais difíceis da teoria e da prática espíritas, hoje conturbadas por verdadeiras aberrações de pessoas inconscientes, que, demasiado confiantes em si mesmas, tripudiam sobre os princípios fundamentais do Espiritismo.”

O livro de Herculano Pires *Mediunidade*, publicado em julho de 1978 pela Editora Edicel, não é didático nem um tratado sobre mediunidade, mas sua leitura agradabilíssima é indispensável porque conceitua a mediunidade e oferece ao leitor uma análise geral, arguta e profunda, dos seus problemas atuais. Esse livro, pois, a nosso ver notável, complementa o estudo de *O Livro dos Médiuns* de Allan Kardec. Estudemos a obra. Porque sem estudar com dedicação e humildade, “os estudantes passam pela Doutrina como gatos sobre brasas, saindo apenas chamuscados e, o que é pior, convencidos de que dominaram o assunto”.⁶⁰

Os romances “Lázaro” e “Madalena”

No capítulo 10, intitulado “Romance e poesia em tempos difíceis”, incluímos comentários sobre *Barrabás*, romance de Herculano Pires que mereceu, além de elogios de importantes críticos literários, o “Prêmio do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo”, em 1954. Em nota incluída na primeira edição, prometera ele publicar mais dois romances, *Lázaro* e *Madalena*, com os quais, aliás, criaria a primeira trilogia evangélica – e, note-se, trilogia espírita – na ficção de língua portuguesa. O título inicial da trilogia era “Caminhos do Espírito”, mais tarde trocado por “A Conversão do Mundo”. O plano estrutural da trilogia era bastante arrojado, mas não incompatível com o forte talento de romancista de que Herculano Pires era possuidor. Afinal, em que consistia a estrutura temática da trilogia?

Na entrevista estampada no “Diário da Noite” (edição de 13 de setembro de 1971), ele declara:

“Parti do princípio ou da tese de Wilhelm Dilthey, segundo a qual a transição histórica do paganismo para o cristianismo se deu em três tempos. E fixei esses tempos em três figuras evangélicas.”

E Herculano Pires acrescenta:

Barrabás, por exemplo, representa um tempo do momento da transição. Esse tempo é o da violência que marcava a consciência pagã e que transita no cristianismo para a não-violência. Em termos de mecânica temporal, podemos dizer que a consciência humana evolui da violência de Barrabás para a não-violência do Cristo. Já o romance *Lázaro* marca uma segunda etapa na qual se coloca o problema da pureza e da impureza. Não interessa no romance apenas o drama da morte e da ressurreição de Lázaro, mas acima de tudo a tragédia por ele vivida após a ressurreição, como homem que esteve no túmulo, pois sabemos que a morte, e particularmente os túmulos, eram considerados pelos judeus como o máximo de impureza. (...) Lázaro é um símbolo de sentido existencial, marcando um instante do homem no fluir do tempo.

Foi nesse aspecto que encarei o meu romance, procurando penetrar os mistérios de sua existência no momento histórico em que o mundo clássico greco-romano se apagava para que uma nova civilização se elevasse.”

O romance *Madalena* (como afirma a entrevista) realmente é o ápice de toda a problemática abordada por Herculano Pires em sua trilogia. “É nela (em *Madalena*) que vemos a passagem do amor sensual da antiguidade para o amor espiritual da era cristã – afirma Herculano Pires. – Ninguém melhor do que Victor Hugo acentuou esse problema no seu manifesto do romantismo, ao prefaciar sua peça sobre Cromwel. *Madalena* passa de cortesã a santa. Seu amor pela beleza física transmuta-se em amor espiritual no seu encontro com Jesus. O amor não é mais carnal. Ele sai do platonismo prático dos antigos, que é a procura do Belo através das formas, para o platonismo ideal, e por isso verdadeiro, que só o toque da mensagem cristã conseguiu revelar em Platão.

Em carta datada de 31 de agosto de 1974, comunica Herculano Pires a Humberto Mariotti:

“Estou terminando *Madalena*, que completa a trilogia iniciada com *Barrabás*. Pretendo lançar uma edição completa da trilogia, dando-lhe o título geral de *A Conversão do Mundo*. Em *Madalena* acentuo o problema da fase final da conversão através do Espiritismo como Cristianismo Redivivo. Estou nos últimos capítulos, mas ainda terei muito que fazer, que pesquisar e escrever. *Madalena* será o volume maior da trilogia, porque é na figura de *Madalena* – que desdubro em duas, ela e *Magda*, sendo esta última uma espécie de *Madalena* espírita, dos nossos dias, mas não como reencarnação, osso não, apenas como médium sonâmbula ligada a *Madalena* – que o problema da conversão se acentua e aprofunda. Foi isso que me deu coragem de dar à trilogia o novo nome de *A Conversão do Mundo*.”

Fato curioso e até surpreendente é que entre um romance e outro houve um intervalo de longos anos. *Barrabás* foi publicado

em 1954, *Lázaro* dezessete anos depois (em 1971) e *Madalena* em 1979, ou seja, vinte e cinco anos depois de *Barrabás*.

A razão, explica Herculano Pires, é que houve muitas interferências e mais de dez livros de ensaio foram publicados de permeio – livros que o levaram em 1964 a fazer parte da diretoria da União Brasileira de Escritores, tornar-se em várias gestões membro do seu Conselho Consultivo e a assumir a vice-presidência da Associação Profissional dos Escritores do Estado de São Paulo (mais tarde transformada em Sindicato dos Escritores).

O mestre e a Parapsicologia

Herculano Pires conhecia minuciosamente a história da pesquisa psíquica em todo o mundo. Além das principais obras da Ciência Psíquica inglesa, conhecia as experiências mediúnicas e anímicas realizadas pelos mais afamados metapsiquistas europeus, norte-americanos e asiáticos. Foi a partir de 1961 que o mestre debruçou-se com seu espírito crítico sobre as obras de Parapsicologia – disciplina científica criada pelo genial psicólogo Joseph Banks Rhine, nos Estados Unidos, cuja metodologia diferia daquela adotada na Metapsíquica e já era ensinada, então, em grandes universidades como a de Cambridge e a de Oxford, além da Duke University, onde Rhine realizava experiências laboratoriais.

“A impressão que se tem – escreveu Herculano Pires mais tarde –, aos primeiros contatos com os estudos parapsicológicos, é a de que o homem está sendo reduzido às suas faculdades mentais. Esse exagero deverá ser contido, se não quisermos ver o triunfo, mais hoje, mais amanhã, daquelas correntes menos expressivas da Parapsicologia, que cortam as suas próprias asas, com medo de se perderem no infinito, e acabam por se perder na poeira da estrada. O homem não é apenas uma estrutura mental. É um ser espiritual, um organismo psíquico. A mente é a sua cabine de comando. Por isso mesmo, recebe ordens e expede comunicações do psiquismo, em que a afetividade e a volição, ou seja, as regiões profundas do sentimento e da vontade, se fazem traduzir em signos dinâmicos, que são os pensamentos.”⁶¹

No Brasil a Parapsicologia começou a ser conhecida graças ao caso Arigó, afirma Herculano Pires numa entrevista concedida ao “Anuário Espírita”, edição de 1964. Tem razão o mestre, porque as incríveis cirurgias sem anestesia e assepsia realizadas com canivete e tesoura caseira pelo médium José Pedro de Freitas, popularmente conhecido pelo apelido de “Zé Arigó”,

havam sido filmadas pelo autor deste livro em 1961 e mostradas ao povo através de canais de televisão de vários Estados do Brasil, provocando grande celeuma, particularmente entre os intelectuais.

“No campo da Parapsicologia – acentua o apóstolo de Kardec – estamos em nosso próprio elemento. Os outros (os parapsicólogos) é que chegaram depois, e muitos como arrivistas mal intencionados. Podemos dizer sem receio que o terreno é nosso, de direito e de fato. Como Tertuliano no caso das escrituras sagradas, podemos evocar a figura jurídica do usucapião em nosso favor. Muito antes de Rhine e Mc Dougal, já estávamos nesse terreno, com Kardec, Richet, Crookes e outros. E sempre com ampla liberdade, por imperativo exclusivo da consciência e na busca livre da verdade, *sem preconceitos nem interesses secundários*. Continuamos, pois, em nossa posição, agora na boa companhia dos parapsicólogos honestos.”

O Instituto Paulista de Parapsicologia

Herculano Pires participou ativamente da criação do Instituto Paulista de Parapsicologia, o primeiro científico em todo o país. O nobre instituto foi fundado em 30 de agosto de 1963 em sessão solene no auditório da Biblioteca Pública de São Paulo (Biblioteca Mário de Andrade). E registrou o fato em seu “diário”:

“Recusei-me a aceitar a presidência ou uma vice, e graças a Deus conseguimos que a presidência fosse ocupada pelo prof. Aníbal Silveira, da Universidade de São Paulo (professor de psicologia clínica na Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Medicina) e as duas vices, respectivamente, pelo prof. Cândido Procópio Ferreira de Camargo, também da USP, e pelo psiquiatra Alberto Lyra. Fiquei como secretário-geral. Fiz, na instalação, em nome da diretoria, uma comunicação sobre “Aspectos da metodologia parapsicológica”, definindo a orientação científica do Instituto.”⁶²

Note o leitor que entre os diretores e os professores dos cursos realizados pelo Instituto figuravam católicos, livres pensadores, protestantes e positivistas, os quais, mais tarde, colocaram Herculano Pires na presidência, evidentemente devido à sua cultura e caráter ímpoluto, de que é exemplo, inclusive, o fato de em nenhum momento o mestre se servir dos cursos ou das conferências promovidas pela instituição para combater religiões ou divulgar o Espiritismo.

“Certa vez – conta Herculano Pires –, no encerramento de um curso na Faculdade de Ciências Médicas dos Hospitais da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, um dos assistentes me perguntou, em meio dos debates, como eu me arranjava entre o Espiritismo e a Parapsicologia. Respondi-lhe que não encontrava nenhuma dificuldade, pois o objeto da Ciência Espírita e da Parapsicologia é o mesmo, e no tocante à conclusão das pesquisas não houve, até o momento, nenhuma contradição. (...) As contradições com o Espiritismo são fruto apenas de teorias ou hipóteses pré-fabricadas e com endereço certo. Tudo quanto se concluiu até agora – a existência das faculdades paranormais, ou *psi*; a natureza genérica de *psi* (mediunidade generalizada); sua diversificação em cada indivíduo (diversas das manifestações mediúnicas); a divisão de *psi* em *psigama* e *psicapa* (mediunidade inteligente e de efeitos físicos), a faculdade *psi* como própria da mente do indivíduo e fundada no seu inconsciente, mas sujeita a interferências estranhas (animismo e espiritismo, fenômenos produzidos pelo espírito do médium e por espíritos estranhos); a natureza extrafísica da mente e do pensamento (a mente como órgão do espírito e não do corpo) –, tudo isso confirma simplesmente o que a Ciência Espírita descobriu, proclamou e vem sustentando há mais de um século. (...) Dessa maneira, o espírita só tem motivos para apoiar e incentivar o desenvolvimento da Parapsicologia, tanto mais que esta se originou, declaradamente, das pesquisas espíritas.”⁶³

A Parapsicologia e os clérigos do umbral

A área parapsicológica no Brasil já estava, porém, invadida por alguns charlatães e, inclusive, por padres e frades que usavam a Parapsicologia com dois objetivos: enriquecimento rápido e como arma de guerra contra a mediunidade e a Doutrina Espírita. Apresentavam-se nos palcos, travestidos de parapsicólogos, davam cursos, entrevistas em canais de televisão, emissoras de rádio, revistas e jornais, fazendo o público crer que a Parapsicologia provava que o fenômeno espírita não era produzido pelos Espíritos, mas truque ou produto anímico dos médiuns.

“Quem diria – exclamaria Herculano Pires, surpreso –, justamente os sacerdotes, incumbidos de lembrar aos homens a sua natureza imortal, iriam voltar-se contra as provas da sobrevivência e apelar até mesmo para os truques de magia e os passes hipnóticos a fim de *provarem* que os fenômenos espíritas não existem? Pois é o que temos aí, aos nossos olhos. Padres e frades *faquirizando* contra o Espiritismo, organizando grupos de sensitivos previamente treinados para exposições teatrais, fazendo artes em público e afirmando que somos herdeiros de poderes paradisíacos, puramente materiais.”

Incomodou bastante o movimento espírita a ação (e a desonestidade) dos clérigos do umbral. Foram os responsáveis pelo fato de nenhuma universidade brasileira interessar-se em criar a cadeira de Parapsicologia. Notem os leitores que frei Albino Aresi – velha raposa insaciável – enchera os cofres de dinheiro com as instituições “parapsicológicas” que instalara em diversos Estados do país. O velho frei vendia – embora negasse a influência dos Espíritos sobre a matéria – objetos cabalísticos a peso de ouro; pirâmides, pulseiras, etc. Frei Boaventura Klopenburg – inquisidor reencarnado – em sua campanha nacional contra o Espiritismo, advertira em seus opúsculos que (a frase é dele) “os espíritas devem ser tratados como hereges”. Irmão Vitrício, por sua vez, empregava a letargia para desmoralizar a mediunidade ao mesmo tempo em que ludibriava o público ao afirmar que o estado letárgico não era uma consequência da hipnose. Padre Marcos Alija Ramos, mais comedido nas investidas contra o

Espiritismo, parecia tímido, mas era tão esperto quanto seus prósperos pares. Ele fundara em São Paulo uma Faculdade Superior de “Parapsicologia”... Finalmente, como era de esperar-se, frades e padres aliados a pessoas materialistas fundaram no Rio de Janeiro o que chamaram, solenemente, de... Instituto Brasileiro de Parapsicologia. Entre esses portadores de cegueira espiritual, o mais sagaz, agressivo e sarcástico nas declarações à imprensa contra a mediunidade e a doutrina trazida à terra pela falange do Espírito de Verdade era o jesuíta espanhol Oscar Gonzales Quevedo, também proprietário na capital paulista de um instituto de “parapsicologia”... Mas podemos afirmar, parafraseando o sábio ditado popular, que os Espíritos escrevem certo por linhas tortas, porque o padre Quevedo com sua tropa, ao atacar com mentiras o médium Arigó e com tamanho ímpeto o Espiritismo durante quase quarenta anos, fizera com que o movimento espírita se expandisse ainda mais de norte a sul do Brasil. Os clérigos despertaram a curiosidade do povo para a fenomenologia espírita. Notem os leitores este exemplo: quando Quevedo iniciara a campanha que parecia demolidora, existiam no país apenas três ou quatro editoras espíritas. Décadas depois elas somaram, aproximadamente, uma centena. O tiro quevediano, pois, saiu pela culatra; a exemplo, aliás, do célebre auto-de-fê de Barcelona.

É evidente que a imprensa, ao divulgar a primeira ou a segunda entrevista do padre espanhol (se não nos falha a memória, fora publicada em “A Gazeta”, de São Paulo), negando a intervenção dos Espíritos nos fenômenos apresentados por Arigó (médium, então, em grande evidência), uma reação se fazia necessária. E o autor destas linhas, sob a ação da espiritualidade convidou pela imprensa o padre para um debate diante das câmeras de televisão, o que aconteceu dias depois na TV Cultura, canal 2, no programa intitulado “O Homem do Sapato Branco”, de grande audiência e em horário nobre, comandado pelo jornalista Jacinto Figueira. Quevedo apresentou-se acompanhado por um “parapsicólogo” jesuíta que desistiu de participar do debate e Herculano Pires fez parceria com Jorge Rizzini. Foi uma noite memorável para o Espiritismo. As características

principais de Quevedo nos debates era falsear a verdade com a voz alta e empostada, a fim de intimidar os opositores e pronunciar as palavras com grande rapidez. Exigia-nos atenção redobrada porque além da rapidez e do sarcasmo com que o sinistro jesuíta distorcia os fatos, sua pronúncia era carregada. Mas sempre que ele mascarava a verdade o autor deste livro interferia com o mesmo ímpeto do jesuíta, chamando a atenção dos telespectadores, e mestre Herculano Pires com sua sabedoria excessiva esgotava o assunto.⁶⁴ Inúmeras polêmicas em canais de televisão foram sustentadas por ambos, ora juntos, ora separadamente, e em todos os confrontos a Doutrina Espírita manteve-se intacta, soberana e gloriosa.

Herculano em defesa do médium Arigó

O fenômeno Arigó durante dez anos consecutivos foi tema obrigatório na televisão e na imprensa escrita e falada do país. A imprensa estrangeira interessou-se pelo fenômeno insólito da cirurgia mediúnica com instrumental e divulgou o caso Arigó nas Américas, Europa e em alguns países asiáticos, como a Turquia – não obstante as difamações espalhadas pelos padres, freis e nossos parapsicólogos improvisados.

“Todas as acusações de exploração da mediunidade feitas contra Arigó são caluniosas. – escreveu Herculano Pires – Quantos privaram com ele até agora, quantos o conhecem como o conhecemos, e sabem das suas lutas, podem atestar a admirável lisura do médium no exercício de suas funções mediúnicas. As referências a negócios escusos, feitos por meio de terceiros, como a aceitação de porcentagens de laboratórios nos receituários, ou a sua participação no comércio hoteleiro dos irmãos, são frutos da malícia, da maldade humana, tão comum em casos como este.”

E Herculano Pires acrescenta esta verdade dolorosa:

“Infelizmente, as grandes instituições doutrinárias do Espiritismo não foram capazes de mobilizar seus recursos em de-

fesa do médium, que nada mais era do que a defesa da própria mediunidade. Somente o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo tomou a si a empreitada de lutar, por todos os meios possíveis, em favor da causa, dando o máximo de amparo ao médium.”

Assumiram de peito aberto a defesa de Arigó três jornalistas de São Paulo: Jorge Rizzini, que filmara as primeiras operações mediúnicas de Zé Arigó e a pedido do médium foi sua testemunha de defesa no segundo processo criminal promovido pelo clero de Congonhas do Campo mancomunado com médicos de Belo Horizonte – rumoroso processo que resultou na condenação de Arigó em 18 de novembro de 1964; Moacyr Jorge, destemido repórter dos “Diários”, que, após assistir na redação do jornal ao filme de Rizzini, redigiu dezenas de reportagens sobre o médium e participou de debates calorosos na televisão; e Herculano Pires, que com uma série de artigos magistras estampados no “Diário de São Paulo” e no “Diário da Noite”, refutou os sete artigos contra Arigó publicados, um por dia, na “Folha de São Paulo”, assinados pelo psiquiatra Rui Melo e Cesário Morey Hossri, professor de psicologia da Universidade Católica de Campinas.⁶⁵

E o Espiritismo, mais uma vez, brilhou perante parte da população que acompanhou a polêmica. E nos canais de televisão Herculano Pires fez parceria com seu amigo Jorge Rizzini em defesa de Arigó, tendo por opositores a dupla Hossri e Melo, João Beline Burza (psiquiatra marxista), Quevedo e quejandos. Registremos, ainda, que o mestre enviou aos jornais, emissoras de rádio e canais de TV um manifesto do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo (redigido pelo próprio Herculano Pires), sustentando que “Arigó não podia ser condenado por curandeirismo (pois não era curandeiro) nem por exercício ilegal da medicina ou charlatanismo (pois não era um pseudomédico nem explorava a falsa medicina), mas agia apenas como médium, em função normal, num Centro Espírita legalmente registrado”, etc. E mais, redigiu um longo ofício (em nome do Clube dos Jornalistas Espíritas) dirigido a João Goulart, então Presidente da República “solicitando, no interesse das ciências, e especialmente das ciências médicas, providências do Itamarati para o envio

de convites a parapsicólogos norte-americanos e europeus, no sentido de virem estudar o assunto *in loco*. Entende o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo – acrescentou o mestre – que somente assim, Exmo. Sr. Presidente, o Brasil poderá, dentro do avanço atual das pesquisas científicas mundiais nesse terreno, colocar o caso Arigó em seus devidos termos, estudando as faculdades paranormais do sensitivo, com o respeito devido à sua condição humana, e sem o tratamento inadequado que lhe se pretende dar, através de processos jurídicos já superados, que transformam suas atividades parapsicológicas em verdadeiro martirologio”, etc. A Presidência da República remeteu o ofício ao Ministério do Exterior, que o engavetou.

O apóstolo de Kardec, então, escreveu e a editora Francisco Alves editou o livro *Arigó, um caso de fenomenologia paranormal*, cujo conteúdo na segunda edição, feita pela editora Edicel, foi grandemente aumentado, recebendo o título definitivo de *Arigó, Vida, Mediunidade e Martírio*. Este livro de Herculano Pires é, realmente, o único que apresenta o caso Arigó em termos científicos e em seus vários aspectos. O capítulo “A mediunidade de Arigó” constitui, ao que parece, o primeiro enfoque científico de um caso mediúnico, à luz das descobertas da Parapsicologia, que se publica no mundo. Para escrever seu livro Herculano Pires serviu-se dos dados da sociologia, da psicologia social, da parapsicologia e do espiritismo científico, e por isso mesmo serviu, inclusive, para a defesa jurídica de Arigó e mereceu uma tradução particular feita pelos cientistas norte-americanos que investigavam o médium.



Herculano Pires e o pastor Manoel de Mello em debate no programa “Em Busca da Verdade”, produzido e apresentado por Rizzini na TV Cultura de São Paulo

O apóstolo de Kardec não se irritava nos debates na televisão, ouvia com paciência os opositores, mesmo os mais agressivos, mas era firme em suas réplicas. Apenas uma vez demonstrou irritação em um debate ocorrido na TV Bandeirantes, canal 13. Leiamos o que o mestre escreveu em seu “diário”:

“Um ninho de cobras me esperava lá. Não pela maldade, que não havia, mas pela estupidez que era em excesso. O programa me exauriu e me atordoou. (...) Havia o Alberto Lira, que dessa vez se apresentou como livre-pensador (é presidente da Sociedade Teosófica no Brasil, membro da Associação Médico-Espírita, frequentador das sessões mediúnicas do Espártaco); havia o Tagliari (Pedro Guita de pseudônimo, autor do livro *Schopenhauer e Kardec*, uma moxinifada); havia um rapaz de Pirituba, assistente social não sei de que serviço público, que se propunha a criticar o Espiritismo sem nada conhecer a respeito; e havia ainda um estudante de sociologia que se pôs a defender a teoria cretina do *continuum mediúnico* do prof. Cândido Procópio Ferreira de Camargo. Cheguei a duvidar do meu equilíbrio. Tive a impressão de estar num hospício e de ser mais louco do que a turma que me cercava. Perdi a paciência e dei um show de falta de educação. Nunca ouvi tanta tolice junta. Saí de lá com os nervos em alta tensão. Só de madrugada comecei a achar graça na coisa. Estou

ansioso para ver o espetáculo na TV. Não me arrependi de ter ido porque imaginei o que teria sido o programa, no tocante às informações sobre o Espiritismo, se eu não estivesse presente. Não é pretensão, é uma constatação dolorosa.”

E à noite, depois de assistir, aborrecido, ao programa filmado, refletiu:

“Na verdade, eu estava demasiado nervoso, irritado, e não procedi com a serenidade necessária.”

Essa defesa dos postulados da Doutrina foi dramática, mas houve outras que provocaram, posteriormente, o sorriso. É o caso da série de debates no programa “O Direito de Saber”, na TV Cultura, com um grupo de protestantes fanáticos. Em carta endereçada a Carlos Imbassahy, comenta Herculano Pires:

“Por falar em Rizzini, estamos aqui numa luta brava, eu e ele. Todas as quartas-feiras, no Canal 2, debates sobre Espiritismo. Tivemos de enfrentar uma turma de pastores da idade do barro, que disseram as coisas mais maravilhosas do mundo: a alma é o fôlego (pois Deus não assoprou no nariz de Adão?) e por sinal que um dos pastores, justamente o que defendia isso, chamava-se Adão, o que levou Rizzini a lhe perguntar se ele estava se biografando; o Céu fica atrás da Estrela do Norte (V. sabia disso? Pois quem o disse foi o rev. Oliver Thompson, deão do Instituto Brasileiro de Estudos Bíblicos, formado ou *made in USA*). Agora, depois de nos arremetermos, de Bíblia heroicamente em punho (Rizzini batia na Bíblia, desrespeitosamente, e gritava: “É Bíblia contra Bíblia, senhores pastores” Os senhores têm de ouvir o que diz a palavra de Deus!” E sapecava-lhes a pitonisa de Endor, a mãe de Samuel, o pobre Mané e sua mulher, Elias e João Batista, e assim por diante; eles foram afastados. Exorcizamo-los. E então nos trouxeram uns médicos hipnólogos, que pensavam explicar tudo pelo Hipnotismo. Esses, porém, no primeiro *round* entregaram os pontos. O Dr. Lomba, aí do Rio, acabou confessando-se “filho de lar espírita” e aderindo à gente. Mas estão dizendo que depois dos hipnólogos virão os rabinos! É um inferno em vida! Mas Rizzini me disse que a nossa dupla

é do barulho e que pode vir até o próprio Diabo em pessoa! O rapaz é corajoso, e eu o acompanho quanto posso.”

Um prólogo para Robert Amadou

Encerremos este capítulo acrescentando um fato assaz curioso, mas providencial, que levou Herculano Pires e o autor deste livro a abrirem um largo sorriso... É que a Editora mestre Jou, especializada em livros de filosofia e ciência, pretendia lançar a tradução da obra *Parapsicologia*, de autoria do parapsicólogo francês Robert Amadou. O tradutor Miguel Maillet havia concluído o trabalho, mas o editor desejava que a obra tivesse um prólogo e incumbiu Herculano Pires de redigi-lo. Já percebe o leitor a mão dos Espíritos... Porque Robert Amadou havia publicado um livro arrasando os grandes médiuns do passado e agora tornava ele em *Parapsicologia* a negar a presença dos Espíritos nos fenômenos mediúnicos, o que, evidentemente, induz o leitor leigo a concluir ser a Doutrina Espírita uma fantasia. Herculano Pires redigiu o prólogo que ocupou cinco páginas. Enalteceu as qualidades de Amadou, mas apontou as deficiências sem esquecer de mostrar (e provar) que a obra refletia forte influência católica. O editor sem ler aprovou o texto de Herculano Pires. E essa foi a primeira vez que vimos uma obra cujo prefácio lhe restringe o valor, além de advertir os leitores incautos...

O fiel tradutor de Kardec

Orientador das edições da Edicel, Herculano Pires incentivara Frederico Giannini a publicar a coleção completa das obras de Allan Kardec, incluindo a *Revista Espírita*, cujos doze volumes totalizavam 4.800 páginas, que o saudoso companheiro Júlio Abreu Filho andava a traduzir há anos, pacientemente, mesmo sentindo-se doente. A empreitada editorial era arriscada e Giannini, embora sem possuir grandes posses, assinou o contrato redigido por Herculano Pires em 18 de outubro de 1966. O apóstolo de Kardec reafirmara o compromisso de traduzir as obras da Codificação.



Mestre Júlio Abreu Filho, tradutor dos 12 volumes da *Revista Espírita*. Desencarnou em 28-09-1971.

Em seu diário fez a seguinte anotação:

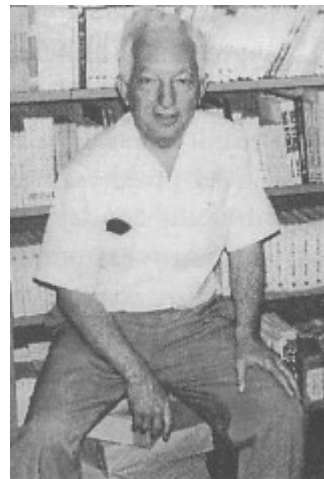
“Firmei contrato com o Sr. Frederico Giannini Júnior, da Edicel (Editora Cultural Espírita) para a tradução dos demais livros da Codificação, com as correções, anotações e introduções necessárias em cada volume, e a correção e ordenação da *Revista Espírita*.”

E acrescentou:

“Uma trabalhadeira sem limites. É preciso que me empenhe a fundo nesse trabalho, pois a obra de Kardec vem saindo em traduções sucessivamente decalcadas umas das outras, em português e castelhano. Além disso, não há uma edição explicada e anotada. Os volumes são apresentados ao público de hoje no mesmo texto de há um século, sem uma informação, uma anotação, nada de nada, e geralmente em traduções mal cuidadas. Sinto-me pequeno para a grandeza da tarefa, mas sou obrigado a reconhecer que tenho de fazê-la sozinho, a menos que Deus permita o aparecimento de alguém para ajudar. Já lutamos para descobrir pessoas capazes e não encon-

tramos ninguém. Até concurso o Giannini promoveu, e nada! Têm-se a impressão de que o francês é, no Brasil, uma língua mais desconhecida do que o etrusco... Há muitos tradutores *traditori*, mas para um trabalho realmente sério não aparece ninguém.”

Decorrido algum tempo, porém, Herculano Pires veio a conhecer a mestra em francês Sylvia Mele Pereira da Silva, a quem confiou a tradução de *Obras Póstumas*, de Kardec, alertando-a que a regra geral para tradução, particularmente no caso de obras doutrinárias do Espiritismo, era “a maior fidelidade ao texto original, com o maior respeito pela nossa língua. Isso quer dizer – acrescentou – que a fidelidade não implica o prejuízo do texto português. Pelo contrário, queremos que o leitor brasileiro tenha a impressão de estar lendo um texto escrito primitivamente em português (e português do Brasil). A razão dessas exigências é a seguinte: as obras doutrinárias, particularmente as de Kardec, são documentos da Doutrina. São básicas. A mudança de uma palavra pode modificar o sentido original ou dar-lhe a possibilidade de nova interpretação. E estamos lutando para repor Kardec em sua legitimidade, a mais absoluta”.⁶⁶



Frederico Giannini, primeiro editor a publicar a coleção completa das obras de Kardec, incluindo os doze volumes da *Revista Espírita*.

Aprovada por Herculano Pires como tradutora, Sylvia Mele Pereira da Silva traduziu, após *Obras Póstumas*, *A Gênese* e a segunda parte de *O Céu e o Inferno*, sendo que a primeira parte coube a Herculano Pires, que traduziu também *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Essas seis obras fundamentais de Kardec e o volume *Iniciação Espírita* foram magistralmente prefaciadas por ele, que lhes adicionou inúmeras notas esclarecedoras ao pé das páginas.⁶⁷

Herculano Pires era um tradutor perfeccionista. No capítulo onze desta obra comentamos a tradução por ele feita de *O Livro dos Espíritos*. Pois bem: anos depois, por incrível que pareça, a

refez. E expôs suas razões em um artigo publicado no “Diário de São Paulo” (edição de 11 de março de 1968), do qual extraímos alguns tópicos que mostram, mais uma vez, sua fidelidade ao texto da Codificação e, portanto, à Falange do Espírito de Verdade.

“Por maior clareza que tenha a sua linguagem (a d’*O Livro dos Espíritos*), há problemas de tradução e questões de Ciência, de Filosofia, de Religião, de Teologia, de Psicologia, de Sociologia, de História e de outros campos do conhecimento que necessitam às vezes de explicações. Para exemplificar, tomemos a primeira questão, que tem chocado muita gente logo no começo do primeiro capítulo. Trata-se do item segundo, cuja resposta deixa os leitores “no ar”, como se costuma dizer. Kardec pergunta o que devemos entender por infinito e os Espíritos respondem: “O que não tem começo nem fim; o desconhecido, tudo o que é desconhecido é infinito”. Como se vê, estamos diante de uma resposta absurda. Mas é preciso lembrar que os Espíritos respondiam em francês e que existe em francês uma expressão que tem sentido próprio na língua, sem correspondência plena em português: *passer du connu à l’inconnu*, ou seja, passar do conhecido ao desconhecido. A tradução da resposta ao pé da letra é absurda, mas a tradução significativa a torna clara e precisa, embora ainda necessite de uma nota explicativa, como fizemos.

Outro caso é o da expressão *esprits follets e legers*, geralmente traduzida por *duendes*, o que destoa do sentido do contexto, como se vê na pergunta 362. Sabemos que *esprit follet* quer dizer duende, mas o acréscimo do adjetivo *leviano* e o sentido do texto exigem uma compreensão diferente. Na pergunta 392 deparamos com outro caso. Respondendo sobre a situação do Espírito reencarnado, os Espíritos dizem: *par l’oubli du passé il est plus lui même*, o que sempre se traduz por: “esquecido do passado ele é mais senhor de si”, quando o certo, e de um sentido muito mais exato, é assim: “pelo esquecimento do passado ele é mais ele mesmo”. São pequenos exemplos que servem para dar ao leitor uma ideia dos problemas de tradução que procuramos resolver. Por exemplo,

nas referências ao Materialismo, itens 147 e seguintes, Kardec faz afirmações que parecem errôneas, se não lembrarmos ao leitor que o Marxismo só apareceu dez anos mais tarde. O mesmo se dá quanto à antiguidade e à modernidade do Espiritismo, na pergunta 221, que tem dado muito pano para manga.

Outro caso curioso está no capítulo V do Livro II, numa referência à Teosofia. Os leitores não sabem, quase sempre, que a Sociedade Teosófica só apareceu em 1875, de maneira que Kardec não se refere a ela. Já vimos acusações a Kardec, por ignorar a existência da referida Sociedade, que na verdade ainda não existia. Questões de Psicologia e Pedagogia, como as constantes dos itens 379 e seguintes, são passadas por alto. Um comentário de Kardec à pergunta 521 dá-nos a chave da interpretação espírita da Mitologia e abre-nos as perspectivas de uma Sociologia interexistencial. Se não advertirmos o leitor quanto à atualidade e o acerto dessas referências, ele poderá considerá-las supersticiosas, como já tem acontecido.

Questões curiosas como a do dilúvio, a do mito de Adão e Eva, a do instinto, que hoje são tratados como novidade por várias disciplinas culturais, estão resolvidas em *O Livro dos Espíritos* e é necessário que se mostre isso ao leitor. No tocante ao instinto, há mesmo uma doutrina específica que tem permanecido oculta: Os Espíritos e Kardec admitem duas formas de instinto: a biológica e a espiritual. Veja-se a respeito o item 557 e a nota explicativa da edição da Edicel. Na pergunta 595, quando os Espíritos respondem que “os animais não são máquinas, como supondes”, muita gente se admira e pergunta quem considerou os animais como máquinas. Era a opinião cartesiana vigente na época. Na pergunta 605 os Espíritos levantam um dos mais característicos problemas filosóficos de hoje: do “ser do corpo”, que passa inteiramente despercebido da maioria dos estudiosos. Todos esses problemas têm de ser assinalados para que o leitor, e em particular o estudante de Espiritismo, compreendam a amplitude e o valor

da obra. E também para que os apressados não formulem críticas sem fundamento a Kardec, confundindo o público.

No tocante à Teologia, há numerosas passagens, como as do capítulo sobre a lei natural (ou divina) que oferecem conotações filosóficas importantes e que não podem deixar de ser esclarecidas. O problema da ideia inata de Deus (e em geral das ideias inatas) que tem servido para agressões violentas à Doutrina, é outro que requer explicações, mostrando como o Espiritismo está certo e de acordo com grandes correntes de pensamento do passado e do presente, e mesmo com hipóteses atuais da Psicologia e da Pedagogia. A questão da moral (quanto se acusou e ainda se acusa o Espiritismo de antiquado nesse terreno) precisa ser confrontado com os conhecimentos atuais para se ver que o Espiritismo antecipou muitas “novidades” do nosso tempo.

Essas as razões do nosso empenho em traduzir de novo não só *O Livro dos Espíritos*, mas toda a Codificação, anotando o mais possível cada volume, para que o estudo doutrinário possa ser feito em sintonia com a nossa atualidade cultural. Curioso que *O Livro dos Médiuns* levanta um número ainda maior de problemas do que a obra básica *O Evangelho*. É um livro que está ligado aos problemas atuais da pesquisa parapsicológica e mostra como o Espiritismo avançou no futuro e ainda abre novas perspectivas para o amanhã. Impossível continuarmos a publicar as obras da Codificação apenas textualmente, numa repetição de fórmulas antigas de tradução.

Por todas essas razões, dadas assim no correr das teclas, sem maior aprofundamento, os leitores podem ver que não fizemos simplesmente “uma nova tradução”. As novas edições das obras da Codificação que estão saindo sob nossa responsabilidade representam uma contribuição para o maior aprofundamento do seu estudo entre nós. Enganam-se os que dizem, dando de ombros: “Ah, já tenho esses livros!” Podemos assegurar que não os têm. E podemos dizer isso sem nenhum constrangimento, pois não estamos fazendo mais do que cumprir o nosso dever para com a Doutrina e para com os nossos companheiros de estudos.”

No tocante à *Revista Espírita*, o trabalho de Herculano Pires, pelo fato de ser ele perfeccionista, foi assaz minucioso. O mestre, assessorado por dois intelectuais franceses residentes em São Paulo, Miguel Maillat e a professora Anne Marie, confrontou a edição francesa com os originais em português.

A pesquisa fora microscópica e a Herculano Pires não pareceu perfeita a tradução de determinados parágrafos. Então, o mestre pôs mãos à obra porque o contrato com a Edicel o autorizava “a corrigir o português apressado e tumultuado do texto; a dar-lhe, sempre que necessário, respeitando naturalmente o estilo pessoal do tradutor, a forma mais clara e adequada à índole da nossa língua; a corrigir os erros evidentes da tradução no confronto com o texto original francês”.

Merece destaque especial o fato de que numerosas poesias inseridas por Allan Kardec na *Revista Espírita* foram traduzidas por Herculano Pires e publicadas, para confronto, juntamente com o texto original francês. E mais: alguns volumes dessa obra monumental de Allan Kardec editada, primorosamente, por Frederico Giannini foram prefaciadas por Herculano Pires, que via na *Revue Spirite* toda a História do Espiritismo.

No longo e admirável prefácio que redigiu para o primeiro volume da *Revista Espírita*, sentenciou Herculano Pires:

“Podemos acompanhar nestas páginas, passo a passo, o esforço ao mesmo tempo grandioso e minucioso de Kardec na construção metódica da Doutrina e na estruturação do movimento espírita. A História do Espiritismo se nos apresenta, assim, como uma forma de vivência que se autofixou na escrita. (...) Nada se oculta ao leitor. Os problemas, as preocupações de Kardec, suas lutas dentro e fora do meio espírita, suas vitórias tranquilas, sua resistência à calúnia, à mentira, à difamação, sua fé inabalável, tudo isso palpita nestas páginas e nos dá a impressão de vivermos ao lado do Codificador, na sua época. (...) Por isso podemos afirmar que a publicação desta coleção marca uma nova era do Espiritismo no Brasil e em todo o continente.”

O poder da Espiritualidade

A atividade doutrinária de Herculano Pires continuava diversificada e sem pausa, apesar dos antigos problemas de saúde agora agravados pela ciática, que o causticava periodicamente. O mestre, porém, suportava as dores agudas com bom humor. Leiamos, a propósito, o que escreveu em seu diário:

“Caí na cama e mandei chamar o médico, o Dr. Mário Silva, que me deu uma injeção de Buscopan e me receitou comprimidos e um supositório. Ataque tríplice: por cima, de lado e por baixo. Guerra moderna. Vamos ver se resolve.”

E como no dia seguinte as dores não cessassem, voltou a escrever no diário:

“Permaneci deitado. A batalha aero-terrena-naval do Dr. Mário parece não dar resultado. Minha velha ciática veio disposta a ficar. Não cede e não arreda. Apelo aos Espíritos. Precisamos atacá-la ainda por outro lado: a quarta dimensão.”

E dias depois:

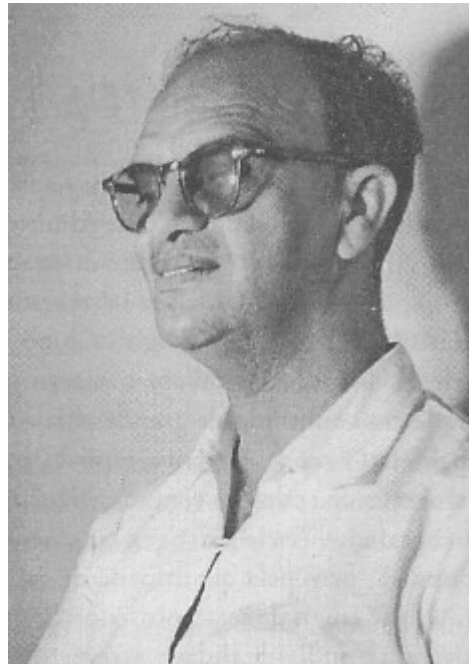
“A ciática não me deixou. Continua fiel, amorosa, agarradinha. (...) Levantei-me sem saber o que tomar: há mais de um ano ela me havia abandonado. Mas agora voltou e com grande amor. Agarra-se a mim. Tomei Butasona, drágeas. É remédio violento e tóxico, mas que fazer? Saí corajosamente, mancando. Como dói!”

Nada poderia deter seu trabalho doutrinário, que se tornara ainda mais intenso a partir de 31 de março de 1970, data em que se aposentara aos 56 anos de idade nos “Diários Associados”.⁶⁸

A dor causada pela ciática seria agora compensada por momentos de felicidade espiritual.

Parceria com Chico Xavier

A TV Tupi, canal 4, de São Paulo, havia lançado com sucesso um programa jornalístico sob o comando de Almir Guimarães, dos “Diários Associados”, que consistia em trazer diante das câmeras um convidado com projeção social a fim de ser sabatinado por cinco jornalistas. O programa intitulava-se “Pinga-Fogo”. Chico Xavier aceitou o convite porque Herculano Pires também o interrogaria. Ressaltemos que Chico Xavier já era conhecido de grande parte da população brasileira, além de considerado no movimento espírita mundial o mais notável médium psicógrafo de todos os tempos. Não apenas pela quantidade de livros psicografados (e ele psicografou mais de quatrocentos, o que é recorde mundial), nem pela quantidade de espíritos que fizeram uso de sua mediunidade (mais de seiscentos, dos quais trezentos eram poetas que comprovaram a individualidade através do estilo), e sim porque, sendo dotado de rara flexibilidade mediúnica, os quatrocentos livros psicografados abrangeram quase todos os gêneros literários: poesia, romance, conto, novela, ensaio, crônica, fábula, literatura infantil (menos literatura teatral). Mas Chico Xavier é ímpar na História Mundial da Psicografia devido, antes de tudo, ao conteúdo doutrinário de sua prodigiosa obra mediúnica.



Chico Xavier, o mais notável psicógrafo de todos os tempos

“Pinga-Fogo”, com duração de duas horas e meia, foi levado ao ar na noite de 28 de julho de 1971 e eletrizou São Paulo. Chico Xavier brilhou. Foi tal o sucesso, que o “Diário de São Paulo” transcreveu a entrevista inteira e a TV Tupi, dias depois, reprisou-a, obtendo audiência total.⁶⁹ Graças ao “Pinga-Fogo”, a revista “O Cruzeiro” publicou mensagens psicografadas por Chico Xavier; a revista “Manchete” fez uma entrevista com o

médium que ocupou cinco páginas (edição de 22 de novembro de 1971); e ainda em novembro a revista “Realidade” dedicou a Chico Xavier sete páginas ilustradas com inúmeras fotografias. E, note-se, antes o “Diário de São Paulo” criara em 22 de agosto a coluna dominical “Chico Xavier pede Licença”, que logo ficou famosa por divulgar mensagens recebidas pelo médium de Uberaba comentadas por Herculano Pires.

A propósito da coluna jornalística, é oportuno que o leitor conheça a carta do grande médium de Uberaba enviada ao apóstolo de Kardec em 20 de novembro de 1971.

“Caro amigo Prof. Herculano:

Deus nos abençoe.

Escutar o querido amigo e D. Virgínia, no dia de nossa comunicação telefônica com o nosso Rolando, foi para mim uma bênção de paz e felicidade. Muito grato, querido amigo, pela sua generosidade e exemplo de ação que tanto nos auxilia a todos a confiar, trabalhar, esperar e agir. Creia que ouvir ou ler a sua palavra é para mim um privilégio, pois é a nossa Renovadora Doutrina que brilha em todos os seus conceitos, desde a sua abençoada conversação aos seus livros, que são, para nós todos, tesouros de cultura e consolação, esclarecimento e fé viva. Que Deus o abençoe e fortaleça, sempre e cada vez mais, juntamente com D. Virgínia e todos os seus entes amados.

Seguem anexas algumas produções de nossos amigos espirituais para a nossa coluna no “Diário”. Digo “nossa”, mas a verdade é que ela é propriamente sua, pois cada vez mais vejo nela a sua presença espírita, no Brasil e no mundo, tão edificantes e luminosas são aí todas as suas observações e todas as suas páginas.

Caro professor, agradecendo, com todo o meu coração, todas as bênçãos que recebo de sua bondade e de sua proteção de sempre, com respeitos à D. Virgínia e a toda a sua querida família, sou, num grande e afetuoso abraço, o seu amigo, admirador, companheiro de ideal e servidor muito reconhecido de todos os dias.

Chico Xavier.”

Uberaba, 20-11-71

Caro amigo
Prof. Herculano:

Deus nos abençoe.
Escutar o querido amigo
e D. Virginia, no dia de nossa
comunicação telefônica com o
nosso caro Rofendo foi para
mim uma benção de paz
e felicidade. Muito grato,
querido amigo, pela sua
generosidade e exemplo
de ação que tanto nos
auxilia a todos a
confiar, trabalhar, esperar e
agir. Creia que ouvir ou
ler a sua palavra é

Trecho da carta enviada por Chico Xavier
a Herculano Pires em 20-11-1971

A parceria Herculano Pires e Chico Xavier no “Diário de São Paulo” resultou em quatro obras de grande importância na História da Literatura Espírita Brasileira. Eis os títulos: *Chico Xavier pede Licença*, *Na Era do Espírito*, *Astronautas do Além* e *Diálogo dos Vivos*, as quatro editadas pelo Grupo Espírita Emmanuel, da cidade de São Bernardo do Campo. Após a leitura dessas obras publicadas por sugestão de Emmanuel e que são preciosas lições de sabedoria espiritual, o leitor não saberá dizer o que mais admirou: se as mensagens ou os comentários do apóstolo de Kardec.

Foi ainda em decorrência do surpreendente sucesso do primeiro “Pinga-Fogo” que Chico Xavier passou a ser homenageado com títulos de cidadania de uma centena de cidades espalhadas pelo país (títulos oferecidos espontaneamente ao médium, convém assinalarmos, e não obtidos através de conchavos...)

Pois bem. Alguns confrades mais realistas que o rei (pobres de espírito), temendo que o abnegado médium se envaidecesse, consultaram a Diretoria Executiva da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, que, por sua vez, consultou Herculano Pires... A resposta do mestre consta de oito itens. Transcrevemos o primeiro e o quarto:

1 – “Aquele programa (Pinga-Fogo) assinalou um passo decisivo na aceitação do Espiritismo pelo nosso povo e modificou profundamente o conceito de Espiritismo existente em todas as faixas de nossa população. Chico Xavier, que era um símbolo para nós espíritas, passou a ser um símbolo para o povo em geral; o símbolo do Espiritismo no seu mais belo e elevado aspecto. É a esse símbolo que estão sendo tributadas as homenagens e Chico Xavier tem disso a mais nítida consciência.”

2 – “O cuidado com a não excitação da vaidade dos médiuns é recomendação doutrinária referente à educação e desenvolvimento útil da mediunidade, não se aplicando a um caso como este, em que estamos diante de um médium com mais de quarenta anos de prática abnegada de suas funções a serviço da nossa Doutrina e cujo nome se tornou bandeira de honra para nosso movimento. Vejam-se os elogios e artigos de defesa de Kardec na *Revue Spirite* a respeito de Daniel Dunglas Home, de Stainton Moses e de outros que também se fizeram bandeiras de propagação da verdade”, etc.

A parceria na II Bienal

Outro evento que repercutiu em todo o país por ser novidade foi a Segunda Bienal Internacional do Livro, aberta ao público de 17 a 25 de junho de 1972 no Parque Ibirapuera, em São Paulo, o qual se transformara em formidável formigueiro humano.

Entre os autores brasileiros de grande projeção que atraíram o público e autografaram seus livros na Bienal, destacou-se o romancista Jorge Amado, mas o movimento popular do dia 25 superara todos os anteriores devido à chegada de Chico Xavier

acompanhado de Herculano Pires. Eles começaram a autografar no estande da Livraria Modelo às duas horas da tarde, e logo as filas tornaram-se intermináveis, estendendo-se pelas escadarias do Pavilhão da Bienal. Chico e Herculano, sentados um ao lado do outro, autografaram milhares de livros das duas horas da tarde às quatro horas da madrugada do dia 26, ou seja, quatorze horas ininterruptas, fato que surpreendeu escritores, editores e jornalistas estrangeiros. O editor Paulino Saraiva, presidente da Câmara Brasileira do Livro, fundador da Editora Saraiva, juntamente com seu irmão Jorge Saraiva (e da Editora Calvário, esta última espírita), esteve presente durante todo o desenrolar do festivo acontecimento.



Herculano Pires autografando na II Bienal Internacional do Livro, no Ibirapuera, com Chico Xavier; ano de 1972

É como afirmou Herculano Pires: Chico Xavier deu uma nova dimensão à II Bienal Internacional do Livro (dimensão espiritual). “Ele é o único nome brasileiro capaz de arrastar milhares de pessoas para uma tarde de autógrafos. Jamais se viu em São Paulo, no Brasil e no mundo semelhante afluência de público para uma tarde de autógrafos, mas esse recorde cultural, batido tranquilamente, foi abafado pela grande imprensa e em geral pelos meios de divulgação, com raras exceções. Nunca o preconceito cultural e religioso contra o Espiritismo se tornou mais palpável e negativo. Apesar disso, o grande acontecimento

(abrilhantado, aliás, pelo Coral da Federação Espírita do Estado de São Paulo) abalou São Paulo e repercutiu por todo o país.”

Mais uma vitória ímpar da Espiritualidade Superior!

Foi Rolando Ramaciotti, fundador do Grupo Espírita Emmanuel (instituição que editou inúmeros livros psicografados por Chico Xavier) quem comunicara a Herculano Pires que Roberto Montoro, proprietário da Rádio Mulher, pretendia colocar na programação da emissora um programa espírita semanal com a duração de uma hora. E mais: desejava fosse o programa estruturado e apresentado por Herculano Pires. O apóstolo de Kardec aceitou o convite, pois lhe fora assegurado que teria a mais ampla liberdade, “podendo tratar do Espiritismo em todos os seus aspectos sem restrição e responder a qualquer pergunta” dos ouvintes.⁷⁰ (Veremos no capítulo vinte, “A grande batalha”, que Rolando Ramaciotti e Roberto Montoro não cumpriram o prometido).

“No Limiar do Amanhã” ia ao ar aos sábados à noite e obteve sucesso imediato em São Paulo. A Rádio Morada do Sol, de Araraquara, e a Rádio Difusora Platinense, de Santo Antônio da Platina, no Paraná, retransmitiram-no, também, com expressiva audiência. O vigoroso programa prestou inestimável serviço à Doutrina Espírita durante três anos e meio.

Herculano Pires, obviamente, jamais aceitou da Rádio Mulher qualquer espécie de remuneração.

Parceria com Ivani Ribeiro

Outra oportunidade de esclarecer as camadas sociais (desta vez de norte a sul do país) teve Herculano Pires ao receber o convite de Ivani Ribeiro para assessorá-la, doutrinariamente, pois a famosa autora de novelas para a televisão pretendia enfrentar a problemática da alma após a morte, escrevendo *a primeira telenovela espírita*. A ideia já havia sido aprovada pela TV Tupi. Ivani Ribeiro, pioneira da telenovela brasileira, autora de trinta e sete telenovelas que alcançaram astronômicos índices de audiência como “A Muralha”, “Aritana” e “Mulheres de

Areia”, tivera a luminosa ideia após ler *Nosso Lar* e *E a Vida Continua...*, obras psicografadas por Chico Xavier.

Herculano Pires, à medida que a consagrada telenovelistas lhe entregava os capítulos de “A Viagem”, procedia à leitura, buscando trechos de diálogos ou cenas incompatíveis com a verdade espírita. Em carta datada de 4 de janeiro de 1976, ele a informa que “modificou bastante o diálogo das personagens Alberto e Alexandre por necessidade de adaptá-lo às exigências da doutrinação espírita, que é sempre persuasiva, objetivando persuadir o espírito obsessivo ao invés de contrariá-lo ou ofendê-lo. Ao contrário do que se passa no exorcismo – advertiu Herculano Pires –, na doutrina espírita a entidade agressiva não é tratada como demônio, mas criatura humana sofredora, doente, que precisa de cura”.

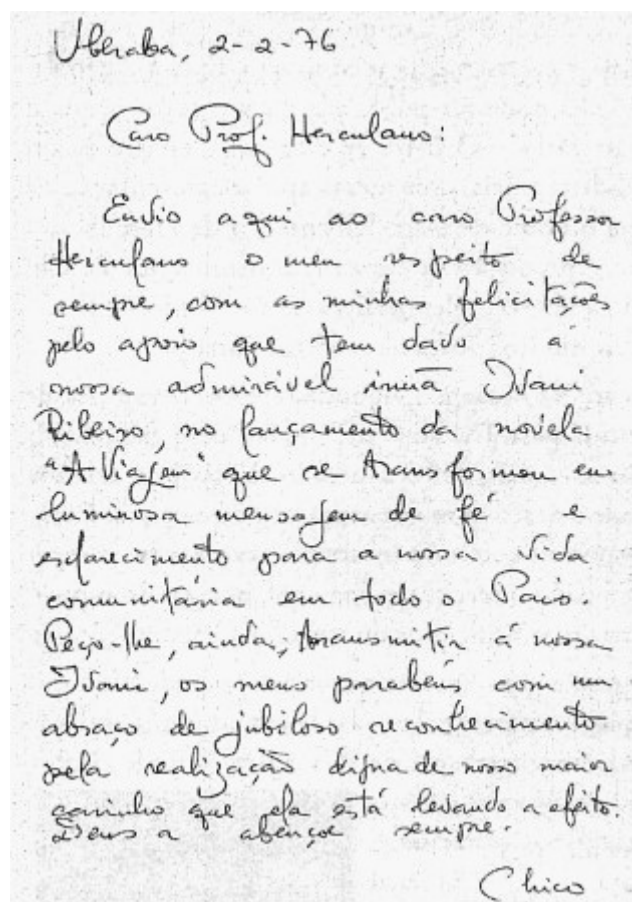
Ano de 1976. Estrondoso sucesso popular teve a novela “A Viagem”, apresentada em horário nobre pela TV Tupi. As personagens principais foram interpretadas por Eva Wilma, Tony Ramos, Altair Lima, Rolando Boldrin, Cláudio Corrêa e Castro e Ewerton de Castro, artistas consagrados pelo povo.



Ivani Ribeiro, Herculano Pires e Altair Lima autografando o livro *A Viagem*

A reação do clero católico foi imediata, mas inútil. Conta o nosso confrade jornalista Zair Cansado que em visita ao interior de Minas Gerais, soubera que os padres “visitavam casa por casa advertindo os moradores que não assistissem à diabólica novela da TV Tupi”. Poderia haver publicidade melhor? Durante os seis

meses em que esteve no ar, a inspirada novela garantiu à TV Tupi 85% de audiência. Um recorde!



Uberaba, 2-2-76

Caro Prof. Herculano:

Envio aqui ao caro Professor Herculano o meu respeito de sempre, com as minhas felicitações pelo apoio que tem dado à nossa admirável irmã Ivani Ribeiro, no lançamento da novela "A Viagem" que se transformou em luminosa mensagem de fé e esclarecimento para a nossa vida comunitária em todo o País. Receba, ainda, transmitida à nossa Ivani, os meus parabéns com um abraço de jubiloso reconhecimento pela realização digna de nosso maior gênio que ela está levando a efeito. Deus a abençoe sempre.

Chico

Carta de Chico Xavier exaltando a telenovela *A Viagem*, de Ivani Ribeiro

Herculano Pires, então, com a aquiescência de Ivani Ribeiro, transpôs o enredo de “A Viagem” – o enredo, apenas – para as páginas de um livro e desenvolveu cenas e diálogos em linguagem e dimensões literárias. Assim agiu (é ele quem afirma) “porque há uma diferença entre a linguagem de televisão e a linguagem literária. A linguagem de televisão é sincopada, utilizando o mínimo de palavras e o máximo de imagens. A literária é precisamente o contrário. Essa a razão pela qual uma novela de TV não pode ser publicada no seu texto original, exigindo reelaboração literária”. O livro “A Viagem” – escrito às pressas – foi lançado pela Editora Bels, dois meses após a apresentação na televisão. Trazia na capa o nome de Ivani Ribeiro e o de Herculano Pires e, na quarta capa, a reprodução de uma carta manuscrita de Chico Xavier parabenizando a notável

telenovelistas de São Paulo. O livro teve várias edições, mas os direitos autorais o editor surruiu...

Quanto a “O Profeta”, segunda telenovela espírita de Ivani Ribeiro transmitida pela TV Tupi em 1978 e cujo esquema básico é de Herculano Pires – aliás, feito a pedido da própria telenovelistas que com genialidade o desenvolveu e enriqueceu e que o ator Carlos Augusto Strazzer interpretou com rara mestria – teve a mesma repercussão de “A Viagem” em todo o território nacional, obrigando o povo a comentar em casa e nas ruas princípios doutrinários e fenômenos mediúnicos.



Ivani Ribeiro aos setenta anos de idade

Registremos, ainda, um fato que mostra o poder da Espiritualidade mais elevada e que, certamente, levará o leitor à mesma reflexão. Dezoito anos após a estreia retumbante de “A Viagem”, a Rede Globo de Televisão – então já líder absoluta de audiência em todos os horários –, tendo contratado Ivani Ribeiro, apresentou uma nova versão de “A Viagem”, agora em cores e com modernos recursos tecnológicos e cujo elenco era formado por Christiane Torloni, Antônio Fagundes, Guilherme Fontes e, entre outros, Miguel Falabella. O sucesso popular fora tão grande que a Rede Globo divulgou a novela de Ivani Ribeiro em Portugal, quebrando velhos dogmas clericais e abrindo lá, como consequência, novos horizontes para o movimento espírita.

Chico Xavier, Herculano Pires e Ivani Ribeiro ⁷¹ são gloriosos Espíritos cujas missões estavam vinculadas à falange do Espírito de Verdade.

O pioneiro da Pedagogia Espírita

Herculano Pires, quando esteve na direção pedagógica do Instituto Espírita de Educação em 1953, divulgara pelas páginas do jornal “O Universitário Espírita” seus primeiros trabalhos de Pedagogia Espírita. Treze anos depois, já catedrático em História e Filosofia da Educação, apresentou no IV Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas, realizado em 1968 em Curitiba, Paraná, a tese “Escolas de Espiritismo”, aprovada, aliás, por unanimidade e, posteriormente, por Emmanuel, Espírito-guia de Chico Xavier, que considerou urgente a iniciativa.

Em sua obra *Pedagogia Espírita*, capítulo sobre as “Escolas de Espiritismo”, esclarece Herculano Pires:

“O Espiritismo é um processo cultural e deve ser encarado como tal. Abrange todo o campo do conhecimento, *toca em todos os ramos da Ciência*, como acentuava Kardec, e representa mesmo aquele momento de *Síntese do Conhecimento* de que nos falaram Léon Denis e Sir Oliver Lodge. (...)”

As Escolas de Espiritismo devem ser organizadas como verdadeiras unidades do ensino superior, com todas as suas características. Poderão mesmo dividir-se, no seu desenvolvimento, em cursos especializados, como os das nossas atuais Faculdades de Filosofia. (...)”

Os professores terão de ser forçosamente, obrigatoriamente, de nível universitário. Os alunos terão de apresentar certificados de conclusão do ensino secundário ou equivalente ou superior. As matérias e os processos de ensino terão tratamento universitário, porque, sem essas condições, não seria possível dar ao ensino a eficiência necessária, nem fazer que as Escolas de Espiritismo atinjam o seu alto objetivo no plano cultural. O regime escolar terá todas as exigências do regime universitário, acrescidas ainda do mais absoluto rigor nas avaliações de aproveitamento, pois a finalidade do ensino não

é utilitário no sentido comum, mas num sentido mais elevado, referente à formação espiritual do homem. (...)

Os compêndios básicos de estudo são os livros da Codificação, mas secundados por todas as obras necessárias, espíritas ou não, relacionadas com o assunto especial de cada cadeira. Por exemplo: a Cadeira de Filosofia Espírita terá por compêndio básico *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, mas disporá também de toda a bibliografia doutrinária. A Cadeira de Psicologia Espírita se firmará em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, mas necessitará da bibliografia metapsíquica, da parapsicológica e mesmo da psicológica. A Cadeira de Sociologia Espírita abrangerá os livros básicos citados e mais a bibliografia sociológica geral. E assim por diante.”

De acordo com o plano aqui sucinto de Herculano Pires (plano por demais arrojado e, pois, inviável no século vinte) o curso teria a duração de quatro anos e (adverte o apóstolo de Kardec) “como não será possível a oficialização do ensino ou a subvenção, ele terá de ser pago. É da cobrança das taxas que sairá a renda necessária à manutenção da escola e ao pagamento de diretores, professores e funcionários. Mas, de houver pessoas capazes de compreender a importância dessas escolas, e que disponham de recursos, poderão ajudar a sua manutenção e oferecer bolsas de estudo aos alunos que não possam pagar. As doações serão necessárias e tão meritórias como as que se fazem para hospitais e outras obras assistenciais.”

As Escolas de Espiritismo nos moldes idealizados por Herculano Pires e que na sua visão elevariam em breve tempo o conhecimento doutrinário, então difuso e individual, de tipo exclusivamente autodidata, somente teriam possibilidade de tornar-se realidade no decorrer do terceiro milênio...⁷² Mas, a ideia estava lançada. Cumpre acrescentar que a tese do mestre ao ser publicada recebeu uma crítica pelo fato de propor pagamento aos professores e funcionários, embora esclarecesse que as Escolas de Espiritismo teriam a estrutura de uma Faculdade de Filosofia ou uma Escola de Medicina. Se pudéssemos organizar essa escola de graça seria uma maravilha – replicou Herculano Pires –

, mas não somos Alice no País das Maravilhas, nem podemos viver de sonhos.

Faltava, porém, tratar especificamente da Pedagogia Espírita. E o mestre iria fazê-lo ainda no ano de 1970, proclamado pela UNESCO “Ano Internacional da Educação”.

A definição de “Pedagogia”, no entanto, era desconhecida pela maioria dos nossos confrades. Confundiam-na com Educação, instrução, sistema de ensino. Por incrível que pareça, escreveu Herculano Pires sob o pseudônimo de J. Amaral Simonetti, “a palavra Pedagogia é ainda um bicho de sete cabeças para a maioria dos professores saídos de nossas Escolas Normais e... de nossas Faculdades. (...) Que mistério se oculta nessa palavra de nove letras, de origem grega, consignada em todos os dicionários, diante da qual tantos professores se quedam estáticos e assombrados, como Édipo na estrada de Tebas? Que enigma nos apresenta essa esfinge moderna?”

E o mestre, com paciência beneditina, após transcrever a definição dada por dicionários, esclarece que “Pedagogia é um processo histórico de reflexão sobre a Educação para elaboração de sistemas educacionais. (...) E que toda Pedagogia se funda numa filosofia. O Espiritismo é um sistema conceptual, uma nova concepção geral e, portanto, uma nova Filosofia, que por isso mesmo, exige uma nova Pedagogia”.

Ora, ensina o Espiritismo que o Espírito ao reencarnar – ao contrário do que afirmam os teólogos retrógrados e os velhos tratados pedagógicos, não é “tabula rasa”, uma folha em branco. Ao renascer ele traz no inconsciente uma infinidade de experiências negativas e positivas acumuladas no decorrer de vidas passadas. E, por isso mesmo, observou Herculano Pires, “as implicações pedagógicas da Doutrina Espírita exigem uma Pedagogia realista no campo da realidade palingenésica. Essa pedagogia deve apoiar-se em técnicas e métodos desenvolvidos na experiência educacional à luz dos princípios doutrinários do Espiritismo. O esforço que nos cabe neste momento é no sentido de esclarecer as implicações referidas e ordená-las para a formação dos princípios e métodos ativos da Pedagogia Espírita”.

O assunto era novidade e Herculano Pires, atendendo ao convite do ilustre casal Thomaz Novelino⁷³ (médico e ex-aluno de Eurípedes Barsanulfo) e Maria Aparecida Rebelo Novelino, educadora, fundadores do famoso Educandário Pestalozzi, na cidade de Franca, deu nessa instituição *o primeiro curso de introdução à Pedagogia Espírita no Brasil e no mundo*. É de notar-se que o Educandário tinha dois mil alunos, sendo 1.400 gratuitos.

Semanas depois do curso pioneiro realizar-se-ia de 23 a 26 de julho de 1970 em São Paulo o III Congresso Educacional Espírita Paulista, cujo temário fora organizado, inclusive, pelo nosso biografado. A abertura do congresso, promovido pela USE, deu-se à noite no auditório nobre da antiga sede da FEESP, com palestra brilhante proferida por Herculano Pires.

A tese de sua autoria intitulada “Para uma Pedagogia Espírita”,⁷⁴ aprovada por unanimidade, apontava “a necessidade de uma reformulação do problema educacional à luz do Espiritismo. Essa reformulação só poderia ser feita através da proposição de uma Pedagogia Espírita, por sinal já presente na codificação doutrinária, mas exigindo o levantamento dos seus princípios e confronto dos mesmos com as conquistas mais significativas da Pedagogia contemporânea em seus vários setores”.⁷⁵



Abertura solene do III Congresso Educacional Espírita no auditório nobre da FEESP; Herculano Pires ao microfone.

Tinha Herculano Pires razão em desejar uma reformulação do problema educacional, porque em 1970 já havia em São Paulo e em outros Estados uma rede escolar espírita que se estendia do

pré-primário ao universitário. E havia algumas tentativas de elaboração de técnicas pedagógicas espíritas, de que é exemplo (conforme assinalou Herculano Pires), “o grande e belo trabalho desenvolvido pelo Prof. Ney Lobo no Instituto Lins de Vasconcelos, em Curitiba”.⁷⁶ E não podemos olvidar as experiências educacionais da Dra. Elza Mazzoneto Machado no Instituto Espírita de Educação, dirigindo os cursos de jardim de infância e pré-primário.

1970, Ano Internacional da Educação; parecia a Herculano Pires propício para que Pedagogia Espírita se impusesse como uma exigência do desenvolvimento cultural. “Os cristãos primitivos – escreveu ele – tiveram de lutar contra a educação pagã para implantar no mundo a Educação Cristã. Agora é a hora dos espíritas, numa batalha muito mais suave, mas que deve ser tão pertinaz como aquela.” E o mestre, aos cinquenta e seis anos de idade, impulsionado pelo seu idealismo, propôs e o confrade Frederico Giannini, proprietário da editora Edicel, concordou em publicar a revista “Educação Espírita”, a qual se tornaria pioneira na história da Educação Espírita do mundo. Era desejo do apóstolo que essa revista fosse “um instrumento permanente de ligação entre os núcleos educacionais espíritas, um instrumento de trabalho para a elaboração das coordenadas da Pedagogia Espírita e uma livre tribuna para o debate de toda a problemática educacional”.

A batalha, realmente, seria pertinaz (como previra Herculano Pires), mas não suave, acrescentemos. E isso notaria o mestre antes mesmo de serem remetidos à gráfica os originais do primeiro número. Na verdade, os professores e a maioria dos líderes do movimento espírita do país não estavam suficientemente preparados para compreender a importância do lançamento de uma revista com tal envergadura doutrinária. Medite o leitor neste trecho do diário íntimo de Herculano Pires:

“Passei todos esses dias (de 13 a 30 de outubro de 1970) empenhado apenas em preparar o material da “Educação Espírita”. Única, solitária colaboração que me chegou às mãos foi o artigo de Mariotti, *Hacia una Filosofía Espírita de la Educación*. Um belo trabalho, mas que tive de “fazer”, tam-

bém, como os outros, pois era indispensável traduzi-lo. (...) E nada mais houve a respeito. Dessa maneira tive de fazer tudo. E de inventar pseudônimos... para que a revista não ficasse “minha”. Dessa trabalhadeira absurda houve um resultado: pude dar à revista um rumo, uma forma, o que dificilmente poderia fazer com trabalhos alheios. Este número vai servir de modelo (não formal, mas como orientação, para os demais). A verdade é que o nosso meio se mostra de uma pobreza desesperante nesse campo. Fora o Rivadávia, que poderá ajudar-me com trabalhos de valor, não vejo mais ninguém. Deus queira que eu esteja errado e que a publicação deste primeiro número desperte a flama de alguns geniozinhos (ou pelo menos de alguns geniosos) escondidos por aí. Trabalhei dia e noite e de madrugada também para fazer todo o trabalho, revisá-lo e esboçar um *boneco* da revista. Dia 29 entreguei tudo a Giannini e hoje ele me avisou, pelo telefone, que entregou os originais à Gráfica Urupês.”

Herculano Pires trabalhara até de madrugada durante dezesseis dias. Havia entrado em comunicação com professores e escritores de norte a sul do país solicitando colaboração para o primeiro número da revista e apenas o filósofo argentino Humberto Mariotti, residente em Buenos Aires, enviara um trabalho. A Pedagogia Espírita continuava a assustar o professorado espírita, embora advertisse o apóstolo de Kardec que a Educação sem Pedagogia é um barco sem bússola.

O primeiro número da revista tinha noventa e uma páginas, das quais setenta e nove eram de autoria de Herculano Pires, o que o obrigou a usar pseudônimos – J. Amaral Simonetti, Olímpio Menezes, José S. Pires, Walter da Silveira Franco, Irmão Saulo e, mais tarde, Jorge Catileno, Alberto G. Guiraldes, Giovanini Moraro, Guido de Catânia... Era sua intenção que a Revista “Educação Espírita fosse mensal, mas a carência de bons artigos leva-lo-ia a publicá-la trimestralmente. A bela revista com formato de livro veio à luz em dezembro de 1970. Ao receber em seu lar os primeiros exemplares, Herculano, Giannini, Virgínia e sua irmã Maria de Lourdes Ferraz sentaram-se em torno à mesa da sala e fizeram “uma prece de agradecimento a

Jesus por essa vitória” (anotou o mestre em seu diário íntimo). O lançamento oficial de “Educação Espírita” seria no dia 28 de dezembro, segunda-feira, às 20 horas, em local profano: o auditório do Centro do Professorado Paulista. O orador seria o professor Ney Lobo, de Curitiba.

Herculano Pires nesse dia acordara de madrugada. A ciática o incomodava bastante, mas sentia-se alegre. Ney Lobo chegaria em São Paulo dentro de uma hora.

“É hoje o grande dia. Às cinco horas acordo, levanto-me e resolvo ir à Rodoviária. Bi (a esposa) me acompanha com sacrifício, pois o seu sono matinal é a garantia de sua atividade excessiva. Encontramos Giannini e temos um trabalho imenso para descobrir onde chegam os ônibus do Paraná. Por fim temos de ir até o Largo do Coração de Jesus (ah, velho largo de figueiras silvestres da minha adolescência!), agora transformado em apêndice da Rodoviária. Chegam ônibus de Curitiba aos punhados. Temos de correr de um lado para outro (eu manquitolando) até que, de repente, do ônibus que para à minha frente salta o esperado. Vamos com ele até a Rodoviária: quer comprar passagem de volta para a meia-noite! Queremos levá-lo a descansar, tomar café, etc. Recusa-se a tudo e proclama sua independência. Só me promete ir jantar em casa. Decepciono-me um pouco: o homem não fez, como eu pensara, um sacrifício pela revista, pela causa. Diz-me: “Aproveito para matar dois coelhos numa cajadada.” Despeço-me dele e vou fazer a barba na Rodoviária. (...) Regresso à casa com a Bi (esposa), de táxi. Penduro-me no telefone e fico suplementando a remessa de convites. Consigo falar com muita gente e esclarecer que se trata de assunto importante. Fim de ano é difícil reunir auditório em São Paulo. Muitos me desiludem: estou de malas prontas. Depois do almoço e do descanso, a Bi me ajuda. Com isso garantimos um auditório razoável. A turma da USE e da Federação recusa-se a suspender suas reuniões de rotina. Luiz Monteiro de Barros⁷⁷ me chora ao telefone: “É uma pena, mas não posso! Os problemas de fim de ano são muitos!” A Nancy Puhlman vai com as crianças do Nosso Lar para o litoral. Dona Beni em-

barca à tarde no mesmo rumo. Sinto-me só, mas não me abato. O importante é que se faça o lançamento da revista agora, neste ano. É preciso fazê-lo.

Às 20:30 o auditório ainda estava vazio. A palestra estava marcada para as 20 horas. Mas quinze minutos depois já está regularmente lotado. Giannini me pergunta pela “composição da mesa”. Tenho horror a isso. Digo-lhe que a deixe por minha conta. Subo com o Ney Lobo, apresento-o em duas palavras, chamo Dona Iracema⁷⁸ para ler o soneto psicografado por Rizzini a propósito do ato e os largo à mesa. Ney Lobo fala sozinho, sem o habitual cerco de representantes de instituições. Dona Iracema, como eu, volta para o auditório. Paulo mantém a venda de revistas num canto da sala. E vende apenas vinte exemplares!

A palestra foi um malogro. Ney Lobo pareceu ter-se impressionado com São Paulo e com o auditório, formado na maioria de professores. Fez uma palestra abstrata, num tom erudito e cansativo. Mas a verdade é que a revista impressionou bem. E foi lançada. O próprio Ney volta a Curitiba com um pacote de quinze exemplares na pasta. Confessa sua surpresa. Não esperava um trabalho tão interessante e curioso. Antônio Olavo Pereira⁷⁹ também faz questão de me falar a respeito. Acha que conseguimos um “furo”. Sim, a revista é um marco; o marco de uma nova era, de um novo mundo. E isso é o que importa.”

O lançamento da revista no meio espírita deu-se no auditório lotado da Federação Espírita do Estado de São Paulo no dia 3 de janeiro de 1971, domingo – uma semana após o evento no Centro do Professorado Paulista. O orador oficial foi o Dr. Thomaz Novelino, fundador do Educandário Pestalozzi. Apenas oitenta e oito exemplares de “Educação Espírita” foram vendidos...

O segundo número da revista somente veio a público um ano e meio após o primeiro, devido ao espantoso desinteresse dos professores e dirigentes espíritas. Dir-se-ia que dormiam... Inquebrantável, porém, a têmpera de Herculano Pires e do editor Frederico Giannini. Leia-se o final vibrante e um tanto dramático do editorial redigido pelo mestre para o segundo número:

“Aqui estamos de novo, companheiros, aqui estamos, amigos e irmãos, com nossa pequena revista em circulação, para sair agora regularmente de três em três meses. Ajudem-nos e dentro em pouco ela se imporá nos meios educacionais do Brasil e do Mundo como legítima expressão da Nova Pedagogia. Não esmoreçamos.”

Colaboravam agora em “Educação Espírita” Deolindo Amorim, Ney Lobo, Iracema Sapucaia, Ary Lex e, entre outros, três pedagogos não espíritas e o admirável poeta Walter Nieble de Freitas, mas... a venda não correspondia ao esforço despendido. Herculano Pires, então, sem poder ocultar seu desaponto, publicou na revista uma “Carta aberta aos professores espíritas”, mas o apelo foi inútil. Leiamos estes tópicos:

“O que mais nos assusta não são as campanhas obscurantistas contra a educação espírita, pois bem conhecidos já são os grupos retrógrados que se opõem sistematicamente a tudo que se faz pela cultura espírita. O que mais nos causa estranheza é a indiferença dos professores espíritas e principalmente das escolas espíritas pela existência de uma revista doutrinária especializada em educação e pedagogia. (...) Não queríamos vir a público para um desabafo como este. Mas o assunto é de interesse público e não temos o direito de calar. Toda a obra educacional espírita já realizada estará ameaçada de estagnação se não houver interesse pelo intercâmbio de informações entre as escolas, pelo debate cultural pelos problemas da educação espírita, pela divulgação de estudos e planos de trabalho a respeito. Para tudo isso, foi criada esta revista. (...) Escrevam-nos, enviem-nos colaborações, ajudem a divulgar esta revista. Sem a ajuda compreensiva de todos, não atingiremos os objetivos superiores da educação espírita. O esforço tem de ser coletivo ou nada se fará de eficiente. Educação espírita é problema de todos os espíritas.”

Causava tristeza ver milhares de exemplares amontoados na editora. E a revista lançada em dezembro de 1970 deixou de circular em dezembro de 1974, sendo que nesse espaço de quatro anos vieram à luz apenas seis números. Acresce que a Edicel já

estava em situação difícil e Giannini para publicar as obras completas de Allan Kardec pedira empréstimos aos bancos...

Felizmente, o apóstolo de Kardec no último número da revista inserira um importantíssimo trabalho seu em cujas páginas plenas de sabedoria encontram-se as coordenadas para a futura elaboração da Pedagogia Espírita. Esse trabalho e outros de sua autoria estampados na revista foram em 1985 enfeixados em um volume editado pela Edicel com o título de *Pedagogia Espírita*.

Herculano Pires, então, não se encontrava mais em nosso planeta.

Mais lutas doutrinárias

Recordam-se os leitores que no quinto capítulo anotamos que a primeira intervenção em defesa do Espiritismo Herculano Pires a fez quando tinha vinte e poucos anos de idade e que ele o colocava acima das lideranças e das instituições doutrinárias. Essa posição de independência e de fidelidade ao texto da Codificação manteria até o final de sua existência. Impossível, portanto, escrever a história do movimento espírita brasileiro ou a vida do apóstolo de Kardec sem registrar com detalhes suas intervenções nos mais graves episódios em que a verdade doutrinária esteve ameaçada.

Há uma revelação luisina?

Começaremos transcrevendo uma crônica sua assinada com o pseudônimo “Irmão Saulo” intitulada “Há uma revelação luisina?”, a qual refuta um artigo de Salvador Gentile (diretor de “Anuário Espírita”, editado em Araras, Estado de São Paulo), a propósito da obra *Nosso Lar*, psicografada por Chico Xavier. A crônica de Herculano Pires estampada no “Diário de São Paulo” reveste-se de importância porque ao surgirem as primeiras obras do Espírito André Luiz alguns líderes, demonstrando imaturidade doutrinária, proclamaram nas tribunas e pelos jornais que elas eram a “Quarta Revelação”...

Leiamos as considerações de Herculano Pires:

“O aparecimento em Tóquio de uma edição japonesa do livro *Nosso Lar*, de André Luiz, leva o confrade Salvador Gentile a reviver, no “Anuário Espírita 1969”, a tese da “revelação luisina”. Essa tese conquistou certa voga no meio espírita (alguns dizem “andréluisina”), mas arrefeceu logo porque Emmanuel e André Luiz foram os primeiros a botar água na fervura. Gentile a ressuscita em termos de revisionismo dou-

trinário, de “superação” de Kardec, não se esquecendo de criticar “os ortodoxos que fazem de Kardec um dogma intangível”. Respeitar a codificação é ser dogmático, segundo as acusações dos divinistas e outros “renovadores”.



Herculano Pires dá um autógrafo a Salvador Gentile, o qual desejava novas revelações...

Gentile parte da suposição de que a obra de Kardec ficou em generalidades. Deseja informações particulares, mais concretas, que André Luiz fornece sobre a vida dos Espíritos. Mas se tivessem recorrido ao prefácio de Emmanuel no livro *Os Mensageiros* veria que essa concretização é simbólica e, portanto, abstrata. A obra de André Luiz é ilustrativa da revelação espírita, e não propriamente complementar, no sentido de superação que o articulista pretende. É uma grande e bela contribuição nos estudos espíritas, mas sua pedra de toque é a codificação.

O que mais impressionou a Gentile foi a “revelação” de cidades espirituais no espaço. Mas a Bíblia já nos falava da Jerusalém Celeste e as revelações antigas estão cheias de ideias semelhantes. Tratam-se de planos ainda materializados da vida espiritual e não dos planos superiores. A *Revista Espírita* apresenta numerosos relatos dessa vida que se assemelha à terrena. Mas Gentile vai mais longe e afirma que certos conceitos de Kardec são reformulados em *Nosso Lar*, por exemplo: o conceito de *espíritos errantes*, o de *acampamento*, o de *perispírito sem órgãos* de tipo material.

A crítica de Gentile a esses conceitos não tem razão. Kardec explica no item 226 de *O Livro dos Espíritos* que são *errantes* todos os espíritos que ainda terão de reencarnar-se, mesmo os mais evoluídos. A *erraticidade* não implica apenas a permanência em planos inferiores, mas uma condição do espírito em seu processo evolutivo. Trata-se de um conceito relativo, ou seja, que diz respeito à relação do espírito com a sua passagem pelas fases inferiores da encarnação terrena. O conceito ou a noção de *acampamento* não tem em Kardec a aplicação que Gentile lhe deu. Refere-se aos mundos transitórios e não aos planos espirituais. O de perispírito sem órgãos físicos, que não necessita de restauração de suas forças, é também relativo e está bem explicado no item 254, onde se lê isto, em letras de forma: “A espécie de fadiga que os espíritos podem provar está na razão da sua inferioridade, pois quanto mais se elevam, de menos repouso necessitam”.

Partindo de premissas falsas, o articulista só poderia chegar a conclusões falsas. Não há nenhuma razão para se falar em “revelação luisina”, mesmo porque a própria tese de Kardec é a da revelação contínua a partir da aceitação e do conhecimento da mediunidade. Antes de pensar em “novas revelações”, o de que precisamos com urgência é de estudo sistemático e mais aprofundado da obra de Kardec, incluindo não só os tomos da Codificação, mas também a *Revista Espírita*, por ele mesmo indicada como indispensável ao bom conhecimento da doutrina.”

Espiritismo e cultura brasileira

Fernando de Azevedo, professor da Universidade de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Letras, notável sociólogo, publicara em 1943 o volumoso e erudito livro *A Cultura Brasileira*, em cujas páginas escrevera por estar mal informado que “a expansão do Espiritismo em que se embriaga o misticismo devoto, iniciada no seio das classes mais baixas e incultas, tem as suas origens na ingenuidade e ignorância do público e na atração que por toda parte exercem as iniciações misteriosas, os

fenômenos tidos como sobrenaturais e as comunicações, por meio da mediunidade, entre o mundo visível e o invisível, entre vivos e mortos”.

Herculano Pires, após a leitura do texto acima, redigiu o artigo “Sobre o Cristianismo nascente”, que fez publicar em sua coluna espírita no “Diário de São Paulo” (edição de 12 de junho de 1960).

“A cultura brasileira – escreveu ele – é um livro sincero e honesto, que procura oferecer ao público um panorama verdadeiro do nosso movimento cultural. No tocante ao Espiritismo, entretanto, apresenta graves falhas e comprometedoras lacunas. As falhas são de interpretação, as lacunas de informação. Umas e outras compreensíveis, num erudito de formação católica. Não queremos corrigir o professor ilustre, mas cumpre-nos o dever de oferecer aos leitores espíritas alguns dados que restabeleçam o quadro da paisagem espírita em seus legítimos contornos, nesse painel da vida cultural brasileira.”

E as falhas e as lacunas foram apontadas e o quadro da paisagem espírita restabelecido. Fernando de Azevedo, escritor íntegro, leu o artigo e na quarta edição de *A Cultura Brasileira* (Edições Melhoramentos, 1964, pág. 267) transcreveu as informações históricas fornecidas pelo apóstolo de Kardec.⁸⁰

O caso Pietro Ubaldi

Escritor e sensitivo nascido em Gúbio (Itália) em 1886 e desencarnado no Brasil aos oitenta e cinco anos de idade, Pietro Ubaldi celebrizou-se com a obra *A Grande Síntese*, cujas páginas recebera intuitivamente da Alta Espiritualidade e cuja Entidade ele fazia conhecer com o pseudônimo de “Sua Voz”. Elogiada por cientistas, entre os quais Albert Einstein e Enrico Fermi (inventor da pilha atômica) e intelectuais do porte de Ernesto Bozzano, que a considerava “a mais extraordinária, concreta e grandiosa mensagem mediúnica”, foi *a Grande Síntese* primeiramente traduzida para o nosso vernáculo por Guillon Ribeiro e

publicada em 1939 pela Federação Espírita Brasileira. Mário Corbiolli também traduziu-a e dez anos depois a editora Lake, de Batista Lino, lançou-a (outros livros de Ubaldo foram publicados pela Lake, mas apenas *A Grande Síntese* era mediúnica) conquistando a intelectualidade espírita de norte a sul e recebendo elogios, inclusive do Espírito Emmanuel através da psicografia de Chico Xavier, que a chamou de “O Evangelho da Ciência”. Mas, terminada a fase de namoro com esses livros, as lideranças espíritas notaram que alguns conceitos ubaldinos conflitavam com o Espiritismo e os livros de Pietro Ubaldo passaram a ser vistos com reserva... Herculano Pires, com seu infalível bom senso, porém, escreveu estas palavras a respeito de Pietro Ubaldo:

“Simplesmente humano, ele é um espírito da maior amplitude, aberto às altas indagações da mais pura filosofia espiritualista. (...) O fato de Ubaldo não se dizer espírita, não se fiar à doutrina, não tem a menor importância, pois o que define a sua posição é a natureza da sua obra e não a sua opinião pessoal. Tanto mais, que ele afirma estar fora da sua consciência normal, sempre que trabalha os seus livros.”

Herculano Pires, admirador de *A Grande Síntese* (ele possuía a terceira edição impressa na Itália) foi, no entanto, o primeiro a apontar, publicamente, “falhas de percepção e alguns desajustamentos” na obra máxima do sensitivo italiano. E mais tarde assumiria atitude enérgica em relação às pretensões e críticas de Pietro Ubaldo à obra da Codificação. O fato deu-se por ocasião do Sexto Congresso Espírita Pan-americano realizado em outubro de 1963 em Buenos Aires. Ubaldo enviara ao congresso uma tese (vide o *Libro del Sexto Congreso*, págs. 296-304, editado pela Confederação Espírita Panamericana em 1964), cujo teor absurdo os ubaldistas de São Paulo divulgaram antes pela imprensa profana e cujas conclusões insólitas são estas:

- 1) o Espiritismo estacionou na teoria da reencarnação e na prática mediúnica;
- 2) não possuindo “um sistema conceptual completo”, não pode ele ser levado a sério pela cultura atual;

- 3) a filosofia espírita é limitada, não oferece uma visão completa do todo e “não abrange todos os momentos da lei de Deus”;
- 4) o Espiritismo não construiu uma “teologia espírita-científica, que explique o que a católica não explica”;
- 5) o Espiritismo corre o perigo de ficar parado no nível Allan Kardec, como o catolicismo ficou no nível São Tomás e o protestantismo no nível Bíblia.

E para “salvar” o Espiritismo, Pietro Ubaldi propunha que seus livros fossem adotados pelo movimento doutrinário...



No dia 11-08-1951, na redação do “Jornal de Notícias”, conheceram-se Herculano Pires (à esquerda) e Pietro Ubaldi (ao centro). Em pé: Batista Lino, um desconhecido e Wandick de Freitas.

Herculano Pires, com a rapidez que o assunto exigia, redigiu um artigo que fez publicar no “Diário de São Paulo” e na “Revista Internacional de Espiritismo”,⁸¹ do qual destacamos o seguinte trecho (ele ignorava, até então, que o congresso de Buenos Aires rejeitava a proposta de Ubaldi):

“A sua crítica ao Espiritismo, resumida nos cinco pontos acima, coincide com a dos adeptos menos instruídos da doutrina e pode ser respondida, ponto por ponto, por qualquer adepto de inteligência e cultura medianas, que conheça a Doutrina Espírita. Por outro lado, o oferecimento de suas obras ao Espiritismo revela desconhecimento da natureza da

nossa doutrina e das exigências metodológicas para a aceitação da proposta, que não cobre essas exigências.

Ubaldi desenvolveu suas faculdades mediúnicas à margem do Espiritismo. Seu primeiro livro, *A Grande Síntese*, apresenta curioso paralelismo com o Espiritismo, o que lhe valeu a simpatia e a amizade dos espíritas brasileiros. Na Itália ou no Brasil, porém, Ubaldi recusou-se sempre a integrar-se no movimento espírita, filiando-se à península na corrente Ultrafania, do prof. Trespioli, que pretende haver superado a concepção espírita. Em seu livro *As Noúres*, Ubaldi nos oferece a concepção ultrafânica da mediunidade, na qual enquadra o seu caso pessoal. É uma pretensiosa concepção de mediunidade cósmica, fugindo à naturalidade e simplicidade das comunicações espirituais entre espíritos desencarnados e médiuns. As pretensões de Ubaldi transformaram-no, de simples médium, em autor messiânico, agora arvorado em reformador do Espiritismo.

Respondemos aos itens de sua crítica da seguinte maneira:

- 1) O Espiritismo é uma doutrina evolucionista, como provam as suas obras fundamentais e o seu imenso desenvolvimento em apenas cem anos de existência;
- 2) O sistema conceptual espírita é completo e sua síntese está em *O Livro dos Espíritos*;
- 3) A filosofia espírita não pode abranger o Todo e muito menos “todos os momentos da lei de Deus”, porque isso não está ao alcance de nenhuma elaboração mental, no plano relativo da vida terrena;
- 4) A teologia espírita é limitada às possibilidades atuais do conhecimento de Deus, segundo ensina Allan Kardec, e essas possibilidades não admitem ainda a criação na Terra de uma teologia-científica, nem dentro nem fora do Espiritismo;
- 5) O “nível Allan Kardec não é o do Espiritismo, mas sim o nível Espírito da Verdade”, de quem Kardec, segundo dizia, foi um “simples secretário”.

E Herculano Pires assim encerra seu artigo:

“Não sabemos ainda como o Congresso de Buenos Aires recebeu a proposta de Ubaldi. De nossa parte, não obstante o respeito que votamos ao médium e sua obra, altamente inspirada, não poderíamos dar-lhe outra resposta, além da que apresentamos nestas linhas. Se Ubaldi tivesse lido *O Livro dos Espíritos*, certamente jamais faria a proposta que fez, mesmo porque a sua obra, como a de Flammarion, a de Delanne, a de Denis, a de Bozzano e tantas outras, longe de completar o Espiritismo, apenas procura desenvolver alguns dos grandes temas que o Espiritismo levantou e sustenta no mundo moderno.”

Informemos ainda que a comissão redatora dos anais do VI Congresso Espírita Pan-americano (congresso presidido pelo filósofo Humberto Mariotti) respondeu às críticas e pretensões de Pietro Ubaldi transcrevendo, integralmente, os cinco itens acima redigidos por Herculano Pires. Posteriormente, outros confrades refutaram a proposta de Ubaldi, inclusive Mariotti, de maneira brilhante.⁸²

Oito anos depois Hermas Culzoni, então presidente da Confederação Espírita Pan-americana, encontrou-se em São Paulo com Herculano Pires e convidou-o a participar do próximo congresso da CEPA.

“Não sei se irei à Argentina. – escreveu em 9 de novembro de 1971 ao amigo Deolindo Amorim. – Meu encontro com Culzoni deixou-me aborrecido. O homem quis impor-me condições. Tem um programa que deve ser cumprido à risca. As conclusões a que o congresso deve chegar já estão fixadas. Advertiu-me, sem muita tática, de que não devia tratar do problema religioso, que eu considero (e lhe disse isso) fundamental. Preferi não aprofundar o assunto, mas vi que a situação lá não me será favorável. Além disso, não posso fazer a viagem por minha conta. Eles custeiam tudo e isso me constrange ainda mais. Não, não irei. Estou escrevendo a eles agora mesmo sobre isso.”

E Herculano Pires não foi. Aliás, nunca saiu do Brasil, pois tinha consciência de que sua missão era aqui.

“A Pedra e o Joio”

A Doutrina Espírita tem sofrido agressões dentro do próprio movimento doutrinário, de que são exemplos o roustainguismo, o ramatisismo, o “espiritismo divinista” de Oswaldo Polidoro, as campanhas contra o aspecto religioso do Espiritismo, a pretensa superação da obra de Alan Kardec e as ridículas mistificações psicográficas que proliferam em quantidade assombrosa de norte a sul do país.

A propósito escreveu Herculano Pires:

“Urge que os espíritas sensatos e responsáveis tomem posição contra essa avalanche de absurdos, tenham a coragem e a franqueza de falar a verdade em defesa do Espiritismo, doa a quem doer.”

Essa atitude de defensor intransigente da integridade da Doutrina Espírita o apóstolo de Kardec – já o dissemos – assumiu durante os quarenta e poucos anos em que atuou no movimento doutrinário nacional, pois além da cultura enciclopédica, sobravam-lhe coragem, franqueza e amor pela nossa doutrina. E por compreender desde jovem que “a defesa da verdade está sempre acima dos melindres pessoais”, assumiu a defesa da obra de Chico Xavier em 1962, quando o Movimento Universitário Espírita de São Paulo e o Grupo Espírita Emmanuel, da cidade de Garça – grupo liderado por Rolando Ramaciotti, o qual editaria mais tarde livros de Chico Xavier – denunciaram Divaldo Pereira Franco de plagiar mensagens e copiar frases (particularmente de Emmanuel) psicografadas por Chico Xavier e Waldo Vieira e atribuí-las a outros espíritos através de sua “própria” mediunidade. As instituições acima já haviam enviado aos centros espíritas mais de trinta mil folhetos que confrontavam esses textos, quando J. Herculano Pires, pela imprensa, entrou em ação. Chico Xavier, por determinação de Emmanuel, somente voltou a encontrar-se com o admirável orador baiano quinze anos após o escândalo.



Herculano Pires, Waldo Vieira e Chico Xavier

Mais grave, talvez, que o episódio acima foi a publicação do livro *A Teoria Corpuscular do Espírito*, de autoria de Hernani Guimarães Andrade, amigo de Herculano Pires e frequentador de seu lar. Engenheiro e culto, estreava na literatura, mas nessa obra já se apresentava como “renovador” da Doutrina Espírita... Eis algumas afirmações suas:

“O Espiritismo ressent-se de falta de teorias que lhe facultem avanço seguro na estrada da pesquisa metódica de laboratório.

Allan Kardec declarou em suas obras que o Espiritismo abriria mão dos conceitos expostos a favor das conquistas da ciência oficial.

A Ciência Espírita precisa progredir até mesmo, se necessário, à custa de reforma nos seus postulados.”

E mais:

“Os adeptos da doutrina devem ter a coragem de voltar atrás se preciso; reformar conceitos velhos; sacudir o pó da suposição para descobrir a realidade soterrada; abrir mão do dogmatismo comodista e ignorante, que se aferra à forma e esquece o espírito. (...)”

Afirmações ousadas do nosso confrade, que prometia outros volumes para complementar sua teoria... Herculano Pires respondeu ao amigo com uma série de artigos publicados em sua

famosa coluna espírita dominical no “Diário de São Paulo” e depois enfeixou-os em um livro que recebeu o título de *A Pedra e o Joio*, em cujas páginas lê-se estes tópicos:

“Se a teoria corpuscular fosse apresentada como doutrina à parte, sem nenhuma ligação com o Espiritismo, pouco nos interessaria. Mas, tratando-se de uma nova tentativa de reforma doutrinária, somos obrigados a encará-la com a devida firmeza.”

E o mestre acrescenta:

“... a teoria corpuscular do espírito representa um retrocesso. Reduz o espírito à matéria e condiciona o seu aparecimento e o seu desenvolvimento às influências materiais. Além disso, a teoria se apresenta como um arranjo sincrético, uma mistura de concepções diversas, às vezes até contraditórias. Falta-lhe orientação lógica. Empirismo filosófico, elementarismo psicológico, atomismo grego, monadismo leibniziano, misticismo hinduísta, espiritismo kardeciano e relativismo científico moderno são misturados ao sabor das conveniências..”

E, referindo-se de um modo geral aos pretensos reformadores de Kardec, aos quais chamava de “novidadeiros”, acentuou:

“A mania do cientificismo vem produzindo grandes estragos em nosso movimento espírita. Qualquer possuidor de diplomas de curso superior se julga capacitado a transformar-se em cientista do dia para a noite. E logo consegue uma turma de adeptos vaidosos, prontos a seguir o iluminado que lhes empresta um pouco do seu falso brilho. O desejo de elevar-se acima dos outros, conhecendo mais e sabendo mais, é praticamente incontrolável na maioria das pessoas. (...) Afrontam e amesquinham Kardec na vaidosa suposição de que o estão auxiliando, quando não o agridem abertamente, com o menosprezo à sua missão espiritual e a sua qualificação cultural. Não foram ainda capazes de encarar a missão de Kardec e a obra de Kardec sem pensar primeiro em si mesmos e nas suas

supostas capacidades culturais ou supostas habilitações espirituais.”

Em carta endereçada ao jornalista Agnelo Morato, em 08 de julho de 1971, escreveu Herculano Pires:

“A doutrina é o que de mais importante existe no mundo. Sua missão é divina – a do Consolador. As trevas lutam contra ela por todos os meios, servindo-se particularmente dos elementos que podem fascinar em nosso próprio movimento. Se não estivermos alertas e não soubermos discernir iremos de roldão. A massa espírita é ingênua, simplória, invigilante. Se nós que estamos nas primeiras linhas não soubermos guardar-nos e repelir as manobras das trevas, terminaremos responsáveis pelo fracasso da Doutrina. Seremos os novos Judas, inquietos e invigilantes como ele o foi.”

Cerca de quinze anos depois, lembrando sua intervenção no caso da teoria corpuscular, Herculano Pires abordou em um artigo a questão da crítica no Espiritismo,⁸³ do qual pinçamos, à guisa de ilustração, este trecho:

“Sem crítica não há correção de erros, não há renovação de conceitos nem abertura de perspectivas para a evolução. Pode o espírita desprezar e condenar a crítica? Se o pode, como julgar a legitimidade ou não das comunicações mediúnicas, como poderá passar as mensagens pelo crivo da razão, segundo a recomendação de Kardec, como enfrentará as mistificações que hoje, mais do que nunca, brotam e se propagam como tiririca no meio da seara? Como apreciará o que é bom e o que é mau, o que é certo e o que é errado? Quem renuncia a julgar (e, portanto, a criticar) está condenado a viver no erro e a ajudar a divulgação da mentira contra a verdade. (...) Quando critiquei uma teoria esdrúxula que apareceu em São Paulo, sob a responsabilidade de um companheiro culto, muitos espíritas se escandalizaram. Mas hoje muitos dos escandalizados me dão a mão à palmatória. A falsa teoria não conseguiu manter-se em pé. A crítica serviu para abrir os olhos a muitas pessoas de boa vontade, mas desprovidas de senso crítico, que estavam se deixando fascinar pela novidade.”

“O Verbo e a Carne”

O roustainguismo, doutrina herética pregada pelo advogado francês J. B. Roustaing, defende, entre outras aberrações, a ideia monstruosa de que Jesus, quando vivera na Terra, era agênera, ou seja, não fora gerado. Não possuía corpo de carne e osso. Herculano Pires, por haver lido quando jovem a propaganda que a Federação Espírita Brasileira, paradoxalmente, fazia da obra *Os Quatro Evangelhos*, de J. B. Roustaing, teve o que podemos chamar de grave “acidente doutrinário”. É ele quem nos conta:

“Nos idos de 1940 estávamos ainda na novidade e havíamos nos tornado espíritas há poucos anos e não tivéramos tempo de aprofundar o conhecimento da Doutrina. A FEB fazia então grande propaganda da obra de Roustaing, afirmando que se tratava da única interpretação total dos Evangelhos publicada em toda a Cristandade. Nessa época o Reverendo Othoniel Motta publicou o seu livro *Temas Espirituais*, em que relata suas experiências espíritas positivas, reconhecendo a veracidade dos fenômenos, mas combatendo a doutrina como diabólica. Analisamo-lo, no ardor da juventude, num folheto intitulado “És Mestre...”, publicado na “Revista Internacional de Espiritismo”, de Matão, e feito em separata pela Editora “O Clarim”. Levado pelas informações da FEB, citamos de passagem *Os Quatro Evangelhos*. E um espírita da Bahia escreveu-nos a respeito, felicitando-nos pelo trabalho, mas lamentando a citação infeliz. Fomos consultar a obra famosa e ficamos envergonhado. Graças a Deus Othoniel não recorreu a ela. Caso semelhante aconteceu a Carlos Imbasahy, segundo ele nos relatou pessoalmente.”⁸⁴

Explica-se, assim, por que Herculano Pires em artigos e livros tece comentários alertando os leitores contra o roustainguismo.

“O maior caso de mistificação – escreveu ele –, capaz de levar qualquer pessoa à fascinação, é a obra *Os Quatro Evangelhos*, de Jean-Baptiste Roustaing, que a Federação Espírita Brasileira tomou como fundamento da sua orientação doutrinária. (...) Nessa obra, Jesus é transformado num mistificador

que fingiu nascer mas não nasceu, fingiu mamar mas não mamou, fingiu morrer na cruz mas não morreu, fingiu ressuscitar mas não ressuscitou, pois era um agênera, uma criatura não gerada, uma simples *aparição tangível* que combinou no espaço encontrar-se na Terra com Maria Madalena. (...)

Roustaing é o anti-Kardec, mente confusa, misticismo beato e, portanto, vulgar, credice popularesca, falta absoluta de critério científico, desprezo pelos dados históricos, mitologia arcaica, raciocínio confessadamente avariado, aceitação pacífica de teses clericais obscurantistas, posições anedóticas na explicação dos fatos evangélicos (a falsa gravidez de Maria, Jesus-menino fingindo que sugava o seio da mãe e devolvendo-lhe magicamente o leite aos vasos sanguíneos em forma de sangue, espíritos superiores reencarnando em mundos interiores como criptógamos carnudos, em forma de lesmas em carne humana e assim por diante). Um montão de ridicularias que se repetem nos cansativos volumes da obra num ritornelo desesperante. E homens de cultura regular (não pode ser superior) a vangloriar-se dessas tolices a ponto de considerarem a FEB – pasmem as criaturas de mediano bom-senso – como a Casa-Máter do Espiritismo. Ignoram certamente a existência histórica da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e todo o trabalho exaustivo de Kardec. Várias Federações Estaduais atrelaram-se ao carro funerário dessa mistificação. (...)

Bastam esses fatos para nos mostrar que o Espiritismo é o Grande Desconhecido dos próprios espíritas.” – concluiu o mestre constrangido, mas com razão.

E em 1972, tendo ido com Jorge Rizzini visitar o inesquecível Júlio Abreu Filho internado em uma clínica, prometeu-lhe reeditar e prefaciá-lo seu livro sobre o roustainguismo. E, ao examiná-lo, percebeu a necessidade de acrescentar uma segunda parte. A obra em parceria com Júlio ganhou o título *O Verbo e a Carne* e o subtítulo “Duas Análises do Roustainguismo”. Veio a lume em 1973 pelas Edições Cairbar, mas Júlio Abreu Filho não chegou a vê-la. Desencarnara semanas após a visita de Herculano Pires acompanhado do autor destas linhas.

A grande batalha

Este é o capítulo mais dramático da vida de José Herculano Pires e um dos mais importantes da história do Movimento espírita mundial. Batalha épica, deixamo-la para as páginas finais deste livro. Vamos descrevê-la baseados em informações contidas em artigos de jornal inéditos em livro e redigidos por Herculano Pires no ardor da batalha e, evidentemente, em seu livro *Na Hora do Testemunho*. Acresce, ainda, que o autor desta biografia acompanhou todo o desenrolar da batalha, hoje histórica. E dela foi partícipe.

A crucificação do Evangelho

Em 1973 o jornalista Paulo Alves Godoy mantinha cargos diretivos na Federação Espírita do Estado de São Paulo e na União das Sociedades Espíritas de São Paulo. Ele e o confrade Jamil Nagib Salomão (o qual nessa época dirigia a importante Área de divulgação da FEESP) foram a Uberaba visitar o médium Chico Xavier. No decorrer da conversa em meio ao povo o famoso médium dissera, inadvertidamente, que certas expressões de Allan Kardec contidas no Evangelho deveriam ser abrandadas, sem que, no entanto, o pensamento do Codificador sofresse alteração... Na viagem de regresso Jamil Salomão incumbiu Paulo Alves de Godoy de traduzir *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, porém substituindo e até mesmo suprimindo expressões que lhe parecessem agressivas ou inadequadas. Paulo Alves Godoy, por ingenuidade ou vaidade (note-se que já era autor de livros sobre Jesus e os evangelhos...) aceitou a tarefa. Quanto a Jamil Salomão, comerciante experiente, acreditava que a tradução “moderninha” (conforme ele dizia), por ser novidade e trazer o selo da Federação Espírita do Estado de São Paulo, retiraria do mercado em curto prazo a tradução de Guillon Ribeiro e a de Herculano Pires, enchendo, assim os cofres da FEESP...

O trabalho de lesa-doutrina fora realizado sigilosamente, como que na calada da noite, por Paulo Alves Godoy, sob o olhar vigilante de espíritos trevosos. Há de admirar-se o leitor que a diretoria da FEESP aprovasse o plano umbralino, mas o ambiente estava propício para o delito, porque o ensino e a prática mediúnica espíritas nessa instituição mesclavam-se ainda ao orientalismo e esoterismo. A Doutrina Espírita não era estudada diretamente nas obras de Allan Kardec.⁸⁵

A tradução sinistra de Paulo Alves Godoy (na verdade, uma montagem baseada em traduções alheias) foi impressa em julho de 1974 na cidade de Araras. Edição de trinta mil exemplares! Lançada em outubro juntamente com o Instituto de Difusão Espírita de Araras, sob a direção de Salvador Gentile, boa parte da edição fora vendida antecipadamente aos centros espíritas. O confrade Stig Roland Ibsen, proprietário da Livraria Boa-Nova, em São Paulo, também colaborou, distribuindo o resto da obra às livrarias. Quando, pois, Jamil Nagib Salomão e Josian Courté enviaram um exemplar a Herculano Pires, já o evangelho adulterado estava no mercado.

Herculano vai à luta

Grande foi o impacto sofrido pelo mestre ao examinar a tradução. Jorge Rizzini visitou-o no dia seguinte. Herculano Pires apresentava palidez acentuada. Foi com amargura que disse:

– Já viu o que fizeram n’*O Evangelho Segundo o Espiritismo*? É inacreditável. Paulo Alves Godoy adulterou-o. Edição FEESP.

– E Carlos Jordão da Silva e Luiz Monteiro de Barros? O presidente da federação e o vice concordaram?

– Concordaram. E pareciam espíritas convictos!

E Herculano Pires contou que Luiz Monteiro de Barros o visitava com assiduidade e que, certa vez, ao conversar sobre Jesus e os textos evangélicos, fora tomado por intensa emoção e confessou, quase em lágrimas, ter certeza de que em uma de suas vidas anteriores adulterara o evangelho.

– O passado agora falou mais alto e eles, juntamente com Paulo Alves Godoy, não resistiram às vozes da treva – concluiu Herculano.

– E o que você pretende fazer?

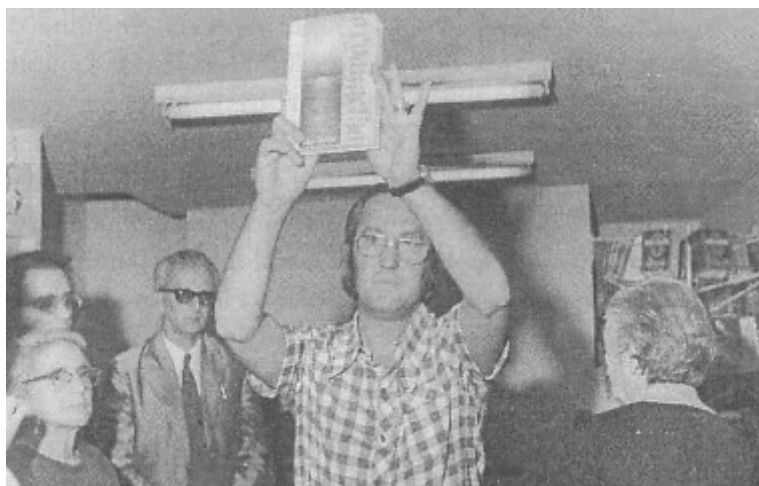
Herculano Pires recordou-se das palavras de Allan Kardec contidas em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (capítulo X, item 21):

“Conforme as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode ser um dever, pois é melhor que um homem caia do que muitos sejam enganados e se tornem suas vítimas.”

E respondeu:

– Alertar o movimento espírita de norte a sul! Infelizmente o nome da federação será citado, embora a instituição não tenha culpa da irresponsabilidade de seus atuais diretores.

O mestre estava indignado, pois adulterar as obras de Kardec e dá-las ao povo é pior do que queimá-las, como fez o bispo de Barcelona.



Josian Courté, do Departamento do Livro Espírita da FEESP, exibe um exemplar de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* adulterado, durante o lançamento na livraria da Federação

A luta em defesa do Evangelho seria mais difícil de ser vencida que a das “materializações de Uberaba”, porque os inimigos estavam integrados no movimento espírita.⁸⁶ Na verdade, Carlos Jordão da Silva, Luiz Monteiro de Barros, Jamil Salomão, Paulo

Alves Godoy e Josian Courté sentiam-se acobertados pelo prestígio da então maior instituição espírita do mundo (considerada “reduto dos kardecistas”) e não acreditavam que Herculano Pires ousasse vir a público denunciar o crime de lesa-doutrina por eles praticado.

Fatal engano o desses confrades.

“Nenhum espírita consciente do valor e do significado real da Doutrina Espírita pode cruzar os braços e calar a boca diante dessa calamidade. – disse o mestre – Trata-se de um gravíssimo problema de cultura. Estamos reduzidos, perante os homens de cultura, à condição de uma súcia de ignorantes, de místicos retrógrados, incapazes de compreender a própria doutrina que esposam.”

E redigiu imediatamente um artigo-denúncia intitulado “Adulteração das Obras de Kardec”, que o “Diário de São Paulo” estampou em sua edição dominical e que teve o efeito de uma bomba no movimento doutrinário. Dias depois, surpreendentemente, o confrade Alfredo Cruso, que fizera parte da diretoria do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo e que dirigia uma gráfica, presenteou Herculano Pires com sessenta e quatro mil folhetos reproduzindo o artigo-denúncia. O Grupo Espírita Cairbar Schutel, que funcionava na residência de Herculano Pires e por ele presidido, incumbiu-se da distribuição em todos os Estados brasileiros.

“É inacreditável – escreveu o mestre – que a adulteração tenha partido de onde partiu. Mas a edição aí está, na própria livraria da Federação, num lançamento de trinta mil volumes para venda a preços populares. Com ela, a Federação quebra o clima de respeito pelos textos das obras básicas do Espiritismo. De agora em diante, os reformadores de Kardec terão as mãos livres para fazer as alterações com que vêm sonhando há muitos anos, de forma a adaptar, cada grupo, essas obras à sua maneira particular de encarar os problemas espíritas. Mais grave se torna o caso diante da ameaça de lançamento de toda a Codificação em novas traduções por esse mesmo processo.”

E após mostrar exemplos da adulteração espalhados por todo o livro, escreve o mestre com o necessário vigor:

“Ninguém, sob nenhum pretexto, tem o direito de fazer adulterações nos textos de Kardec ou de qualquer autor de obras doutrinárias ou não. Quando se trata de obras básicas de qualquer doutrina, essa prática é considerada criminosa. E o crime é tanto mais grave quando praticado em obras de autor já falecido e cujos direitos autorais caíram no domínio público. Porque a figura jurídica do domínio público resguarda a integridade da obra, permitindo apenas que ela seja publicada por qualquer editor sem pagamento de direitos autorais.

No caso das obras de Kardec, que constituem o fundamento doutrinário do Espiritismo, cabe às instituições espíritas zelar pela sua integridade, impedir a sua desfiguração por qualquer editor irresponsável. Mas se as próprias instituições doutrinárias se puserem a desfigurar essas obras, quem as defenderá, quem resguardará a sua integridade? E que respeito mostramos pela Doutrina, quando somos os primeiros a deturpar os seus fundamentos?

Não se diga que as alterações são poucas e superficiais. Damos aqui alguns exemplos, mas esses casos citados se estendem por todo o volume, constituindo uma adulteração geral da obra. Não são superficiais, porque afetam a estrutura da obra e o seu próprio sentido, tiram-lhe a seriedade e a precisão terminológica, envolvendo-a no ridículo e amesquinhando a posição intelectual de Kardec. Só resta à Federação uma medida urgente: retirar a edição de circulação e sofrer o prejuízo decorrente da falta de critério desse lançamento.”

E mais fez o apóstolo de Kardec. Em seu programa de grande audiência “No Limiar do Amanhã”, na Rádio Mulher, denunciou a adulteração enquanto seu amigo Jorge Rizzini, que desde a primeira hora esteve ao seu lado e que produzia e apresentava o programa “Um Passo no Além”, na Rádio Boa-Nova e Rádio Clube de Sorocaba, irradiava, semanalmente, uma entrevista de Herculano Pires sobre o doloroso assunto. Os adulteradores, então, pressionados, viram-se obrigados a vir a público.

Reagem os adúlteros

O presidente da FEESP, Carlos Jordão da Silva, remetera à direção daquelas emissoras de Rádio esclarecimentos sobre a “nova tradução” do Evangelho, solicitando fossem divulgados nos programas que a denunciavam. O documento traz a data de 30 de outubro de 1974 e dele destacamos o primeiro item, cuja mentira causa pasmo. Ei-la:

“A iniciativa (da FEESP) de editar tradução de sua responsabilidade deve-se ao fato não de julgar insatisfatórias as traduções existentes, mas sim à contingência de não poder delas se utilizar sem pagar direitos. (...)”

Ora, a verdade cristalina é que a FEESP já havia publicado em julho de 1970 (quatro anos antes da adulteração) uma edição de *O Evangelho* traduzida por Herculano Pires, cujos direitos ele cedera, gratuitamente, à instituição, que imprimira doze mil exemplares. Quatro meses depois foi lançada a segunda edição (mais doze mil exemplares). A terceira edição a FEESP pôs à venda em setembro de 1971 (quinze mil exemplares), totalizando em tão curto período trinta e nove mil exemplares!

Posteriormente, em 1973 (note o leitor: um ano antes da adulteração) Herculano Pires entregara à Federação Espírita do Estado de São Paulo outro documento sobre os direitos de edição de suas traduções das obras de Allan Kardec. Tem por título “Concessão de Direitos Autorais”. Nele o mestre escreveu o que passamos a transcrever:

“Pelo presente documento concedo à Federação Espírita do Estado de São Paulo o direito de publicar todas as obras de Allan Kardec de minha tradução, sem qualquer pagamento de direitos autorais. Essas obras são, até o momento: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *Obras Póstumas*. Não se tratando de simples tradução, mas de cuidadosa reelaboração dessas obras em nossa língua, antecedidas de prefácios explicativos e notas e comentários esclarecedores, constituem-se esses volumes em obras de reelaboração literária, com texto

específico, não podendo ser editada com exclusão de nenhum dos seus elementos constitutivos.

Tendo concedido a publicação inicial das mesmas, através dos documentos necessários, às seguintes livrarias: Editora Cultural Espírita Ltda – EDICEL, e Livraria Allan Kardec Editora – LAKE, bem como à Editora Calvário (a esta com aprovação das duas anteriores), vai este documento também assinado pelas referidas concessionárias. (...)”

A atitude correta a ser tomada por Carlos Jordão da Silva seria, pois, reconhecer com humildade o delito doutrinário gravíssimo, mas o orgulho ferido prevalecera e ele preferiu defender-se com a mentira, embora o Evangelho fosse o tema da polêmica.

Herculano Pires, ao ler os “esclarecimentos” de Carlos Jordão da Silva, enviou-lhe uma longa carta datada de 7 de novembro, da qual extraímos os seguintes tópicos:

“Li, com surpresa e amargor, o pronunciamento dessa Federação, tentando justificar a adulteração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, na infeliz tradução de Paulo Alves Godoy. Considero estranha e desoladora essa atitude da FEESP, que lança definitivamente o nosso movimento doutrinário no despenhadeiro das deturpações da obra de Kardec. Alimentei durante anos a esperança de que a presença de velhos militantes como Carlos Jordão da Silva e Luiz Monteiro de Barros, na direção dessa casa, conseguisse arredá-la dos caminhos tortuosos que há muito vinha seguindo em suas práticas internas. Vejo agora que minha esperança não passava de um sonho, de uma ingênua ilusão. Esse pronunciamento único e, portanto, decisivo selou a sorte da FEESP: coube-lhe o papel de iniciadora, no Brasil e no mundo, de um processo imprevisível de desfiguração dos textos fundamentais da Doutrina Espírita.

Os itens esclarecedores da justificativa revelam o clima de tensão emocional, de paixão grupal que envolve essa casa, tirando aos seus dirigentes mais lúcidos a possibilidade de ver os descaminhos a que se lançam. Consuma-se, assim, a falência das instituições de cúpula da direção do movimento espí-

rita brasileiro. De um lado temos a FEB dominada pela fascinação roustainguista e de outro lado a FEESP, que parecia o baluarte sulino da resistência kardecista, voltada para a triste tarefa de uma suposta atualização dos textos doutrinários, eufemismo que mal encobre o crime evidente da adulteração. Ou os diretores da FEESP não conhecem o sentido dessa palavra?

Lamento não ter podido usar uma linguagem untada de fraternismo adocicado, nem sempre usado na FEESP, mas exigida para os que a ela se dirigem. Meu temperamento se afina com a linguagem usada nos Evangelhos, nas epístolas e nos trabalhos sinceros e francos de Kardec. Não vejo outra maneira de sermos fiéis à verdade. Entre a rudeza agressiva e a voz clara da verdade há grande distância, que nem todos percebem. Nunca pretendi agredir, mas apenas dizer o que sinto e penso com as palavras certas, exatas, sem simulações, segundo aprendi no Espiritismo

Se a FEESP deseja críticas construtivas, penso que as ofereci com toda a sinceridade, mostrando alguns dos pontos essenciais da adulteração cometida na tradução em causa. Não me foi possível fazê-las em particular, na forma de confissão auricular, por dois motivos: 1º) porque sou avesso a esse tipo de conversação de comadres; 2º) porque tive de enfrentar o fato consumado de uma edição adulterada já lançada à venda, oferecida ao público. Nessa condição, não me cabia apenas falar aos dirigentes ou pedir-lhes explicações, mas também e sobretudo advertir o público, submetido a um processo evidente de mistificação doutrinária. Cumpri o meu dever de espírita e de jornalista e escritor espírita.

Não guardo ressentimento contra ninguém. Não sou contra ninguém. Sou contra a adulteração, contra a linguagem fingida, contra o espírito conventual, contra a pretensão ingênua dos que se julgam capazes de corrigir as obras de um mestre da língua, da lógica e do espírito, como Allan Kardec. Os que puderem me suportar assim, continuarão certamente meus amigos. Aos que não puderem, e aos que fazem insinuações caluniosas contra mim, dirigirei pensamentos de amor e com-

preensão, pois devemos amar a todos e compreender os que erram.”

Como era de prever-se, Carlos Jordão da Silva e Luiz Monteiro de Barros (Herculano Pires até então os considerava “grandes e velhos amigos, companheiros de longos anos de militância espírita”) silenciaram e continuaram a apoiar a divulgação e a venda de *O Evangelho* adulterado. Os “esclarecimentos” remetidos a Roberto Montoro, diretor da Rádio Mulher, foram, no entanto, lidos no programa “No Limiar do Amanhã” com a aquiescência de Herculano Pires. Mãos de gato, porém, agiam nos estúdios da Rádio Mulher. O programa mais completo sobre a adulteração havia sido misteriosamente desgravado. E o segundo, que abordava também com detalhes o crime de lesadoutrina, não fora irradiado, dando a impressão aos ouvintes que Herculano Pires desistira de defender o Evangelho de Jesus. O mestre, então, não mais pôs os pés naquela Emissora.

“No dia 23 o programa “No Limiar da Manhã” voltou ao ar de maneira aparentemente normal. Mas todos os ouvintes puderam sentir que não era mais o mesmo. A voz de Herculano não estava presente. Copiavam-lhe o sistema, a estrutura, mas logo de início faltava aquela frase viril que sempre o caracterizou: *Um Desafio no Espaço!* Não havia mais desafio. A verdade fora esmagada em favor das conveniências. E nem um aviso, nem uma nota sobre a ausência do seu criador, do homem que o lançara e mantivera no ar durante quatro anos seguidos.”⁸⁷

Dias depois Herculano Pires teria a confirmação de que fora o Grupo Espírita Emmanuel, da cidade de São Bernardo do Campo, o qual patrocinava simbolicamente as transmissões, o responsável pelos atos de vandalismo que resultaram no desfecho dramático do programa “No Limiar do Amanhã”. Note o leitor que o fundador (e líder do referido grupo) era o editor Rolando Ramaciotti, que Herculano Pires acreditava ser um grande amigo...⁸⁸

Resposta aos detratores

Alguns atos de Herculano Pires em defesa da obra de Allan Kardec foram quase simultâneos, porque a batalha estendera-se a outros Estados brasileiros. O mestre desdobrava-se apoiado pela Espiritualidade Superior. Escrevera outro artigo-denúncia e enviara ao jornal “Mundo Espírita” (órgão da Federação Espírita do Paraná), que o publicou na edição de 31 de dezembro de 1974, além de cartas a confrades que o denegriam instruídos pelos adúlteros. Antes de transcrevermos algumas dessas cartas, narremos já seu plano olímpico, epopeico, que pôs fim ao escândalo da adulteração.

São de Herculano Pires estas palavras:

“Estamos diante desta realidade estarrecidora: o movimento espírita se dividiu em duas partes, uma que sustenta a verdade e outra que defende a mentira, a deturpação dos textos. É dura esta realidade, bem o sabemos, mas é real, concreta, palpável, inegável. Chegamos a um momento decisivo, a um divisor de águas. Não há mais lugar para acomodações, para indecisões, para o “jeitinho” dos que preferem as conveniências. Ficamos com a verdade ou ficamos com a mentira. Uma frase evangélica define esta situação: *Seja o teu falar sim, sim; não, não; pois o passar disto vem do maligno.*

Não podemos recuar, nem calar. O que está em jogo não é a nossa opinião pessoal ou grupal, a nossa verdade particular. O que está em jogo é o Espiritismo, a Verdade Universal pregada por Jesus, destruída nas fogueiras da mentira e ressuscitada pelo Espírito da Verdade.”

E Herculano Pires, o apóstolo de Kardec, expôs a ideia de publicar um jornal em forma de tabloide, cujo número inicial seria inteiramente dedicado ao problema da adulteração. A edição de quarenta mil exemplares seria distribuída gratuitamente pelo Grupo Espírita Cairbar Schutel, que ele presidia e que funcionava na garagem de seu lar. O jornal, porém, não tinha nome e seu amigo Jorge Rizzini sugeriu “Mensagem Espírita”,

mas Herculano Pires desejava que circulasse também fora do movimento doutrinário, e o título ficou sendo “Mensagem”.⁸⁹

Os quarenta mil exemplares lançados em dezembro de 1974 circularam na maioria dos centros espíritas do país e repercutiram intensamente. Assemelhavam-se a quarenta mil bombas de efeito moral. Na primeira página (impressa em duas cores) lia-se a seguinte manchete: *Adulteradores da obra de Kardec impedem a divulgação da verdade.*

O jornal em seguida reproduzia o “script” do programa “No Limiar do Amanhã” escamoteado pelos adulteradores; programa em que o mestre analisara o pronunciamento da FEESP sobre a maligna “tradução” de Paulo Alves Godoy. A vitória do Evangelho sobre a mentira parecia desenhar-se no horizonte, pois pequeno grupo de confrades ilustres passara a apoiar publicamente a campanha liderada por Herculano Pires: Messias Antônio da Silva, Jorge Borges de Souza, Aureliano Alves Neto, Alfredo Miguel, Deolindo Amorim, Guido Del Picchia, Agnelo Morato; e mais um ou dois confrades. Entre os jornais reticentes, silenciosos, mas coniventes com o crime de lesa-doutrina, temos de citar, lamentavelmente, o de Freitas Nobre, diretor de “Folha Espírita”. “Esse jornal – escreveu Herculano Pires em “Vigilância”, suplemento de “Mensagem”) – segue uma linha de omissão comprometedora, a ponto de nem sequer ter noticiado que houve uma adulteração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em São Paulo.”

Outro órgão que envergonhou a imprensa espírita foi o “Jornal Espírita”, do novo proprietário da Livraria Allan Kardec Editora (LAKE), o argentino naturalizado brasileiro Roberto Ferrero. “O “Jornal Espírita”, que havia quebrado a tradição kardecista do movimento espírita paulista divulgando, inclusive, o roustanguismo, em seu segundo número – registra Herculano Pires em “Mensagem”, edição de agosto de 1975 –, atreveu-se a reproduzir o artigo de fundo de nosso número anterior (artigo estampado em “Mensagem”) adulterando-o e apresentando-o como escrito especialmente para as suas páginas. Trata-se do estudo “Chico Xavier, o homem, o médium e o mito”, do qual foi simplesmente cortada a parte final que se referia ao pronúnci-

amento decisivo do famoso médium contra a adulteração das obras de Kardec.”

Os quarenta mil exemplares de “Mensagem”, expondo, corajosamente, diante do movimento espírita brasileiro a nudez da verdade, irritaram os que se confraternizavam secretamente, inclusive por carta, com os adulteradores. Leia-se a resposta de Herculano Pires enviada em 15 de abril de 1975 ao livreiro e editor Stig Roland Ibsen (um dos distribuidores do Evangelho apócrifo às livrarias), da qual extraímos estes trechos reveladores:

“O que você entende, Stig, por caridade? Cumplicidade com o erro, com o atrevimento, com a profanação? Onde há caridade: em preservar para o povo a verdade dos textos ou aprovar a desfiguração da verdade para satisfazer nossas preferências pessoais? Jesus foi descaridoso quando disse pesadas palavras aos fariseus para despertar-lhes a consciência vaidosa? Devia elogiá-los por recusarem a verdade límpida que ele ensinava?

Há coisas, Stig, que se chamam convicção, amor pela doutrina que se professa, respeito pela III Revelação, reconhecimento de nossa pequenez diante da grandeza espiritual do Evangelho, de Jesus e do Espírito da Verdade. Minha consciência não me permite faltar a essas coisas.

(...) É realmente triste, para mim, ter de reconhecer e precisar dizer de público que Chico revelou desconhecer a extensão de sua responsabilidade no campo doutrinário. Mas a verdade é essa, pois se o reconhecesse não teria formado com Paulo e Jamil o trio interessado em “abrandar” o Evangelho. Chico entrou numa canoa furada por invigilância, como ele mesmo confessa, e ainda agora, reconhecendo o erro, quer sustentá-lo para não faltar com a solidariedade aos dois patetas, sem se lembrar das consequências que o seu endosso a essa miserável trapaça, filha da ignorância e da vaidade, poderá acarretar para o movimento espírita. É duro dizer isto, mas é verdade.

O que está em causa, Stig, não é a opinião deste ou daquele, é a DOCTRINA, é o ESPIRITISMO! O precedente da FEESP a coloca abaixo da própria FEB, abrindo oficialmente as comportas da deturpação de toda a obra de Kardec. Só posso admitir que isso tenha acontecido, e que vocês persistam na defesa dessa barbaridade sem limites por motivo de uma fascinação coletiva. Se qualquer borrabotas se põe a corrigir Kardec, Jesus e o Espírito da Verdade, com ares de sabichão e santarrão, sob a custódia de uma instituição doutrinária de renome, onde vamos parar?

(...) Tudo eu podia esperar do nosso pobre movimento espírita, menos essa burrice desmedida, essa besteira colossal, essa prova esmagadora de que dirigentes espíritas brasileiros não têm o mínimo senso de suas responsabilidades espirituais nesta hora do mundo. É uma vergonha o que aconteceu. Só podemos lembrar a advertência de Jesus: “Não atireis pérolas aos porcos...” Sim, porque os porcos não querem pérolas, querem milho. Estamos moralmente falidos. E é só, pois abaixo disso nada mais existe.”

Não há como contestar as palavras do apóstolo de Kardec. Além de receber críticas às vezes ferinas, o mestre foi caluniado por defender publicamente a pureza ideológica. A propósito, vamos destacar, para a meditação do leitor, trechos de uma carta de Herculano Pires endereçada em 10 de abril de 1975 a Antônio de Souza Lucena (autor de livros contendo resumos biográficos em parceria com Paulo Alves Godoy):

“Surpreendeu-me dolorosamente e chegou mesmo a causar-me indignação a maneira leviana e caluniosa com que o senhor se referiu a mim e a Rizzini, em longa e tenebrosa carta que dirigiu a Alfredo Miguel, dando-lhe ainda a licença de nos transmitir o texto da mesma.

Peço-lhe informar-me, pela volta do correio, quem foi que lhe deu as informações que tão levianamente transmitiu a outrem, sobre as minhas atividades espíritas e particularmente a minha posição no caso vergonhoso da adulteração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Quem lhe pregou a mentira

caluniosa, e como o fez, de que eu recebia 40 por cento de direitos autorais da minha tradução (GRATUITAMENTE concedida à LAKE, à Editora Calvário, à EDICEL e... à Federação Espírita do Estado de São Paulo). Cedi ainda gratuitamente a minha tradução à Editora 3 (leiga) da revista “Planeta”, para uma edição de 70 mil exemplares que foi vendida em bancas de todo o Brasil. Divulguei isso amplamente e ninguém me contestou, porque não há contestação possível. Peço ao senhor que me indique o caluniador, a fim de tomar minhas providências a respeito.

Aquilo que o senhor chamou em sua carta de “sujeira” realmente o era, mas não praticada por mim e sim pelos seus informantes, aos quais o senhor se juntou na divulgação da calúnia. Felizmente Alfredo Miguel me conhece e escreveu a Rizzini contando que não pôde responder a sua carta até aquele momento por ter ficado chocado com as suas “novidades”.

O senhor condenou a nossa defesa pública da obra de Kardec. Informo-lhe que não sou e nunca fui homem de sacristia e confessor, não gosto de conversas de comadre em assuntos de interesse público e estou sempre disposto a levar nossos problemas ao conhecimento do público. O Espiritismo não é igreja nem ordem oculta, é doutrina aberta, porque só lhe interessa a verdade. Não temos o direito de esconder do público a nossa doutrina e muito menos as deturpações que dela fazem. Não queremos enganar o público e nem deixar que o enganem. Lutamos pela verdade e por isso lutamos às claras. Não entendo Espiritismo de portas e janelas fechadas.

Se não fosse a nossa reação pública e enérgica, a adulteração já teria atingido as demais obras de Kardec. Paulo Godoy já se vangloriava de estar adulterando *O Livro dos Espíritos* para lançamento urgente. Nossa reação despertou o Brasil e fez recuar os adulteradores. O Espiritismo precisa de espíritos livres e corajosos para difundi-lo e defendê-lo de cabeça erguida. Posso fazê-lo, graças a Deus, porque em meus quarenta anos de atividade doutrinária nada pratiquei que me envergonhe. A prova disso está em suas mãos. A FEESP e sua e-

quipes de adulteradores não acharam nada de que me acusar. Tiveram de mentir e caluniar. É pena que o senhor se tenha deixado levar nessa onda de sujeira moral. Aceito o seu envolvimento como o produto de invigilância e não o quero mal por isso. Mas não posso deixar que os caluniadores continuem a sua sementeira oculta, através de cartas e outros expedientes dessa espécie. Por isso lhe peço que me diga quem e como lhe forneceu esses dados mentirosos. Quero ver se esse alguém sustenta o meu olhar quando eu o interpelar a respeito.

O medo do público é típico dos que pretendem iludir e trapacear. Nós, espíritas, não devemos temer o público.⁹⁰ Nosso dever é esclarecer e orientar, mesmo que os adversários nos chamem de cachorros. Eles temem o debate público porque sabem que sairiam prejudicados de uma luta aberta e sincera. Nós não temos o que temer. Nossa batalha está chegando ao fim e nem eu nem Rizzini, nem os demais que nos acompanharam por todo o país, nenhum de nós saiu envergonhado da luta. Pelo contrário, saímos vitoriosos e engrandecidos em nossa pequenez de lutadores da verdade. E o que é mais importante: a Doutrina saiu ileso e Kardec foi desafiado.

Não estamos no Céu, meu caro Sr. Lucena, e não somos anjos. Estamos na Terra, mundo de provas e expiações, e precisamos seguir o exemplo de Jesus, usando chicote contra os vendilhões do Templo e debatendo em público os problemas espirituais com os fariseus. O Espiritismo não é caixa de segredos nem vive de conciliábulos. Nossos problemas devem ser tratados à luz do dia, porque nada temos a esconder de ninguém.

Acho que chega o que já escrevi. Mas envio-lhe ainda alguns documentos a respeito, para que o digno companheiro Lucena veja a extensão e a profundidade dessa coisa que, sem conhecimento exato, pensou que devia ficar em segredo. Verá o companheiro que é preferível lavar a roupa suja em público do que pactuar com tanta sujeira. Não somos cardeais nem sacerdotes dos antigos Mistérios para considerar o público como um rebanho de beócios e ignorantes. O caso da

adulteração provou que o debate público favorece a Doutrina, enquanto a sujeira escondida infecciona os porões. Estamos na era da Verdade e não podemos enganar o povo. É bom que o povo saiba que não queremos bancar santinhos do pau-oco, mas exigimos sempre a verdade.

Um abraço. E não me queira mal por dizer a verdade sem rebuços.”

A sentença final

Registremos agora outro acontecimento insólito. Não obstante os programas de Rádio, quarenta mil exemplares de “Mensagem”, sessenta e quatro mil folhetos, artigos redigidos pelos confrades mais lúcidos e o clamor dos dirigentes de centros espíritas rejeitando a adulteração do Evangelho, a USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo aguardou cinco meses para definir sua posição sobre o escandaloso caso. Tempo mais que suficiente para que a FEESP vendesse a edição maligna.

O Conselho Deliberativo Estadual da USE reunira-se na sede da FEESP às nove horas da manhã do dia 9 de março de 1975 e só então a adulteração foi condenada “oficialmente”, por unanimidade. Paulo Alves Godoy não compareceu, mas afirmara em uma carta (lida pelo Dr. Luiz Monteiro de Barros na reunião) que o médium Chico Xavier era o autor intelectual da adulteração. Carlos Jordão da Silva, presidente da FEESP, sem constrangimento vangloriou-se em suas explicações de haver sido esgotada a edição do Evangelho apócrifo.⁹¹ A vaidade humana (dizia Herculano Pires, com seu infalível bom-senso) é a casca de banana na calçada da nossa invigilância...

Quanto a Chico Xavier, “envolvido indebitamente no caso da adulteração por haver sugerido uma modificação em tradução que lhe parecia embaraçosa, sentiu-se responsável pelo crime e assumiu de pronto a sua responsabilidade total. Logo mais, passado o estado emocional que o confundira, ao tomar consciência da distância que havia entre a sua sugestão e a intenção dos

adulteradores, voltou a público para condenar a desfiguração dos textos kardecianos e retificar a sua posição”.⁹² Herculano Pires, então, remeteu ao famoso médium de Uberaba uma carta, cujos trechos a seguir merecem a meditação dos leitores:

“Meu caro Chico Xavier:

Recebi hoje sua carta e agora mesmo passo a respondê-la, agradecendo suas expressões de amizade e sua tocante preocupação por meus sofrimentos e angústias. De todas as minhas lutas, primeiro comigo mesmo, depois com os outros e por fim com a Doutrina, foi esta a mais dura que tive de enfrentar, sofrendo traições e calúnias de companheiros que há mais de trinta anos considerava como amigos sinceros e espíritas convictos.

No caso da obra de Kardec, a deturpação excede os limites do crime para invadir a área da profanação. Essa obra não é apenas o trabalho de um homem, mas a Revelação do Espírito da Verdade, no cumprimento de uma promessa do Cristo que se refere ao restabelecimento e desenvolvimento da obra de redenção do mundo. (...) Imagine, meu caro Chico, um pintor de paredes corrigindo um quadro de Michelangelo ou um poetastro qualquer a corrigir *Os Lusíadas*, de Camões. E tudo isso ainda seria uma profanação secundária em face à planejada adulteração de toda a Codificação, segundo o esquema revelado por Paulo Godoy e pela FEESP em suas lamentáveis “explicações” no volume de *O Evangelho* adulterado.

Restam-nos os frutos de uma dolorosa experiência em que tivemos de verificar e sentir a falta de convicção espírita dos líderes do movimento doutrinário, a falta de caráter de companheiros que considerávamos positivos e leais, a falta quase total de compreensão do que é o Espiritismo e do que representa para o mundo a obra de Kardec, a falta de respeito pelos textos fundamentais da Doutrina, o desprezo pela dignidade humana e o serviço dos colaboradores desinteressados de várias instituições, a falta de consideração no plano das amizades pessoais, o baixíssimo nível cultural do movimento espírita, e o que é pior, A FALTA DE AMOR PELA DOUTRINA.

Nenhuma reunião de cúpula, no Brasil e no mundo, tem autoridade para modificar palavras e expressões dos Evangelhos de Jesus e das obras de Kardec. (...) As supostas autoridades de cúpulas revelaram-se incapazes de enfrentar com dignidade a hora de prova e testemunho. Na hora da agonia Kardec ficou só, como o Cristo no Calvário. E as trinta moedas do Sinédrio converteram-se em trinta mil volumes de ridícula adulteração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Se esses volumes tilintassem, como as moedas de Judas, o barulho da traição ensurdeceria o Brasil.

A última arma que sobrou aos adúlteros foi a calúnia, o que bastaria para mostrar o mau combate em que se empenharam. (...) Não é com criaturas ainda tão imaturas que o Espiritismo poderá avançar. Temos de suportá-los ao nosso lado, tolerá-los com paciência e amor, ajudá-los o quanto possível, mas não podemos sacrificar o movimento doutrinário às suas vaidosas e estúpidas pretensões.

Meu caro Chico, não temos o direito de vacilar nesta hora. Ou lutamos para elevar a precária moral do movimento espírita, agora posta a nu, ou nos atrelamos ao carro da desmoralização e fazemos como o cego do Evangelho, conduzindo os outros cegos ao barranco. Não fosse a moral ilibada de Kardec e a sua firmeza doutrinária e o Espiritismo teria desaparecido do mundo após o seu desencarne. E é a obra desse homem (que não é dele, como sabemos, senão em parte) que hoje queremos “atualizar”, na base da ignorância generalizada do nosso meio espírita? Digo-lhe com absoluta convicção que ainda estamos longe de haver compreendido essa obra, que não pertence à nossa triste atualidade, mas a um futuro radioso.”

Os louros da vitória

E Chico Xavier, então, propôs ao apóstolo de Kardec que escrevesse um livro (ambos o assinariam) em cujas páginas seriam incluídas as mensagens e as cartas que lhe remetera sobre a adulteração. Pois (confessou o famoso psicógrafo) “... a verdade

é que a sua veemência necessária na defesa da obra de Allan Kardec me fez pensar muito no cuidado que todos nós, os espíritas, devemos ter na preservação dos textos referidos, sob pena de criarmos dificuldades irreparáveis para nós mesmos, agora e no futuro” (a carta traz a data de 07-09-1975).

Quando *Na Hora do Testemunho* veio à luz, Chico Xavier exultou, conforme se lê em sua carta datada de 27-09-1978:

“Caro amigo Professor Herculano:

Deus nos abençoe.

Perdoe-me se ainda não lhe escrevi agradecendo a remessa do nosso belo livro *Na Hora do Testemunho*. E digo “belo livro” porque esse volume é o nosso coração unido à obra de Allan Kardec, com os nossos melhores testemunhos de respeito e fidelidade ao grande missionário da Doutrina Espírita.

Agradeço-lhe a remessa, com todo o meu coração. O livro ficou nobre e digno e me regozijo com esse notável lançamento em que tenho a honra de estar ao seu lado, trabalhando, modestamente, embora na demonstração de nosso apreço ao Codificador.

Muito grato.

Desde já, agradeço a atenção que, como sempre, receberei de sua bondade. Com muitas lembranças para D. Virgínia e todos os seus queridos familiares, num grande abraço, sou o seu servidor reconhecido de sempre,

Chico Xavier.”

Vencida por Herculano Pires a grande batalha contra os adulteradores do Evangelho (e, pois, em defesa da integridade das demais obras de Allan Kardec), a publicação do livro *Na Hora do Testemunho* em 1978, que analisa essa batalha, foi, a nosso ver, como que uma coroa de louros sobre sua cabeça. No ano seguinte o mestre desencarnaria.

“O Espiritismo – proclamou ele, advertindo os leitores do futuro –, é uma questão de bom-senso, como escreveu Kardec, mas as criaturas insensatas estão por toda parte. Precisamos manter constante vigilância em nossos estudos para

não cairmos nas mistificações que nos levam a deturpar e aviltar a doutrina. Bastaria um pouco de humildade para vermos, como ensina Kardec, a ponta da orelha do mistificador, que sempre aparece nos textos mentirosos ou ilusórios. A mistificação se alimenta da vaidade e pretensão, desse orgulho infantil a que não escapam nem mesmo pessoas ilustradas. Muitas vezes, pelo contrário, as pessoas ilustradas não passam de analfabetas ilustres, mais sujeitas, por sua vaidade pueril, à mistificação, do que as pessoas humildes mas dotadas de bom-senso. Kardec tem razão ao afirmar que o bom-senso e a humildade são preservativos da mistificação. Nenhum espírito nos mistifica se nós mesmos já não estivermos nos mistificando por vontade própria.”⁹³

E ainda mais:

“Não façamos do Espiritismo uma ciência de gigantes em mãos de pigmeus. Ele nos oferece uma concepção realista do mundo e uma visão viril do homem. Arquivemos para sempre as pregações de sacristão, os cursinhos de miniaturas de anjos, à semelhança das miniaturas japonesas de árvores. Enfrentemos os problemas doutrinários na perspectiva exata da liberdade e da responsabilidade de seres imortais. Reconheçamos a fragilidade humana, mas não nos esqueçamos da força e do poder do espírito encerrado no corpo. Não encaremos a vida cobertos de cinzas medievais. Não façamos da existência um muro de lamentações. Somos artesãos, artistas, operários, construtores do mundo e temos de construí-lo segundo o modelo dos mundos superiores que esplendem nas constelações. Estudemos a doutrina aprofundando-lhe os princípios. Remontemos o nosso pensamento às lições viris do Cristo, restabelecendo na Terra as dimensões perdidas do seu Evangelho. Esta é a nossa tarefa.”⁹⁴

Finalizemos este capítulo cumprindo o dever moral de acrescentar que o companheiro Paulo Alves Godoy, que em 1973 se deixara fascinar pelos sicofantas do Além, recuperara o prestígio que gozara no movimento espírita nacional ao publicar – rigoro-

samente de acordo com a verdade espírita – uma série de livros sobre o Evangelho.⁹⁵

O regresso à Espiritualidade

A produção literária de Herculano Pires nos últimos anos que antecederam a sua desencarnação tornara-se espantosamente fecunda. Acumulavam-se nas prateleiras de seu pequeno escritório – instalado no quarto de dormir – romances, crônicas, poesias, ensaios, os quais, devido à quantidade, viriam à luz somente após o seu desenlace. Entre os originais encontrava-se um cujo tema era instigante: *Educação para a Morte*.

“A vida – escreveu Herculano Pires – é uma espera constante da morte. Todos sabemos que temos de morrer e que a morte pode sobrevir a qualquer instante. Essa certeza absoluta e irrevogável não pode ser colocada à margem da vida. (...) E como não sabemos qual é a extensão de tempo que nos foi concedido, convém que iniciemos o quanto antes a nossa preparação, através de uma educação segundo o conceito de “existência”. Quanto antes nos prepararmos para a vida em termos de educação para a morte, mais fácil e benigna se tornará a nossa morte, a menos que pesem sobre ela compromissos agravantes de um passado criminoso.”⁹⁶

E mais:

“Enganam-se os que pensam nos mortos como mortos. Eles estão mais vivos do que nós, dispõem de visão mais penetrante que a nossa, são criaturas mais definidas e podem ver-nos, visitar-nos e comunicar-se conosco com mais facilidade e naturalidade. É preciso que não nos esqueçamos deste ponto importante: os homens são espíritos e os espíritos nada mais são do que homens libertos das injunções da matéria.”⁹⁷

O tema, aparentemente sinistro devido ao milenar obscurantismo do clero católico, não tinha mistérios para Herculano Pires. Conhecia as provas da imortalidade do ser humano obtidas por cientistas mundialmente famosos e pesquisara, ele mesmo, a mediunidade por mais de quarenta anos.

“Alguns acreditam que a morte súbita é perigosa. – observara ele em uma crônica – Kardec morreu assim, em pleno trabalho. Quando a criatura viveu bem, a morte súbita é boa, é uma libertação imediata do espírito. Quando a criatura não soube viver, a morte é sempre difícil, representa uma crise na vida do espírito. E viver bem, no caso, é cumprir os deveres que cabem ao homem na Terra, não se apegar às coisas materiais, como ensina o Evangelho.”

Dir-se-ia que Herculano Pires, ao publicar essa crônica no “Diário de São Paulo” (edição de 7 de outubro de 1968), previra sua própria desencarnação, que viria a acontecer na noite de 9 de março de 1979. O mestre em seu lar teve morte súbita como Kardec e, curiosamente, com a mesma idade do Codificador do Espiritismo. Contava 65 anos incompletos quando sofrera o enfarte. Eram vinte e uma horas e quinze minutos. Levado ao Hospital São Paulo, tentaram em vão reanimá-lo.

Registremos agora um fato inegavelmente premonitório relacionado ao seu desencarne. Meses atrás dissera ele ao amigo Terenzio:

– Não posso parar de escrever. Minha mente é um turbilhão de ideias, o que nunca me aconteceu. Meus quatro últimos livros escrevi em pouco tempo. Deve ser um aviso que estou para desencarnar...

E acrescentou, risonho:

– Assim que desencarnar, darei imediatamente uma mensagem. E o médium poderá ser você...

– Eu não, porque nos conhecemos muito. Procure um outro; mas só acreditarei que é você se na mensagem houver referência ao Espírito de Verdade.

“É possível que um espírito se comunique logo após a morte?”, perguntou certa vez a Herculano Pires um dos leitores de suas crônicas no “Diário de São Paulo”.

A resposta positiva parecia esconder outra intenção premonitória... Porque minutos após sua desencarnação (o corpo encontrava-se ainda no hospital), Herculano Pires transmitira uma mensagem. A exemplo, aliás, do que acontecera com o célebre

jornalista e escritor Cairbar Schutel (fundador da Revista Internacional de Espiritismo) e com o Sr. Sanson, membro da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e amigo de Kardec.

Heloísa Pires, filha de Herculano Pires, numa entrevista gravada e publicada em Portugal (“Jornal Espírita” da cidade de Viseu, edição de setembro de 1986), conta-nos como se deu o episódio mediúnico com seu pai:

“No dia do seu desencarne era dia de sessão na garagem (não havia ainda o centro e os esclarecimentos doutrinários eram realizados na garagem de nossa casa). Herculano (ao fechar a porta do banheiro no andar superior) sentiu-se mal e foi levado ao hospital. (...) Quem estava na garagem não sabia, pois, que Herculano estava doente. Apenas os familiares encontravam-se no hospital esperando Herculano na terapia intensiva – pensamos que ele ficaria bom (ninguém imaginava que ele iria desencarnar tão rapidamente). Nessa hora, um médium na garagem (um médium até necessitado que nunca mais trouxe uma mensagem tão boa) recebeu duas mensagens e deu para minha tia (Maria de Lourdes Anhaia Ferraz). Uma, de um espírito que se dizia feliz por Herculano ter cumprido a tarefa e chegara a hora da libertação (Heloísa poderia ter citado que se tratava do Espírito Cairbar Schutel, patrono do grupo). E depois o próprio Herculano numa mensagem linda em forma de poesia (ele gostava muito de escrever poesia para aqueles que amava). Ele se dirigia a mamãe e lhe dizia:

Família querida,

Vivendo contigo

Dias felizes e amenos

Na experiência do lar prossegue a vida

Coragem e otimismo

Não quero “pompa nem velas”

Apenas a simplicidade do professor do interior em metrópole de céus e estrelas!...

Sustente em apoio vibratório a casa!

Ampare o livro da codificação.

E eu, em espírito ou memória, ao lado dos amigos espirituais, convosco sempre estarei, no apostolado de pregar e servir à Doutrina dos Espíritos com o mestre de Lion.

Virgínia, querida, mais esposa do que esposo que fui.

Já não tem falar nem riso, nem seu poeta, mas que semblante triste o seu... Volte ao que era, como o tempo na casa velha, tudo é vida, das noites de rima, doutrina e cozinha, lar; amigos, não é confusão, é uma nova sensação de viver, sentir que já não sou corpo, mas alma!

Até que enfim, desculpe, Espírito de Verdade, amparado em novas luzes, a minha, a nossa luzinha, que ajudaste a construir, no momento adeus, menos choro e mais café!

Se há dificuldade de captar a escrita, imagine a de despertar aqui, para dizer aos daí: Sobrevivência d'alma.

Muita paz em Jesus.”⁹⁸

O corpo de Herculano Pires foi enterrado no dia seguinte, às quatro horas da tarde, no Cemitério São Paulo, com grande acompanhamento. Instituições espíritas e culturais fizeram-se presentes. A União Brasileira de Escritores e a Academia Paulista de Letras enviaram flores. Falaram à beira do túmulo o deputado e jornalista Freitas Nobre, em nome do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo (a bandeira do sindicato cobria o caixão), o deputado e escritor Israel Dias Novaes (mais tarde presidiria a Academia Paulista de Letras), o qual frisou que naquele instante fazia-se o enterro de um grande brasileiro. E, entre outros, fez uso da palavra Jorge Rizzini em nome dos espíritas dos demais Estados. Herculano Ferraz Pires agradeceu as homenagens ao seu nobre pai.

Semanas depois os filhos colocaram no túmulo desprovido de ornamento uma lápide de mármore, onde pode ser lida a primeira estrofe do soneto *Vida e Morte*, escrito por Herculano Pires e oferecido à esposa Virgínia no dia do aniversário de casamento.⁹⁹

*Não procures no túmulo vazio
a alma querida que deixou a Terra.*

*A morte encerra a vida e a vida encerra
a morte – como eterno desafio.*

*Ninguém fica no túmulo sombrio
onde somente o corpo é que se enterra.
A alma se eleva além da vida e erra
em mares de bonança e de amavio.*

*Busca no céu, nos ares, no infinito,
na quinta dimensão, no firmamento,
o ser querido que te deixa aflito.*

*Hás de encontrá-lo quando, num momento,
rompendo as ilusões do teu conflito,
possas falar-lhe pelo pensamento.*

Apêndice

Herculano Pires revela uma sua encarnação

Na noite de 14 de julho de 1972 gravei em fita magnética a conversa que mantive com Herculano Pires em seu lar após os trabalhos mediúnicos. Trata-se de uma entrevista longa e informal, improvisada, durante a qual ele revelou uma sua encarnação. Eu lhe havia prometido que somente a divulgaria após sua passagem para o Grande Além. Eis o trecho em questão:¹⁰⁰

(*Rizzini*) – Suponhamos que você, Herculano, estivesse vivendo no século XIX na França e visse nas livrarias de Paris *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, lançado nesse dia nas livrarias. Qual a sua impressão após a leitura da obra?

(*Herculano*) – Jorge Rizzini, você me dá a oportunidade de fazer aqui (já que você não pretende divulgar imediatamente; esta é uma fita que vai ficar para o futuro. Eu nunca pensei que tivesse a oportunidade de falar para o futuro. Acho que é uma pretensão muito grande. Mas, em todo o caso, como você está abrindo essa porta, eu vou falar para o futuro). Eu queria dizer que no século passado (XIX), e isto não é um sonho, uma ilusão, é uma convicção adquirida através de pesquisas que eu fiz e que nunca revelei a ninguém, levado por uma revelação; uma revelação inesperada através de um médium inteiramente ignorante do assunto e que me abriu o caminho para uma possibilidade muito interessante. Vamos esclarecer isto. No século XIX eu estive na França, realmente, mas não era francês. Eu era português. Eu morava em Portugal, onde tive uma encarnação. Eu fui parar na França como exilado. E como exilado tomei conhecimento do Espiritismo, mas não o aceitei porque eu era católico. E era um tipo católico muito comum, aliás, em Portugal, naquela época. Discordava dos padres, brigava com o clero e não aceitava muito o catolicismo. O meu desejo era encontrar uma forma de fazer o Cristianismo voltar ao seu estado primitivo, quer dizer, voltar à verdade pura do Cristo. Era este o meu desejo. Como naquela

época eu era também jornalista, como sou hoje, isso ficou gravado em alguns jornais portugueses, o que se pode constatar.

(*Rizzini*) – Um pormenor, Herculano. Você se lembraria do nome que tinha?

(*Herculano*) – Eu não quero dizer, Rizzini. Você me perdoa isso, mas eu não quero dizer. Eu sei que nessa ocasião...

(*Rizzini*) – Mas esta é uma entrevista para o futuro.

(*Herculano*) – Sim, eu sei, mas o futuro depois verá. Mas eu tive, então, oportunidade de saber que estava se processando uma nova revelação, mas Portugal era um país profundamente católico e qualquer infiltração de outra religião lá seria prejudicial, porque o povo não estava à altura, segundo eu pensava, de aceitar uma nova concepção de Deus. Então, não adotei o Espiritismo. Continuei católico até o fim, mas um católico às avessas, porque continuamente em luta com o próprio clero. Então, eu diria a você: não tenho certeza que eu vi algum livro espírita, mas sei que tive conhecimento do Espiritismo. Mas se eu visse *O Livro dos Espíritos* em Paris, nesse dia 14 de julho, naquela época (na data da tomada da Bastilha) eu, certamente, não teria o impacto que hoje me provocaria essa visão. Porque não sabia ainda o que era o Espiritismo, nem tinha possibilidade de saber que ele realizava aquele meu sonho: o sonho da volta ao Cristianismo primitivo. Só depois de passar para o mundo espiritual foi que eu tive contato pleno com a nova revelação. Interessante: foi no Espaço que eu me tornei espírita. Quando eu vim para a Terra, portanto, nascendo aqui no Brasil dessa vez – e nascendo em Avaré, no Estado de São Paulo, no dia 25 de setembro de 1914...

(*Rizzini*) – E no meio católico...

(*Herculano*) – Também numa família católica. Tendo educação católica, eu, entretanto, já trazia ideias espíritas bem acentuadas, que se foram revelando em mim independentemente de qualquer influência exterior. De maneira que, agora sim, se eu tivesse depois disso um encontro com *O Livro dos Espíritos* numa livraria de Paris, para mim seria uma grande emoção, uma emoção extraordinária.

(*Rizzini*) – E se você encontrasse em uma das ruas do centro de Paris, de súbito, ao dobrar uma esquina, a figura de Allan Kardec?

(*Herculano*) – Bem... Se eu o encontrasse agora, nesta época, quer dizer, depois que sou espírita, então para mim seria uma coisa extraordinária, porque Allan Kardec representa a figura exponencial dos novos tempos na Terra. Jesus veio para implantar no mundo o Reino de Deus – e realmente ele realizou esse trabalho maravilhoso, pois o implantou no coração e na consciência dos poucos homens que foram capazes de compreendê-lo até hoje – e o Reino de Deus vai desenvolvendo-se lentamente através dos séculos, vai realizando-se apesar dos homens. De maneira que Jesus representou essa figura extraordinária, e Kardec é o seu continuador. Kardec foi aquele que veio trabalhar na era decisiva da implantação do Reino de Deus em maior amplitude. Kardec é quem trouxe a revelação que o Espírito de Verdade transmitiu; ele trouxe essa possibilidade extraordinária de abrir as perspectivas do mundo para uma era inteiramente nova que está nascendo aos nossos olhos neste momento, neste século XX.

* * *

Herculano Pires, certamente tomado por um súbito sentimento de pejo, não revelou o nome que tivera na existência anterior em Portugal, mas anos depois de sua desencarnação pesquisei a vida dos grandes vultos da literatura lusitana do século XIX e descobri inúmeros pontos de contato (a começar pelo nome) entre ele e o célebre jornalista, romancista, poeta e historiador Alexandre Herculano, o qual ao tempo de Allan Kardec se exilara na França. O mesmo caráter ímpoluto e inflexível; o sentimento religioso; a oposição ao clero; o amor à literatura, particularmente à poesia e ao romance; e, sobretudo, a fidelidade à verdade.

A propósito da extremada fidelidade à verdade, medite o leitor sobre o seguinte texto, mas procurando descobrir se o autor é o Herculano nascido em Portugal ou o brasileiro:

“Quando a justiça de Deus põe a pena na destra do historiador, ao passo que lhe põe na esquerda os documentos indubitáveis de crimes que pareciam escondidos para sempre debaixo das lousas, ele deve seguir avante sem hesitar, embora a hipocrisia ruja em redor, porque a missão do historiador tem nesse caso o que quer que seja de divina.”¹⁰¹

Parece-nos evidente tratar-se de um só Espírito.

As informações sobre a reencarnação de Herculano Pires foram por mim guardadas, sigilosamente, durante décadas. Somente dias atrás, em conversa com Heloísa Pires, referi-me à pesquisa, mas antes que lhe revelasse o resultado ela exclamou sorrindo:

– Meu pai é a reencarnação de Alexandre Herculano. O pai, certa vez, comentou isso!

Não foi, pois, por outra razão que quatro anos antes da desencarnação Herculano Pires redigira um extenso e belo artigo exaltando sua antiga pátria e o renascimento do movimento espírita lusitano.¹⁰²

Não estamos, porém, dogmatizando, mesmo porque o julgamento final cabe, evidentemente, ao leitor.

– 0 –

Notas:

¹ Vide a obra *Curso Dinâmico de Espiritismo*, capítulo 20, editora Paidéia.

² Herculano Pires desde menino gostava de fazer anotações em um diário. Escreveu vários. Em um deles anotou estes pensamentos:

“Às vezes me pergunto por que este prazer mórbido de registrar num diário os acontecimentos, os pensamentos, as emoções, as ocorrências de uma vida obscura. (...) O fato é que anoto, registro, comento, protesto, censuro e louvo para mim

mesmo – ao menos assim me parece – mas nem por isso deixo de pensar, às vezes, que estes rabiscos possam ter um destino diferente, um endereço oculto.”

Palavras proféticas, porque os rabiscos de Herculano Pires tinham, realmente, um endereço oculto: o meu, o de seu futuro biógrafo.

³ Sobre a obra de Cornélio Pires escreveu Herculano Pires no “Diário da Noite”: “Durante muitos anos, Cornélio Pires foi a coqueluche de São Paulo. Seus livros saíam em edições sucessivas. De repente, porém, São Paulo esqueceu-se de Cornélio. Sua obra, desalinhavada, feita ao sabor das circunstâncias, sem método e sem critério estético, nem por isso deixou de abranger áreas importantes do fenômeno cultural paulista. Se Cornélio não foi um folclorista metódico, dotado das armas modernas da pesquisa e da avaliação do material colhido, ninguém entretanto o superou, até agora, no senso de observação e na sinceridade com que efetuou uma das mais vastas colheitas de material folclórico. E essa colheita não foi realizada no asfalto, mas no mato, na convivência profunda, íntima e duradoura com a gente do mato. Por isso mesmo, a *Antologia Caipira*, organizada por Martins Veiga com trechos de poesia e prosa de Cornélio Pires, representa um ato de justiça à memória do esquecido criador de *Joaquim Bentinho*.”

⁴ Heloísa Pires equivocou-se ao afirmar, no prefácio que redigiu para o livro *Curso Dinâmico de Espiritismo* (Editora J. Herculano Pires), que seu pai “aos dezenove anos entrou em contato com *O Livro dos Espíritos*.”

⁵ “Diário de São Paulo”, edição de junho de 1952.

⁶ Vide *O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte*, de Herculano Pires, cap. IX – “O controle ético da moral”, Editora Paidéia.

⁷ “O que mais temo, quando falo, é fazer circunlóquios absurdos e inúteis, floreados de palavras, sem nada que de fato AUXILIE”, escreveria ele mais tarde em um caderno.

⁸ João José, irmão mais novo de Virgínia, tinha tenra idade quando passou a viver na casa de Herculano Pires. Tornou-se

cronista espírita no jornal paulistano “O Tempo”. Desencarnou aos vinte anos de idade.

⁹ Vide “Herculano Pires, o Homem no Mundo”, de Heloísa Pires, Edições FEESP, 1992.

¹⁰ Vide “A Centelha”, editada em São Paulo sob a direção de João Silveira, edição de maio de 1946.

¹¹ O livro redigido por Eduardo Carvalho Monteiro baseado também nas pesquisas de Natalino d’Oliveira, e que tem por título *USE – 50 anos de Unificação*, apresenta um equívoco ao afirmar que Vinicius, Antônio Rodrigues Montemor e Anita Brisa foram ao congresso em Marília “como representantes oficiais da USE”. Ora, a USE foi fundada em 1947 e o Congresso aconteceu em 1946. Outro equívoco encontra-se na página 234, pois Eurípedes de Castro jamais foi presidente do Clube dos Jornalistas Espíritas.

¹² Jornal “Correio Fraternal do ABC”, edição de março de 1982.

¹³ São de Edgard Armond estas palavras: “É necessário que se evite seja o Espiritismo deturpado como doutrina, explorado como religião, utilizado como força político-partidária, etc. (“Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita”, pág. 31).

¹⁴ Jornal “Mensagem”, edição de fevereiro de 1975.

¹⁵ A Editora Lake, fundada por Batista Lino, iniciou suas atividades em 1947. “O Reino” foi editado por ele, esporadicamente, em 1946. É, portanto, o primeiro texto espírita impresso pelo dinâmico e saudoso editor paulista.

¹⁶ Este livro estava em fase de revisão quando Ary Lex, no mês de junho de 2001, desencarnou.

¹⁷ Presidiu-a pela primeira vez em 1952.

¹⁸ Vide o “Diário da Noite”, edição de 10 de março de 1979.

¹⁹ Temos em nosso poder um cartaz datado de 1939 impresso pela Federação Espírita da Alta Sorocabana.

²⁰ Vide o volume “Anais do I Congresso Espírita do Estado de São Paulo”, editado pela USE.

²¹ Tanto o Congresso de Marília como o I Congresso Espírita do Estado de São Paulo foram realizados à revelia da Federação Espírita Brasileira. A FEB foi, desde o início, contrária ao movimento de unificação, só aderindo no ano de 1949, conforme se lê em “O Semeador”, jornal da Federação Espírita do Estado de São Paulo, edição de outubro de 1949. A propósito, escreveu Herculano Pires (vide o jornal “O Kardecista”, edição de 18 de abril de 1950):

“Quando se realizou o I Congresso Espírita da Alta Paulista, em Marília, os promotores daquele movimento tiveram uma dolorosa surpresa. De todas as entidades doutrinárias do país, convidadas a comparecer, a única que se recusava, alegando não haver sido consultada para o lançamento da ideia, era a Federação Espírita Brasileira. A atitude da Casa Mãe foi tão chocante, que os diretores do congresso resolveram engavetar o ofício da mesma, dando conhecimento de seu conteúdo apenas a alguns dirigentes, com a intenção de preservar, no seio da massa espírita ali presente, a confiança na FEB. Tudo aquilo poderia ser um equívoco e desaparecer logo mais. Mas não desapareceu, porque há três anos, quando a USE convocou o primeiro congresso estadual, a Federação Espírita Brasileira fez mais do que não comparecer: desaprovou-o e condenou-o.”

Assim tem sido a política da FEB: só aceita as iniciativas doutrinárias paralelas quando não há mais possibilidade de evitá-las, ou de combatê-las. Assim agiu ela com os primeiros congressos de jornalistas e escritores espíritas, com o movimento de unificação, com o Instituto de Cultura Espírita, com a pioneira editora LAKE, fundada por Antônio Batista Lino, etc..

²² A Federação Espírita do Estado de São Paulo não apenas continuou com o seu Departamento Federativo em pleno funcionamento: ela propôs no III Congresso Espírita do Estado de São Paulo, realizado na capital paulista em 1952, sua fusão com a USE. Herculano Pires não concordava com a fusão,

porque representava a liquidação da USE em benefício da FE-ESP. E isso lhe parecia mal porque a USE, para Herculano Pires, era a “única forma de organização doutrinária compatível com a natureza da doutrina”, conforme escreveu em “O Vigilante”, suplemento do jornal “Mensagem”, edição de dezembro de 1976. Herculano Pires nutria pela USE e pela FE-ESP forte amor, embora se visse obrigado, às vezes, e com justa razão, a fazer-lhes restrições. Assinalemos, ainda, este paradoxo: Armond, afastado da FEESP, fundou em 1973 a Aliança Espírita Evangélica, com o objetivo inegável de rivalizar com a USE e com a própria FEESP. A Aliança era adepta das obras de Ramátis.

²³ Hermínio Sacchetta, diretor de Redação dos “Diários Associados de São Paulo” era genro de Júlio Abreu Filho, o tradutor dos doze volumes da “Revista Espírita”, de Allan Kardec.

²⁴ A coluna espírita teve a duração de 22 anos. Em 1967 ela e as demais colunas religiosas sofreram uma inesperada e curta suspensão devido à arbitrariedade de um dos assessores da diretoria do “Diário de São Paulo”. Herculano Pires imediatamente redigiu uma carta-protesto e entregou-a a Joaquim Pinto Nazário e, no mesmo dia (23 de maio), recorreu a Edmundo Monteiro, presidente dos “Diários Associados”, através também de uma carta, da qual pinçamos este trecho:

“Conheço a sua formação e sei que o prezado amigo não considera a religião como assunto secundário ou indigno de figurar nas colunas do nosso jornal. Hoje, mais do que nunca, o problema religioso está exigindo atenção dos órgãos de publicidade. (...) Peço atenção do amigo para esse problema, que não é só do interesse das religiões, mas sobretudo do povo a que nós jornalistas devemos servir.”

²⁵ “Diário de São Paulo”, edição de julho de 1952.

²⁶ Miguel Vives, *O Tesouro dos Espíritos*, 2ª parte, capítulo VI – “O espírita e o mundo atual”.

²⁷ Vide *Ideias e Reminiscências Espíritas*, de Deolindo Amorim, edição do Instituto Maria, pág. 153.

²⁸ Herculano Pires, em carta de 02-12-1963, endereçada ao confrade Antenor Ramos, tece o seguinte comentário sobre o famoso orador Romeu Campos Vergal: “Andava pregando nos Centros (até no nosso Clube ele pregou) a introdução de rituais no Espiritismo. Não vejo como deixarmos essas coisas de lado, quando nosso dever é zelar pela Doutrina que nos beneficia nesta vida.” E o mestre redigiu um artigo que fez publicar no “Diário de São Paulo”. O deputado Campos Vergal era adepto da Teosofia, do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

²⁹ Herculano Pires refere-se aos primeiros números da *Revue* lançados a partir de 1949 por Júlio Abreu Filho através da editora Édipo, de sua propriedade.

³⁰ Vide o opúsculo “Uma farsa-história de uma assembleia, seguida de uma carta de Souza Prado”, Rio de Janeiro, edição do autor, págs. 21-22. O jornalista Antônio Pereira Guedes, que por longos anos fizera parte da Federação Espírita Brasileira, foi no dia 14 de janeiro de 1950 sumariamente eliminado do quadro social dessa instituição pelo fato de opor-se às decisões antidoutrinárias de Wantuil de Freitas. Contemporâneo – e amigo – de Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy, Cairbar Schutel, Deolindo Amorim, Herculano Pires e, entre outros, do autor deste livro, o saudoso Pereira Guedes desencarnou aos 84 anos de idade, no dia 23 de outubro de 1980.

³¹ “Diário de São Paulo”, edição de 10-06-1966.

³² Artigo inserido na obra *Os Três Caminhos de Hécate*, de Herculano Pires. Foi primeiramente estampado no “Diário de São Paulo” com o título “Sincretismo Religioso”.

³³ *O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas*, de Deolindo Amorim, pág. 95. Edição da Federação Espírita do Paraná.

³⁴ J. Herculano Pires – *O Centro Espírita*, capítulo 9 – “As questões políticas”.

³⁵ Vide *O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte*, de Herculano Pires, capítulo X – “A síntese estética da consciência”.

³⁶ Recomenda-se ao leitor estudioso o livro *Kardec, Irmãos Fox e Outros*, de nossa autoria, em cujas páginas está descrito com detalhes o I Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas.

³⁷ A declaração do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas de que a palavra *Espiritismo*, criada por Allan Kardec, não pode ser aplicada a outros movimentos ou a outras doutrinas ou correntes espiritualistas foi a pá de cal sobre a ideia de Wantuil de Freitas segundo a qual “Umbanda é Espiritismo”.

³⁸ “Diário da Noite”, de 25-04-1958, e “Diário de São Paulo”, de 01-06-1958.

³⁹ O III Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas foi realizado em Belo Horizonte, em novembro de 1961, sob a presidência de José Herculano Pires, mas o mestre, devido a um chamado urgente de São Paulo, não participou do encerramento. No V Congresso em 1972, na cidade de Niterói, foi o orador oficial na sessão de abertura na Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro.

⁴⁰ Em 1997 a ideia da criação de uma Confederação Espírita Brasileira voltou em vão a agitar o movimento doutrinário nacional. Motivo: o roustanguismo propagado pela FEB.

⁴¹ Jornal “Mensagem”, edições de fevereiro de 1975 e dezembro de 1976.

⁴² Vide a obra *Herculano Pires, Filósofo e Poeta*, edições Correio Fraternal, 1984. A primeira parte, com o título original *En torno al pensamiento filosófico de J. Herculano Pires*, é de autoria de Humberto Mariotti e foi publicada por indicação de Jorge Rizzini. A segunda parte, que trata de “Argila” (o ensaio referido acima), foi escrito por Clóvis Ramos.

⁴³ Na verdade, é aberração psicológica o preconceito racial, porque a cor da epiderme não é consequência do grau evolutivo da alma humana. O que verdadeiramente diferencia os homens são as qualidades morais e intelectuais. Acresce que o preconceito racial, por outro lado, é a negação das leis da reen-

carnação e da evolução, que são divinas e cuja função talvez maior – nunca será demais recordar – é fazer com que nos reconhecamos como irmãos porque temos todos a mesma origem – Deus!

⁴⁴ Vide artigo de Hélio Damante em “Unidade”, ed. março de 1979.

⁴⁵ Em 1957, quando presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, Herculano Pires, a convite de Jânio Quadros (então governador de São Paulo), participou de uma comissão para opinar sobre a peça teatral de Nelson Rodrigues “Perdoa-me por me traíres”, a qual vinha causando escândalo. “Ao ler a peça, indignei-me (anotou em seu diário). Uma borracheira indigna. Um ultraje ao próprio teatro. Liberar essa porcaria, em nome do princípio da liberdade, seria o mesmo que libertar um tarado (sexual) em nome desse princípio.”

⁴⁶ A má vontade do prof. Arrigo e de seu assistente para com o apóstolo explica-se pelo fato de ser Herculano Pires divulgador e defensor da filosofia espírita.

⁴⁷ Vide ensaio de Humberto Mariotti intitulado *O Pensamento Filosófico de J. Herculano Pires*, incluído no volume *Herculano Pires, Filósofo e Poeta*, Editora Correio Fraternal, 1984. Mariotti tornou-se conhecido no Brasil a partir de 1951, ano em que Júlio Abreu Filho traduziu e editou *Dialética e Espiritismo*,(*) obra escrita por Mariotti na juventude e que mereceu de Herculano Pires um prefácio com quarenta páginas. Longos anos depois os filósofos conheceram-se em São Paulo, e então mantiveram cerrada correspondência.

(*) O autor se refere à obra *Dialética e Metapsíquica* (do original *Dialéctica y Metapsíquica*), publicada em português, no ano de 1951, pela Editora Édipo. Em abril de 2009, *Dialética e Metapsíquica* foi disponibilizada na Internet, incluindo o prefácio de J. Herculano Pires denominado “Espiritismo Dialético”, pelo site PENSE – Pensamento Social Espírita. (Nota do digitalizador.)

⁴⁸ Diplomado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o poeta, ensaísta e teatrólogo Cassiano Nunes graduou-se em literatura Norte-americana pelo Miami University, de Ohio, onde lecionou; membro da Academia Brasileira de Letras.

⁴⁹ Antônio Soares Amora, catedrático de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo, na Universidade de Mackenzie e na “Sedes Sapientiae”, ministrou curso de Literatura Brasileira na Universidade de Hamburgo. Ilustre historiador, presidiu a Academia Paulista de Letras.

⁵⁰ “Kardequinho” (jornal espírita infantil pioneiro, transformado depois em revista), fundado em 1959 e dirigido pelo autor deste livro e que teve Alfredo Cruso como secretário (depois diretor juntamente com Rizzini) e como colaboradores Iracema Sapucaia, Júlio Abreu Filho, Hernani Guimarães Andrade, entre outros. Foi lançado sob os auspícios do Clube dos Jornalistas Espíritas, estando ainda Herculano Pires na presidência.

⁵¹ Jânio Quadros, em 1953, elegeu-se prefeito de São Paulo e convidou Herculano Pires a assumir a chefia do seu gabinete. O mestre não aceitou. No ano seguinte, Jânio venceu as eleições para Governador do Estado de São Paulo e ofereceu o mesmo cargo a Herculano Pires, que novamente recusou. Foi à sua revelia que Jânio Quadros nomeou-o chefe do Sub-gabinete Civil da Presidência da República.

⁵² Razão de sobra, portanto, teve a Câmara Municipal de Araraquara ao conceder em 10 de junho de 1961 o título de “Cidadão Araraquarense” a Herculano Pires. A proposta fora feita por dez vereadores, sendo Benedito de Oliveira o prefeito. Lei nº 985.

⁵³ Entrevista concedida a Maristela Roriz e Aparecida Mene-gasso. Boletim USE, ano 3, São Carlos, abril de 1999.

⁵⁴ “Diário de São Paulo”, edição de 5 de fevereiro de 1961. Três anos depois o apóstolo incluiu essas perguntas no prefácio de *O Livro dos Espíritos*.

⁵⁵ O texto acima, impresso na dobra da capa do livro, foi assinado por Herculano Pires com o pseudônimo “Octávio Araújo”. E na dobra da capa de *Revisão do Cristianismo* usou o pseudônimo “Robert Henri Fourcade”.

⁵⁶ Vide ensaio de Humberto Mariotti intitulado *O Pensamento Filosófico de J. Herculano Pires*, incluído no volume *Herculano Pires, Filósofo e Poeta*, Editora Correio Fraternal, 1984.

⁵⁷ J. Herculano Pires, *Curso Dinâmico de Espiritismo*, capítulo 20: “Como combater o Espiritismo”.

⁵⁸ Em junho de 1975 a Câmara Municipal de Avaré concedeu a Herculano Pires o título de Cidadão Emérito de Avaré”, cidade em que nasceu.

⁵⁹ Herculano Pires, em seu livro *Mediunidade*, escrito anos depois, ensina ser errônea a denominação de “incorporação” para as manifestações orais. O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica, como a da luz atravessando uma vidraça.

⁶⁰ J. Herculano Pires, *Mediunidade*, cap. 15 – “Mediunidade e Religião”.

⁶¹ *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, cap. 4: “Tp, a linguagem da mente”.

⁶² Faltou ao Instituto Paulista de Parapsicologia recursos financeiros para montar um laboratório de pesquisas adequado e reabilitar a Parapsicologia no país, então desmoralizada pelos pseudo-parapsicólogos de batina. (Nota do autor.)

⁶³ Vide o artigo de Herculano Pires “Os desafios mediúnicos à Parapsicologia”, em “Anuário Espírita”, págs. 26 e 27, ano 1969, Araras, Estado de São Paulo.

⁶⁴ Em 1965, padre Quevedo lançou a obra *A Face Oculta da Mente*, que Herculano Pires chamava “a face oculta do padre”. O eminente confrade Carlos Imbassahy (pai), notável polemista residente em Niterói, refutou-o com o livro *A Farsa Escura da Mente*. Em carta Herculano Pires parabenizou o velho amigo: “O título, apesar de um tanto estranho e até mesmo rebar-

bativo, calha bem ao assunto. Você desemboca o padre, no mais lato sentido do verbo, arrancando-lhe o disfarce de sabedoria.” Notem os leitores que o imbatível Imbassahy contava oitenta e dois anos de idade quando fez essa brilhante defesa da Doutrina Espírita. Que magnífico exemplo de amor à verdade espiritual!

⁶⁵ No Rio de Janeiro coube ao mestre Carlos Imbassahy (pai), então com oitenta e quatro anos de idade, refutar com seu brilhante livro *Enigmas da Parapsicologia* o curso de Parapsicologia dado por Cesário Marey Hossri.

⁶⁶ Carta de Herculano Pires, sem data, endereçada a Sylvia Mele Pereira da Silva.

⁶⁷ Deve-se também a Herculano Pires (irmão Saulo) a tradução e complementação do livro *O Tesouro dos Espíritas* (Guia Prático para a Vida Espiritual), de Miguel Vives, um dos pioneiros do Espiritismo na Espanha.

⁶⁸ Herculano Pires obteve dupla aposentadoria, a de jornalista e a de escritor. Descontado o imposto de renda, recebia ele do governo a irrisória quantia de 1.485 cruzeiros mensais. Sua aposentadoria nos “diários Associados” deve-se ao fato de que novos colegas de redação e alguns antigos haviam se corrompido, criando-lhe uma situação insustentável. “Enquanto a incompreensão vinha de cima – escreve ele –, dos ineptos da administração, a gente se consolava com o apoio e a solidariedade dos colegas. Mas quando a própria redação apodreceu na miséria da falta de coleguismo e do servilismo interesseiro, nada mais nos restava. Eu, Barros Ferreira, Chico Vizoni, Pedro de Souza e outros preferimos sair. Os “Diários” haviam chegado à mais ínfima condição de um jornalismo sem um ideal e sem dignidade.”

⁶⁹ O segundo “Pinga-Fogo” com Chico Xavier aconteceu na noite de 20 de dezembro, cinco meses após o primeiro. Herculano não participou.

⁷⁰ Vide “Anuário Allan Kardec”, 1975, pág. 37, Editora Lake.

⁷¹ Ivani Ribeiro (pseudônimo da professora Cleyde de Freitas) desencarnou no dia 17 de julho de 1995, aos 79 anos de idade. Escreveu aproximadamente 350 radionovelas, telenovelas e peças. Deve-se a ela a adaptação para radionovela do romance mediúnico *A Vingança do Judeu*, do Espírito J. W. Rochester, e psicografado por Wera Krijanovsky.

⁷² A ideia de fundar-se em São Paulo uma Universidade Espírita – plano que em 1968 empolgou Herculano Pires e outros líderes, não foi avante por estar em litígio o terreno onde seria edificada.

⁷³ Thomaz Novelino nasceu em 6 de outubro de 1901, em Delfinópolis, e desencarnou no dia 31 de outubro de 2000, com a idade, portanto, de 99 anos. Seu nome não será esquecido pelo movimento espírita paulista.

⁷⁴ A referida tese está inserida na revista “Educação Espírita” nº 1, editora Edicel, e no volume *Pedagogia Espírita*, de Herculano Pires, primeiramente lançado pela Edicel em 1985.

⁷⁵ Revista “Educação Espírita”, nº 1, pág. 14.

⁷⁶ O erudito Prof. Ney Lobo exerceu o magistério no Instituto Lins de Vasconcelos (espírita) de 1963 a 1974, vindo a publicar em 1989 a notável obra *Filosofia Espírita da Educação*, em cinco volumes (edição da FEB).

⁷⁷ Luiz Monteiro de Barros presidiu inúmeras vezes a USE e a FEESP.

⁷⁸ Iracema Sapucaia, escritora, esposa de Jorge Rizzini.

⁷⁹ Antônio Olavo Pereira, romancista premiado pela Academia Brasileira de Letras.

⁸⁰ O artigo de Herculano Pires está incluído em sua obra *Os Três Caminhos de Hécate*, 2ª parte, sob o título “Espiritismo e Cultura”.

⁸¹ Edição de novembro de 1963.

⁸² Vide folheto de Mariotti intitulado “Codificação Espírita Superada?”, traduzido por Conrado Ferrari e publicada em Curitiba, Paraná, em 1964.

⁸³ Vide o jornal “Mundo Espírita”, edição de 30 de abril de 1974.

⁸⁴ Vide a obra de Herculano Pires e Júlio Abreu Filho *O Verbo e a Carne*, 1ª Parte, cap. 13 – “O Roustainguismo no Brasil”, Edições Cairbar, 1973, São Paulo.

⁸⁵ O ambiente era realmente favorável à treva. Recordemos que o presidente Carlos Jordão da Silva fora o principal responsável pelo “pacto áureo”, tão criticado por Herculano Pires, e o vice Luís Monteiro de Barros, tempos atrás, defendera em congresso a ideia de fundar-se um partido político espírita, o que evidencia falta de maior compreensão do que seja o Espiritismo. Não obstante, há de reconhecer-se em nome da justiça que no decorrer de suas vidas deixaram ambos excelente folha de serviços prestados ao movimento doutrinário.

⁸⁶ No célebre episódio das materializações que a revista “O Cruzeiro” transformou em escândalo, envolvendo dezenove médicos e Chico Xavier, a atuação de Herculano Pires foi menor por razões que o leitor encontrará no livro *Materializações de Uberaba*, de Jorge Rizzini.

⁸⁷ Vide o jornal “Mensagem”, edição de dezembro de 1974.

⁸⁸ Em carta dirigida a Elias Barbosa em 05-12-1974, afirma Herculano Pires: “O pior é que houve tomadas de posição inesperadas, como a de Rolando Ramaciotti, que esteve em minha casa propondo-se a imprimir meu artigo de denúncia para distribuição (que ele mesmo faria) a todo o Brasil, e dois ou três dias depois estava manobrando Roberto Montoro, da Rádio Mulher, para desgravar meus programas contrários à adulteração, o que conseguiu, e por fim intervindo arbitrariamente no programa para impedir a irradiação de minha análise do comunicado da FEESP. Isso resultou no meu afastamento do programa e do Grupo Espírita Emmanuel, do qual eu era (imagine só!) presidente honorário, eleito à revelia.”

⁸⁹ “Mensagem” chegou a ter 16 páginas e tiragem de 55 mil exemplares por edição. Deixou de circular em 1976.

⁹⁰ Em seu livro *Na Hora do Testemunho*, lê-se: “As flores sensitivas que murcham ao ser tocadas não são flores do jardim espírita. Porque o Espiritismo requer virilidade e franqueza de seus adeptos, o sim, sim e não, não do Evangelho, para impor-se neste mundo de ambiguidade e comodismos.”

⁹¹ Escreveu Herculano Pires em *Na Hora do Testemunho*, capítulo “Psicologia da liderança espírita”, subtítulo “Tipos de liderança”: “Trinta mil volumes adulterados já haviam sido trocados pelas moedas de Judas e infestado o movimento espírita brasileiro.” O conselheiro da FEESP, Ary Lex, portanto, em seu livro *60 Anos de Espiritismo em São Paulo* (publicado 17 anos após a desencarnação de Herculano Pires), ocultou com um véu a verdade ao afirmar na pág. 153: “A diretoria da Federação reviu o problema, considerou mais cauteloso não manter a substituição dos termos e retirou os exemplares de circulação, provando, assim, seu espírito democrático.”

⁹² Vide *Na Hora do Testemunho*, capítulo “Antes do cantar do galo”, subtítulo “Questão de ética”. Editora Paidéia, 1978, São Paulo.

⁹³ Vide a obra de Herculano Pires *Curso Dinâmico de Espiritismo*, capítulo 18.

⁹⁴ Jornal “Mensagem”, ano 1, nº 4, edição de setembro de 1975, artigo intitulado “Uma Tomada de Consciência”.

⁹⁵ Paulo Alves Godoy desencarnou em 19-04-2001, semanas antes da publicação desta obra.

⁹⁶ J. Herculano Pires – *Educação para a Morte*, cap. 6, “A heróica pancada”.

⁹⁷ Obra citada, cap. 3 – “Os vivos e os mortos”.

⁹⁸ Dias após a desencarnação de Herculano Pires surgiram dezenas de “mensagens mediúnicas” atribuídas a ele. Nenhuma, porém, com seu estilo literário e todas desprovidas de conteúdo comprobatório. A esposa de Herculano Pires e os filhos recusaram-se a endossá-las e o autor deste livro confessa não haver encontrado no texto de Carlos Baccelli atribuído ao Espírito Herculano Pires nada que o identificasse. Esse parecer

vale, inclusive, para os textos animicamente redigidos por Dora Incontri e atribuídos aos Espíritos Pestalozzi, Jean-Jacques Rousseau, Mozart, Léon Denis e quejandos.

⁹⁹ Maria Virgínia Ferraz Pires representou na vida de Herculanano Pires o que representou Amèlie Boudet na de Allan Kardec. Sem o apoio dessas mulheres notáveis, dificilmente teriam ambos bem desempenhado a árdua mas bela missão que a Espiritualidade lhes confiara. A esposa de José Herculanano Pires desencarnou no dia 16 de março do ano 2000.

¹⁰⁰ A entrevista completa encontra-se em meu livro *Imortalidade*.

¹⁰¹ Texto extraído do volume terceiro, página 192, da obra *Opúsculos*, de Alexandre Herculanano (autor, inclusive, da *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*).

¹⁰² Vide a revista “Estudos Psíquicos”, de Lisboa, edição de junho de 1975.